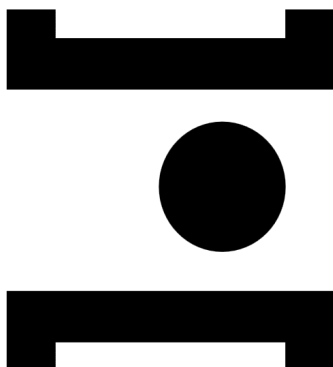


Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Desporto de Rio Maior



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

A Observação e Análise no Futebol

O planeamento do microciclo do treinador analista

Relatório de Estágio

Mestrado em Treino Desportivo

José Augusto Calvo Marques

Orientador: Professor Especialista Vítor Hugo Nunes Padinha

Rio Maior, 2024

Agradecimentos

Quero agradecer à Escola Superior de Desporto de Rio Maior (ESDRM) e a todos os professores que ajudaram e forneceram-me incentivos e contributos muito importantes e fundamentais durante estes últimos anos da minha formação académica. Aos Professores João Paulo Costa e Nuno Loureiro, um agradecimento especial, por todos os feedbacks e conselhos que forneceram durante o 1º ano de mestrado. Um agradecimento especial também, ao Professor Vítor Padinha, por ter sido o meu orientador durante este meu processo de estágio, onde agradeço todos os conselhos dados, como também toda a orientação dada na produção deste documento. Também quero agradecer aos meus colegas da ESDRM, que foram sempre muito prestáveis a ajudarem no que fosse preciso, assim como também, foi possível uma partilha de ideias que ajudou no desenvolvimento deste documento.

Um especial agradecimento a toda a equipa técnica e staff do escalão de sub23, por me terem acolhido tão bem e, principalmente, por permitirem o meu desenvolvimento enquanto treinador analista numa equipa de elite. Um especial agradecimento também ao meu colega deste escalão que era o Treinador Analista principal, por me ter dado liberdade nas minhas tarefas e pela partilha de ideias e experiências que foram muito ricas para o meu desenvolvimento na área da observação e análise.

Por fim, um agradecimento muito especial, ao grande suporte que tenho neste meu caminho, ou seja, os meus pais e o meu irmão, que foram um apoio incondicional desde o início em todas as minhas decisões.

Acrónimos/Siglas

GR – Guarda-Redes;

DD – Defesa Direito;

DE – Defesa Esquerdo;

MC – Médio Centro;

AD – Ala Direito;

AE – Ala Esquerdo;

PL – Ponta de Lança

OAJ – Observação e Análise de Jogo

LR – Liga Revelação

UYL – Uefa Youth League

FG – Fase Grupos

Resumo

Título – A Observação e análise no Futebol – O planeamento do microciclo do treinador analista

A primeira parte do relatório consiste no enquadramento do estágio, avaliando o seu contexto, definindo objetivos para o estagiário, apresentando conteúdos e estratégias de intervenção profissional, avaliando o controlo do processo de estágio, fazendo um balanço das tarefas do estagiário, assim uma reflexão do seu processo de estágio. Essas tarefas passaram pela filmagem dos jogos e dos treinos da equipa, pela codificação dos jogos relativos aos adversários, pela elaboração de compactos de vídeo em relação à equipa adversária, pela análise individual e coletiva da equipa adversária e pela análise estatística dos esquemas táticos ofensivos e defensivos, das oportunidades de remate alcançadas e concedidas e dos golos marcados e sofridos. Para além disto, também a tarefa de auxiliar no processo de treino. Todas estas tarefas permitiram um desenvolvimento pessoal e profissional, num contexto de elite e, principalmente na área da observação e análise de jogo. Na segunda parte, encontra-se um enquadramento do estudo de investigação aplicado durante o contexto de estágio. No processo de investigação dos estudos abordados, teve-se como finalidade o estabelecimento de contactos com treinadores analistas ou elementos do departamento de análise de diversos clubes profissionais, inseridos nos campeonatos de 1ª Liga, 2ª Liga e 3ª Liga. Este estudo passou pela realização de entrevistas a dez treinadores analistas, com o objetivo de procurar analisar os diferentes momentos da observação e análise do jogo de Futebol (focando principalmente no momento do “antes”, ou seja, no planeamento do microciclo do treinador analista), e perceber, de que forma é que essa análise influencia o microciclo semanal de preparação de um jogo. Os resultados demonstraram que, em todas as dimensões abordadas ao longo do estudo, a área da observação e análise é vista como importante nos três contextos (1ª Liga, 2ª Liga e 3ª Liga). No entanto, foi possível concluir que para alguns parâmetros, não existem procedimentos iguais, dependendo daquilo que se pretende para um determinado jogador, equipa, entre outros, e mesmo para alguns tipos de análises mais secundárias, embora se considerem importantes, a falta de recursos humanos em alguns clubes, levam a que essas mesmas análises não sejam realizadas com tanta frequência, ou sejam, realizadas de uma forma mais geral e não tão aprofundada como se pretende.

Palavras-Chave: Futebol, Análise de Jogo, Processo de estágio; Treinador Analista

Abstract

Title – Observation and analysis in Football – Planning the analyst Coach’s Microcycle

The first part concerns the realization of the internship, evaluating its context, defining objectives for the intern, presenting contents and strategies for professional intervention, evaluating the control of the internship process, taking stock of the intern’s tasks, thus reflecting on his internship process. These tasks included filming the team’s games and training sessions, coding the games relating to the opponents, by the elaboration of video compacts in relation to the opposing team, by the individual and collective analysis of the opposing team and by the statistical analysis of the offensive and defensive tactical schemes, the shooting opportunities achieved and conceded, and the goals scored and conceded. In addition to this, also the task of assisting in the training process. All these tasks allowed for personal and professional development in an elite context, especially in game observation and analysis. The second part provides a framework for the research study carried out during the internship. In the process of investigating these studies, the aim was to establish contacts with analyst coaches, with the aim of analyzing the different moments of observation and analysis of the football match (focusing mainly on the “before” moment, that is, the planning of the analyst coach’s microcycle), and understanding how this analysis influences the weekly microcycle of match preparation. The results showed that, in all the dimension covered throughout the study, the area of observation and analysis is seen as important in all these three contexts (1st League, 2nd League and 3rd League). However, it was possible to conclude that for some parameters, there are not the same procedures, depending on what is wanted for a particular player, team, among others, and even from some types of more secondary analysis, although they are considered important, the lack of human resources in some clubs means that certain analyses are not carried out as often, or are carried out in a more general way and as in-depth as intended.

Keywords: Football, Performance Analysis, Internship Process, Coach Analyst

Índice Geral

Agradecimentos.....	2
Acrónimos/Siglas	3
Resumo	4
Abstract.....	5
Índice Figuras.....	8
Índice Tabelas	8
Introdução.....	10
1. Parte I – Realização do Estágio.....	11
1.1 Avaliação do Contexto	11
1.1.1 Análise da Atividade	11
1.1.2 Análise do Envolvimento.....	12
1.1.3 Departamento de Análise e Observação (DAO)	13
1.1.4 Análise dos Praticantes – Equipa	13
1.2 Análise SWOT	17
1.3 Definição de Objetivos	18
1.3.1 Objetivos da intervenção profissional	18
1.3.2 Objetivos a atingir com a população alvo.....	21
1.4 Conteúdos e Estratégias de Intervenção Profissional.....	24
1.5 Avaliação e Controlo do Processo de Estágio.....	25
1.6 Tarefas – Equipa Técnica Sub23 e Departamento de Observação e Análise	26
1.7 Balanço e Reflexão do Processo de Estágio.....	34
1.7.1 Contexto de Estágio.....	34
1.7.2 Contexto Competitivo	37
1.7.2.1 Competições Nacionais – Torneio Abertura Liga Revelação + Liga Revelação + Taça Revelação	37
1.7.2.2 – Competição Internacional – Uefa Youth League.....	41
1.7.3 – Objetivos Propostos	43
1.7.4 Trabalho Operacionalizado – Tarefas.....	45
2. Parte II – Enquadramento do Estudo	50
2.1 Introdução	50
2.2 Enquadramento Teórico.....	54
2.3 Apresentação do Problema / Objetivos	67
2.4 Metodologia.....	69
2.4.1 Caracterização da Amostra	69
2.4.2 Materiais a utilizar e Recursos necessários	70
2.4.3 Tarefas, Procedimentos e Protocolos.....	70

2.4.4 Tratamento dos Dados	71
2.5 Análise e Discussão dos Resultados	74
2.5.1 Síntese de Resultados	126
2.6 Conclusão do estudo.....	130
2.6.1 Limitações	132
3. Parte III – Balanço final do Processo de Estágio	133
3.1 Balanço Geral	133
3.2 Perspetivas Futuras.....	136
Referências Bibliográficas	137
Anexos	140
Anexo 1 – Protocolo de consentimento informado – Entrevista Semiestruturada	140
Anexo 2 – Transcrição do Treinador Analista A1 – Contexto Liga Portugal Bwin	142
Anexo 3 – Transcrição do Treinador Analista A2 – Contexto Liga Portugal Bwin	153
Anexo 4 – Transcrição do Treinador Analista A3 – Contexto Liga Portugal Bwin	165
Anexo 5 – Transcrição do Treinador Analista A4 – Contexto Liga Portugal Bwin	174
Anexo 6 – Transcrição do Treinador Analista A5 – Contexto Liga Portugal 2	186
Anexo 7 – Transcrição do Treinador Analista A6 – Contexto Liga Portugal 2	195
Anexo 8 – Transcrição do Treinador Analista A7 – Contexto Liga Portugal 2	202
Anexo 9 – Transcrição do Treinador Analista A8 – Contexto Liga 3	213
Anexo 10 – Transcrição do Treinador Analista A9 – Contexto Liga 3	218
Anexo 11 – Transcrição do Treinador Analista A10 – Contexto Liga 3	224

Índice Figuras

FIGURA 1 - COMPOSIÇÃO DA EQUIPA TÉCNICA E STAFF	13
FIGURA 2 - REFLEXÃO SEMANAL ACERCA DO PROCESSO DE TREINO	25
FIGURA 3 - REFLEXÃO SEMANAL ACERCA DA ÁREA DA OBSERVAÇÃO E ANÁLISE	25
FIGURA 4 - EXEMPLO COMPACTO VÍDEO DO ADVERSÁRIO (CLIPS OFENSIVOS)	28
FIGURA 5 - EXEMPLO COMPACTO VÍDEO ADVERSÁRIO (CLIPS DEFENSIVOS)	29
FIGURA 6 - EXEMPLO DE SLIDES RELATIVOS AO RELATÓRIO DE ANÁLISE DO ADVERSÁRIO	29
FIGURA 7 - COMPACTO VÍDEO ESQUEMAS TÁTICOS	30
FIGURA 8 - EXEMPLO DE SLIDES RELATIVOS AO RELATÓRIO DE ANÁLISE DO ADVERSÁRIO	30
FIGURA 9 - CLIPS INDIVIDUAIS REFERENTES AO SETOR OFENSIVO ADVERSÁRIO	31
FIGURA 10 - CLIPS INDIVIDUAIS REFERENTES AO SETOR MÉDIO ADVERSÁRIO	31
FIGURA 11 - CLIPS INDIVIDUAIS REFERENTES AO SETOR DEFENSIVO ADVERSÁRIO	31
FIGURA 12 - EXEMPLO VÍDEO ESQUEMAS TÁTICOS EDITADO PARA OS JOGADORES	32
FIGURA 13 - PROCESSO DE CODIFICAÇÃO DOS JOGOS	32
FIGURA 14 - CODEWINDOW (AUXÍLIO PARA CODIFICAÇÃO DOS JOGOS)	32
FIGURA 15 - FERRAMENTAS DE FILMAGEM (CÂMARA DE FILMAR; DRONE + COMANDO)	33
FIGURA 16 - EXEMPLO DE FILMAGEM COM ZOOM IN NOS ESQUEMAS TÁTICOS	35
FIGURA 17 - EXEMPLO DE FILMAGEM EM PLANO ABERTO	36
FIGURA 18 - RESULTADOS OBTIDOS NO TORNEIO ABERTURA DA LIGA REVELAÇÃO	37
FIGURA 19 - PERCENTAGEM DE RESULTADOS OBTIDOS NA FASE REGULAR DA LIGA REVELAÇÃO	38
FIGURA 20 - GOLOS MARCADOS E SOFRIDOS NA FASE REGULAR DA LIGA REVELAÇÃO	38
FIGURA 21 - GOLOS MARCADOS E SOFRIDOS NA FASE APURAMENTO CAMPEÃO DA LIGA REVELAÇÃO	38
FIGURA 22 - PERCENTAGEM DE RESULTADOS OBTIDOS NA FASE APURAMENTO CAMPEÃO DA LIGA REVELAÇÃO	38
FIGURA 23 - PERCENTAGEM DE RESULTADOS OBTIDOS NO TOTAL NA LIGA REVELAÇÃO	39
FIGURA 24 - GOLOS MARCADOS E SOFRIDOS NO TOTAL NA LIGA REVELAÇÃO	39
FIGURA 25 - RESULTADOS OBTIDOS NA TAÇA REVELAÇÃO	41
FIGURA 26 - RESULTADOS OBTIDOS NA UEFA YOUTH LEAGUE	42
FIGURA 27 - EXEMPLOS DO NÚMERO DE JOGOS ANALISADOS	47
FIGURA 28 - RESUMO DA EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE ANÁLISE DO JOGO (ADAPTADO DE VÁZQUEZ, 2015)	56
FIGURA 29 - AS DIFERENTES ETAPAS DO PROCESSO DE ANÁLISE DE JOGO	61

Índice Tabelas

TABELA 1 - ORGANIZAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ANÁLISE E OBSERVAÇÃO	13
TABELA 2 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DE CADA ELEMENTO DA EQUIPA TÉCNICA	14
TABELA 3 - PRINCIPAIS FUNÇÕES DE CADA ELEMENTO DA EQUIPA TÉCNICA / STAFF	15
TABELA 4 - CARACTERIZAÇÃO DO PLANTEL DOS SUB23	16
TABELA 5 - ANÁLISE SWOT	17
TABELA 6 - OBJETIVOS INDIVIDUAIS GR + LINHA DEFENSIVA	21
TABELA 7 - OBJETIVOS INDIVIDUAIS LINHA MÉDIA	22
TABELA 8 - OBJETIVOS INDIVIDUAIS LINHA AVANÇADA	23
TABELA 9 - TAREFAS DESEMPENHADAS NUM MICROCICLO MENOS CONGESTIONADO	26
TABELA 10 - TAREFAS DESEMPENHADAS NUM MICROCICLO MENOS CONGESTIONADO (CONTINUAÇÃO)	27
TABELA 11 - TAREFAS DESEMPENHADAS NUM MICROCICLO CONGESTIONADO	27
TABELA 12 - MICROCICLO DE TRABALHO	34
TABELA 13 - CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO PARA A ESCOLHA DOS PARTICIPANTES	69
TABELA 14 - DADOS DOS ELEMENTOS PARTICIPANTES NO ESTUDO	70
TABELA 15 - DIMENSÕES E CATEGORIAS DE CADA PERGUNTA	72

TABELA 16 – RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO DEPARTAMENTO DE OBSERVAÇÃO E ANÁLISE E DO TREINADOR ANALISTA	75
TABELA 17 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DO ADVERSÁRIO	81
TABELA 18 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE OS ASPETOS A TER EM CONTA NA ANÁLISE DO ADVERSÁRIO	86
TABELA 19 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE ESTATÍSTICA	92
TABELA 20 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE DA PRÓPRIA EQUIPA	96
TABELA 21 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE INDIVIDUAL OU SETORIAL DA PRÓPRIA EQUIPA	101
TABELA 22 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A RELEVÂNCIA DA ANÁLISE INDIVIDUAL DOS ADVERSÁRIOS	104
TABELA 23 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA QUE OS JOGADORES ATRIBUEM À ÁREA DA OBSERVAÇÃO E ANÁLISE	108
TABELA 24 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A ESTRUTURA DO MICROCICLO (TENENDO EM CONTA AS TAREFAS DA OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO JOGO)	112
TABELA 25 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A MELHOR FORMA DE TRANSMITIR A INFORMAÇÃO REFERENTE À ANÁLISE DE JOGO	117
TABELA 26 - RESULTADOS DA DIMENSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UM ANALISTA NO PROCESSO DE TREINO	122
TABELA 27 - SÍNTESE DOS RESULTADOS	126

Introdução

Para a aplicabilidade deste estágio, a entidade acolhedora selecionada é um clube de elite do Futebol português e mundial. O estagiário foi enquadrado no escalão de sub23, com a função de treinador analista estagiário na época desportiva 2022/2023. Nesta entidade acolhedora existem determinadas responsabilidades e características relacionadas com a exigência máxima naquilo que são as funções e as tarefas inerentes, impostas no contexto.

O relatório encontra-se dividido em três partes: Parte I – Realização do Estágio; Parte II – Enquadramento do Estudo; Parte III – Balanço final do Processo de estágio.

Primeiro, em relação à Parte I – Realização do Estágio, esta está relacionada com sete subtemas: 1 - Avaliação do Contexto; 2 - Análise Swot; 3 - Definição de Objetivos; 4 - Conteúdos e Estratégias de intervenção profissional; 5 – Avaliação e controlo do Processo de Estágio; 6 – Tarefas Balanço – Equipa Técnica sub23 e Departamento de Observação e Análise; 7 – Balanço e Reflexão do Processo de Estágio.

Em relação à Parte II – Enquadramento do Estudo, foram entrevistados dez treinadores analistas, acerca da temática da Observação e Análise de Jogo, com o intuito de procurar analisar os diferentes momentos da observação e análise do jogo de Futebol (focando principalmente no momento do “antes”, ou seja, no planeamento do microciclo do treinador analista), tendo em conta, aquilo que é realizado nos contextos práticos profissionais e semiprofissionais, e perceber, de que forma é que essa análise influencia o microciclo semanal de preparação de um jogo. Em termos estruturais, nesta segunda parte, iniciar-se-á por fazer uma introdução do estudo, sendo também realizado um enquadramento teórico relativamente à temática do mesmo, seguido da apresentação do problema / objetivos do estudo, assim como a metodologia do mesmo para auxiliar a alcançar esses objetivos. Para terminar, encontrar-se-ão expostos os principais resultados obtidos do estudo, assim com a conclusão do mesmo.

Em suma, na Parte III – Balanço final do Processo de Estágio, será evidenciado um balanço geral sobre todo o processo de estágio, onde serão mencionadas as principais reflexões sobre aquilo que se encontrou ao longo de todo o ano de estágio. Para além disto, posteriormente, também é possível evidenciar determinadas perspetivas futuras a curto e médio prazo do treinador analista estagiário.

1. Parte I – Realização do Estágio

1.1 Avaliação do Contexto

Para a realização deste estágio do mestrado em desporto, o estagiário esteve integrado na entidade acolhedora, no escalão de Sub-23, que disputou, na presente época, a Liga Revelação (Campeonato Nacional do Escalão de Sub-23).

1.1.1 Análise da Atividade

Nesta entidade acolhedora e na equipa referida anteriormente, onde o processo de estágio foi realizado, o estagiário exerceu a função de treinador analista.

Neste cargo, o estagiário teve diversas responsabilidades, como aquelas a seguir descritas:

- Filmagem dos jogos e dos treinos da equipa;
- Codificação dos jogos relativos aos adversários, através das fases ofensiva e defensiva do jogo de futebol;
- Elaboração de compactos de vídeo em relação à equipa adversária;
- Caracterização geral da equipa adversária;
- Análise individual da equipa adversária;
- Análise estatística dos esquemas táticos ofensivos e defensivos, das oportunidades de remate alcançadas e concedidas e dos golos marcados e sofridos;
- Auxílio no treino sempre que necessário.

1.1.2 Análise do Envolvimento

O Clube foi fundado a 28 de fevereiro de 1904. O Clube apresenta um vasto palmarés desportivo, principalmente no que diz respeito à modalidade de Futebol, com 2 Taças de Campeões Europeus (ganhas nas épocas de 1960-61 e 1961-62), 1 Taça Latina (ganha na época 1949-50), 38 Campeonatos Nacionais, 26 Taças de Portugal, 3 Campeonatos de Portugal, 9 Supertaças, 7 Taças da Liga, 10 Campeonatos de Lisboa, e 18 Taças de Honra. Atualmente, o Clube, para além do Futebol, também está inserido em diversas modalidades desportivas: Andebol, Voleibol, Basquetebol, Futsal, Hóquei em Patins, Atletismo, Desportos de Combate, Artes Marciais, Canoagem, Rugby, Bilhar, Ginástica, Judo, Natação, Triatlo, Polo Aquático, Patinagem Artística, Ténis de Mesa, Golfe e Pesca Desportiva.

Em relação ao Futebol, o Clube (entidade formadora de 5 estrelas) tem um centro de formação e treino, fundado a 22 de setembro de 2006. Este localiza-se no Seixal. Além de acolher a equipa principal (equipa A), nas suas múltiplas sessões de trabalho ao longo de uma temporada desportiva, é a casa de todo o futebol, vivendo ali muitos dos elementos integrantes das equipas de formação. Para além da equipa A, integra também os escalões da etapa de especialização: sub-14, sub-15, sub-16, sub-17; e os escalões da etapa de transição para o profissional: sub-19, sub-23 e equipa B.

O espaço deste centro de formação e treino abarca: 9 campos de futebol, 62 quartos, 16 balneários, 2 auditórios, 2 ginásios, 1 sala de conferências, 1 sala de refeições, 1 sala de convívio (com internet e jogos), gabinetes técnicos e médicos. O centro de formação e treino é ainda valorizado pela integração de um edifício para os serviços administrativos, departamentos de futebol profissional e do futebol de formação e, um outro com vista ao uso exclusivo dos profissionais da comunicação social que acompanham o Clube.

O centro de formação tem vindo a crescer de forma gradual desde a sua inauguração, sendo que foi já distinguida por duas vezes com o prémio “*Best Academy of the Year*”, e contém já dois troféus internacionais pela formação no seu palmarés, isto é, a prestigiada prova da *Uefa Youth League* e a *Taça Intercontinental sub-20*. Para além do centro de formação principal, também existem centros de formação e treino (CFT's) espalhados pelo país, que representam um fator estruturante e diferenciador do futebol de formação do clube. Este projeto teve início em 2008, com o objetivo de potenciar a capacidade de recrutamento e fidelização de jogadores até ao escalão de

sub-12 em zonas longínquas de Lisboa. Atualmente, os CFT's estão implementados em 6 distritos ao longo do país (Faro, Aveiro, Viseu, Vila Real, Braga e Leiria).

1.1.3 Departamento de Análise e Observação (DAO)

Este departamento é responsável pelo processo de análise e observação do jogo, nos mais diversos escalões, da área da especialização, existentes na entidade acolhedora. A tabela 1, evidencia a organização do departamento de análise e observação (DAO).

Tabela 1 - Organização do Departamento de Análise e Observação

Iniciados B	Iniciados A	Juvenis B	Juvenis A	Juniores	Seniores SUB23	Seniores Equipa B
Tr. Analista	Tr. Analista	Tr. Analista	Tr. Analista	Tr. Analista	Tr. Analista	Tr. Analista
	Tr. Analista Estagiário	Tr. Analista Estagiário	Tr. Analista Estagiário	Tr. Analista Estagiário	Tr. Analista Estagiário	Tr. Analista

1.1.4 Análise dos Praticantes – Equipa

Primeiramente, é apresentado na figura 1, a composição de toda a equipa técnica e staff (com aspeto de organograma) que esteve envolvido no contexto de estágio que foi presenciado.

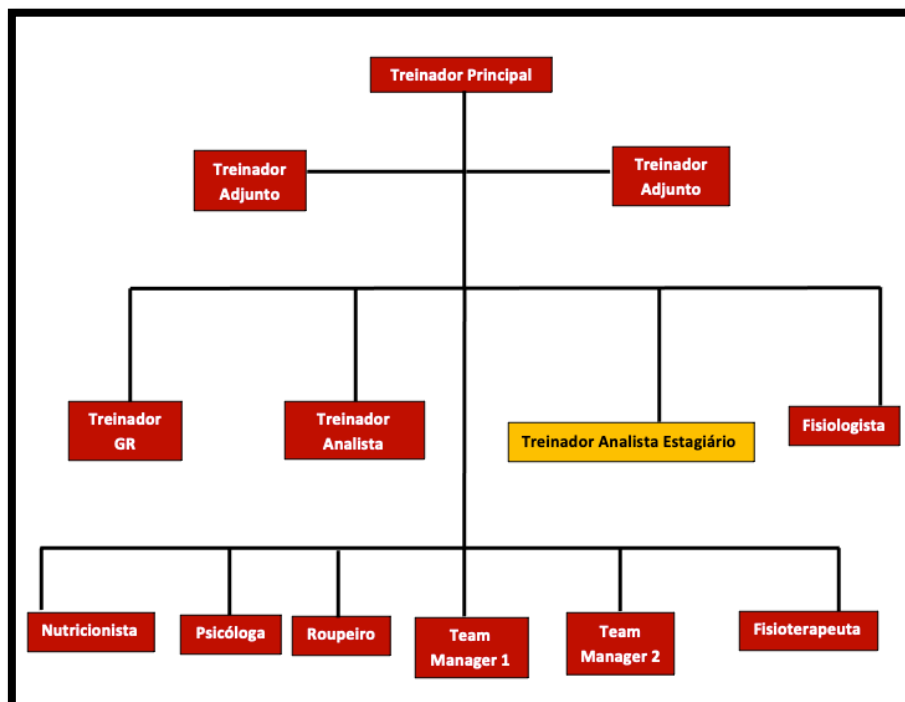


Figura 1 - Composição da equipa técnica e staff

A tabela 2, pretende demonstrar uma caracterização geral de cada elemento da equipa técnica.

Tabela 2 - Caracterização geral de cada elemento da equipa técnica

Elemento da Equipa Técnica	Percurso Académico	Nível de Treinador de Futebol	Anos de Prática
Treinador Principal	Licenciatura em Educação Física e Desporto	Nível 3	22 anos
Treinador Adjunto 1	Licenciatura em Motricidade Humana, Ciências da Educação Física e do Desporto, Instituto Piaget	Nível 2	19 anos
Treinador Adjunto 2	12º ano	Nível 3	20 anos
Treinador de GR	Licenciatura em Educação Física e Desporto na Universidade Lusófona	Nível 2	15 anos
Treinador Analista	Mestrado em Treino Desportivo	Nível 2	9 anos
Treinador Analista / Estagiário	Licenciado em Ciências do Desporto – Faculdade Motricidade Humana; Mestrando em Treino Desportivo – Escola Superior de Desporto Rio Maior	Nível 1	5 anos

Também estão evidentes as principais funções de cada elemento, na tabela 3.

Tabela 3 - Principais funções de cada elemento da equipa técnica / staff

Elemento da Equipa Técnica / Staff	Funções
Treinador Principal	<ul style="list-style-type: none"> • Planeamento do Treino; • Condução e Operacionalização do processo de Treino; • Intervenção nos jogos – Tomada de decisão
Treinadores-Adjuntos	<ul style="list-style-type: none"> • Planeamento do Treino; • Auxílio na condução e operacionalização do processo de treino; • Montagem dos exercícios; • Intervenção nos jogos – Período de aquecimento; • Auxílio ao treinador principal nas tomadas de decisões durante os jogos
Treinador GR	<ul style="list-style-type: none"> • Planeamento do Treino de GR; • Condução e Operacionalização do processo de treino para os GR; • Intervenção nos jogos – Período de aquecimento
Treinador Analista	<ul style="list-style-type: none"> • Auxílio da condução e operacionalização do processo de treino; • Análise de Vídeo do adversário; • Apresentação da Análise de vídeo do adversário; • Análise do próprio jogo, através da realização de cortes <i>in live</i>
Treinador Analista Estagiário	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem dos Jogos e dos Treinos; • Auxílio nas tarefas relativas ao processo de treino; • Codificação dos jogos referentes aos adversários; • Auxílio na análise ao adversário • Filmagens dos jogos
Fisiologista	<ul style="list-style-type: none"> • Responsável pelo trabalho de ginásio; • Aquecimento na unidade de treino e durante os jogos; • Responsável pelos treinos condicionados a jogadores lesionados; • Controlo das cargas internas e externas dos jogadores
Fisioterapeuta	<ul style="list-style-type: none"> • Presença no treino e no jogo para auxiliar possíveis lesões dos jogadores
Nutricionista	<ul style="list-style-type: none"> • Responsável pela alimentação dos atletas. Pré-treino, durante o treino e pós-treino. Pré-jogo, durante o jogo e pós-jogo.
Psicóloga	<ul style="list-style-type: none"> • Presença no treino, no sentido de avaliar as reações dos jogadores; • Possíveis reuniões individuais com alguns jogadores
Roupeiro	<ul style="list-style-type: none"> • Responsável pela organização de toda a roupa (staff e jogadores); • Organização de todo o material necessário para o treino
Team Managers	<ul style="list-style-type: none"> • Organização dos planeamentos semanais e mensais da equipa; • Organização dos planos de estágio nas viagens para os jogos fora

Para além da análise à equipa técnica e staff, também foi importante realizar uma breve análise do plantel inserido no escalão onde foi efetuado o processo de estágio, descrito na tabela 4.

Tabela 4 - Caracterização do plantel dos sub23

Posição	Data de Nascimento	Anos no clube	Altura	Nacionalidade	Pé dominante
GR 1	23/05/2003	Desde época 17/18	1,87 m	Português	Esquerdo
GR 2	23/01/2003	Desde época 22/23	1,82 m	Português	Direito
GR 3	13/01/2004	Desde época 20/21	2,06 m	Sueco	Direito
DD 1	17/04/2004	Desde época 17/18	1,76 m	Português	Direito
DD 2	17/01/2003	Desde época 19/20	1,80 m	Português	Direito
DE 1	14/09/2003	Desde época 10/11	1,85 m	Português	Esquerdo
DE 2	04/10/2003	Desde época 17/18	1,70 m	Português	Direito
DC 1	05/05/2002	Desde época 11/12	1,80 m	Português	Direito
DC 2	22/02/2003	Desde época 13/14	1,93 m	Português	Direito
DC 3	02/08/2004	Desde época 19/20	1,88 m	Português	Direito
DC 4	04/05/2004	Desde época 20/21	1,95 m	Búlgaro	Direito
MC 1	16/03/2004	Desde época 17/18	1,82 m	Português	Direito
MC 2	17/02/2003	Desde época 22/23	1,82 m	Canadiano	Direito
MC 3	26/03/2004	Desde época 12/13	1,77 m	Português	Direito
MC 4	03/03/2004	Desde época 16/17	1,75 m	Português	Direito
MC 5	26/06/2005	Desde época 17/18	1,86 m	Português	Direito
MC 6	12/10/2000	Desde época 19/20	1,78 m	Português	Direito
AD 1	06/12/2004	Desde época 19/20	1,80 m	Português	Direito
AD 2	13/03/2004	Desde época 17/18	1,75 m	Português	Direito
AD 3	18/12/2003	Desde época 18/19	1,89 m	Português	Direito
AE 1	26/05/2004	Desde época 22/23	1,77 m	Português	Esquerdo
AE 2	15/08/2004	Desde época 22/23	1,78 m	Francês	Esquerdo
PL 1	28/06/2004	Desde época 19/20	1,82 m	Guineense	Esquerdo
PL 2	24/03/2004	Desde época 13/14	1,85 m	Português	Direito

1.2 Análise SWOT

Ao se estar perante um contexto de estágio numa entidade acolhedora muito bem qualificada, significava que é um espaço perfeito para evoluir. Neste sentido, foi muito importante ter a consciência de perceber aquilo que era fundamental dentro dos aspetos profissionais e pessoais do estagiário. Portanto, foi realizada uma análise SWOT englobada em 4 dimensões: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças, apresentadas na tabela 5.

Tabela 5 - Análise SWOT

Análise SWOT		
Forças		
Capacidades Técnicas	Capacidades Sociais	
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade e ética de trabalho; • Análise individual e coletiva da equipa adversária; • Codificação dos jogos dos adversários; • Utilização dos softwares de análise, tais como o <i>Sportscode</i> e o <i>Coach Paint</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da capacidade de estabelecer relação com os outros elementos do staff técnico e dos outros departamentos; • Capacidade para ouvir e aprender; • Capacidade para apresentar proatividade 	
Fraquezas		
Capacidades Técnicas	Capacidades Sociais	
<ul style="list-style-type: none"> • Análise mais pormenorizada “in loco” da própria equipa (apesar de ter sido melhorado ao longo dos meses); • Desenvolvimento da capacidade de pormenorizar mais as análises e compactos relativos à equipa adversária 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da capacidade para comunicar com equipa técnica, relativamente a aspetos relativos ao processo de treino e ao jogo (este aspeto foi sendo aprimorado ao longo dos meses). 	
Oportunidades		
Contexto profissional	Contexto académico	Experiência
<ul style="list-style-type: none"> • Alcance do nível de um melhor profissional na área do desporto e principalmente, na área da observação e análise, com a capacidade de intervir no contexto, estabelecendo-se relações com os diversos profissionais de excelência existentes na entidade acolhedora; • O alcance do reconhecimento dessa capacidade e competência, por parte do clube, de forma a ser uma realidade a continuação no futuro, na instituição em causa, enquanto Treinador Analista; • Adquirir experiência em contextos nacionais e internacionais; • Aumento da rede de contactos 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação do conhecimento teórico e teórico-prático no contexto prático 	<ul style="list-style-type: none"> • 5º ano a desempenhar funções na área da Observação e Análise
Ameaças		
Contexto profissional	Contexto académico	
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de adaptação perante uma nova equipa técnica, maioritariamente diferente à do ano passado 	<ul style="list-style-type: none"> • Atingir com sucesso todos os prazos estabelecidos, tendo em conta a disponibilidade temporal e o grau de exigência que exige no contexto de estágio 	

1.3 Definição de Objetivos

A definição de objetivos no contexto desportivo e, principalmente no contexto de estágio foi importante, uma vez que, permitiu estabelecer uma orientação relativamente àquilo que aconteceu dentro do próprio processo e melhorar aspetos identificados anteriormente.

1.3.1 Objetivos da intervenção profissional

Ao longo do processo de estágio, procurou-se o desenvolvimento de diversas tarefas, tendo em conta duas linhas orientadoras, que foram, o estágio propriamente dito (funções enquanto treinador analista), assim como, o processo de investigação (estudo realizado).

Com base nestas linhas orientadoras, procurou-se combinar diversos conteúdos e formas de intervenção. No estágio propriamente dito, o principal objetivo passou por promover um desenvolvimento das capacidades, do conhecimento, das experiências, na modalidade de Futebol e, mais concretamente, na área da observação e análise do jogo de Futebol, enquanto treinador analista estagiário.

Agora, indo mais a fundo, naquilo que foram os objetivos de intervenção profissional neste processo de estágio, recorreu-se à sigla SMART, onde os objetivos foram específicos, mensuráveis, alcançáveis, atingíveis, relevantes e temporais.

Primeiramente, temos os **Objetivos Gerais** do processo de estágio:

- Alcançar o nível de um melhor profissional na área do desporto (concretamente no Futebol) e principalmente, na área da observação e análise, desenvolvendo capacidades de intervenção no contexto, com o estabelecimento de relações com os diversos profissionais de excelência existentes na entidade acolhedora;
- Alcançar o reconhecimento dessas capacidades desenvolvidas, assim como das competências, por parte do Clube, de forma a ser uma realidade a continuação no futuro, na instituição em causa, enquanto treinador analista.

Em segundo lugar, temos os **Objetivos Específicos**, que estão mais relacionados com aquilo que é a área da observação e análise do jogo de Futebol:

- A melhoria ainda mais aprimorada daquilo que são as responsabilidades enquanto treinador analista, isto é, o aprofundar ainda mais o conhecimento do

jogo, do “observar” o jogo, do trabalho de codificação de jogos e, principalmente, do trabalho de análise coletiva e individual de um adversário.

De seguida, temos os **Objetivos Formativos**, relacionados com a implementação dos conhecimentos que foram sendo adquiridos ao longo do percurso académico e, também ao longo da experiência profissional:

- Promover uma atitude crítica e reflexiva na área a trabalhar, ou seja, na área da análise do jogo;
- Atitude crítica e reflexiva, também naquilo que é o processo de treino e jogo;
- Aprimorar a capacidade para realizar diferentes tarefas de intervenção naquilo que é a área da análise de jogo, assim como a capacidade reflexiva sobre as mesmas;
- Desenvolvimento constante de material e documentação modernizada (documentos de microciclos, mesociclos, unidades de treino, avaliação e controlo do treino, assim como atividades relacionadas com o departamento da observação e análise).

Também temos os **Objetivos Pedagógicos**:

- Assiduidade, pontualidade, proatividade e prontidão para todas as tarefas impostas durante o processo de estágio;
- Capacidade de adaptação aos diferentes cenários criados;
- Desenvolvimento de uma relação agradável e de confiança com os atletas naquilo que é o processo de treino, de jogo e de análise;
- Intervenções ou feedbacks ajustados, com a linguagem técnica correta e as mensagens transmitidas a serem claras.

Também existem os **Objetivos Sociais**, estes associados à relação que é estabelecida com os outros departamentos (como por exemplo, o departamento da nutrição, de psicologia, da fisioterapia, entre outros):

- Promoção de uma relação de confiança, de entreajuda, de compromisso e amizade com os elementos de outros departamentos;
- Promoção de um bom ambiente grupal, no seio da equipa técnica e dos atletas;
- Aumento da rede de contactos, com essas permanentes relações criadas;
- Dignificação do clube em todo o momento do processo de estágio.

Continuando, também temos os **Objetivos de Intervenção**:

- Auxiliar a equipa técnica no processo da análise de jogo, seja do adversário (pré-jogo), ou da própria equipa (pós-jogo), assim como na análise individual de adversários ou dos jogadores da própria equipa;
- Auxiliar em todas as tarefas propostas pelo DAO (Departamento de Análise e Observação), como por exemplo na caracterização geral dos adversários e análise individual dos jogadores das equipas, entre outras.

Por último, temos os **Objetivos Competitivos**, relacionados com as provas em que o clube e, mais concretamente o escalão de sub23 esteve inserido (Torneio de Abertura da Liga Revelação, Liga Revelação, Taça Revelação e Uefa Youth League):

- Alcançar a final no Torneio de Abertura da Liga Revelação;
- Passar a 1ª fase da Liga Revelação nos 3 primeiros lugares para garantir o apuramento para a Fase de Apuramento Campeão da Liga Revelação;
- Na Fase de Apuramento Campeão da Liga Revelação, terminar no top 3;
- Garantir a Final na Taça Revelação;
- Alcançar a Final Four da prova internacional da Uefa Youth League;
- Realização de jogos particulares durante a época, de forma a atribuir tempo de jogo àqueles jogadores menos utilizados durante as provas nacionais;
- Conseguir promover jogadores ao plantel da equipa B (escalão acima) e equipa A, assim como também prepará-los para esses contextos competitivos.

1.3.2 Objetivos a atingir com a população alvo

Para este processo de estágio, foi fundamental a definição de objetivos a alcançar com a população alvo, isto é, neste contexto, com os atletas do escalão da entidade acolhedora. Tendo em conta a realidade e o contexto de estágio, uma vez que, é um clube prestigiado a nível nacional e internacional, avaliado com cinco estrelas enquanto entidade formadora, existe uma reflexão no processo de formação de atletas de qualidade, que por sua vez, têm à sua volta profissionais competentes e de excelência.

Neste sentido, estão definidos, nas tabelas 6, 7 e 8, os objetivos individuais que foram sendo desenvolvidos com a equipa (Gr + Linha Defensiva; Linha Média; Linha Avançada, respetivamente).

Tabela 6 - Objetivos Individuais GR + Linha Defensiva

Desenvolvimento Individual				
Nome	Dimensões			
	Técnico-Tático	Fisiologia / Fisioterapia	Nutrição	Psicologia
GR 1	Corpo grande (não rodar o tronco); Extensão rasteira	Benefício de Trabalho complementar para melhorar F. Rápida	Aumento da massa muscular	Motivação; Níveis de atenção
GR 2	Definir posição base em equilíbrio; Ataque Vertical; Travagem para o 1x1 com bola controlada	Excesso de massa gorda; Melhorar a força e a potência muscular; Défices ao nível da cadeia adutora	Reduzir a massa gorda corporal	Foco (situações de maior insucesso)
GR 3	Passe média distância; Extensão Rasteira	Recuperação de Lesão	Evitar perdas de massa muscular e aumentos no valor da massa gorda	Recuperação de lesão: Confiança; Comunicação
DC 1	Bola descoberta (tirar profundidade ou encurtar – colocação de apoios); 1º contacto no desarme/interceção	Melhorar a componente reativa e simultaneamente aumentar níveis de massa muscular	Evoluir os valores de massa gorda no sentido de se aproximarem mais da sua referência individual	Níveis Motivacionais; Comunicação (equipa)
DC 2	Ações Técnicas defensivas (interceção a 1/2 altura e cabeceamento defensivo); Ações técnicas ofensivas (recepção, condução, passe curto/médio/longo)	Aumento da massa muscular; Melhorar valores da força de cadeia posterior; Melhorar capacidade de aceleração, velocidade e capacidade aeróbia	Aumento de massa muscular	Preparação mental pré-competitiva (confiança, antecipação de cenários)
DC 3	Linha defensiva (bascações e controlo da profundidade); Desarme e interceção (após cruzamento)	Aumento da massa muscular; Melhor capacidade aeróbia, velocidade e aceleração	Aumento da massa muscular	Concentração e foco; Motivação
DC 4	Construção – Trabalho técnico de base; Cabeceamento defensivo (após cruzamento)	Recuperação de lesão	Aumento de massa muscular	Retorno a competição (confiança); Regulação emocional (frustração)

DD 1	Ação de defesa da baliza (cabeceamento/interceção/desarme); Trabalho Linha defensiva	Aumento massa muscular	Aumento massa muscular; Melhorar a consistência nas refeições	Gestão do sucesso/insucesso
DD 2	Linha defensiva (basculação horizontal e vertical); Construção (jogo interior)	Evolução ao nível da força e da potência; Trabalho de mobilidade/flexibilidade	Aumento massa muscular	Regulação emocional (frustração, reação ao erro/insucesso)
DE 1	Cruzamentos (decisão e execução)	Melhorar capacidade de aceleração e ações balísticas/potência	Aumento massa muscular	Regulação emocional (flexibilidade mental e gestão expectativas)
DE 2	Jogo vertical através de passe	Melhorar força reativa. Melhoria da velocidade máxima; Manter trabalho de força para aumentar robustez	Manter a composição corporal estável	Otimização e treino de competências psicológicas

Tabela 7 - Objetivos Individuais Linha Média

MC 1	Passe vertical (entrelinhas/profundidade); Cabeceamento ofensivo; Finalizações variadas	Aumento da massa muscular	Aumento da massa muscular	Gestão dos estados de maior fadiga mental
MC 2	Remate 1/2 distância; Passe Longo; Receção Orientada	Assimetrias na avaliação isocinética (extensão/flexão do joelho)	Aumento da massa muscular	Adaptação e integração ao contexto
MC 3	Zonas de finalização/ruturas; Trabalho defensivo de médio	Prevenção secundária, tendo em conta o histórico recente de lesão	Aumento da massa muscular; Melhorar práticas de hidratação	Otimização e treino de competências psicológicas
MC 4	Trabalho Ofensivo de médio (jogo entrelinhas, apoio, ruturas); Finalizações (aperfeiçoamento em variabilidade)	Melhorar componente reativa e aceleração linear	Aumento da massa muscular; Melhorar práticas de hidratação	Otimização e treino de competências psicológicas
MC 4	Receção Orientada (orientação dos apoios)	Reduzir fatores de risco ao nível dos isquiotibiais e cadeia adutora/abdução da coxa; Melhorar níveis de força máxima, potência máxima e capacidade aeróbia	Manter peso estável	Adaptação e integração ao contexto; Foco emocional
MC 5	Variações do centro do jogo; Técnica de cabeceamento defensivo e ofensivo	Minimizar fatores de risco ao nível do fortalecimento da cadeia abdução	Aumento da massa muscular; Otimizar massa gorda	Otimização e treino de competências psicológicas

Tabela 8 - Objetivos Individuais Linha Avançada

AD 1	Zonas de Finalização; Cruzamento; Comportamento na Fase de Pressão	Melhorar níveis de força	Manter a sua composição corporal estável	Controlo emocional (níveis de ansiedade e ativação)
AD 2	Cruzamento; Zonas de Finalização	Potenciar níveis de força da cadeia adutora e abdução da coxa e força excêntrica do posterior esquerdo	Reduzir ligeiramente o peso corporal; Otimizar a massa gorda	Regulação emocional (gestão do insucesso/sucesso)
AD 3	Ataque profundidade; Objetividade (1º toque) na decisão	Melhorar componente aeróbia; Melhorar índice de força reativa; Melhorar robustez física	Aumento da massa muscular	Tomada de decisão; Confiança
AE 1	Pressão/Bloco (posicionamento); Ocupação racional do espaço (dentro/fora)	Aumentar níveis de massa muscular	Aumento da massa muscular	Adaptação e integração ao contexto
AE 2	Ataque profundidade;	Aumentar níveis de massa muscular	Aumento da massa muscular	Adaptação e integração ao contexto; Reação ao insucesso
PL 1	Apoio frontal (recepção + passe)	Melhorar capacidade de aceleração, níveis de força máxima inferior e níveis de força reativa	Manter a sua composição corporal estável	Gestão de expectativas
PL 2	Defesa em bloco (posicionamento); Finalização (após ruturas, recepção orientada, combinações)	Evoluir capacidade de aceleração linear	Manter a sua composição corporal estável; Necessidade de melhoria dos hábitos de hidratação	Controlo emocional em situações de maior pressão ou provocação em contexto competitivo

Estes objetivos estiveram diretamente relacionados com a intervenção geral de todos os elementos da equipa técnica e todos os outros profissionais dos outros departamentos que têm intervenção com a equipa. Aqueles objetivos que estiveram mais relacionados com a função desempenhada pelos treinadores analistas, são os objetivos de dimensão técnico-tática. Uma vez que, uma das funções do treinador analista é compilar alguns momentos de ações dos jogadores nos jogos e treinos, tendo em conta aqueles que eram os objetivos de desenvolvimento individual que cada um possuía, de forma que os treinadores-adjuntos, posteriormente apresentassem individualmente aos jogadores esses vídeos compilados sobre as ações que cada elemento necessitava de aprimorar. Desta forma, a análise do treinador analista beneficiou os jogadores na sua evolução.

Com isto, o objetivo específico de aprofundar mais o conhecimento do jogo, do “observar”, do trabalho de codificação de jogos e, principalmente do trabalho de análise coletiva e individual de adversário e da própria equipa, concorreu também para o desenvolvimento individual dos jogadores.

1.4 Conteúdos e Estratégias de Intervenção Profissional

Foram definidas algumas estratégias a utilizar durante o processo de estágio, de forma que, os objetivos estipulados fossem alcançados com sucesso e com maior facilidade. Essas estratégias foram:

- Documentação semanal atualizada, ou seja, um microciclo de trabalho, tendo em conta as tarefas a realizar, tendo em conta a área da observação e análise;
- Desenvolvimento de um microciclo base, integrando todas as tarefas realizadas ao longo das semanas, no sentido de possuir rotinas e dinâmicas que facilitassem o trabalho;
- Reflexão crítica sobre aquilo que eram as funções enquanto treinador analista, seja nos momentos pré-jogo, durante o jogo ou pós-jogo, procurando evoluir ainda mais a capacidade de intervenção.

1.5 Avaliação e Controlo do Processo de Estágio

De forma a avaliar e a controlar aquilo que ia sendo o processo de estágio, foi importante perceber se o rumo que estava a ser tomado era o indicado ou não, ou seja, se os objetivos propostos inicialmente apresentados estavam a ser executados ou não. Um dos pontos fundamentais para este processo foi a contínua análise e reflexão relativamente ao desempenho do estagiário, através de uma reflexão diária e semanal acerca da sua intervenção na área da observação e análise com as tarefas que lhe foram propostas, assim como no processo de treino. Outro aspeto importante foram as reuniões com o Orientador Académico, de forma a realizar uma atualização daquilo que foi ocorrendo no processo de estágio, existindo um constante acompanhamento, assim como, um auxílio naquilo que foram os documentos de estágios desenvolvidos (figuras 2 e 3). Por último, também importa referir um aspeto, que diz respeito à reflexão acerca da intervenção técnico-pedagógica, que foi sendo realizada semanalmente, procurando perceber os principais aspetos a melhorar para a evolução enquanto treinador analista e não só.

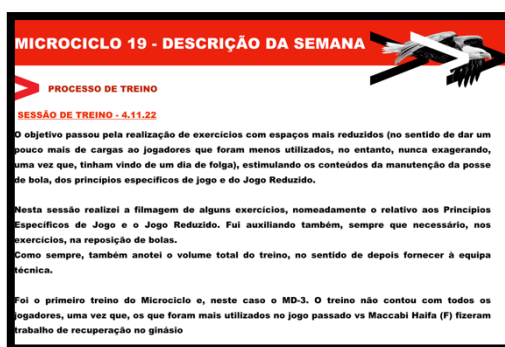


Figura 2 - Reflexão semanal acerca do processo de treino

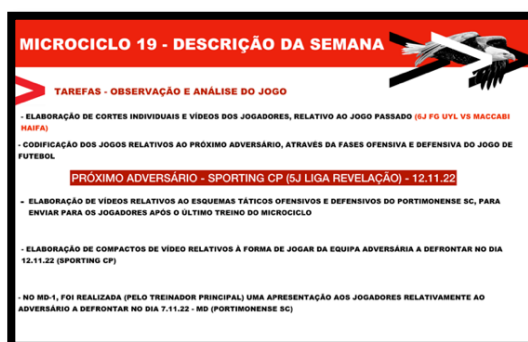


Figura 3 - Reflexão Semanal acerca da área da observação e análise

1.6 Tarefas – Equipa Técnica Sub23 e Departamento de Observação e Análise

No que diz respeito, às tarefas desempenhadas pelo treinador analista, no seio da equipa técnica de sub23 e no departamento de Observação e Análise, nas tabelas 11, 12 e 13, é possível verificar um microciclo tipo, relacionado com as tarefas realizadas, seja num microciclo mais congestionado ou menos congestionado, respetivamente. De ressaltar que, estas tarefas são aquelas expostas no capítulo 1.1.1.

Tabela 9 - Tarefas Desempenhadas num microciclo menos congestionado

Microciclo 9 e 10		
Dia	Treino / Jogo	Tarefas
5ª feira	Jogo LR 1ª Jornada Clube B x Clube A	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Jogo • Continuação da elaboração do compacto de vídeo do clube C; • Continuação da elaboração do relatório de análise sobre o clube C
6ª feira	FOLGA	<ul style="list-style-type: none"> • Entrega do compacto de vídeo do clube C à equipa técnica; • Entrega do relatório de análise sobre o clube C
Sábado	UT41	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Treino; • Compacto vídeo relativo ao Esquemas Táticos do clube C; • Desenvolvimento dos vídeos individuais relativos aos jogadores do clube C
Domingo	UT42	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Treino; • Desenvolvimento dos vídeos individuais relativos aos jogadores do clube C; • Desenvolvimento do vídeo reduzido dos Esquemas Táticos do clube C para se enviar para os jogadores
2ª feira	UT43	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Treino; • Conclusão dos vídeos de análise individual dos jogadores do clube C; • Conclusão do vídeo reduzido dos esquemas táticos do clube C e respetivo envio para os jogadores; • Codificação de alguns jogos referentes ao próximo adversário (clube D)
3ª feira	Jogo UYL FG 1J Clube A x Clube C	<ul style="list-style-type: none"> • Envio dos vídeos individuais do clube C para os jogadores • Filmagem do Jogo; • Codificação de alguns jogos do próximo adversário (clube D); • Desenvolvimento do compacto vídeo do clube D

Tabela 10 - Tarefas Desempenhadas num microciclo menos congestionado (continuação)

4ª feira	UT44	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Treino; • Conclusão do Compacto vídeo do clube D e envio para a equipa técnica; • Desenvolvimento e entrega do relatório de análise do clube D; • Compacto vídeo relativo ao Esquemas Táticos do clube D;
5ª feira	UT45	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Treino; • Desenvolvimento do vídeo reduzido dos Esquemas Táticos do clube D para se enviar para os jogadores
6ª feira	UT46	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Treino; • Conclusão do vídeo reduzido dos Esquemas Táticos do clube D e envio para os jogadores; • Codificação de alguns jogos relativos ao próximo adversário, posteriormente ao clube D
Sábado	Jogo LR 2ª Jornada Clube A x Clube D	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Jogo; • Codificação de alguns jogos do próximo adversário; • Desenvolvimento do compacto vídeo do próximo adversário

Tabela 11 - Tarefas Desempenhadas num microciclo congestionado

Microciclo 15		
Dia	Treino / Jogo	Tarefas
3ª feira	Jogo UYL FG 4J Clube E x Clube A	<ul style="list-style-type: none"> • Envio dos vídeos individuais do clube E para os jogadores • Filmagem do Jogo; • Codificação de alguns jogos do próximo adversário (clube F); • Desenvolvimento do compacto vídeo do clube F
4ª feira	FOLGA	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão do Compacto vídeo do clube F e envio para a equipa técnica; • Desenvolvimento do relatório de análise do clube F; • Compacto vídeo relativo ao Esquemas Táticos do clube F
5ª feira	FOLGA	<ul style="list-style-type: none"> • Entrega do relatório de análise do clube F; • Codificação de alguns jogos relativos ao próximo adversário, posteriormente ao clube F.
6ª feira	UT65	<ul style="list-style-type: none"> • Codificação de alguns jogos relativos ao próximo adversário, posteriormente ao clube F.
Sábado	UT66	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento do vídeo reduzido dos Esquemas Táticos do clube F para se enviar para os jogadores; • Codificação de alguns jogos relativos ao próximo adversário, posteriormente ao clube F.
Domingo	UT67	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusão do vídeo reduzido dos Esquemas Táticos do clube F e envio para os jogadores; • Codificação de alguns jogos relativos ao próximo adversário, posteriormente ao clube F.
2ª feira	Jogo LR 5ª Jornada Clube A x Clube F	<ul style="list-style-type: none"> • Filmagem do Jogo; • Codificação de alguns jogos do próximo adversário; • Desenvolvimento do compacto vídeo do próximo adversário

Abordando as tarefas expostas nas tabelas acima, uma a uma, vamos nos debruçar, no microciclo mais congestionado (4 dias de distância entre um jogo e o próximo, como consta na tabela 13). No dia após o jogo realizado, fosse esse dia uma folga ou uma unidade de treino, o objetivo para esse determinado dia passou por entregar um compacto de vídeo do próximo adversário à equipa técnica, assim como a entrega de um relatório de análise relativo a esse mesmo adversário. O compacto de vídeo do próximo adversário, pretendia ser um resumo, com cerca de 30 minutos de vídeo, que onde se englobava todos os aspetos importantes relativos ao próximo adversário, de forma que a equipa técnica estivesse a par dos pontos fortes e fragilidades desse adversário, para auxiliar na preparação das unidades de treino. O compacto de vídeo é dividido em 4 momentos, sendo eles o de Organização Ofensiva e a respetiva Transição Defensiva, e a Organização Defensiva com a respetiva Transição Ofensiva. A Organização Ofensiva foi dividida em 3 sub-momentos: Pontapé de Baliza Ofensivo, Início de Construção e Construção / Criação. A Organização Defensiva estava dividida também em 3 sub-momentos: Pontapé de Baliza Defensivo, Início de Pressão e Defesa em Bloco. Cada sub-momento estava dividido em diversos aspetos tendo em conta a forma de jogar do adversário. De realçar que este compacto de vídeo foi sempre realizado através da ferramenta HUDL SPORTSCODE.

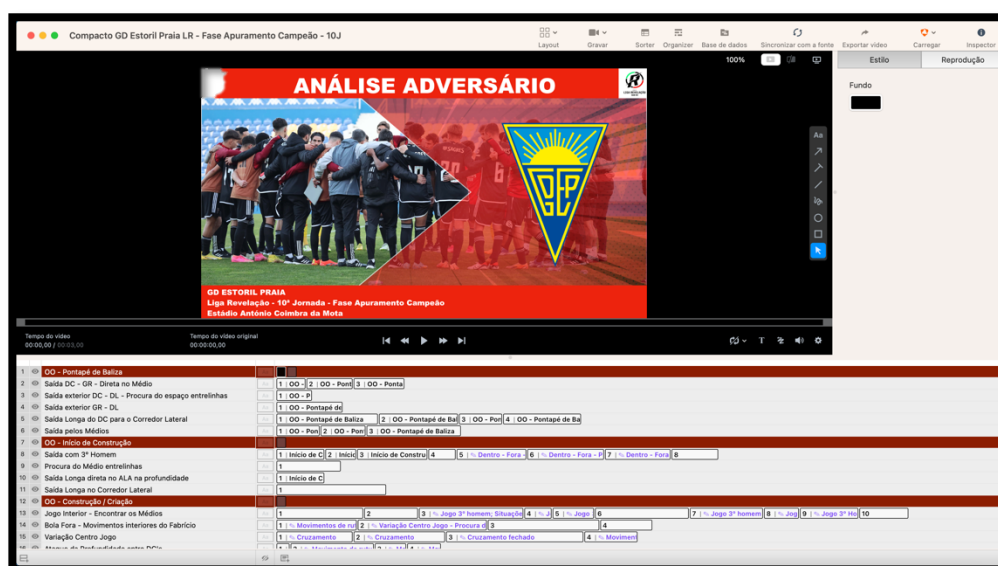


Figura 4 - Exemplo compacto video do adversário (Clips Ofensivos)

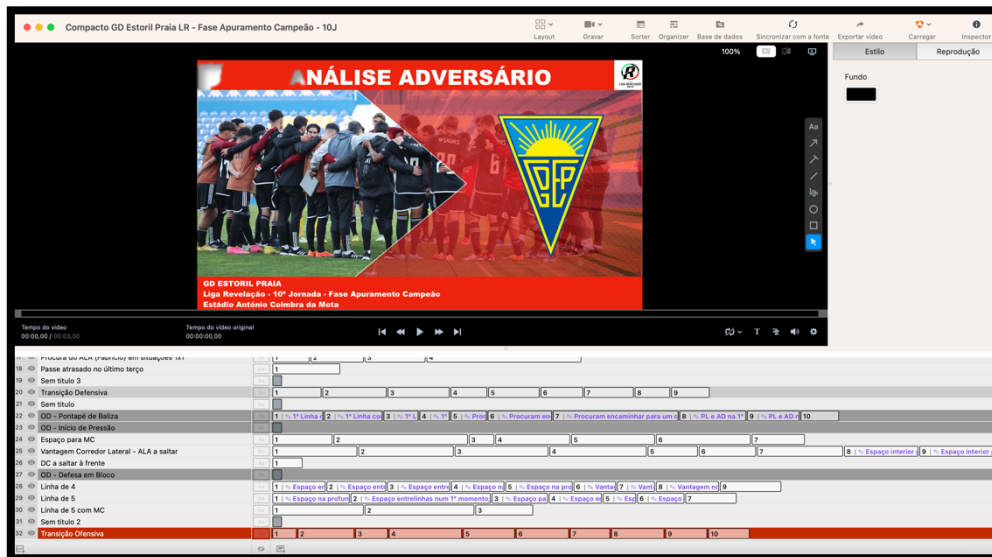


Figura 5 - Exemplo compacto vídeo adversário (Clips Defensivos)

Quando ao relatório de análise do adversário, esse mesmo foi realizado com auxílio do Keynote. Nesse relatório, eram indicados alguns aspetos:

- O onze inicial e sistema provável do adversário;
- Caracterização geral do adversário;
- Caracterização individual das principais referências do adversário;
- A tabela classificativa do momento;
- Os resultados obtidos ao longo da época, assim como alguns factos do adversário;
- O plantel do adversário, assim como o número de jogos e minutos de cada jogador (estes dados acima referidos, eram obtidos com auxílio da página web do ZEROZERO);
- Alguns dados estatísticos que sejam relevantes para a equipa técnica, como por exemplo, dados estatísticos relativos aos cruzamentos efetuados, aos dribles bem-sucedidos no último terço, aos momentos de finalização, assim como os passes decisivos realizados pelo adversário. Estas estatísticas eram complementadas com o auxílio da plataforma de futebol denominada de WYSCOUT.



Figura 6 - Exemplo de slides relativos ao relatório de análise do adversário



Figura 7 - Exemplo de slides relativos ao relatório de análise do adversário

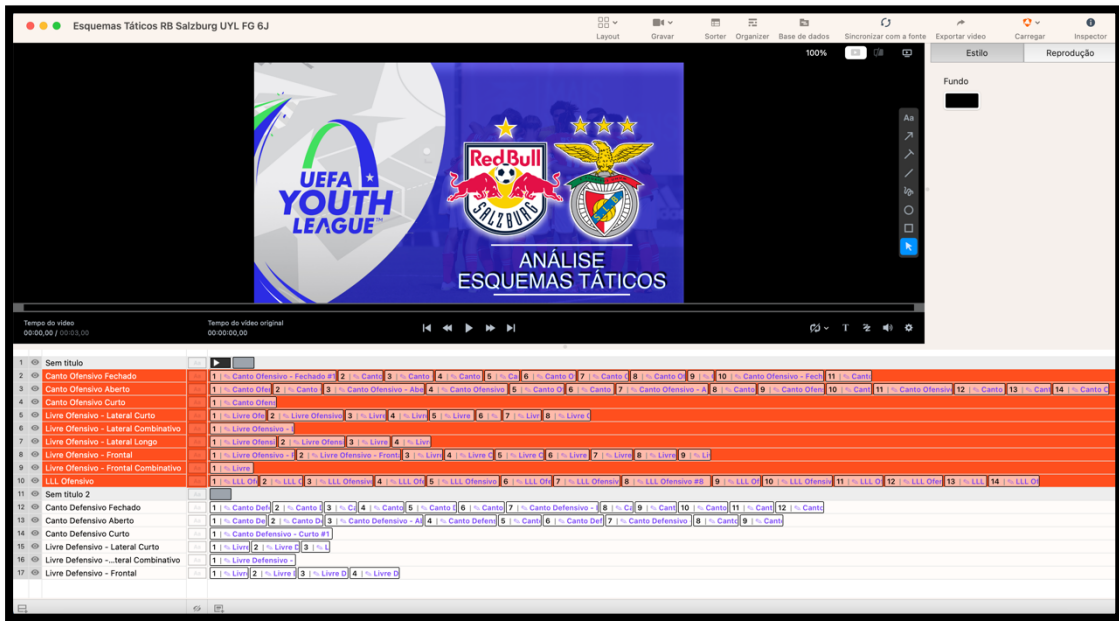


Figura 8 - Compacto Vídeo Esquemas Táticos

Partindo para o dia -3 (referente ao jogo da Uefa Youth League, como constava na tabela 11), é entregue um outro compacto vídeo à equipa técnica, mas este relativo aos Esquemas Táticos do próximo adversário, onde se procurou analisar todos os cantos, livres, lançamentos longos e penáltis realizados pelo adversário, de forma a estudar os seus pontos fortes e a suas fragilidades neste momento (Figura 8).

Depois da conclusão deste compacto vídeo relativo aos Esquemas Táticos do adversário, o objetivo (e visto que o próximo jogo seria para a prova internacional da Uefa Youth League) passava pelo desenvolvimento de análises individuais relativas aos jogadores adversários, através de vídeos, para posteriormente, enviar para os jogadores no dia do jogo, ou no dia anterior ao jogo, dependendo da hora do mesmo. Estes vídeos individuais eram divididos por setores, isto é, foram realizados 3 vídeos, onde um estava relacionado com os jogadores do setor defensivo (Guarda-Redes, Defesas Centrais e Defesas Laterais), outro relativo aos jogadores do setor médio (Médios), e outro para os jogadores do setor atacante (Alas e Avançados). Podemos ver nas figuras 9, 10 e 11 alguns exemplos das análises individuais dos jogadores

adversários. Estas análises individuais também foram realizadas através da ferramenta HUDL SPORTSCODE.

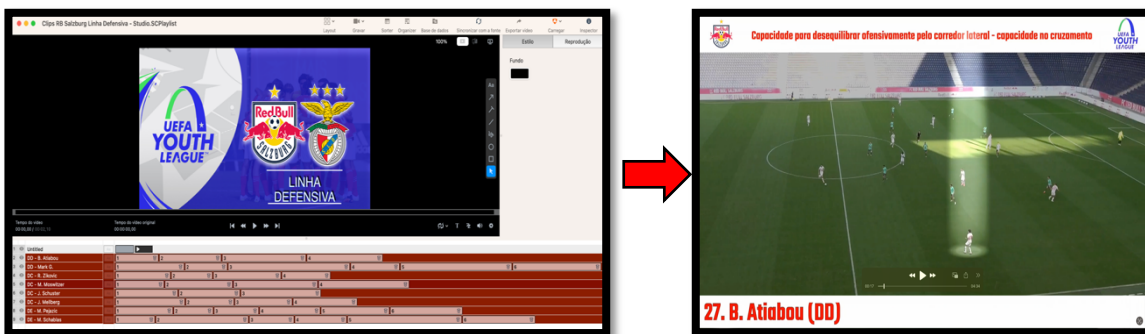


Figura 9 - Clips Individuais referentes ao setor defensivo adversário

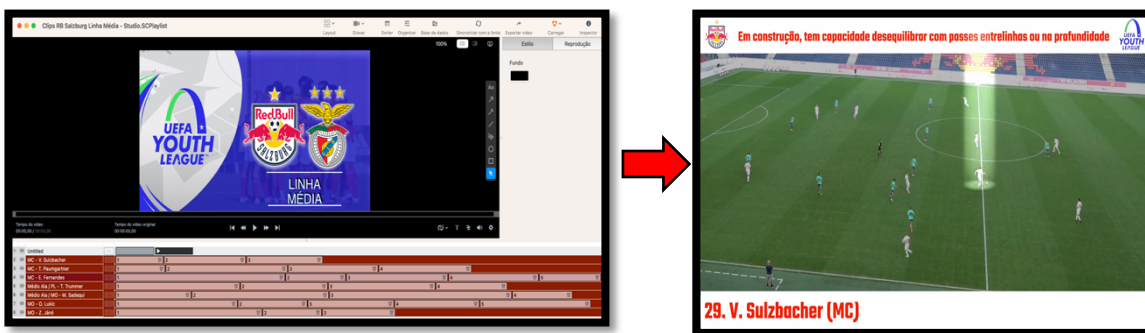


Figura 8 - Clips Individuais referentes ao setor médio adversário



Figura 7 - Clips Individuais referentes ao setor ofensivo adversário

Nos dias -2 e -1 em relação ao dia de jogo, estes consistiam principalmente em concluir as análises individuais relativas aos jogadores adversários, o desenvolvimento de um vídeo mais reduzido acerca dos Esquemas Táticos Ofensivos e Defensivos do adversário (para apresentar aos jogadores) e, também o começo da codificação de alguns jogos referentes ao adversário que iríamos defrontar depois deste próximo jogo, de forma que, estivesse concluído o compacto de vídeo desse adversário após este próximo jogo, criando assim uma rotina de trabalho. Todas estas tarefas eram realizadas através da ferramenta HUDL SPORTSCODE. A parte da codificação dos jogos é feita através de uma CODEWINDOW, para conseguir cortar os momentos de jogo que é analisado.



Figura 10 - Exemplo vídeo Esquemas Táticos editado para os jogadores

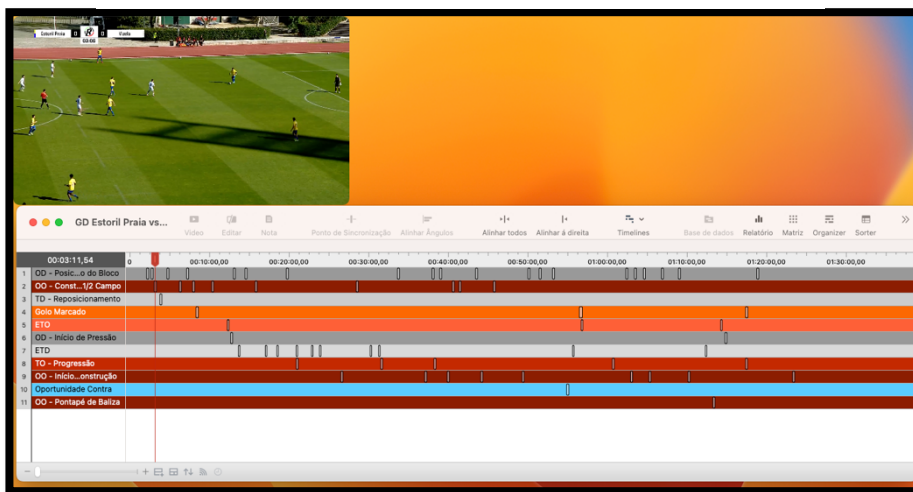


Figura 11 - Processo de codificação dos Jogos



Figura 12 - CodeWindow (auxílio para codificação dos jogos)

Por último, importa referir as ferramentas de filmagem de treino e de jogo. As unidades de treino foram filmadas, ou através de um Drone ou através das câmaras automáticas do clube (GameOn). O Drone foi utilizado na maioria das unidades de treino e, principalmente em unidades de treino, onde o principal objetivo passava por questões estratégicas relativas ao próximo jogo. Nos dias de jogo, a filmagem foi realizada através da habitual câmara de filmagem suportada por um tripé.



Figura 13 - Ferramentas de Filmagem (Câmara de Filmar; Drone + comando)

É importante referir que os dias (-4, -3, -2, ou -1, dependo dos dias de diferença entre um jogo e um próximo) em que se realizam as tarefas acima expostas podem ser alterados, uma vez que, depende sempre se estamos perante um microciclo mais ou menos congestionado, o que pode levar a um maior número de tarefas durante um número reduzido de dias, ou durante um número mais alargado de dias, respetivamente.

Quanto a tarefas impostas pelo Departamento de Observação e Análise, neste processo de estágio, após uma reunião com todos os treinadores analistas inerentes a todos os escalões de formação presentes no campus da entidade acolhedora deste processo de estágio, foi proposto, caracterizar uma seleção nacional presente no Campeonato do Mundo de 2022, à escolha, tendo sido escolhida pelo treinador estagiário a seleção nacional da Argentina (campeã do mundo). O trabalho foi caracterizar somente um momento do jogo da seleção, tendo sido caracterizado o seu momento de Organização Ofensiva, mais concretamente, o momento de construção mais avançada (1/2 campo) para zonas de criação.

1.7 Balanço e Reflexão do Processo de Estágio

1.7.1 Contexto de Estágio

Este processo de estágio iniciou-se a 4 de julho de 2022, tendo terminado a 29 de maio de 2023. Este ano de processo de estágio, foi o 2º ano neste clube de elite, o que facilitou de certa forma o treinador estagiário, no que diz respeito àquele período de adaptação a novas rotinas, tarefas, ferramentas, entre outras, que é normal num primeiro momento. No entanto, como se tratava de uma equipa técnica nova ao leme da equipa de sub-23, houve sim esse período de adaptação a novos colegas de trabalho, embora tenha sido muito fácil, pela liberdade que deram para desenvolver o trabalho de treinador analista e realizar as tarefas da forma como esse treinador costumava realizar na época anterior.

Em termos de microciclo de trabalho, o horário de entrada foi sempre às 8h00, visto que o horário de início do treino era às 10h, e assim havia tempo para desenvolver algumas tarefas antes do início do treino. O tempo no clube tendia a variar ao longo dos dias, mas normalmente permanecia-se entre 9h a 11h no clube. Este fator de estar mais horas no clube, para o treinador estagiário impossibilitou-lhe em diversos momentos a ter o tempo que pretendia para se dedicar às tarefas do mestrado, entre elas, a realização deste relatório, uma vez que, procurava sempre resolver as tarefas que lhe eram propostas no clube, a tempo e horas.

A tabela 12 demonstra aquilo que foi normalmente o microciclo de trabalho. Este como, já vimos anteriormente, podia variar um pouco, tendo em conta se estávamos perante um microciclo semanal mais ou menos congestionado.

Tabela 12 - Microciclo de Trabalho

MICROCICLO DE TRABALHO							
	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira (dia de folga)	6ª Feira	Sábado	Domingo	2ª Feira
PARTE MANHÃ	Dia de Jogo (o horário do jogo foi bastante variável)	Entrada – 8h00; Tarefas – OAJ; Treino – 10h00	Tarefas – OAJ; Tarefas - Mestrado	Entrada – 8h00; Tarefas – OAJ; Treino – 10h00	Entrada – 8h00; Tarefas – OAJ; Treino – 10h00	Entrada – 8h00; Auditório – 9h30 Tarefas – OAJ; Treino – 10h00	Entrada – 8h00; Auditório – 9h30 Tarefas – OAJ; Treino – 10h00
PARTE TARDE		Tarefas – OAJ	Tarefas – OAJ; Tarefas - Mestrado	Tarefas – OAJ	Tarefas – OAJ	Tarefas – OAJ	Tarefas – OAJ

Em relação às ferramentas utilizadas, somente houve a necessidade de adaptação a uma, que foi o Drone. Muitas unidades de treino foram filmadas com o auxílio desta ferramenta, que nos fornecia uma qualidade de imagem pós-treino muito acima da média. Esta ferramenta, apesar de nova, aparentou logo de início ser muito eficiente e intuitiva na sua utilização, tendo o estagiário adquirido rapidamente hábitos no seu manuseamento. Para todas as outras ferramentas, sejam de filmagem ou de codificação de jogos, o estagiário já tinha adquirido hábitos no ano anterior, o que facilitou mais a operacionalização do seu trabalho. Quanto às filmagens dos jogos (realizado através de uma câmara suportada por um tripé), este aspeto foi importante, uma vez que, o tipo de filmagem utilizado permitia conseguir reunir mais ou menos informação acerca da equipa observada e, nesse sentido, as filmagens em plano aberto são fundamentais, pois permitem a recolha do máximo de informação possível nos diferentes momentos do jogo, uma vez que, o foco da filmagem se centra na bola e na ocupação espacial dos jogadores, tendo em conta, a zona onde se encontra a bola e o momento do jogo. Esta filmagem em plano aberto é o tipo padrão utilizado pela Entidade Acolhedora e, devemos ter atenção a alguns aspetos antes e durante a mesma, que são eles:

- A Câmara deve ficar num plano elevado e próximo da linha do meio-campo;
- Ter atenção à calibração do tripé, de modo a termos uma manipulação fluída da câmara, quer no plano horizontal, quer no vertical;
- Necessidade de “Zoom in” no decorrer do jogo e em momentos em que a bola se aproxima da linha lateral contrária, ou quando se aproxima da grande área;
- Os esquemas táticos necessitam de alguma fluidez na manipulação do zoom, focando a toda a área onde vai ocorrer o esquema tático.

Estes hábitos já haviam sido adquiridos ao longo do ano anterior, e são muito importantes pois permitem um resultado final preciso e rigoroso.



Figura 14 - Exemplo de filmagem com zoom in nos esquemas táticos



Figura 15 - Exemplo de filmagem em plano aberto





Quanto à equipa técnica, como referido anteriormente, teve novos elementos relativamente ao ano anterior e, nesse sentido, foi importante para o treinador estagiário, logo desde início, perceber a forma de trabalhar de todos. Desta forma, o seu primeiro contacto com a equipa técnica ocorreu 3 dias antes dos inícios dos treinos, onde houve a preocupação por parte do treinador principal em reunir com os treinadores analistas, com o objetivo de perceber aquilo que seriam as suas tarefas ao longo do ano e aquilo que ele queria deles no âmbito da área da observação e análise e também no âmbito do processo de treino (que passava muito pela filmagem ou pelo auxílio durante determinados exercícios). Os elementos desta equipa técnica têm uma experiência vasta neste clube de elite, e isso só auxiliou ainda mais o crescimento e a própria exigência todos os dias, no que diz respeito, à capacidade de organização, de respeitar a rotina, a qualidade na execução das tarefas, procurando sempre oferecer à equipa técnica o contributo, da melhor forma possível, na realização das tarefas. Todos os momentos de partilha de conhecimento entre equipa técnica, de discussão estratégica para aquilo que se queria nos jogos ou nos treinos foi extremamente rico para o desenvolvimento do treinador estagiário e, existiu também liberdade de intervenção por parte do mesmo nessa partilha, referindo aquilo que considerasse necessário referir.







Este contexto de estágio no escalão sub-23, ofereceu a possibilidade de lidar com atletas de elite, muitos deles a representarem seleções nacionais de sub-18, sub-19 e sub-20. Tendo este plantel uma média de idades a rondar os 19 anos, foi possível ao treinador estagiário ter uma relação próxima com os mesmos, com o intuito de auxiliá-los naquilo que fosse preciso, tanto na área da análise de jogo, como na análise de treino, uma vez que sempre existiu um respeito mútuo por ambas as partes.





1.7.2 Contexto Competitivo

1.7.2.1 Competições Nacionais – Torneio Abertura Liga Revelação + Liga Revelação + Taça Revelação

Neste ano, no contexto de sub-23 da Liga Revelação, existiram três competições, através da adição de um torneio de preparação para a Liga Revelação, designado por Torneio Abertura Liga Revelação. Este torneio de abertura iniciou-se a 7 de Agosto de 2022 e terminou a 27 de Agosto de 2022. Os objetivos competitivos para este torneio, passavam por implementar e cimentar as diversas ideias daquilo que eram os nossos processos ofensivo e defensivo, e haviam sido trabalhadas ao longo da pré-época, e também conseguir alcançar a final do torneio. Estes objetivos foram alcançados, no entanto, acabámos por ser derrotados na final. Esta competição foi dividida, primeiramente em 3 grupos (2 grupos de 4 equipas e outro grupo de 6 equipas), onde o primeiro classificado nos grupos de 4 equipas e os dois primeiros classificados no grupo de 6 equipas avançavam para as meias-finais. As meias-finais foram jogadas a uma só mão, tal como a final. Neste torneio, acabámos com 3 vitórias e 2 empates (um destes ocorreu na final, perdendo depois através das grandes penalidades). Ao todo marcámos 14 golos e sofremos 6 golos.

GRUPO D					
		J	GM	GS	P
1	 Benfica	3	10	4	7
2	 Estoril Praia	3	6	3	6
3	 Portimonense	3	3	8	3
4	 Farense	3	0	4	1

2022/08/07	Grp.D	 Benfica	7-2	 Portimonense
2022/08/12	Grp.D	 Benfica	3-2	 Estoril Praia
2022/08/16	Grp.D	 Farense	0-0	 Benfica

MEIAS-FINAIS				
2022/08/22	 Marítimo	1-3	 Benfica	
	 SC Braga	1-1 (4-2 g.p.)	 Gil Vicente	



FINAL				
2022/08/27	 SC Braga	1-1 (4-3 g.p.)	 Benfica	

Figura 16 - Resultados obtidos no Torneio Abertura da Liga Revelação

Agora, no que diz respeito à competição da Liga Revelação em si, esta teve início a 1 de Setembro de 2022, tendo terminado a 25 de Abril de 2023 e dividiu-se em duas fases, a fase regular e a fase de apuramento de campeão. Os principais objetivos competitivos passavam por passar nos 3 primeiros lugares a fase regular da Liga Revelação, garantido o apuramento para a fase de apuramento de campeão, e nesta mesma fase, alcançar o top 3. Somente o primeiro objetivo é que foi cumprido, uma vez que, durante a fase apuramento campeão, não conseguimos terminar nos três primeiros classificados, tendo alcançado o quinto lugar. A fase regular desta Liga Revelação foi dividida em duas séries, sendo elas designadas de série norte e série sul, tendo nós ficado na série sul, composta por 7 equipas. Nesta fase regular, terminámos em 1º lugar na série sul, com 8 vitórias, 2 empates e 2 derrotas em 12 jogos possíveis, o que nos permitiu alcançar assim a fase de apuramento de campeão, juntamente com os segundo e terceiro classificados desta série, assim como os três primeiros classificados da série norte. Na fase de apuramento campeão, terminámos no 5º lugar, com 2 vitórias, 4 empates e 4 derrotas em 10 jogos realizados.

Resultados CN SUB23 - Fase Regular

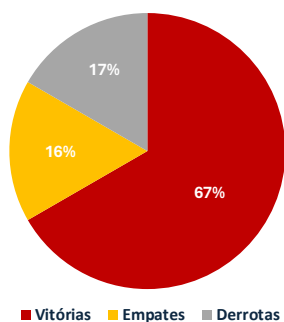


Figura 17 - Percentagem de resultados obtidos na Fase Regular da Liga Revelação

Golos Marcados e Sofridos - CN SUB23 Fase Regular

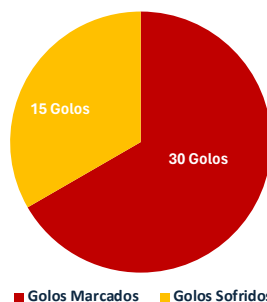


Figura 18 - Golos marcados e sofridos na Fase Regular da Liga Revelação

Resultados CN SUB23 - Fase Apuramento Campeão

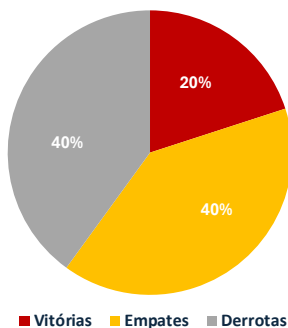


Figura 20 - Percentagem de resultados obtidos na Fase Apuramento Campeão da Liga Revelação

Golos Marcados e Sofridos - CN SUB23 Fase Apuramento Campeão

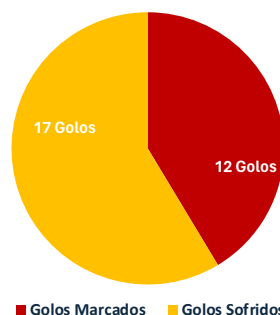


Figura 19 - Golos marcados e sofridos na Fase Apuramento Campeão da Liga Revelação

Resultados CN SUB23 - Total

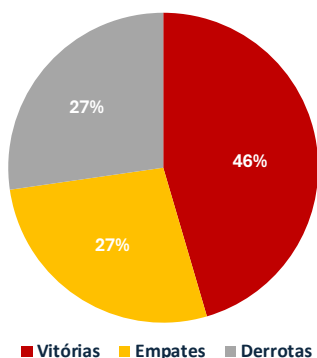


Figura 21 - Percentagem de resultados obtidos no total na Liga Revelação

Golos Marcados e Sofridos CN SUB23 - Total

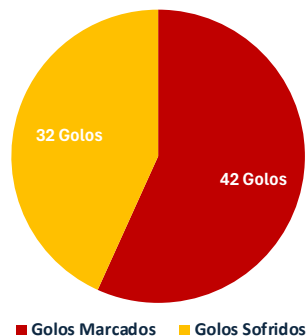


Figura 22 - Golos marcados e sofridos no total na Liga Revelação

Como é possível verificar nas figuras 19, 20, 21, 22, 23 e 24, num total de 22 jogos possíveis no Campeonato Nacional do escalão de SUB23, contemplando a fase regular e a fase apuramento campeão, a equipa ganhou 46% dos jogos, ou seja, 10 vitórias, empatou e perdeu em 27% dos jogos, ou seja, 6 empates e 6 derrotas. Quanto aos números de golos, a equipa marcou um total de 42 golos, tendo sofridos 32 golos. Existindo duas fases distintas, é importante refletir sobre as diferenças ou semelhanças encontradas em ambas as fases.

O contexto da Liga Revelação, tanto na fase regular, como na fase apuramento campeão, é muito competitivo. Primeiro, a média de idades das outras equipas tendencialmente são maiores do que a nossa equipa, o que leva aos nossos jogadores, ao entrarem num contexto diferente dos que estavam habituados nos anos anteriores e passando agora a jogar contra adversários mais velhos, a adaptarem-se mais rapidamente às exigências que os jogos lhe forneciam, sendo normal, em determinados momentos, existirem maiores dificuldades contra determinadas equipas. Segundo, sendo a nossa equipa, a terceira equipa do clube da entidade acolhedora do processo de estágio, em que é composta principalmente, através da política do clube, por jogadores sub-18 e sub-19, e perante as outras equipas neste contexto da Liga Revelação, que são equipas B's, onde são formadas principalmente, com o objetivo de num período a curto prazo fornecerem jogadores às equipas principais, sendo constituídas, dessa forma por alguns jogadores mais velhos, normalmente, existem dificuldades acrescidas nos jogos, existindo jogos bastante mais competitivos, com maior grau de dificuldade.

Num contexto de Fase apuramento campeão da Liga Revelação, estas dificuldades ainda são mais evidentes, podendo ser uma razão natural para o

decréscimo dos resultados competitivos entre uma fase e a outra, onde muitos jogos foram decididos por pormenores que se revelaram decisivos no término do campeonato.

Em relação à área da observação e análise, demos foco tanto à análise do adversário como da própria equipa, onde a dimensão estratégica também foi tendo preponderância em diversos jogos, procurando nunca desvirtuar aquilo que era a ideia de jogo fundamental da equipa. Como se tratava de um contexto mais competitivo, ter o conhecimento detalhado daquilo que era o adversário foi essencial e, dessa forma, tanto eu, como o meu colega (treinador analista principal), procurámos sempre analisar os diversos momentos do jogo do adversário ao detalhe, ou seja, os seus momentos de Organização Ofensiva e Transição Defensiva, assim como de Organização Defensiva e a conseqüente Transição Defensiva, para além da importância dada também aos momentos dos Esquemas Táticos. Dentro do momento da Organização Ofensiva, procurámos perceber de que forma a equipa construía a partir do pontapé de baliza ofensivo, de que forma iniciava a sua construção e como é que construía numa zona mais avançada (meio-campo), analisando também a sua fase de criação para finalização. No momento da Transição Defensiva, os nossos principais objetivos passavam pela rápida reação à perda da bola, assim como, manter a equipa equilibrada, através de comportamentos relacionados com o equilíbrio defensivo. Na parte da Organização Defensiva, acontecia o inverso, ou seja, o objetivo passava por perceber de que forma a equipa adversária pressionava no momento do pontapé de baliza adversário, como limitava o início de construção do oponente (isto é, como era o seu início de pressão), assim como eram os seus comportamentos quando defendiam em bloco. No momento da Transição Ofensiva, era claramente de perceber os momentos em que tínhamos vantagens ou não para explorar os espaços libertados pelo adversário.

Como neste contexto, as equipas tendem a jogar mais o jogo pelo jogo, uma vez que também neste campeonato não existem nem descidas nem subidas, conseguir perceber quais eram os momentos mais forte do adversário e encontrar formas para os limitar, assim como identificar as suas fragilidades e procurar utilizá-las para nossa vantagem, tornou-se bastante importante, ainda mais na fase de apuramento de campeão. Neste sentido, principalmente nesta área da observação e análise, que foi a que principalmente esteve relacionada com as funções desempenhadas, foi um processo bastante enriquecedor.

Por último, em relação a este sub-tema das competições nacionais, temos a Taça Revelação. Esta competição teve início a 6 de Maio de 2023 e terminou para a nossa equipa a 29 de Maio de 2023. Ou seja, esta competição ocorre posteriormente

ao campeonato nacional de sub23. O principal objetivo para esta competição passava por conseguir alcançar a final da prova. No entanto, fomos derrotados nas meias-finais, que foram disputadas a duas mãos. Esta prova foi constituída, primeiramente, por dois grupos de 4 equipas, onde os dois primeiros classificados de cada grupo iam em direção às meias-finais. Nesta competição, a equipa teve 2 vitórias, 1 empate e duas derrotas (que aconteceram nas meias-finais, uma após prolongamento). Quanto aos golos marcados e sofridos, a equipa obteve uma marca de 9 golos marcados e 9 golos sofridos.

GRUPO B					
		J	GM	GS	P
1	SC Braga	3	6	3	7
2	Benfica	3	6	4	7
3	FC Famalicão	3	6	6	3
4	Gil Vicente	3	5	10	0





2023/05/06	Grp.B	FC Famalicão	2-3	Benfica
2023/05/10	Grp.B	Gil Vicente	2-3	Benfica
2023/05/16	Grp.B	Benfica	0-0	SC Braga

MEIAS-FINAIS				
Estoril Praia	(5-3)	Benfica		

Figura 23 - Resultados obtidos na Taça Revelação

1.7.2.2 – Competição Internacional – Uefa Youth League

O contexto competitivo deste processo de estágio concedeu-me a oportunidade de vivenciar pelo segundo ano consecutivo a prova da Uefa Youth League. A equipa para esta competição continha algumas diferenças, comparativamente com a equipa habitual no campeonato nacional de sub23, uma vez que, foi construída com jogadores pertencentes aos escalões de sub19, e principalmente, sub23 e equipa B. O principal objetivo competitivo exposto para esta prova passava por conseguir chegar à Final Four da mesma em Nyon (Suíça), ou seja, alcançar as meias-finais. Este objetivo ficou aquém, uma vez que, não conseguimos passar a fase de grupos. A Uefa Youth League, tal como a Uefa Champions League, é composta numa primeira fase por 8 grupos de 4 equipas, em que os grupos que ficarem formados no sorteio da Uefa Champions League, são os mesmos para a Uefa Youth League, ou seja, os nossos adversários nesta competição foram os mesmos adversários da equipa A. Nesta competição, obteve-se 2 vitórias, 3 derrotas e 1 empate. Quanto aos golos marcados e sofridos, a equipa marcou 12 golos e sofreu 10 ao longo da fase de grupos.

GRUPO H						
			J	GM	GS	P
1		Paris SG	6	20	11	13
2		Juventus	6	17	14	11
3		Benfica	6	12	10	7
4		Maccabi Haifa	6	6	20	3


2022/09/06	Grp.H	Benfica		0-1		Maccabi Haifa
2022/09/14	Grp.H	Juventus		1-1		Benfica
2022/10/05	Grp.H	Benfica		0-1		Paris SG
2022/10/11	Grp.H	Paris SG		2-3		Benfica
2022/10/25	Grp.H	Benfica		2-3		Juventus
2022/11/02	Grp.H	Maccabi Haifa		2-6		Benfica

Figura 24 - Resultados obtidos na Uefa Youth League

Esta competição, possibilitou-nos jogos muito competitivos ao longo da fase de grupos, principalmente contra as equipas do Paris SG e da Juventus. Esta experiência internacional foi bastante enriquecedora, uma vez que, possibilitou aumentar a rede de contactos, com treinadores internacionais, o que é sempre vantajoso para determinada troca de ideias entre ambos, principalmente perceber as suas metodologias na área da observação e análise.

Nesta competição internacional, a dimensão da observação e análise assumiu uma importância relevante, principalmente nas nuances estratégicas que foram colocadas no jogo, com intuito de procurar criar dificuldades nos adversários, e também naquilo que os adversários nos procuraram fazer, para aproveitarem as nossas debilidades, e dessa forma, toda a preparação para um jogo foi algo bastante rica para o desenvolvimento de competências nesta área da observação e análise.

1.7.3 – Objetivos Propostos

Este subtema, serve para realizar um balanço dos objetivos estipulados para este processo de estágio. Esses objetivos, como já tinha sido referido, foram divididos em objetivos gerais, específicos, formativos, pedagógicos, sociais, de intervenção e competitivos (estes já abordados ao longo do subtema anterior referente à reflexão acerca do contexto competitivo).

Primeiramente, quanto aos objetivos gerais, no final desta época, existiu um desenvolvimento como profissional desta área do desporto, que é o Futebol, principalmente na área da observação e análise, por ter sido um ano bastante exigente num contexto bastante competitivo e com um grupo de trabalho muito dedicado ao compromisso no trabalho, permitindo o desenvolvimento de capacidades de intervenção no contexto (principalmente na área da observação e análise de jogo), ao estabelecer relações com os diversos profissionais de excelência existentes na entidade acolhedora. Com isto, foi possível alcançar o reconhecimento destas capacidades desenvolvidas, assim como das competências demonstradas ao longo da época, principalmente na área da observação e análise, mas também no auxílio do processo de treino, sendo, atualmente uma realidade a continuação no futuro, na instituição em causa, desempenhando a função de treinador analista.

Agora, quanto aos objetivos específicos, que estiveram mais relacionados com a área da observação e análise e a análise do jogo de futebol, foi possível aprimorar mais as responsabilidades enquanto treinador analista, aprofundando o conhecimento pelo jogo, pelo “observar” o jogo, pelo trabalho de codificação de jogos, e principalmente pelo trabalho de análise coletiva e individual de um adversário, visto que, se tratou de um contexto competitivo bastante exigente ao longo de toda a época.

Em relação aos objetivos formativos, estes mais relacionados com a implementação dos conhecimentos que foram sendo adquiridos ao longo do percurso académico e, também ao longo da experiência profissional, foi possível, ao treinador estagiário, exercer uma atitude crítica e reflexiva ao longo do ano, com assuntos relacionados com a área da análise de jogo, existindo também liberdade para isso, aprimorando a capacidade de desenvolvimento das tarefas de intervenção na área da análise de jogo, com a reflexão sobre as mesmas. Foi possível desenvolver constantemente material e documentação modernizada, relacionados com atividades propostas pelo departamento de observação e análise. Quanto à atitude crítica e reflexiva no processo de treino, este aspeto na entidade acolhedora em questão, não

diz tanto respeito ao treinador analista e esteve mais direcionado para o treinador principal e os seus treinadores adjuntos, embora não signifique que não tenha havido nenhuma situação em que os treinadores analistas não tenham refletido e dado a sua opinião sobre alguma situação do processo de treino, ou mesmo a própria reflexão interna, semanalmente sobre alguns conteúdos do treino.

No que diz respeito aos objetivos pedagógicos, quanto à assiduidade, à pontualidade, à proatividade e prontidão para as tarefas impostas, foi tido com preocupação que estes estivessem sempre presentes. Também devido ao contexto exigente vivenciado, foi possível desenvolver a capacidade de adaptação a diferentes cenários criados. Quanto ao relacionamento, apesar de alguma introversão, foi possível o estabelecimento de uma relação agradável e de confiança com os atletas naquilo que foi o processo de treino, de jogo e de análise, e também o facto de já serem conhecidos do ano passado ajudou bastante. Por último, pelo treinador estagiário ter presenciado um meio académico nos últimos anos de licenciatura e mestrado, foi tido em atenção em atenção as intervenções e os feedbacks ajustados, procurando passar sempre a mensagem de forma clara.

Em relação aos objetivos sociais, estes associados à relação que foi estabelecida com os outros departamentos, foi possível a promoção de uma relação de confiança, de entreajuda, de compromisso e amizade com todos os outros elementos dos outros departamentos, uma vez que, também alguns deles, já eram conhecidos, do ano anterior. Procura constante de promover um bom ambiente grupal, no seio da equipa técnica e dos atletas. O aumento da rede de contactos aconteceu também, não só dentro da entidade acolhedora, como também fora da mesma. Por fim, esteve sempre em mente, o objetivo de dignificar ao máximo o clube em todo o momento do processo de estágio.

Quanto aos objetivos de intervenção, como já foi referido, auxiliou-se a equipa técnica no processo de análise de jogo, seja do adversário (pré-jogo), ou da própria equipa (pós-jogo), assim como na realização de análises individuais dos adversários ou mesmo dos jogadores da própria equipa. Também, foi possível ajudar naquilo que foram as tarefas propostas pelo Departamento de Análise e Observação da entidade acolhedora, como por exemplo a caracterização geral dos adversários ou a análise individual dos jogadores de outras equipas, desenvolvendo também, a capacidade e competência nesta área da observação e análise de jogo.

Por último, quanto aos objetivos competitivos, como já foi referido no subtema anterior, nem todos foram alcançados. Os objetivos alcançados foram: alcançar a final

do Torneio de Abertura da Liga Revelação; Passar a 1ª fase da Liga Revelação nos 3 primeiros lugares para garantir o apuramento para a Fase de Apuramento Campeão da Liga Revelação; Realização de jogos particulares durante a época, de forma a atribuir tempo de jogo àqueles jogadores menos utilizados durante as provas nacionais; Conseguir promover jogadores ao plantel da equipa B (escalão acima) e equipa A, assim como também prepará-los para esses contextos competitivos. Em relação aos objetivos que não foram atingidos: Na Fase de Apuramento Campeão da Liga Revelação, terminar no top 3 (terminámos no 5º lugar); Garantir a Final na Taça Revelação (eliminados nas meias finais); Alcançar a Final Four da prova internacional da Uefa Youth League (eliminados na fase de grupos).

Num cômputo geral, todos estes objetivos gerais, específicos, formativos, pedagógicos, sociais e de intervenção foram alcançados, permitindo o desenvolvimento pessoal e profissional, num contexto de elite e, principalmente na área da observação e análise de jogo, procurando ainda mais o desenvolvimento das capacidades e competências nessa área, refletindo sempre daquilo que se realizava ou que se poderia ter realizado.

1.7.4 Trabalho Operacionalizado – Tarefas

Este subtema serve para refletir sobre aquilo que foi todo o trabalho operacionalizado ao longo deste processo de estágio, ou seja, principalmente refletir sobre as tarefas relacionados com a área da observação e análise de jogo e também sobre aquelas inerentes ao processo de treino.

Primeiramente, em relação ao processo de treino, houve maior inserção naquilo que foram os momentos durante o treino e pós-treino. No momento durante o treino, a principal responsabilidade passava por filmá-lo através da utilização do drone. No que diz respeito a esta filmagem, foi preciso ter em atenção diversos detalhes. Primeiro, a posição do drone em altitude necessitava de ser ajustada consoante a meteorologia daquele dia (em dias de chuva, a utilização do drone não era permitida, acabando o treino por ser filmado por câmara protegida por uma capa e suportada por um tripé ou pelas câmaras automáticas do clube, denominadas de GameOn). Segundo, o drone é utilizado através de baterias e existiam três. No entanto, cada bateria durava no máximo 25 minutos, ou seja, perante unidades de treino de 90 minutos por exemplo, as baterias não eram suficientes. Nesse sentido, sempre que se utilizava uma, procurava-se imediatamente metê-la a carregar para a conseguir utilizar mais tarde durante o treino.

Terceiro, procurou-se sempre que a altura a que o drone se encontrava nunca passasse os 22 metros, e sempre com atenção ao local onde o mesmo havia sido levantado, para evitar a ocorrência de algum acontecimento infeliz. Quarto, procurou-se sempre filmar todo o espaço do exercício, para se conseguir ter o máximo de informação possível do mesmo. Por último, perante exercícios com maior componente estratégica, podia-se alterar a posição do drone de acordo com aquilo que fosse o conteúdo a trabalhar nos mesmos, onde por exemplo, num exercício com o objetivo de trabalhar o pontapé de baliza ofensivo, procurava-se posicionar o drone atrás da baliza onde estivesse a sair o pontapé de baliza, mas se por exemplo, para o mesmo exercício, o objetivo fosse trabalhar o início da pressão da equipa a partir do pontapé de baliza do adversário, aí já se procurava posicionar o drone atrás da linha defensiva, com o objetivo de procurar analisar com maior precisão outros comportamentos.

No momento pós-treino, houve sempre a responsabilidade de disponibilizar os vídeos referentes ao treino para a equipa técnica. Quando existia alguma discussão relativamente aos comportamentos evidenciados no decorrer dos exercícios de treino, também se procurou a transmissão da opinião por parte do treinador estagiário, principalmente naquilo que estava relacionado com a área da análise do jogo e também do próximo adversário.

Quanto ao processo relativo à observação e análise do jogo, nos momentos pré-jogo, ou seja, por exemplo, no primeiro dia de preparação para um determinado jogo (fosse esse dia de folga ou não), o objetivo passava por entregar um compacto de vídeo do próximo adversário à equipa técnica, assim como a entrega de um relatório de análise relativo a esse mesmo adversário. O compacto de vídeo do próximo adversário, pretendia ser um resumo, com cerca de 30 minutos de vídeo, onde se procurava todos os aspetos importantes relativos ao próximo adversário, de forma que a equipa técnica estivesse a par dos pontos fortes e fragilidades desse adversário, para auxiliá-los na preparação das unidades de treino. O compacto de vídeo foi sempre dividido em 4 momentos (como foi referido no capítulo 1.7.2), sendo eles o de Organização Ofensiva e a respetiva Transição Defensiva, e a Organização Defensiva com a respetiva Transição Ofensiva. A Organização Ofensiva, foi dividida em 3 sub-momentos: Pontapé de Baliza Ofensiva, Início de Construção e Construção/Criação. A Organização Defensiva estava dividida também em 3 sub-momentos: Pontapé de Baliza Defensivo, Início de Pressão e Defesa em Bloco. Cada sub-momento estava dividido em diversos aspetos tendo em conta a forma de jogar do adversário. Para criar este compacto existia a responsabilidade de codificar diversos jogos relativos ao próximo adversário. Procurou-se sempre analisar todos os últimos jogos do adversário, ou a partir do

momento em que nos enfrentaram até ao momento atual, ou então se fosse a primeira vez a enfrentá-los procurava-se analisar pelo menos os últimos 5 jogos do adversário (houve diversos momentos em que se decidiu ver mais do que 5 cinco jogos). Nesse conjunto de jogos procurava-se dar maior atenção àqueles cujas equipas que o adversário defrontava, se assemelhava mais ao nosso sistema tático, ou a alguns comportamentos táticos (por exemplo, a presença de dois médios baixos em construção). Como o volume de jogos observados era grande, a filtragem dos momentos mais pertinentes foi muito importante e, nesse sentido, permitiu tornar o trabalho bem mais eficaz e com maior qualidade, permitindo o desenvolvimento de competências associadas à área da observação e análise de jogo e às funções que um treinador analista deve ter.

D	2023-01-06	17:00	(F)		Estoril Praia	2-0		Liga Revelação Série B 22/23	J12	→	Jogo atual
E	2022-12-13	12:00	(F)		Est. Amadora	0-0		Liga Revelação Série B 22/23	J3	}	Jogos Analisados
V	2022-12-06	13:00	(F)		CD Mafra	0-1		Liga Revelação Série B 22/23	J9		
V	2022-11-29	15:00	(C)		Farense	2-1		Liga Revelação Série B 22/23	J8		
D	2022-11-12	11:00	(F)		Sporting	4-2		Liga Revelação Série B 22/23	J6		
V	2022-11-07	15:00	(C)		Portimonense	1-0		Liga Revelação Série B 22/23	J7		
V	2022-10-17	13:00	(C)		Estoril Praia	3-1		Liga Revelação Série B 22/23	J5		
E	2023-02-07	13:00	(F)		FC Famalicão	1-1		Liga Revelação Ap. Campeão 22/23	J2	→	Jogo atual
D	2023-02-01	11:00	(F)		Est. Amadora	3-2		Liga Revelação Ap. Campeão 22/23	J1	}	Jogos Analisados
E	2023-01-17	11:00	(F)		Marítimo	0-0		Liga Revelação Série A 2022/23	J14		
V	2023-01-12	11:00	(F)		Rio Ave	1-3		Liga Revelação Série A 2022/23	J6		
D	2023-01-05	11:00	(F)		SC Braga	3-1		Liga Revelação Série A 2022/23	J12		
V	2022-12-13	15:00	(C)		Leixões	3-1		Liga Revelação Série A 2022/23	J10		
E	2022-12-06	15:00	(F)		FC Vizela	2-2		Liga Revelação Série A 2022/23	J9		
V	2022-11-28	13:00	(C)		Gil Vicente	3-0		Liga Revelação Série A 2022/23	J8		

Figura 25 - Exemplos do número de jogos analisados

Durante esse momento pré-jogo, para além do compacto de vídeo do adversário e do relatório de análise, também é entregue um outro compacto vídeo à equipa técnica, mas este relativo aos Esquemas Táticos do próximo adversário, onde se procurou analisar todos os cantos, livres, lançamentos longos e penáltis realizados pelo adversário, de forma a estudar os seus pontos fortes e a suas fragilidades neste momento. Os esquemas táticos que se procurava analisar estavam inerentes aos jogos que decidia observar no momento da criação do compacto de vídeo do adversário. Posteriormente, o compacto vídeo sobre os esquemas táticos entregue à equipa técnica, era transformado num vídeo mais resumido para apresentar aos jogadores. Este aspeto permitiu desenvolver competências relacionadas com a análise de esquemas táticos no jogo de futebol.

Posteriormente, ainda no momento pré-jogo também realizava desenvolvimento de análises individuais relativas aos jogadores adversários, através de vídeos, para posteriormente, enviar para os jogadores no dia do jogo, ou no dia anterior ao jogo, dependendo da hora do mesmo. Estes vídeos individuais eram divididos por setores, isto é, foram realizados 3 vídeos, onde um estava relacionado com os jogadores do setor defensivo (Guarda-Redes, Defesas Centrais e Defesas Laterais), outro relativo aos jogadores do setor médio (Médios), e outro para os jogadores do setor atacante (Alas e Avançados) – Esta tarefa sobre as análises individuais dos adversários somente era realizada em jogos referente à prova da Uefa Youth League, uma vez que, as equipas eram mais desconhecidas para os nossos jogadores, e também existiam plantéis mais fixos. Nas competições nacionais, os atletas já conheciam grande parte dos adversários no seu individual, e também as equipas num contexto de sub-23 promovem maiores oscilações no decorrer da época. O que não significa, que não tenham sido realizadas algumas análises individuais para o contexto nacional de sub-23, principalmente quando era pedido por parte dos jogadores.

Por último, em relação a este momento do pré-jogo, de ressaltar que 2 dias antes do jogo ou 1 dia antes, procurava-se já começar a trabalhar no adversário que se iria encontrar após este próximo jogo, para conseguir ter tudo pronto, relativamente ao compacto de vídeo e ao relatório de análise escrito, no dia após o jogo realizado. Deste modo, começava-se já a codificar alguns jogos referentes ao adversário que iríamos defrontar depois deste próximo jogo.

No momento durante o jogo, a principal responsabilidade passava pela filmagem do jogo, enquanto o colega treinador analista principal, codificava o jogo em direto, retirando clips que fossem úteis para mostrar ao intervalo à equipa técnica e/ou

jogadores. Tanto nos jogos em casa, como fora, houve sempre condições para procedermos a uma filmagem de qualidade.

O momento pós-jogo, tendo em conta, às responsabilidades inerentes, estava muito relacionado com as tarefas do momento pré-jogo. Podia-se ter de realizar alguma tarefa de análise coletiva, relativamente ao jogo que havia ocorrido, quando o treinador analista principal ou o treinador principal o pediam. No entanto, no momento imediato, pós-jogo, procurou-se rapidamente codificar individualmente o nosso jogo, de forma a retirar clips individuais referentes aos nossos jogadores para posteriores análises, caso a equipa técnica entendesse que fosse necessário.

Desta forma, tanto as tarefas relativas aos momentos pré-jogo e pós-jogo, permitiram o desenvolvimento das competências relativas à área da observação e análise e às funções de treinador analista, neste clube de elite, num contexto de grande competitividade e exigência. Nos microciclos semanais, onde existiam dois jogos, ou seja, um curto espaço de tempo para preparação entre ambos os jogos, estas tarefas relativas aos momentos pré-jogo e pós-jogo tinham que ser realizadas, contudo com menor tempo para as completar, e dessa forma, esta exigência de trabalhar num curto espaço temporal, permitiu o desenvolvimento de capacidades organizativas, criando rotinas diárias, e com isso procurou-se sempre realizar um *briefing* das tarefas diárias realizadas e daquelas que tinham que ser realizadas no próximo dia, de modo a que se tivesse sempre noção daquilo que era para se fazer, de forma a gerir melhor o tempo, conseguindo-se sempre terminar ou entregar as tarefas no momento em que eram pretendidas.

2. Parte II – Enquadramento do Estudo

2.1 Introdução

O Futebol é uma modalidade englobada, pelo conjunto de características que possui, nos jogos desportivos coletivos. Segundo Garganta & Pinto (1998), o Futebol caracteriza-se não somente pela relação de oposição entre os elementos de duas equipas, como também pela relação de cooperação entre estes, com vista à obtenção da vitória. Ainda segundo os autores Gréhaigne, Billard & Laroche (1999) o jogo de Futebol caracteriza-se pela imprevisibilidade, dado que as relações entre os jogadores são realizadas com vista à realização de objetivos de jogo, com comportamentos que visam recuperar, conservar e fazer progredir a bola até zonas de finalização. Neste sentido, segundo Garganta (1997), pode-se considerar o jogo como um fenómeno complexo e dinâmico, cuja imprevisibilidade promove diversas configurações, que advém da forma como as equipas geram as relações de cooperação e oposição ao longo do tempo, em função de um determinado objetivo de jogo (Figueiredo, 2015).

Realizando um transfer para a análise do jogo de Futebol, esta, segundo a literatura, tem vindo a ganhar uma importância muito significativa. Segundo Carling (2009), tem assumido uma importância considerável nos jogos desportivos (Sarmiento, et al., 2014). Para os autores Sousa, Garganta & Fonseca (2002) a análise do jogo a partir do comportamento dos jogadores tem-se assumido como um aporte significativo de informação para a evolução do treino e da competição. Tendo em conta Fradual et al., (2013) e Tenga, Mortensholm & O'Donoghue (2017) a análise do jogo de Futebol, tem vindo progressivamente a ganhar fama, com o objetivo de fornecerem análises úteis e práticas, de forma a que os treinadores e restantes elementos das equipas técnicas as utilizam, para tomarem decisões estratégicas (Clemente, 2018). Com o objetivo de potenciar o rendimento dos jogadores e das equipas, os clubes/treinadores podem atualmente contar com uma área, denominada de observação e análise de jogo, no âmbito do conhecimento da própria equipa, e do conhecimento da equipa adversária, contemplando para isso, nas equipas técnicas, intervenientes especializados, denominados treinadores analistas (Pereira J. J., 2017). A vertente da análise de jogo tem assumido uma importância muito grande ao longo dos anos, no que diz respeito ao estudo dos comportamentos dos jogadores e de uma equipa, sendo que muitos treinadores, presentemente, utilizam esta ferramenta para uma melhor organização do processo de treino, contribuindo para que o seu trabalho tenha mais sucesso (Ventura, 2013).

A utilização da observação e análise do jogo como meio para estudar o jogo de Futebol aumentou exponencialmente nos últimos 50 anos, implicando-a na evolução do

rendimento desportivo (Barreira, Garganta, Prudente, & Anguera, 2012). Tem existido uma progressão na pesquisa relativa à análise de jogo no futebol, de forma exponencial, desde 2011, e a literatura recente desde dessa data pode oferecer novos *insights* para a parte prática, se for organizada uma interpretação teórica e sistemática. A revisão de pesquisas publicadas em jornais referenciados tem contribuído para informar os pesquisadores sobre a evolução do conhecimento relativo à análise de jogo, sobre a caracterização de novas ferramentas para obter novas informações e, sobre a evolução de uma organização teórica referente aos pontos e conceitos chave pesquisados na área da observação e análise do futebol (Sarmiento, et al., 2014).

De acordo com Gil (2012), ao longo dos anos, as ciências do desporto têm procurado direcionar o seu interesse para os estudos relacionados com a análise de comportamentos individuais e coletivos das equipas, destacando-se o número de investigações relacionadas com a área da análise de jogo, caracterizando-se como parte fundamental nos processos de preparação desportiva. Ventura (2013), concorda com a afirmação anterior, ao destacar que, durante os últimos anos, os investigadores desportivos, agentes desportivos e treinadores de futebol, têm atribuído uma enorme relevância à área da observação e análise do jogo, nomeadamente no Futebol, onde esta se considera como sendo um importante instrumento de trabalho na modalidade. Ainda, de acordo com os autores Hughes & James (2008), Peñas et al., (2010) e Prieto, Paullis & Rodríguez (2014), todo o processo de observar e analisar permite transmitir ao treinador determinadas ideias acerca da própria equipa, auxiliando-o não só no planeamento do treino, como também na definição do plano tático-estratégico, em função dos pontos fracos e pontos fortes das equipas adversárias (Borges, 2021).

Ventura (2013), define como principal objetivo da observação e análise de jogo, o obter a informação detalhada, e de qualidade, da atividade competitiva da sua equipa e dos adversários, com vista ao controlo e à operacionalização do processo de treino. Garganta (1997), defende a observação e a análise do jogo como uma forma de interpretar a organização e as ações que promovem a qualidade do jogo e, tornar os conteúdos do treino mais específicos, por forma a estabelecer planos táticos mais adequados. Ainda segundo Ventura (2013), a análise de jogo está relacionada com a avaliação da própria equipa e dos adversários, como forma de, posteriormente à análise, adaptar o processo de treino para preparar a equipa. Segundo os autores Sarmiento, Pereira et al., (2014), os treinadores portugueses tendem a adaptar o seu processo de treino, com a alteração dos exercícios ou de variantes de exercícios, tendo em conta as características do adversário (Figueiredo, 2015). A necessidade de obter informação qualificada sobre o jogo, aumentando a assertividade na intervenção do mesmo, provocou o aparecimento de um departamento especializado numa análise

multidimensional, na avaliação do comportamento competitivo manifestado pelas equipas e pelos jogadores durante os jogos (Vázquez, 2015). Segundo o mesmo autor, a observação e análise do jogo é um complemento para a tarefa do treinador, facilitando o conhecimento mais aprofundado da própria equipa e da equipa adversária, e promovendo a obtenção de informação valiosa para mostrar uma maior congruência e especificidade no momento de elaborar os planos de jogo e de treino, que explorem ao máximo as condições dos jogadores, tendo em conta, a forma de jogar de cada adversário.

De acordo com Vázquez (2015) e Ventura (2013), o observador e analista deverá ter um perfil próximo ao do treinador, com conhecimento e experiência ao nível do treino e da análise tática do jogo, acrescentando ainda uma elevada capacidade para manusear softwares. De acordo com Garganta (2008), este perfil é fundamental, uma vez que, o grau de congruência entre o treino e a competição, depende em parte, da qualidade da informação obtida a partir da observação e análise dos comportamentos operacionalizados em ambos os contextos, bem como da respetiva aplicação (Vaz, 2019).

Segundo Pedreño (2018), o treinador analista é um membro da equipa técnica responsável por analisar o rendimento da própria equipa (coletiva e individualmente) e do adversário, a fim de recolher informações para serem transmitidas à equipa técnica. Ainda segundo Pedreño (2018), existe um conjunto de competências que um treinador analista deve ter (Borges, 2021):

- Possuir conhecimento sobre Futebol, dominando várias componentes e áreas: tática, técnica, psicológica, metodologia, preparação física e sociologia;
- Conhecer a categoria onde compete a equipa e os adversários;
- Um conhecimento aprofundado acerca do plantel, características técnico-táticas e psicológicas dos jogadores;
- Conhecer o modelo de jogo proposto pelo treinador;
- Domínio correto dos meios tecnológicos que se encontram disponíveis: câmara de vídeo, software informático específico de análise de jogo, aplicações de edição de vídeo etc.;
- Competências ao nível da comunicação, para que as informações cheguem com clareza à equipa técnica;
- Capacidade e conhecimento para auxiliar o treinador na criação da estratégia a adotar para o jogo. Propor ideias e soluções à equipa técnica para contrariar os pontos fortes do adversário e explorar os pontos fracos;

- Realizar análise estatística, contextualizando-a com o modelo de jogo, de modo que esta seja transformada em informação útil para o treinador;
- Ser uma pessoa ativa no dia-a-dia, procurando constantemente ir em busca de novos conhecimentos;
- Ter noção que o seu trabalho se encontra dependente das necessidades do treinador e da equipa;
- Ter a consciência que, analisar não significa só criticar, mas também apresentar soluções, reforçando comportamentos desejados junto dos jogadores.

O treinador analista para desenvolver as suas tarefas deve ter bem presente uma estratégia de intervenção, sabendo o que quer analisar, como vai ser realizado esse processo e como essa informação recolhida vai ser transcrita, apresentada e aplicada à programação e ao ajuste do modelo de jogo e de treino para melhorar o rendimento competitivo da equipa (Vázquez, 2015). Neste sentido, os treinadores analistas, têm como trabalho árduo uma recolha exaustiva de informação do tipo qualitativo e quantitativo, tanto da própria equipa como da equipa adversária, para que essa mesma informação possa ser analisada e resumida para o Treinador Principal, podendo, posteriormente, este elemento, modelar o processo de treino da sua equipa, aumentando desta forma a possibilidade de controlar um maior número de variáveis internas e externas ao seu jogo/jogar (Pereira J. J., 2017).

Em relação aos objetivos do trabalho, passam por perceber, com base nos artigos consultados, as informações que existem referentes à temática da observação e análise de jogo, nos diferentes contextos. Procurou-se entender o planeamento do microciclo do treinador analista inserido no contexto da análise do jogo, e as tarefas respetivas a esse momento, dentro de um microciclo semanal na preparação para um jogo.

Neste sentido, este trabalho é importante para averiguar o objetivo do trabalho exposto acima, através de uma revisão bibliográfica que serviu de suporte à investigação sobre a temática da análise do jogo, de forma a, futuramente, avançar com um estudo mais aprofundado sobre esta temática no Futebol.

2.2 Enquadramento Teórico

Nos desportos coletivos e no Futebol em particular, o resultado competitivo e o rendimento competitivo não são conceitos sinónimos. O jogo encerra em si uma grande quantidade de informação, tanto em termos individuais, como em termos coletivos, pelo que se torna complicado avaliar o rendimento das equipas e dos jogadores. Desta forma, a análise de jogo desponta como meio instrumental primordial na avaliação da performance. De acordo com Garganta (2001), a análise de jogo é uma forma de estudo do comportamento das equipas e dos jogadores nos jogos desportivos coletivos e, pode ser entendida como o processo de recolha, de tratamento e análise de dados, a partir do desenvolvimento de instrumentos e métodos específicos que pretendem garantir aportes substanciais ao entendimento da performance. Segundo Vázquez (2015), trata-se de uma tarefa na qual é necessário procedimentos de análise complexos tanto na perspetiva conceptual como metodológica (Campos, 2019).

Atualmente, os investigadores desportivos, agentes desportivos e treinador de futebol, têm atribuído uma maior importância à área da observação e análise do jogo no Futebol, considerando-a uma ferramenta de trabalho imprescindível (Ventura, 2013).

A observação e análise do jogo e da performance, é atualmente uma prática determinante na preparação das equipas de Futebol e, tem como objetivo auxiliar, de forma positiva, o treinador no processo de treino e competição (Ventura, 2013). Segundo os autores Gama et al., (2017), Garganta (2008) e Ventura (2013), através da identificação e codificação de ações individuais, grupais e coletivas da própria equipa ou da equipa adversária, o treinador tem na análise e observação uma ferramenta importante para otimizar a performance individual e coletiva, atribuindo-lhe por isso muita relevância (Vaz, 2019). Vázquez (2015) corrobora a ideia que atualmente, torna-se imperativo nas equipas de primeira linha, a presença de um departamento que permita aos especialistas, realizar uma observação e uma análise multidimensional do jogo, avaliar o comportamento competitivo das equipas e dos jogadores durante os jogos, permitindo desta forma concretizar e caracterizar as exigências específicas impostas aos mesmos. A observação e análise é de tal ordem fundamental, que assume uma particular importância na prática corrente do treinador, onde todos os intervenientes começam a reconhecer o seu devido valor (Ventura, 2013). Atualmente, o especialista na área da observação e análise do jogo, isto é, o Treinador Analista, tem que estar envolvido numa equipa técnica, de forma a recolher informações sobre a sua equipa ou sobre as equipas adversárias e, é inequívoco que o processo de recolha de informação da parte desse Treinador Analista, tenha inerente a informação precisa e pertinente relativamente à performance desportiva de uma equipa ou individual, abarcando as

dimensões técnicas, táticas, físicas e psicológicas, permitindo, desta forma, relacionar o rendimento coletivo e individual com as estratégias e táticas a utilizar. Segundo Caixinha citado por Ventura (2013), “os treinadores e respetivas equipas técnicas esforçam-se por desenvolver um trabalho exaustivo de caracterização das suas equipas e respetivos adversários, tendo como objetivo controlar e conhecer o maior número possível de variáveis que possam influenciar o rendimento desportivo”. Segundo Ventura (2013), é cada vez mais recorrente e necessário os treinadores rodearem-se de especialistas nas mais variadas áreas de forma a recolherem a informação pertinente relativa à própria equipa e à equipa adversária. Pedreño (2014), corrobora a mesma ideia, afirmando que cada vez mais se verifica uma profissionalização crescente na área da observação e análise de jogo, uma vez que, atualmente grande parte das equipas profissionais integram nas suas equipas técnicas um treinador analista. A preparação para os jogos é considerada um momento de estudo detalhada e de tempo que se dedica para analisar a própria equipa, assim como a equipa adversária, em que todos os colaboradores têm influência neste processo (Ancelotti, 2013). Neste sentido, existe uma maior necessidade de inserção de equipas técnicas multidisciplinares que englobem um Treinador Analista, com a finalidade de melhorar o rendimento da equipa, procurando conduzi-la ao sucesso, estando a par de um conhecimento detalhado da própria equipa e da equipa adversária. As equipas técnicas pretendem conhecer e controlar o maior número de fatores, sejam estes relativos à própria equipa ou à equipa adversária, em qualquer contexto. Desta forma, para as funções dos Treinadores Analistas, tudo se torna mais fácil quando estes se encontram em estruturas organizacionais de topo, onde são utilizados programas profissionais e softwares especializados, com o objetivo de retirar dos mesmos o maior potencial possível. Com isto, é de enorme reconhecimento e de excelência os clubes que possuem uma estrutura organizacional a este nível e, além disso, conseguem fornecer estas ferramentas aos seus departamentos de observação e análise de jogo.

Segundo diversos autores (Carling, Williams & Reilly, 2005; Nevill, Atkinson & Hughes, 2008; ect), na literatura especializada sobre a análise de jogo, é relativamente frequente encontrar classificações interessantes cujo objetivo passa por apresentar de uma maneira resumida as principais transformações realizadas no processo metodológico da análise de jogo no futebol, identificando-se quatro formas fundamentais

de análise: análise visual, análise notacional, análise baseada em vídeo e análise baseada em tecnologia informática (Vázquez, 2015).

Formas	Caraterísticas	Limitações
Análise Visual	<p>Supõe a forma mais antiga e básica de análise de jogo em futebol.</p> <p>Baseia-se unicamente na habilidade e experiência observacional e memorística do analista, investigador ou treinador</p>	<p>Representa um modo de análise subjetivo, influenciado pelos preconceitos e perceções pessoais do observador.</p> <p>A fiabilidade das análises é reduzida, devido à não utilização dos meios e métodos específicos para o registo dos acontecimentos do jogo.</p>
Análise Notacional	<p>Supõe uma evolução sobre o procedimento anterior, ao ser menos dependente da capacidade memorística do observador.</p> <p>Baseia-se na anotação em tempo real (“papel e lápis”), dos acontecimentos básicos que se sucedem durante os jogos para a sua revisão e análise posterior</p>	<p>Igual ao que se verifica na análise visual. O facto de, se analisar o jogo em tempo real, pode comprometer a fiabilidade e a precisão da informação registada</p>
Análise baseada em vídeo	<p>Baseia-se em uma análise de jogo a partir de uma gravação prévia do jogo, em que há a possibilidade de ver várias vezes os principais eventos do jogo permitindo levar a cabo uma análise mais objetiva, precisa e fiável por parte do treinador e/ou investigador.</p> <p>A gravação dos eventos do jogo, uma vez categorizados e avaliados, supõe uma fonte interessante de feedback para os jogadores.</p>	<p>Se o vídeo do jogo não estiver previamente editado e estruturado em diferentes categorias de sequências-eventos, supõe um meio pouco flexível e linear, obrigando o observador a ver partes do jogo pouco interessantes e irrelevantes.</p>
Análise baseada em tecnologia informática	<p>Supõe uma forma mais avançada, precisa e objetiva de analisar o jogo, permitindo obter informação do mesmo, tanto de natureza qualitativa como quantitativa.</p> <p>Permite o armazenamento de grandes quantidades de informação, assim como uma fácil e ágil organização e recuperação da mesma, por parte do treinador e/ou investigador.</p> <p>Baseia-se numa gravação digital do jogo e numa posterior transmissão do mesmo para um programa informático especificamente configurado para analisar os principais fatores que influenciam o rendimento manifestado por uma equipa ou jogador.</p>	<p>Requer um processo, às vezes árduo, de aprendizagem e familiarização com o <i>software</i> por parte do analista.</p> <p>A máxima exploração dos recursos que oferecem este tipo de tecnologias dependerá da capacidade e do “talento” do treinador e/ou investigador para analisar aspetos realmente relevantes do jogo, assim como para interpretar a informação obtida de um modo correto.</p>

Figura 26 - Resumo da evolução das formas de análise do jogo (adaptado de Vázquez, 2015)

A evolução tecnológica ao nível da observação e análise de jogo também tem sido utilizada para a realização de estudos que procuram a validação de determinados sistemas tecnológicos de análise ou o desenvolvimento de novos indicadores e instrumentos de recolha de dados estatísticos que possam auxiliar a explicar o jogo – Big Data (Pereira C. , 2022). É fundamental encontrar a abordagem correta para a utilização da Big Data, que pode vir a tornar-se um aspeto central para o sucesso desportivo. (Memmert & Rein, 2018).

De acordo com Vázquez (2015), o estudo do jogo a partir da observação do comportamento dos jogadores e das equipas não é algo recente, tendo aparecido como produto da necessidade de incrementar o grau de conhecimento sobre o jogo e o nível de especificidade no momento de implementar metodologias de treino cada vez mais congruentes com a realidade analisada (Costa, 2019). Ainda segundo (Vázquez, 2015), com o objetivo de potenciar o rendimento dos jogadores e das equipas, os clubes e os treinadores recorrem à área da observação e análise de jogo, no âmbito do conhecimento da própria equipa e do adversário e, onde a necessidade obter informação qualificada sobre o jogo, provocou o aparecimento de um departamento especializado numa análise multidimensional, na avaliação do comportamento competitivo coletivos e individuais evidenciados durante os jogos (Costa, 2019).

No âmbito desportivo em geral, importa destacar que as formas mais utilizadas para observar os eventos competitivos são aquelas que possibilitam uma visualização global dos mesmos, sejam elas de forma instantânea, pela presença física do treinador analista em competição, ou de forma retardada, uma vez decorrido um determinado tempo desde o acontecimento do evento. Neste caso, o treinador analista irá interpretar ambas as formas como complementares para desenvolver o seu trabalho, sendo utilizadas convenientemente em função dos interesses e objetivos do mesmo (Vázquez, 2015).

O maior desafio para os treinadores analistas no desporto passa por descortinar o modo como as equipas geram determinados comportamentos, configurando padrões que, com probabilidade superior ao acaso, induzem performances desportivas de sucesso (Costa, 2019).

Segundo Garganta & Barreira (2017), as tarefas de um Treinador Analista passam por:

- Propor e operacionalizar um modelo operativo de análise específico (do treinador/equipa e respetiva conceção de jogo);
- Encontrar regularidades na forma de jogar das equipas e dos jogadores;
- Qualificar e quantificar o rendimento manifestado pelos participantes no jogo, nas variáveis escalas de rendimento;

- Interpretar o observado – apresentar nuances estratégicas para a aplicação em treino da informação recolhida. (Teixeira, 2017).

Segundo Sánchez (2015), antes de realizar uma observação, devemos ter em conta: “o quê”, “quem”, “como”, e “quando” observar, sem perder a perspetiva do “porquê?” e “para que” se faz, assim como a objetividade de tudo aquilo que se observa.

Segundo Ventura (2013), o processo de observação e análise na modalidade de futebol, pode ser dividido em três vertentes:

- Observação Direta: é a análise do jogo “in loco”, onde o treinador analista tem que se deslocar ao local da competição, de forma a retirar informações, não só sobre o jogo, mas também sobre o contexto inerente;
- Observação Indireta: consiste em analisar o jogo através de formato de vídeo, sem haver a necessidade de deslocação ao local da prática, sendo que este tipo de observação permite uma observação mais detalhada sobre a equipa a analisar, derivado da possibilidade de manipulação do vídeo;
- Observação Mista: consiste na junção das duas observações anteriormente descritas, retirando o melhor que ambas têm para oferecer, permitindo uma complementariedade entre estas. É o tipo de observação mais rigorosa e que permite uma melhor identificação do adversário.

Ainda segundo Ventura (2013), todo este processo de recolha de informação, deve estar ligado com a utilização de outras plataformas e suportes tecnológicos de forma a complementar a informação recolhida, procurando dados sobre estas variáveis informativas relacionadas com o jogador ou com a equipa.

O autor Sánchez (2015), divide o processo de trabalho de um Treinador analista em 5 fases: 1) captação da informação necessária; 2) classificação da informação obtida; 3) análise da informação; 4) aplicação e desenvolvimento da metodologia de análise; 5) entrega de um relatório técnico ou vídeo informativo.

O processo de observação e análise do jogo é algo que consiste em recolher e examinar comportamentos coletivos e individuais desenvolvidos por equipas e jogadores durante os jogos, tratando de identificar determinadas regularidades nas mesmas, com o objetivo de reconhecer a estrutura organizativa predominante e avaliar a eficácia operativa da mesma, através de relatório técnicos (Vázquez, 2015). A observação e análise do jogo é um processo, que objetiva a gravação e análise de comportamentos, decorrentes da competição, providenciando informação sobre o desempenho coletivo e individual, facilitando uma posterior intervenção técnica (Lago, 2009). Garganta (2008), acrescenta que a Análise de Jogo pode ser extremamente útil para os treinadores, de modo a identificarem regularidades e padrões num jogo cuja

lógica interna apresenta-se caótica e com um altíssimo nível de incerteza e imprevisibilidade.

De acordo com Azevedo (2011), a divisão do jogo de Futebol em momentos do jogo confere ao mesmo um caráter mais fluído, contínuo e não faseado ou quebrado, uma vez que, estes momentos estão articulados e acontecem numa dependência relacional mútua (Figueiredo, 2015). É um meio importante para aceder ao conhecimento do jogo, quer seja no que concerne às exigências físicas, quer no que respeita à expressão tática e técnica dos comportamentos.

Segundo (Ventura, 2013), o principal objetivo da observação e análise de jogo passa por obter a informação pormenorizada e de qualidade, do funcionamento competitivo da sua equipa, dos seus jogadores e dos adversários, com a finalidade de controlar e operacionalizar o processo de treino, permitindo uma avaliação acerca do processo desenvolvido em conjunto com os jogadores a nível individual e coletivo. Neste sentido, a observação, análise e interpretação do jogo diz respeito a todo o processo de recolha e tratamento da informação acerca de ações e comportamentos coletivos e individuais, da própria equipa, e/ou dos adversários e a posterior prescrição/modelação do treino e apresentação da informação (Pereira J. J., 2017).

Para Vázquez (2015), o processo de análise de jogo consiste em recolher e examinar os comportamentos coletivos e individuais desenvolvidos por equipas e jogadores durante os jogos, de forma a identificar padrões, com o objetivo de reconhecer a sua estrutura organizativa predominante e avaliar a eficácia da mesma através da edição de relatórios técnicos (Costa C. , 2019).

Segundo Neto & Matos (2008) a observação e análise do jogo deve ser dividida em três fases: a fase de preparação, que é efetuada antes do jogo; a fase da observação propriamente dita, que se efetua durante o jogo; a fase de análise propriamente dita, que se efetua após o jogo. Os autores Carling, Williams, & Reilly (2005) dividem também a análise de jogo no futebol em 3 momentos, onde o primeiro consiste na análise “pré-jogo”, em que é recolhida informação relativa ao próximo adversário, seja do ponto de vista quantitativo (tratamento de dados estatísticos relativos aos jogadores, aos seus desempenhos etc.), seja do ponto de vista qualitativo, geralmente suportando a análise com recurso a vídeo. Alguns treinadores consideram útil a gravação das sessões de treino com o objetivo de utilizar os *clips* produzidos para reforçar aspetos positivos ou negativos do treino ou para permitir uma comparação do desempenho entre o treino e o jogo. No momento “durante o jogo”, a tendência, segundo os mesmos autores, passa pelo recolha de indicadores estatísticos previamente definidos e pela seleção de *clips* de vídeo que podem ser vistos logo durante o intervalo ou no final do jogo. O momento de análise “pós-jogo”, foca-se principalmente no desempenho da própria equipa e pode

envolver a elaboração de um relatório do jogo, do ponto de vista quantitativo e qualitativo (*clips* de vídeo), auxiliando na definição de prioridades relativamente aos conteúdos de treino a abordar durante a semana.

Para Ventura (2013), a fase de observação (recolha de informação) reporta-se ao ato de observar o que se quer observar, a fase de preparação consiste na decisão do que se quer observar, sendo prévio ao ato de observar, como e onde se vai observar e quem vai observar, por fim a aplicação (análise de informação/planeamento) trata de analisar e utilizar a informação recolhida objetivando a análise da performance dos jogadores.

Em relação aos períodos de intervenção relativos à análise de jogo, ou seja, os períodos pré-jogo, jogo e pós-jogo, é importante fasear este ciclo. A fase pré-jogo, é uma fase que engloba a informação tanto da própria equipa como da equipa adversária, utilizando o recurso a determinadas filmagens e dados estatísticos de treinos e de jogos numa perspectiva de melhorar a própria equipa (tendo em conta o último jogo), assim como, de precaver eventuais pontos fortes, e fragilidades da próxima equipa adversária para que o jogo (momento de avaliação) possa ser preparado da melhor forma possível (Pereira J. J., 2017). Durante a fase pré-jogo, os treinadores analistas podem recolher informações, através de filmagens e dados estatísticos, relativamente à equipa adversária, através da sua observação e análise, criando uma expectativa sobre o possível cenário relativo à estratégia tática que irá ser providenciada pela equipa adversária, assim como uma análise aos jogadores adversários, permitindo ao treinador principal, estar mais e melhor informado quanto à forma como poderá contra-atacar os pontos fortes e fracos dessa mesma equipa e, relativamente à própria equipa durante os treinos e jogos que permita ao treinador melhorar determinados aspetos e comportamento pretendidos para a sua equipa e para os seus jogadores (Carling, Williams, & Reilly, 2005).

Em relação ao momento do “durante” da observação e análise do jogo de futebol, o treinador analista tem como tarefa mais importante a análise do jogo ao vivo. Segundo Vásquez (2012), a análise da própria equipa no momento da competição é uma tarefa fundamental, uma vez que, o jogo é o “teste de controlo da qualidade” da organização da própria equipa e, nesses momentos é imprescindível obter informação que nos permita orientar e modelar o processo de treino (Pimenta, 2019). A existência de uma observação do jogo ao vivo, a partir de uma vista superior, ou seja, na bancada, é importante para o treinador principal, pois é uma visão que permite captar uma maior informação, que seja pertinente transmitir ao treinador de forma a auxiliá-lo. Durante o jogo, o Treinador tem a possibilidade de efetuar uma análise sobre aquilo que sucedeu ao longo do mesmo, tanto na primeira parte como na segunda parte, mas tendo como

maior relevância a primeira parte, devido à intervenção que o Treinador poderá ter perante a sua equipa ao intervalo (mediante feedback/instrução) estando possibilitado a proceder a alterações de natureza tática, técnica e psicológica através de uma análise prévia ao intervalo, das ações, dos comportamentos coletivos e individuais (informação providenciada pelos treinadores analistas) (Pereira J. J., 2017). Segundo o Vázquez (2015), o processo de observação e análise durante o jogo tem como recurso tecnologias digitais modernas que permitem ao treinador ter o feedback do desempenho da sua equipa, em vídeo, caso seja necessário. O momento do pós-jogo permite ao Treinador realizar uma análise, uma interpretação e uma reflexão sobre todo o processo que condiciona o resultado, isto é, o jogo, permitindo ao Treinador decidir o que fazer em termos metodológicos, se deve continuar ou alterar a forma de operacionalizar aquilo que pretende para a sua equipa (Pereira J. J., 2017). Nesta fase pós-jogo, é realizada uma revisão detalhada sobre o desempenho individual e coletivo da própria equipa, envolvendo uma análise quantitativa e qualitativa possibilitando ao treinador definir os comportamentos individuais e coletivos que devem ser melhorados.

A figura 29, evidencia as tarefas a realizar em cada uma das fases acima mencionadas, ou seja, as diferentes etapas do processo de análise do jogo.

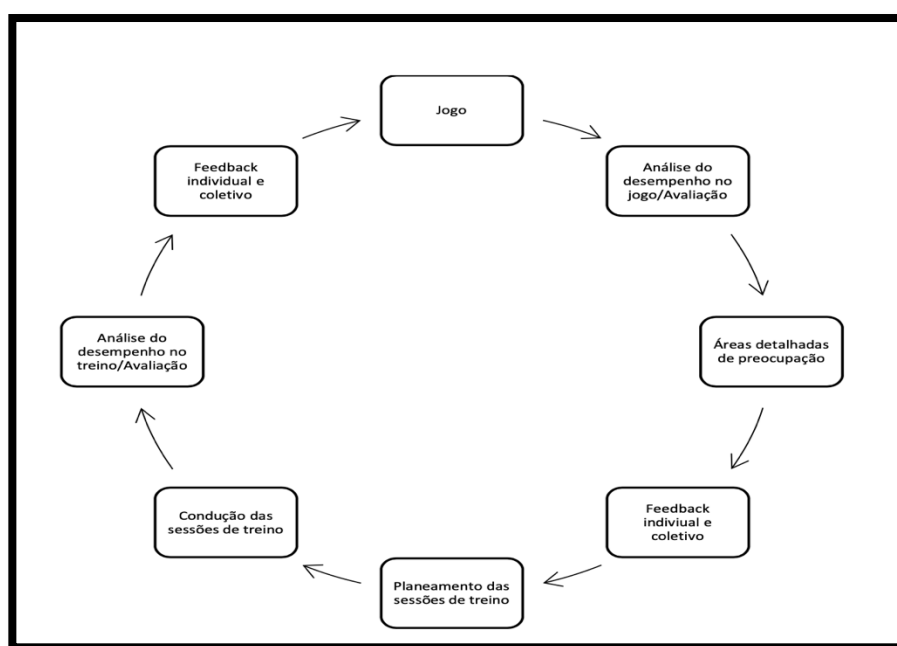


Figura 27 - As diferentes etapas do processo de análise de jogo

(Carling, Williams, & Reilly, 2005)

No que diz respeito à análise dos adversários, esta deverá focar-se na filosofia de jogo, sistema de jogo base, características da organização defensiva, características da organização ofensiva, momentos de transição, características individuais dos

jogadores e esquema táticos com o objetivo desta informação ser utilizada em treino e competição (Lago, 2009). Carneiro (2016), indica que a análise de jogo, na perspetiva da análise das equipas adversárias, revela-se como um complemento estratégico importante, ao qual todos os treinadores querem aceder e, dessa forma, torna-se essencial que nas estruturas técnicas existam, pelo menos, um elemento com funções específicas nesta área. Noutro estudo, Silva (2017), afirma que a observação e análise do jogo assume-se como preponderante para a preparação de equipas de elite. A análise do jogo, considerando a equipa adversária, é um ponto determinante na preparação da equipa e da estratégia de jogo. As informações transmitidas aos jogadores, relativas à equipa que vão defrontar são um importante complemento de conhecimento (Costa C. , 2019).

Segundo Ventura (2013), existem determinados parâmetros a ter em conta pelo Treinador Analista no momento de identificação e caracterização da equipa adversária:

- Modelo de jogo do adversário;
- Dinâmicas ofensivas e defensivas, incluindo os esquemas táticos;
- As substituições mais frequentes e a forma como estas alteram a dinâmica da equipa;
- A forma como a equipa se comporta consoante o resultado do jogo;
- Padrões coletivos em função da realização do jogo em casa ou fora;
- Caracterização dos jogadores referência.

Segundo Pedreño (2014), um relatório de observação a um adversário, este deve conter os seguintes parâmetros:

- Análise da dinâmica de jogo, onde devem ser incluídos os quatro momentos do jogo mais os esquemas táticos;
- Informação relativamente à análise individual do plantel;
- Sistema de jogo mais frequente;
- Descrição dos comportamentos padrão em cada fase e por setores;
- Pontos fortes e fragilidades da equipa adversária;
- Apresentação da informação de forma sintetizada e resumida.

Pedreño (2018), indica que a análise da equipa adversária deve incluir o desenvolvimento das seguintes tarefas: 1) analisar os quatro momentos do jogo, bem como as suas dinâmicas e também as bolas paradas; 2) avaliar e reter a informação acerca do plantel adversário; 3) analisar o sistema de jogo mais comum, as suas variações e as características que o definem; 4) analisar os comportamentos padrão intersetoriais; 5) detetar pontos fortes e pontos fracos; 6) criar um plano estratégico

operacional para o microciclo; 7) analisar possíveis condicionantes externas recorrentes do jogo; 8) editar vídeos, e animações em vídeo (Costa C., 2019; Borges, 2021).

Os autores Ramos & Festas (2004) referem que se deve procurar conhecer, quer individualmente, quer coletivamente, as fraquezas e os pontos fortes do adversário, de forma a minimizar as surpresas táticas e estratégicas (Lopes, 2005). Ventura (2013) concorda com este aspecto, uma vez que, defende que a observação e análise da equipa adversária pretende facilitar as tarefas do treinador, tornando os seus processos de intervenção mais eficazes, contribuindo para o conhecimento das características do adversário, relativamente à sua forma de jogar, à identificação de padrões coletivos e individuais, permitindo assim a criação de um plano para o jogo contornando desta forma eventuais surpresas.

Segundo Vázquez (2015), a observação e análise das equipas adversárias é um dos fatores que contribui para que as equipas apresentem níveis mais elevados e cada vez melhores, existindo uma tendência maior para a igualdade competitiva entre as equipas, devido ao conhecimento que cada uma tem relativamente à equipa adversária.

Ventura (2013), refere que a observação das equipas adversárias serve para analisar as características das mesmas, procurando identificar padrões coletivos que possam auxiliar o treinador a preparar da melhor forma o jogo, sabendo que quanto maior for o conhecimento do adversário, mais eficaz se pode tornar o trabalho do treinador (Marques, 2019). Tendo em conta a natureza da modalidade em questão, a dimensão estratégica revela-se como um dos aspetos que parece influenciar o modo como os treinadores de elite preparam as suas equipas. Embora existam ideias diferentes acerca desta dimensão, é praticamente transversal a constatação da importância que esta tem. A dimensão estratégica, para ser devidamente contemplada, não deverá ser entendida enquanto algo independente do processo de construção de uma forma de jogar, devendo, ao invés disso, desenvolver-se com este. Neste sentido, segundo Tamarit (2013), o grau de manipulação da estratégia, deve estar muito dependente da identificação que a equipa tem com as suas próprias ideias, ou seja, a estratégia deve estar sobredeterminada pela dimensão tática da equipa e não o inverso (Pimenta, 2019).

Segundo Neto (2014), a observação dos adversários e da própria equipa tem em comum a orientação para o modelo de jogo, identificando e interpretando o adversário e, avaliando a performance, individual e coletiva da própria equipa (Marques, 2019). O conhecimento do adversário deve condicionar a nossa estratégia operativa para o jogo, contudo, não significa com isto a alteração dos nossos padrões de jogo, mas sim a capacidade de adaptar determinados aspetos e comportamentos, tendo em conta a especificidade da equipa adversária, de forma a conseguirmos encontrar um encaixe,

que nos permita que os nossos pontos fortes se sobreponham às fragilidades do adversário, procurando obter o melhor rendimento possível (Pereira J. J., 2017). Neste sentido, torna-se também importante que, durante este processo, os jogadores e treinadores sejam capazes de estabelecer questões relacionadas com a forma de jogar da equipa adversária, assim como da própria equipa, tanto antes, como durante e após o jogo, de modo a obter soluções e maneira mais eficiente tanto para a prescrição do treino, como para a condução do próprio jogo (Pereira J. J., 2017). Um treinador deve procurar de forma constante evoluir o seu método, de forma a provocar eventuais alterações, assim como antecipar também essas modificações (Ancelotti, 2013).

Em relação à análise da própria equipa, esta tem como objetivo analisar as forças da mesma, para as potenciar e, identificar as fraquezas da equipa para as corrigir e colmatar (Lago, 2009). Segundo Carling et al. (2007), no que diz respeito à análise da própria equipa, os principais objetivos passam pela identificação de aspetos positivos que possam ser potenciados e aspetos de melhoria que possam ser identificados para melhoria (Pereira C. , 2022). Ainda em relação à observação da própria equipa, é fundamental que exista um conhecimento detalhado acerca do modelo de jogo da equipa, desde as ideias do treinador principal, relativamente ao modo como ambiciona que a equipa jogue, às características dos jogadores e do clube, entre outros fatores (Pimenta, 2019).

A prioridade passa por preparar o meio que controlamos, sendo que esse meio passa pela nossa própria equipa, pelas nossas ideias, pelos nossos princípios, subprincípios e subprincípios de subprincípios (Pereira J. J., 2017). A análise de jogo da própria equipa deve ser um processo decorrente de toda a época desportiva e que à medida que o nível do jogo progride, existe uma maior importância que vai sendo atribuída à análise da equipa adversária, de forma a perceber os seus pontos fortes, assim como as suas fragilidades. Neste sentido, importa considerar aquando da priorização, a análise da própria equipa, sem descuidar a análise da equipa adversária, visto que, estes dois processos são fundamentais no desporto de alto rendimento (Pereira J. J., 2017).

A análise da própria equipa permite desenvolver segundo Pedreño (2014), as seguintes tarefas: analisar os comportamentos táticos da equipa e a competição em que ela está inserida; avaliar e analisar o rendimento físico, técnico, tático coletivo e individual; analisar atitudes psicológicas quer individuais quer coletivas; analisar os treinos de forma a avaliar o rendimento durante o mesmo, tal como autoavaliar as tarefas da equipa técnica durante os treinos. Neste sentido, o planeamento do microciclo do treinador analista com vista ao jogo de Futebol, no contexto da observação e análise do jogo, correlacionam-se, principalmente no Futebol de alto rendimento, uma vez que,

durante o microciclo semanal, prévio a uma competição ao fim de semana, por exemplo, existe uma análise ao adversário que é realizada e apresentada ao pormenor, tanto à equipa técnica como aos jogadores (dependendo das ideias do treinadores em relação a tal) e, também existe após o dia da competição, a análise do jogo da própria equipa, podendo ser uma análise mais individual, mais setorial, ou inclusive, conjunta com o grupo todo.

De acordo com Garganta (2008), o nível de concordância entre o processo de treino e competição está em parte dependente da informação obtida a partir do processo de observação e análise dos comportamentos coletivos e individuais, desenvolvidos em ambos os contextos, assim como da aplicação da informação obtida. Segundo Ancelotti (2013), os jogadores devem estar convencidos que o resultado obtido será a expressão daquilo que é desenvolvido na planificação semanal tanto fora do campo, como dentro do campo, quer pela análise efetuada sobre a própria equipa como da equipa adversária. Segundo Castelo (2014), quer seja feita a análise da própria equipa, quer seja da equipa adversária, é importante a elaboração de um modelo de análise que assegure os aspetos considerados pertinentes para a otimização da equipa e dos seus jogadores, no treino e para o jogo e, neste sentido, a um modelo de jogo deverá corresponder, também, um modelo de observação e análise (Silva P. , 2017). Na preparação do treino deve ter-se em consideração as diferentes escalas de interação (coletiva, intersetorial, setorial, grupal e individual), de forma a criar interações ricas entre os jogadores e, para tal, na construção dos exercícios, o treinador deve ter em conta as suas ideias base, os problemas que têm que ser resolvidos e ir àquilo que é o jogo (estruturas e subestruturas da própria equipa e do adversário) para desenvolver contextos que manifestem a interação destes aspetos e, neste âmbito, o plano estratégico de jogo só se torna útil, a partir do momento em que as diferentes soluções são treinadas (Silva G. , 2016). Ou seja, passar pelo conhecimento dos problemas que o adversário pode causar e treinar os aspetos estratégicos que sejam as melhores soluções para as resoluções desses problemas e, neste sentido, a estratégia é algo que surge em função das competências que a nossa equipa evidencia em termos coletivos para a resolução dos problemas do jogo (Silva G. , 2016).

Atualmente, o jogador deve ser dotado de determinados mecanismos perceptivos, devendo este ser o mais eficaz eficiente possível na sua tomada de decisão, possuindo uma grande variabilidade no seu repertório de resoluções táticas, que permita resolver problemas provocados pelo jogo, tendo como suporte uma elevada capacidade técnica para dar resposta às soluções encontradas a esses mesmos problemas (Pereira J. J., 2017). O jogador deve procurar aumentar a sua assertividade ao processar informação face às variáveis do jogo, permitindo-o, tendo em conta, a

elevada complexidade que o jogo exige, a adaptar a antecipar diferentes problemas consequentes da imprevisibilidade que o jogo proporciona e, neste sentido, a observação e análise de jogo é fundamental no dia a dia das equipas técnicas (Pereira J. J., 2017). O conhecimento melhora a operacionalização, desta forma, é importante colocar à disposição para os jogadores e treinadores, a melhor informação possível e tudo aquilo que possa constituir como apoio útil para a preparação da estratégia do jogo, permitindo assim reduzir ao mínimo os riscos devidos do carácter imprevisível das situações do jogo (Pereira J. J., 2017). Segundo este autor, os recursos de um departamento de observação e análise, permitem ao jogador e ao treinador processar informação de forma mais eficiente, dada a maior capacidade em entender, analisar e decidir através desses recursos, dotando os jogadores e treinadores de ferramentas que permitam antecipar cenários e criar feedbacks sempre numa perspectiva de preparação e melhoria de eventuais processos de jogo e de treino, com resposta aos cenários recorrentes do jogo.

2.3 Apresentação do Problema / Objetivos

Em relação à temática do estudo em questão, o principal objetivo passou pela análise dos diferentes momentos da observação e análise do jogo de Futebol (focando principalmente no momento do “antes”, ou seja, no planeamento do microciclo do treinador analista), tendo em conta, aquilo que é realizado nos contextos práticos profissionais e semiprofissionais, e procurando perceber, de que forma é que essa análise influencia o microciclo semanal de preparação de um jogo.

Através da realização de entrevistas a elementos dos departamentos de análise e observação de clubes profissionais / semiprofissionais da 1ª Liga, da 2ª Liga e da 3ª Liga, teve-se em vista procurar perceber a estrutura de um microciclo semanal, relativamente às tarefas de análise do jogo. Para tal, para o planeamento do microciclo do treinador analista existem diferentes dimensões onde foram englobadas as perguntas feitas durante as entrevistas. Estas dimensões estão evidenciadas abaixo.

Planeamento do microciclo do treinador analista:

- Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista;
- Importância da análise do adversário;
- Aspetos a ter em conta na análise do adversário;
- Relevância da análise estatística;
- Importância da análise da própria equipa;
- Relevância da análise individual ou setorial da própria equipa;
- Relevância da análise individual dos adversários;
- Importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise;
- Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo);
- Melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo;
- A importância de um analista no processo de treino;

Agora, de forma a caracterizar o planeamento do microciclo do treinador analista, este diz respeito à semana que antecede o dia do jogo, ou seja, sendo o jogo ao domingo, o planeamento do microciclo do treinador analista está relacionado com o microciclo semanal que antecedeu esse jogo (2^afeira – Sábado).

Para a realização deste estudo e para a aplicação das entrevistas, foram, desta forma, definidas as seguintes questões:

1. Que importância deve ser atribuída a um departamento de observação e análise de jogo ou ao treinador analista?
2. Qual a importância que assume a análise do próximo adversário?
 - 2.1 – Quais os aspetos que consideram mais importantes ter em conta?
 - 2.2 – A análise estatística é relevante?
3. Qual a importância que assume a análise da própria equipa, tendo em conta o(s) jogo(s) anterior(es)?
4. Considera relevante a realização de análise individual ou setorial da própria equipa, tendo em conta o(s) jogo(s) anterior(es)?
5. Qual a relevância que assume a realização de uma análise individual dos jogadores adversários?
6. Qual a importância, na sua opinião, que os jogadores atribuem ao processo de observação e análise do jogo?
 - 6.1 – Considera que os jogadores atribuem maior importância à observação da própria equipa ou à observação da equipa adversária, ou existe uma importância repartida?
7. Tendo em conta a importância que considera existir na análise do jogo, qual a melhor forma de inserir esse tema ao longo do microciclo (por exemplo 4 sessões de treino) de preparação para um jogo?
8. Para si, qual a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, seja do adversário ou da própria equipa?
9. Na apresentação dos relatórios ou vídeos relativos à equipa adversária, quem considera que deve ser o apresentador: Treinador principal, Treinador analista, ou Treinador adjunto?
10. Considera importante a presença do(s) treinador(es) analista(s) no processo de treino?

2.4 Metodologia

2.4.1 Caracterização da Amostra

Este estudo, projetou-se que fosse desenvolvido com a participação de dez treinadores analistas ou elementos pertencentes aos departamentos de Observação e Análise em clubes de contextos profissionais ou semiprofissionais.

A amostra do respetivo estudo foi composta por dez Treinadores Analistas ou elementos dos departamentos de análise e observação de contextos profissionais ou semiprofissionais.

Dos dez elementos, quatro pertencem ao contexto da 1ª Liga, três estão englobados no contexto da 2ª Liga e outros três inseridos no contexto 3ª Liga.

Para esses elementos poderem participar no estudo, existiram critérios de inclusão e de exclusão que foram tidos em conta na escolha dos participantes. A tabela 13, diz respeito a esses critérios de inclusão e de exclusão.

Tabela 13 - Critérios de inclusão e exclusão para a escolha dos participantes

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
Tem de estar a desempenhar funções em contextos profissionais ou semiprofissionais	A desempenhar funções fora dos contextos profissionais ou semiprofissionais
Ter mínimo de 3 anos de experiência na área de observação e análise	Ter menos de 3 anos de experiência na área de observação e análise
Tem de estar a desempenhar a função de treinador analista, ou estar ligado à área de observação e análise ou ter desempenhado nas últimas duas épocas essa função	Não ser treinador analista, ou nunca ter estado ligado à área de observação e análise

Na tabela 14, estão descritos, de forma organizada, como foram tratados os dados dos elementos participantes no estudo.

Tabela 14 - Dados dos elementos participantes no estudo

Participantes	Idade	Anos de Experiência na área da observação e análise	Contexto Atual
A1	27 anos	5 anos	1ª Liga
A2	27 anos	7 anos	
A3	31 anos	9 anos	
A4	35 anos	7 anos	
A5	26 anos	4 anos	2ª Liga
A6	31 anos	8 anos	
A7	31 anos	8 anos	
A8	29 anos	4 anos	3ª Liga
A9	35 anos	3 anos	
A10	27 anos	3 anos	

2.4.2 Materiais a utilizar e Recursos necessários

Para a realização deste estudo, foram utilizados determinados materiais e recursos para auxiliar. Na realização das entrevistas, elaboraram-se entrevistas semiestruturadas, sendo as mesmas gravadas com o auxílio de um telemóvel, tendo-se posteriormente procedido à transcrição daquilo que foi gravado. Foi também utilizado um computador portátil para a realização dessa transcrição.

2.4.3 Tarefas, Procedimentos e Protocolos

Inicialmente, para a realização do questionário e respetiva entrevista, por parte dos participantes, foi necessário a elaboração de uma ficha de consentimento informado, livre e esclarecido, com informações fundamentais para a clarificação dos objetivos do trabalho e dos procedimentos. Importa referir que, para se conseguir aplicar a entrevista aos participantes, a mesma foi validada por pessoas qualificadas. Os experts sugeriram a elaboração de critérios de inclusão e exclusão para a escolha dos participantes neste estudo, assim como, ajustou as dimensões e as categorias de cada pergunta a ser efetuada aos participantes.

Para a realização deste estudo, foi elaborado um questionário semiestruturado individual, aplicado aos elementos participantes. Antes da realização das entrevistas aos participantes, foi importante especificar o âmbito do trabalho, apresentar as

finalidades da entrevista, informar aos participantes relativamente à difusão dos resultados e esclarecer a natureza confidencial e anónima da recolha e do tratamento dos dados. Caso o entrevistado desejasse, este podia ter acesso à informação final. Após estes procedimentos, foi fundamental solicitar a autorização ao participante para realizar a gravação da entrevista, realçando-se a importância da gravação, uma vez que, foi necessária para a transcrição integral da entrevista e posterior análise dos resultados. Também foi importante salientar ao treinador analista entrevistado a possibilidade de o mesmo colocar dúvidas sempre que não percebesse as questões realizadas. Posteriormente à realização das entrevistas, foi importante reforçar a possibilidade de o participante acrescentar informações úteis ou que não tivesse referido durante a sua realização. Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas de forma integral. Posteriormente, foram analisadas as transcrições, com o auxílio das categorias criadas, assim como as respetivas subcategorias. De seguida, foi feita uma análise e discussão dos resultados, onde se procurou analisar, o planeamento do microciclo do treinador analista, relacionado com a observação e análise do jogo, e perceber se existia relação entre os contextos profissionais e semiprofissionais e, relacionar também com aquilo que se encontra na literatura, para no fim realizar uma conclusão acerca do estudo.

2.4.4 Tratamento dos Dados

Terminado o período de aplicação dos questionários e das entrevistas, seguiu-se a análise dos mesmos.

Depois da gravação das entrevistas, realizou-se a transcrição integral das mesmas. Para analisar os dados recolhidos, foi efetuada uma análise do conteúdo mais importante de cada resposta dos entrevistados e, posteriormente dividiu-se essa informação por categorias e subcategorias, tendo em conta as respostas obtidas.

Para o tratamento dos dados das entrevistas, existem determinadas dimensões e categorias subjacentes, de forma a auxiliar a análise dos resultados, como estão expostas na tabela 15. Esta tabela funcionou como um mapa de resultados relativos às entrevistas, auxiliando na análise e discussão dos mesmos. Nessa tabela, encontram-se expostas as dimensões e as perguntas a que as mesmas correspondem, assim como as categorias de cada dimensão, categorizando a resposta do entrevistado. As subcategorias não estiveram evidenciadas, uma vez que, que se encontravam relacionadas com aquilo que foram as respostas dos entrevistados. Por exemplo, na dimensão da importância da observação e análise, para a categoria “É considerada

importante”, a subcategoria está inserida na justificação dada pelo entrevistado para essa consideração.

Tabela 15 - Dimensões e Categorias de cada pergunta

Dimensões	Categorias	Perguntas
Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista	<ul style="list-style-type: none"> • É considerada importante; • É considerada pouco importante; • É lhe atribuída uma relevância média; • É indiferente; 	Pergunta 1
Importância da análise do adversário	<ul style="list-style-type: none"> • É considerada importante; • É considerada pouco importante; • É lhe atribuída uma relevância média; • É indiferente; 	Pergunta 2
Aspetos a ter em conta na análise do adversário	<ul style="list-style-type: none"> • Comportamentos táticos ofensivos; • Comportamentos táticos defensivos; • Comportamentos táticos ofensivos e defensivos 	Pergunta 2.1
Relevância da análise estatística	<ul style="list-style-type: none"> • É considerada importante; • É considerada pouco importante; • É lhe atribuída uma relevância média; • É indiferente; 	Pergunta 2.2
Importância da análise da própria equipa	<ul style="list-style-type: none"> • A análise individual da própria equipa é importante; • A análise individual da própria equipa é pouco importante ou indiferente. 	Pergunta 3
Relevância da análise individual ou setorial da própria equipa	<ul style="list-style-type: none"> • A análise individual da própria equipa é importante; • A análise individual da própria equipa é pouco importante ou indiferente. 	Pergunta 4
Relevância da análise individual dos adversários	<ul style="list-style-type: none"> • A análise individual do adversário é importante; • A análise individual do adversário é pouco importante ou indiferente; 	Pergunta 5
Importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise	<ul style="list-style-type: none"> • É importante; • É pouco importante; • Alguns consideram importante e outros nem tanto; • É indiferente para eles 	Pergunta 6
Estrutura do Microciclo da equipa (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo);	<ul style="list-style-type: none"> • A tarefas da observação e análise têm relevância na estrutura do microciclo e no processo de treino; • A tarefas da observação e análise não têm relevância na estrutura do microciclo e no processo de treino; 	Pergunta 7

<p>Melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Através de vídeos coletivos, somente; • Através de vídeos individuais somente; • Através vídeos coletivos e individuais; • Através de vídeos coletivos e individuais + relatório escrito; • Através de relatório escrito, somente; • A informação é enviada para os jogadores de forma individual; • A informação é passada para os jogadores num formato coletivo, com todos os jogadores presentes; • Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador principal; • Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador-adjunto; • Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador analista; • Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador principal; • Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador adjunto; • Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador analista; 	<p>Perguntas 8 e 9</p>
<p>A importância de um analista no processo de treino</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É importante estar presente; • Não é importante estar presente; • É indiferente estar presente 	<p>Pergunta 10</p>

2.5 Análise e Discussão dos Resultados

Em relação à análise das respostas dos 10 entrevistados, no sentido de entender e discutir posteriormente o conteúdo das mesmas, serão apresentados os resultados obtidos (o quadro de resultados encontra-se no Anexo 11).

Importa realçar, que esta análise foi realizada com o recurso a 11 dimensões, como foi referido na secção do tratamento dos dados. Recapitulando, essas dimensões foram:

1. Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista;
2. Importância da análise do adversário;
3. Aspectos a ter em conta na análise do adversário;
4. Relevância da análise estatística;
5. Importância da análise da própria equipa;
6. Relevância da análise individual ou setorial da própria equipa;
7. Relevância da análise individual dos adversários;
8. Importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise;
9. Estrutura do microciclo da equipa (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo);
10. Melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo;
11. A importância de um treinador analista no processo de treino.

Portanto, para cada dimensão será apresentada uma tabela, onde se poderão evidenciar os resultados obtidos para cada uma, tendo em conta, as respostas dadas pelos entrevistados. Cada tabela terá 4 colunas, uma para a dimensão, outra para as respetivas categorias, e outras duas para as subcategorias e para o número do entrevistado, respetivamente.

Primeiro, na tabela 16, podemos evidenciar os resultados obtidos para a categoria da Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista.

Tabela 16 – Resultados da Dimensão sobre a Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista

Dimensões	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista	É importante	- Facilitador - O planeamento do jogo depende do adversário	A1
		- Fundamental e decisivo - Poupa tempo ao treinador principal	A2
		- Tira imenso trabalho à equipa técnica - Depende das equipas técnicas	A3
		- Poupa trabalho às equipas técnicas	A4
		- Igual importância que outros departamentos - Filtro da informação para o treinador - Input do conhecimento do adversário para o processo de treino	A5
		- Depende dos recursos financeiros - A análise é sempre feita	A6
		- Presença no funcionamento de uma equipa técnica - Maior gestão e divisão do trabalho	A7 A7
		- Variantes dos adversários	A8
		- Preparação do jogador para o contexto de jogo	A9
		- Nível de exigência	A10

No que diz respeito a esta dimensão, todos os entrevistados consideram-na importante, ou seja, consideram importante a presença de um departamento de observação e análise, tanto como de um treinador analista. Isto vai ao encontro com o que se encontra na literatura acerca deste tema. Atualmente, os investigadores desportivos, agentes desportivos e treinador de futebol, têm atribuído uma maior importância à área da observação e análise do jogo no Futebol, considerando-a uma ferramenta de trabalho imprescindível (Ventura, 2013). Segundo (Vázquez, 2015), atualmente existe a necessidade de alcançar um elevado rendimento competitivo que determina quer aos treinadores quer aos analistas um estudo contínuo e exaustivo do jogo e das variáveis inerentes (Paula, 2015). Segundo os autores Ventura (2013) e Vázquez (2015), no futebol atual, com a constante evolução que tem vindo a registar, verifica-se que a qualidade e a competitividade entre as equipas e os seus jogadores durante os jogos estão cada vez mais equilibradas e próximas, tornando-se fundamental que as equipas de alto rendimento se preparem de uma forma mais adequada para as competições onde se inserem (Paula, 2015). Neste sentido, a observação e análise do jogo e da performance, é atualmente uma prática na preparação das equipas de futebol e, tem como objetivo auxiliar, de forma positiva, o treinador no processo de treino e competição (Ventura, 2013). Segundo o mesmo autor, é cada vez mais recorrente e necessário os treinadores rodearem-se de especialistas nas mais variadas áreas de

forma a recolherem a informação pertinente relativa à própria equipa e à equipa adversária. Pedreño (2014) corrobora a mesma ideia, afirmando que cada vez mais se verifica uma profissionalização crescente na área da observação e análise de jogo, uma vez que, atualmente grande parte das equipas profissionais integram nas suas equipas técnicas um treinador analista.

Para o entrevistado A1, a presença de um departamento de observação e análise é um facilitador (“(...) aquilo que é a minha opinião sobre isso e contactando também com algumas pessoas que estão noutra tipo de contextos e que têm a sorte de poder contactar com um departamento de análise, isso é quase como se fosse um facilitador daquilo que tu também estás a fazer (...) quando tens um departamento é um bocadinho mais fácil porque tens pessoas logo que te adiantam algum trabalho, tu consegues fazer, consegues ver os jogos mas tens pessoas que fazem o trabalho duro digamos assim do cortar de organizar logo a informação em função daquilo que tu queres isso acaba por ser um facilitador (...).”). Em relação à importância de um treinador analista, o entrevistado A1, justifica tal importância, uma vez que o planeamento do jogo depende do adversário (“(...) eu acho muito importante a importância do treinador analista que deve ter dentro daquilo que é o processo, primeiro porque aquilo que é o jogo e aquilo que é o planeamento do jogo depende sempre daquilo que é o adversário, isso é inerente, nós temos a nossa equipa, a nossa ideia, o nosso modelo, mas há sempre coisas a ajustar em função daquilo que é o adversário (...).”). Esta opinião relativamente ao planeamento do jogo depender da equipa adversária, assemelha-se com o que existe na literatura, uma vez que, para Ventura (2013), a observação e análise da equipa adversária pretende facilitar as tarefas do treinador, tornando os seus processos de intervenção mais eficazes, contribuindo para o conhecimento das características do adversário, tendo em conta à sua forma de jogar, à identificação de padrões coletivos e individuais, de forma a permitir a criação de um plano de jogo, contornando eventuais surpresas. Um outro autor, Carneiro (2016), indica que a análise de jogo, na perspetiva da análise das equipas adversárias, revela-se como um complemento estratégico importante, ao qual todos os treinadores querem aceder e, dessa forma, torna-se essencial que nas estruturas técnicas existam, pelo menos, um elemento com funções específicas nesta área. As equipas técnicas auxiliam-se na observação e interpretação do jogo, não apenas para aprimorarem os seus conhecimentos acerca do jogo, mas também para melhorarem o desempenho das suas próprias equipas (Duarte, 2017). Neste sentido, e segundo Ventura (2013), consideramos que através da observação e interpretação do jogo, os treinadores possuem um conjunto de informação (quer da própria equipa, quer do adversário) de

cariz tático, técnico, físico e psicológico que lhes permite obter maior e melhor caracterização das suas equipas e dos seus respetivos adversários, o que permite às equipas técnicas intervir junto dos jogadores e respetivas equipas, de forma mais adequada, precisa e eficaz.

O entrevistado A2, considera fundamental e decisivo, a presença de um departamento de observação e análise, tal como de um treinador analista, uma vez que, poupa tempo ao treinador principal (“(...) hoje é indispensável, toda a gente tem um departamento, seja um departamento com quatro ou cinco pessoas ou seja de uma. É fundamental, depois tu podes criar barreiras ou não criar barreiras com o treinador principal e aí muitas vezes aparece o tal treinador analista, o adjunto do treinador que faz a ponte, mas é fundamental e decisivo porque tu hoje há uma quantidade de dados que tens de recolher e que inevitavelmente alguém tem de os tratar para chegar ao treinador o mais refinado e apurado possível (...) se tu tiveres um departamento de análise já tens a triagem macro feita, depois tu chegas lá e vais trabalhar a informação de encontro àquilo que o treinador quer, portanto acho fundamental o treinador ter um analista para fazer a ligação se tiver um departamento, vai-lhe poupar muito tempo para lhe ir direto àquilo que ele quer e procura (...”).

Em relação ao entrevistado A3, este vai ao encontro do entrevistado A2, uma vez que, também afirma que a presença de um departamento de observação e análise, assim como, de um treinador analista, poupa imenso trabalho à equipa técnica (“(...) têm uma importância muito grande ... aquilo que nós fazemos essencialmente e a importância que temos é no fundo retirar muito desse trabalho às pessoas da equipa técnica, ou seja, nós fazemos o trabalho todo de análise do adversário e também da própria equipa quando assim nos é pedido, mas digamos que, dessa forma tiramos muito trabalho à equipa técnica, nesse sentido de analisar o adversário, de construir relatórios, vídeos (...”). Este entrevistado também releva que, na opinião dele, a importância da existência de um departamento e de um treinador analista, também depende das equipas técnicas (“(...) e depois o trabalho também, a nossa importância, também é maior consoante as equipas técnicas querem que nós sejamos, porque nem todos nos dão a mesma importância (...”).

Quanto ao entrevistado A4, este também toca no mesmo aspeto que os entrevistados A2 e A3 referiram, uma vez que, também defende que a presença de um departamento e de um treinador analista, poupa trabalho às equipas técnicas (“(...) é uma importância muito grande porque nós fazemos muito trabalho que as equipas técnicas não têm tempo para fazer, têm de se preocupar com outras coisas, e nós

fazemos um trabalho de background que as pessoas não veem. Mas a maior parte do trabalho de análise acaba por vir entre aspas de nós, juntamente claro com o treinador adjunto que é analista e que faz a ponte connosco e eu acho que isso é sempre muito importante haver alguém numa equipa técnica, seja treinador analista, seja propriamente só analista, que faça a ponte com este tipo de clubes onde há um departamento (...). Este ideia, mencionada pelos entrevistados A2, A3 e A4, de que a presença de um departamento de observação e análise ou de um treinador analista, poupa trabalho ao treinador principal ou às equipas técnicas, “facilitando” o trabalho, é defendido por alguns autores também na literatura, uma vez que, segundo (Vázquez, 2015), o processo de observação e análise do jogo é algo que consiste em recolher e examinar comportamentos coletivos e individuais desenvolvidos por equipas e jogadores durante os jogos, tratando de identificar determinadas regularidades nas mesmas, com o objetivo de reconhecer a estrutura organizativa predominante e avaliar a eficácia operativa da mesma, através de relatórios técnicos.

O entrevistado A5, considera importante a presença de um departamento e de um treinador analista, uma vez que, permite o filtro da informação para o treinador (indo ao encontro também dos entrevistados A2, A3 e A4) e possibilita o input do conhecimento do adversário para o processo de treino (“(...) Quanto ao treinador analista dentro da equipa técnica, aquilo que me parece...nesse aspeto da importância deles dentro da daquilo que a dinâmica das equipas técnicas é que... eram muito importantes para fazer a ponte entre nós os analistas e o treinador, ou seja, o filtrar a informação, dar a informação de forma que, porque eles normalmente são aqueles que melhor conhecem o treinador e são aqueles que melhor sabem aquilo que ele quer saber e aquilo que não quer saber (...) a ajuda que pode dar ao processo de treino é como tem um maior conhecimento daquilo que é a análise do adversário, à partida será esse treinador analista que terá esse melhor conhecimento, daquilo que é o adversário o input que deve ter sobre o processo de treino também deve ser significativo porque, há certos aspetos dentro do exercício, dentro do feedback que é dado em que ele tem de tem de intervir, é ele que tem esse maior conhecimento (...). Garganta (2008) corrobora esta ideia, uma vez que segundo este autor, a Análise de Jogo pode ser extremamente útil para os treinadores, de forma a identificarem regularidades e padrões num jogo cuja lógica interna apresenta-se caótica e com um altíssimo nível de incerteza e imprevisibilidade, onde os diferentes agentes diretamente ligados ao processo de treino tendem a utilizar esta informação para a melhoria da performance da equipa (Silva P. , 2017).

Quanto ao entrevistado A6, este defende que é importante a presença de um departamento e de um treinador analista e que o trabalho de análise é sempre feito, mas que depende dos recursos financeiros (“(...) acho que é importantíssimo ter ambos, tanto o departamento como o treinador analista... agora depende muito dos recursos financeiros também, tanto para um como para o outro, mas a análise é sempre feita mesmo não tendo analista, o treinador está sempre a fazer a análise, vê o adversário, vê a sua equipa na primeira parte, dá o seu feedback ao intervalo, faz a sua análise pós jogo, portanto, é uma coisa que está sempre presente, mesmo não estando lá um analista (...”).

O entrevistado A7, aborda a presença de um departamento e de um treinador analista, como sendo importantes, pois permite um melhor funcionamento da equipa técnica e maior divisão do trabalho (“(...) acho que é uma posição que tem de estar naquilo que é o funcionamento, tanto de uma equipa técnica, mas também no funcionamento de um clube. Havendo um departamento nem que seja, por exemplo, de uma ou duas pessoas, a realizar esse tipo de trabalho, isto neste caso mais propriamente dentro da estrutura, eu acho que é algo bastante importante (...) Tendo em conta a posição de treinador analista, e neste caso, falando mais propriamente, tendo em conta um treinador que traz a sua equipa técnica e tem essa pessoa a fazer ligação, seja ele um treinador analista ou um treinador, ou em mais noutros casos, um treinador adjunto o quer que seja, acho que também é importante, havendo claramente, a parte da estrutura do clube, neste caso, o departamento de análise de jogo. De análise de jogo porquê, porque aí permite, então, uma maior gestão de trabalho, uma maior gestão, divisão do trabalho (...”). A preparação para os jogos é considerada um momento de estudo detalhada e de tempo que se dedica para analisar a própria equipa, assim como a equipa adversária, em que todos os colaboradores têm influência neste processo (Ancelotti, 2013). Neste sentido, existe uma maior necessidade de inserção de equipas técnicas multidisciplinares que englobem um Treinador Analista, com a finalidade de melhorar o rendimento da equipa, procurando conduzi-la ao sucesso, estando a par de um conhecimento detalhado da própria equipa e da equipa adversária. As equipas técnicas pretendem conhecer e controlar o maior número de fatores, sejam estes relativos à própria equipa ou à equipa adversária, em qualquer contexto. Desta forma, para as funções dos Treinadores Analistas, tudo se torna mais fácil quando nos encontramos em estruturas organizacionais de topo, onde são utilizados programas profissionais e softwares especializados, com o objetivo de retirar dos mesmos o maior potencial possível. Com isto, é de enorme reconhecimento e de excelência os clubes

que possuem uma estrutura organizacional a este nível e, além disso, conseguem fornecer estas ferramentas aos seus departamentos de observação e análise de jogo.

Quanto ao entrevistado A8, este também defende a importância de um departamento e de um treinador analista e, toca naquilo que são as variantes dos adversários, apresentadas nos jogos (“(...) acho que é bastante importante, até porque as equipas, muitas equipas vão apresentando várias variantes com o decorrer dos jogos, dos adversários, mesmo dos próprios campos, ou seja, quando vão jogar fora ou em casa, mesmo há campos com diferentes dimensões, isso tudo influencia o que pode ser a forma de jogar do adversário, algumas variantes que queiram pôr no seu jogo (...).”). Isto vai de encontro ao que foi indicado no Enquadramento Teórico, onde, a observação das equipas adversárias serve para analisar as características das mesmas, procurando identificar padrões coletivos que possam auxiliar o treinador e preparar da melhor forma o jogo.

O entrevistado A9, afirma que a presença de um departamento e de um treinador analista é importante, uma vez que, também auxilia o jogador na sua preparação para o contexto do jogo (“(...) vejo muita importância para o trabalho que é feito de análise das equipas adversárias e também da análise da nossa própria equipa. Isto para preparar o jogador para o contexto que vai aparecer e vai encontrar no fim de semana. Para estar mais preparado para as diversas variantes que vai encontrar (...).”). Neste sentido, e segundo (Pereira J. J., 2017) o conhecimento melhora a operacionalização, desta forma, é importante colocar à disposição para os jogadores e treinadores, a melhor informação possível e tudo aquilo que possa constituir como apoio útil para a preparação da estratégia do jogo, permitindo assim reduzir ao mínimo os riscos devidos do caráter imprevisível das situações do jogo.

Por último, em relação ao entrevistado A10, este defende a importância de um departamento de observação e análise e de um treinador analista, porque atualmente o nível de exigência assim o exige (“(...) eu acho que hoje em dia, a escusado será dizer a importância que tem um departamento, ou no meu caso, neste momento sou eu sozinho, ali no trabalho da análise. Eu acho que é fundamental e hoje em dia acho que não há nenhuma equipa minimamente profissional ou com uma estrutura que queira realmente atingir grandes objetivos que não tenha uma estrutura com um departamento ou com pessoas a trabalhar ao nível da análise... é muito importante haver uma pessoa por trás desse processo de análise, porque nós sabemos e cada vez mais que o nível fica mais exigente (...).”). Alguns autores corroboram também com esta ideia. Segundo (Ventura, 2013) é cada vez mais recorrente e necessário os treinadores rodearem-se

de especialistas nas mais variadas áreas de forma a recolherem a informação pertinente relativa à própria equipa e à equipa adversária. Também (Pedreño, 2014), afirma que cada vez mais se verifica uma profissionalização crescente na área da observação e análise de jogo, uma vez que, atualmente grande parte das equipas profissionais integram nas suas equipas técnicas um treinador analista. Segundo (Vázquez, 2015), com o objetivo de potenciar o rendimento dos jogadores e das equipas, os clubes e os treinadores recorrem à área da observação e análise de jogo, no âmbito do conhecimento da própria equipa e do adversário e, onde a necessidade obter informação qualificada sobre o jogo, provocou o aparecimento de um departamento especializado numa análise multidimensional, na avaliação do comportamento competitivo coletivos e individuais evidenciados durante os jogos (Costa, 2019).

Em suma, relativamente à dimensão da Importância da presença de um departamento de observação e análise, assim como a de um treinador analista, todos os entrevistados consideram-na importante estejam em que contexto estiverem. Isto que revela que, atualmente, esta área já se encontra muito bem presente nas principais divisões do futebol português, isto é, a Liga Portugal Bwin, a Liga Portugal 2 e a Liga 3 (mesmo esta não sendo considerada profissional, mas sim semiprofissional).

Passando para os resultados referentes à dimensão da importância da análise do adversário, estes podem ser observados na tabela 17.

Tabela 17 - Resultados da Dimensão sobre a Importância da Análise do Adversário

<u>Dimensões</u>	<u>Categorias</u>	<u>Subcategorias</u>	<u>Entrevistado</u>
Importância da Análise do Adversário	É importante	Contexto de clubes médios / baixos da primeira liga	A1
		Perceção sobre o adversário	A4
		Relação entre o modelo de jogo e o adversário	A5
		Conhecimento das ideias do treinador	A6
		Trabalho fundamental para a equipa técnica	A7
		Tendências no jogar do adversário	A8
		Preparação do jogador para o jogo	A9
		Contexto exigente / função do analista	A10
	Menor importância	Contexto nível superior da primeira liga	A1

Agora, em relação à dimensão da importância da análise do adversário, como é possível observar na tabela acima, todos os entrevistados consideram-na importante, no entanto, para o entrevistado A1, depende do nível contextual onde se estiver a trabalhar. Dito isto, para o entrevistado A1, a análise do adversário é importante, principalmente em contextos de clubes médios / baixos da primeira liga (“(...) eu acho que, no nível mais baixo é muito importante aquilo que é muito importante tu dares grande percentagem de importância do planeamento à análise do adversário, porque há sempre coisas a ajustar, pormenores a ter em conta e há sempre coisas que vais ter de mudar de jogo para jogo, para conseguires aumentar a percentagem de sucesso (...”). O autor (Vázquez, 2015) concorda com este aspeto, pois refere que a observação e análise das equipas adversárias é um dos fatores que contribui para que as equipas apresentem níveis mais elevados e cada vez melhores, existindo uma tendência maior para a igualdade competitiva entre as equipas, devido ao conhecimento que cada uma tem relativamente à equipa adversária. No entanto, segundo o mesmo entrevistado (A1), existe uma menor importância na análise do adversário em contextos de nível superior da primeira liga (“(...) noutro tipo de contexto acredito que o treinador analista vai servir muito mais para aquilo que é a própria equipa para aquilo que é o próprio modelo, do que propriamente para o adversário, vai ser muito mais de dar a conhecer o adversário, okay eles fazem isso, nós temos de controlar isto, mas depois aquilo que é o jogo e o planeamento já é muito mais de acordo com aquilo que é a tua ideia, com aquilo que é os teus jogadores que são sempre muito melhores do que os outros (...”).

Em relação ao entrevistado A4, este considera a análise do adversário importante, pois é necessário ter uma perceção daquilo que vai ser o adversário que se vai encontrar (“(...) A análise do adversário é sempre importante. Eu acho que não é o essencial, ... acho que o mais importante é a nossa equipa do que o adversário, mas é muito importante nós conhecermos aquilo que é o adversário. E conhecermos de uma forma que poderemos retirar aquilo que é o bom deles no jogo e poderemos potenciar aquilo que é o mal deles (...”). De acordo com Ramsay (1977) e Gomelski (1990) a caracterização do jogo do adversário propõe-se a conhecer ao máximo a equipa adversária, naquilo que são as suas dinâmicas coletivas ofensivas e defensivas e, os seus aspetos individuais nas vertentes técnicas, táticas, físicas e psicológicas. Os autores Ramos & Festas (2004) referem que se deve procurar conhecer, quer individualmente, quer coletivamente, as fraquezas e os pontos fortes do adversário, de forma a minimizar as surpresas táticas e estratégicas (Lopes, 2005). Ventura (2013) corrobora com este aspeto, uma vez que, para ele a observação das equipas adversárias serve para analisar as características das mesmas, procurando identificar

padrões coletivos que possam auxiliar o treinador e preparar da melhor forma o jogo, sabendo que quanto maior for o conhecimento do adversário, mais eficaz se pode tornar o trabalho do treinador (Marques, 2019). Os intervenientes neste processo devem ser capazes de estabelecer perguntas práticas relativas ao jogar da equipa adversária e da própria equipa, antes e durante o jogo, para que consigam obter respostas simples, uma vez que, segundo Garganta (2017), “apesar de o jogo encerrar todas as respostas, apenas responde ao que lhe for perguntado”, sendo que o que temos que perguntar tem que ser específico e exato (Costa T. , 2018).

Para o entrevistado A5, é importante existir uma relação entre o modelo de jogo e o adversário (“(...) isso é importante, mas ... é mais importante ainda sermos específicos, dentro daquilo que é o nosso modelo de jogo, dentro daquilo que nós podemos fazer contra esse adversário em específico (...).”). Tal como este entrevistado, o autor Neto (2014), também defende que a observação dos adversários e da própria equipa tem em comum a orientação para o modelo de jogo, identificando e interpretando o adversário e, avaliando a performance, individual e coletiva da própria equipa (Marques, 2019).

Quanto ao entrevistado A6, este considera importante a análise do adversário e defende que a mesma deve ser realizada, tendo em conta, o conhecimento das ideias do treinador principal (“(...) eu acho que tens uma equipa tem de se conhecer muito bem a si própria, e o treinador também, para poder fazer uma análise ao adversário e preparar o jogo consoante o adversário. Portanto eu acho que ou o analista, ou alguém que está a analisar o jogo para dar informação ao treinador, tem de usar os olhos do treinador, tem de ser como se tivesse o treinador a ver o jogo ... só aí é que vai fazer sentido o nosso trabalho (...).”). Os comportamentos dos jogadores e das equipas quando observados e analisados várias vezes e no confronto com diferentes oponentes, são suscetíveis de exibir padrões de jogo e, neste sentido, quando estudamos os adversários, devemos fazê-lo como forma de limitar as suas qualidades, conservando e afirmando as nossas especificidades e identidade como equipa (Duarte, 2017). Segundo Frattini (2010), a análise de jogo serve para conhecer o adversário e decidir qual a estratégia para impor o jogo da equipa e não para encaixar no adversário, onde é importante que o treinador não altere a forma da sua equipa jogar em função do adversário, mas sim potencializar aspetos da equipa em função do jogo do adversário (Reis, 2017).

Em relação ao entrevistado A7, este considera que a análise do adversário é um trabalho fundamental para a equipa técnica (“(...) havendo um departamento nem que

seja, por exemplo, de uma ou duas pessoas, a realizar esse tipo de trabalho, ... eu acho que é algo bastante importante. Porquê? Porque permite-se, assim, a filmagem de treinos, a codificação de treinos, a catalogação, tendo em conta os exercícios, tendo em conta também aquilo que é o desenvolvimento de um jogar, tanto a nível, neste caso, o modelo de jogo, e falar mais especificamente a nível ofensivo, ou defensivo, o que quer que seja ... também, a parte mais.... Entrando na parte mais estratégica daquilo que vai ser o próximo jogo (...). Os recursos de um departamento de observação e análise, permitem ao jogador e ao treinador processar informação de forma mais eficiente, dada a maior capacidade em entender, analisar e decidir através desses recursos, dotando os jogadores e treinadores de ferramentas que permitam antecipar cenários e criar feedbacks sempre numa perspetiva de preparação e melhoria de eventuais processos de jogo e de treino, com resposta aos cenários recorrentes do jogo (Pereira J. J., 2017).

Quanto ao entrevistado A8, é importante analisar as tendências no jogar da equipa adversária (“(...) é muito importante identificar tendências e equações naquilo que é a forma de jogar do adversário em todos os momentos do jogo, incluindo as bolas paradas. Tentar caracterizar, com o máximo, pormenor, essa forma de jogar (...). O conhecimento do adversário deve condicionar a nossa estratégia operativa para o jogo, contudo, não significa com isto a alteração dos nossos padrões de jogo, mas sim a capacidade de adaptar determinados aspetos e comportamentos, tendo em conta a especificidade da equipa adversária, de forma a conseguirmos encontrar um encaixe, que nos permita que os nossos pontos fortes se sobreponham às fragilidades do adversário, procurando obter o melhor rendimento possível (Pereira J. J., 2017). Segundo Torrescusa (citado por Vazquez, 2012) defende que para a correta preparação do conteúdo de treino, este tem de contemplar um estudo prévio das principais características do adversário, onde se analisam os pontos fortes e as fragilidades do mesmo, principalmente na componente tática do jogo (Teixeira, 2017).

Para o entrevistado A9, análise do adversário é importante para realizar uma preparação do jogador para aquilo que vai ser o jogo (“(...) vejo muita importância para o trabalho que é feito de análise das equipas adversárias e também da análise da nossa própria equipa. Isto para preparar o jogador para o contexto que vai aparecer e vai encontrar no fim de semana (...). O jogador deve procurar aumentar a sua assertividade ao processar informação face as variáveis do jogo, permitindo-o, tendo em conta, a elevada complexidade que o jogo exige, a adaptar a antecipar diferentes problemas consequentes da imprevisibilidade que o jogo proporciona e, neste sentido, a observação e análise de jogo é fundamental no dia a dia das equipas técnicas (Pereira J. J., 2017). Através da informação recolhida acerca das equipas adversárias, os

treinadores e respetivas técnicas, procuram criar situações de treino que permitam aos jogadores experienciar e vivenciar contextos ricos de resolução de problemas, tendo em conta a exploração da tomada de decisão do jogo, bem como da sua criatividade “controlada” (Duarte, 2017). Segundo o mesmo autor, neste sentido, o jogador, desde o início do microciclo semanal, deve familiarizar-se com aspetos relativos ao jogo seguinte.

Por último, para o entrevistado A10, perante contextos exigentes, a análise do adversário é importante (“(...) quando chegamos aqui mais a um contexto em que as posições e as tarefas estão bem definidas, eu acho que o analista tem de ter esse papel e é fundamental (...). Segundo (Vázquez, 2015), torna-se imperativo nas equipas de primeira linha, a presença de um departamento que permita aos especialistas, realizar uma observação e uma análise multidimensional do jogo, avaliar o comportamento competitivo das equipas e dos jogadores durante os jogos, permitindo desta forma concretizar e caracterizar as exigências específicas impostas aos mesmos. E nesse sentido, a dimensão estratégica revela-se como um dos aspetos que parece influenciar o modo como os treinadores de elite preparam as suas equipas. Embora existam ideias diferentes acerca esta dimensão, é praticamente transversal a constatação da importância que esta tem. A dimensão estratégica, para ser devidamente contemplada, não deverá ser entendida enquanto algo independente do processo de construção de uma forma de jogar, devendo, ao invés disso, desenvolver-se com este. Segundo Tamarit (2013), o grau de manipulação da estratégia, deve estar muito dependente da identificação que a equipa tem com as suas próprias ideias, ou seja, a estratégia deve estar sobredeterminada pela dimensão tática da equipa e não o inverso (Pimenta, 2019).

Por fim, relativamente à dimensão sobre a Importância da Análise do Adversário, todos os entrevistados afirmaram que é importante, não existindo diferenças entre os contextos de envolvimento de cada um. Somente, é relevante realçar que, para o entrevistado A1, cujo contexto atual é a Liga Portugal Bwin (1ª divisão profissional), a análise do adversário é muito importante em contextos de clubes médios/baixos da primeira liga, mas atribui menor importância à análise do adversário, quando o contexto de envolvimento se trata de uma equipa de nível superior da primeira liga (neste caso, falamos do Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal, Futebol Clube do Porto ou Sporting Clube de Braga). Este aspeto revela a importância que a análise do adversário tem para determinadas equipas com menor capacidade, permitindo-lhes obter uma melhor perceção sobre a adversário e descobrir as tendências do jogar do mesmo, aproximando-as, tanto de forma individual como coletivamente, para aquilo que vai ser o jogo.

A tabela 18, apresenta os resultados relativos à dimensão dos aspetos a ter em conta na análise do adversário.

Tabela 18 - Resultados da Dimensão sobre os Aspetos a ter em conta na análise do adversário

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Aspetos a ter em conta na análise do adversário	Comportamentos táticos ofensivos e defensivos	- 3 aspetos no processo ofensivo; - 3 aspetos no processo defensivo	A1
		- Depende do treinador e do contexto	A2
		- Comportamentos do adversário	A3
		- Filtragem da informação mais relevante	A4
		- Capacidade de adaptação do analista	A5
		- 4 momentos do jogo + subcategorias + bolas paradas	A5 A6 A7 A9 A10
		- Identificação da forma de jogar do adversário + nosso jogar	A8

Quanto a esta dimensão sobre os aspetos a ter em conta na análise do adversário, todos os entrevistados abordaram os comportamentos táticos ofensivos e defensivos. Neste sentido, o entrevistado A1, referiu que dá relevância a 3 aspetos no processo ofensivo e outros 3 aspetos no processo defensivo (“(...) acho muito importante, em momentos que tu podes ser chamado ou que tu podes ser solicitado e acontece com alguma frequência o Leandro em situações em que trabalhamos um pouco em função do adversário ... agora não acho que seja importante, porque há muita gente no campo neste momento. Agora quando são aspetos em que tu realmente podes intervir ou dar o teu contributo, acho que aí é muito importante estar no campo (...) é muito importante nós percebermos como é que nos vão pressionar, pressão alta, pressão em bloco médio, como é que é o comportamento em bloco baixo, ... e é de uma importância extrema perceber timings de pressão, indicadores de pressão, como é que determinados jogadores saltam na pressão, ... dividimos quase em três, é esse momento de bloco alto, como é que eles pressionam, os timings de pressão e como é que eles saem na pressão, e isto mais individual, depois em bloco médio, os espaços que nós queremos gerar, como é que nós os podemos aproveitar da melhor maneira e esses ajustes que nós podemos fazer e, depois último terço perceber.... com o espaço que nós vamos querer aproveitar e com a forma como nós vamos construir e com o nosso jogo posicional, que espaços é que nós vamos conseguir gerar no último terço (...) A nível ofensivo para nós também são 3 pontos: Como é que eles, constroem,

dinâmicas de construção, porque nós queremos ser uma equipa proativa e pressionante Depois características mais individuais e dinâmicas ali padrão, dinâmica de corredor, que muitas vezes as equipas têm, ... se sentirmos que vão para espaços diferentes e que nos mudam um bocadinho as distâncias de pressão orientamos para mostrar e para perceber como é que vamos anular e depois é muito a questão do último terço, como é que eles se comportam quando nós estamos em bloco baixo (...”).

O entrevistado A2, considera que os aspetos a ter em conta na análise do adversário, depende do treinador e do contexto (“(...) isso é sempre muito contextual e eu por exemplo, eu trabalhei com dois treinadores, ... um era extremamente exaustivo naquilo que queria, mas ao mesmo tempo era exaustivo, mas depois mostrávamos coisas, o vídeo total tinha 5 minutos, ... Com o outro o vídeo era maior, mais abrangente, mas depois em conversa nós íamos, ou seja, é um bocado por exemplo no contexto que estou agora, nós vemos tudo para um adversário por exemplo, nós temos de ir ver tudo desde o jogo anterior (...”).

O entrevistado A3, revela que aquilo que dá maior importância são os comportamentos do adversário (“(...) aquilo que eu procuro é, essencialmente, perceber que tipo de espaço é que o adversário permite, mas hoje em dia eu acho que o jogo já não é tanto de espaços, mas sim de comportamentos, ou seja, tu tens que ter um posicionamento, ... mais padrão, ... porque as equipas já têm várias maneiras de pressionar dentro do próprio jogo, então, para mim, não é tanto de espaço, é mais de interpretação e eu procuro mostrar as dinâmicas como é que as equipas procuram ou quebrar o adversário ou pressionar o mesmo (...) no início focava muito no espaço, porque as equipas tinham uma forma de estar. Hoje em dia já são muito mais modificáveis ao longo do jogo. Já procuro é perceber quais é que são as duas, uma ou duas formas de eles pressionarem e depois de construírem também. Porque depois também já sabes se aparecer uma linha mais alta o espaço está mais na profundidade ... Quando as linhas estão mais baixas já procuras um determinado espaço para procurar um tipo de cruzamento de definição diferente ou um remate mais exterior ou alguma entrada no último terço (...”). Na ótica de Garganta (2013 cit. por Barreira (2013), o maior desafio para os treinadores analistas no desporto passa por descortinar o modo como as equipas geram determinados comportamentos, configurando padrões que, com probabilidade superior ao acaso, induzem performances desportivas de sucesso (Costa, 2019).

O entrevistado A4, refere que é importante ter uma filtragem da informação mais relevante (“(...) Quando nós vemos um adversário, mas tem que ter a capacidade de

perceber aquilo que é importante e aquilo que não é importante. Aquilo que é importante é tirar vantagem a eles e dar vantagem a nós no jogo. Eu acho que isso é que o mais importante de perceber um adversário (...) nós temos que, como analistas, perceber aquilo que poderemos conseguir controlar e poderemos tirar vantagens e aquilo que não podemos controlar e que não podemos tirar vantagem, mas acho que é concisos e passar sempre a quem é treinador e equipas técnicas, passar aquilo que é realmente relevante.

O entrevistado A5, considera que relativamente aos aspetos a ter em conta na análise do adversário, o treinador analista deve ter uma capacidade de adaptação e, que divide em 4 momentos do jogo + subcategorias + bolas paradas (“(...) aquilo que me parece mais importante quando se analisa um adversário é como é que nós, dentro do nosso modelo de jogo podemos, não só agredir o adversário mas também como é que podemos evitar que eles nos agridam a nós, ... acho que o papel do analista tem que ser cada vez mais, quando analisa, de adaptação, de perceber como é que, ... eu posso dentro daquilo que é a minha equipa adaptar a minha análise a isso (...) utilizamos os momentos de jogo dessa forma, com o pontapé de baliza, o início de construção, depois criação/finalização, e depois, ... dentro da organização ofensiva, colocamos também a transição defensiva, que são dois momentos que estão interligados e a mesma coisa para a organização defensiva e para a transição ofensiva ... e as bolas paradas também, do género primeiro todas as ofensivas e depois todas as defensivas (...”).

O entrevistado A6, também abordou a divisão em 4 momentos do jogo + subcategorias + bolas paradas (“(...) eu divido pelos quatro momentos. Organização ofensiva e transição ofensiva. Organização defensiva e transição defensiva. Depois, dentro desses momentos, tenho subcategorias, procuro o que posso ter em todos os jogos. Não vai aparecer necessariamente tudo em todos os jogos. Cada jogo é uma história diferente. Por exemplo, há jogos em que, se calhar nem mostramos aos jogadores a transição defensiva, porque não houve nada de importante para salientar, ou a ofensiva (...”).

Os entrevistados A7, A9 e A10, também revelaram esta divisão em 4 momentos do jogo + subcategorias + bolas paradas (“(...) aquilo que é a base, dividir o jogo pelos momentos, a organização ofensiva, defensiva e as transições ofensiva e defensiva. Dentro de cada momento há sempre divisões que podemos considerar para ajudar a nossa análise. Divisões do campo, como é que por exemplo a equipa constrói em zonas mais baixas, em zonas médias, ou em zonas mais avançadas, ... o seu Pontapé de

baliza, de que forma é que fazem, se é curto, se é mais longo, por que central é que fazem, qual é a intenção, se é para sair pela esquerda para atrair para abrir para a direita, e por aí adiante, que tipo de pressão, se eu adoto uma pressão mais alta ou um bloco mais médio ... Mas é dentro disso, mais também os esquemas táticos. E depois também, é aquilo que são os pontos fortes e fracos (...)” – A7; (“(...) Nós dividimos a análise da equipa adversária em dois grandes blocos, a parte da organização ofensiva e a parte da organização defensiva. Na parte da organização defensiva, acabo por focar principalmente no bloco alto, bloco médio e bloco baixo. No bloco alto, a referência principal à pressão na saída de bola do Pontapé de Baliza e aos momentos de pressão da própria equipa e da forma como se organizam naquele primeiro trecho ofensivo. No bloco médio, igualmente como é que eles acabam por tentar fechar determinadas linhas de passe e onde é que definem os momentos de pressão e que espaços é que podem deixar livres quando saem nesses mesmos momentos de pressão. E no bloco baixo, tentar perceber quais são os principais espaços que podemos explorar. No processo ofensivo, da parte da construção, criação e finalização ... Na parte da construção, a saída de bola, o pontapé de baliza, verificar quais são as principais tendências que acabam por realizar. Construção, verificar como é que acabam por fazer a primeira fase de construção, ... depois a parte da passagem para a criação. Quais é que são os espaços que eles tentam explorar, da parte da construção para a parte da criação.... Na parte da criação, quais é que são as principais dinâmicas que se repetem naqueles últimos 3 jogos e que é observável ... E na parte da finalização, quais são as zonas que acabam por ocupar, tanto em momentos de cruzamento, como em alguns movimentos mais específicos, dos pontas de lança que possam ter (...)” – A9; (“(...) Os 4 momentos de jogo. Esquemas táticos ... partindo depois aquilo que é início sempre, posicionamento inicial no pontapé de baliza ... e depois é de trás para a frente. Primeira fase, primeira mais segunda, chegada à criação. E zonas de finalização ou chegada à finalização ... Depois, obviamente, que é o número de jogadores na construção, se envolvem mais por dentro, se envolvem mais por fora, zonas de cruzamento, zonas de finalização, ... Transição defensiva, no momento da transição, que perdem a bola. Se perdem a bola, meio-campo ofensivo ou meio-campo defensivo. O tipo de reação. Se reagem rapidamente à perda ou se procuram uma transição mais indireta e procuram reagrupar ... Organização defensiva, é precisamente o contrário da ofensiva. É desde a pressão alta até um bloco mais médio-baixo, defesa da baliza ou defesa do cruzamento, ... Pois aí é tentar identificar as zonas de pressão, os espaços que eles possam deixar ... Mas defensivamente é um bocado isso, de uma forma muito básica, partimos desde aquilo que é pressão ao pontapé de baliza até a um bloco mais médio, baixo, defesa da baliza também. No que diz respeito à transição ofensiva,

principalmente aquilo que é a intenção deles, ... Se eles procuram uma saída mais rápida, se procuram uma manutenção da posse de bola, jogadores-chave em transição (...)" – A10.

Como foi indicado no Enquadramento Teórico, no que diz respeito à análise dos adversários, esta deverá focar na sua filosofia de jogo, sistema de jogo base, características da organização defensiva, características da organização ofensiva, momentos de transição, características individuais dos jogadores e esquema táticos com o objetivo desta informação ser utilizada em treino e competição (Lago, 2009). Segundo Pedreño (2018), a análise da equipa adversária deve incluir: 1) o desenvolvimento dos quatro momentos do jogo, bem como as suas dinâmicas e também as bolas paradas; 2) avaliar e reter a informação acerca do plantel adversário; 3) analisar o sistema de jogo mais comum, as suas variações e as características que o definem; 4) analisar os comportamentos padrão intersetoriais; 5) detetar pontos fortes e pontos fracos; 6) criar um plano estratégico operacional para o microciclo; 7) analisar possíveis condicionantes externas recorrentes do jogo; 8) editar vídeos, e animações em vídeo (Costa C. , 2019) (Borges, 2021). O autor (Ventura, 2013) também entendia que existiam determinados parâmetros a ter em conta no momento de caracterização da equipa adversária: Modelo de jogo do adversário; Dinâmicas ofensivas e defensivas, incluindo os esquemas táticos; As substituições mais frequentes e a forma como estas alteram a dinâmica da equipa; A forma como a equipa se comporta consoante o resultado do jogo; Padrões coletivos em função da realização do jogo em casa ou fora; Caracterização dos jogadores referência.

De acordo com Azevedo (2011), a divisão do jogo de Futebol em momentos do jogo confere ao mesmo um caráter mais fluído, contínuo e não faseado ou quebrado, uma vez que, estes momentos estão articulados e acontecem numa dependência relacional mútua (Figueiredo, 2015). Também, segundo o estudo de Sarmento et al. (2014), ficou claro que os treinadores portugueses tendem a analisar o jogo de futebol dividindo-o em quatro momentos de jogo: organização ofensiva; organização defensiva; transição defesa-ataque; transição ataque-defesa. E que, para além destes, revelaram que analisam aspetos como as bolas paradas (esquemas táticos) ofensivas e defensivas e as características individuais dos jogadores (Costa T. , 2018).

Por último, o entrevistado A8, revelou que procura uma simbiose entre a identificação da forma de jogar do adversário e o modelo de jogo da própria equipa (“(...) das diferentes variantes que podem ter em função das características dos jogadores e depois também, para além disso, é muito importante ter um conhecimento grande da

nossa forma de jogar, também das características dos nossos jogadores para que se possa fazer um match e na identificação que fazemos das debilidades do adversário e das suas forças, encontrar formas de poder contrariar ou explorar essas situações, porque não faz sentido identificarmos no adversário o espaço na profundidade, quando depois na nossa equipa não temos ninguém para explorar esse espaço na profundidade. Portanto, é muito importante andar aqui na identificação da forma de jogar do adversário, mas olhando sempre para aquilo que é a nossa equipa (...)"'. Segundo Castelo (2014), quer seja feita a análise da própria equipa, quer seja da equipa adversária, é importante a elaboração de um modelo de análise que assegure os aspetos considerados pertinentes para a otimização da equipa e dos seus jogadores, no treino e para o jogo e, neste sentido, a um modelo de jogo deverá corresponder, também, um modelo de observação e análise (Silva P. , 2017).

Em suma, relativamente a esta dimensão sobre os Aspetos a ter em conta na análise do adversário, todos os entrevistados afirmaram, como já seria de esperar, que dão relevância aos comportamentos táticos ofensivos e defensivos quando do trabalho de análise do mesmo. No fundo, através dos 4 momentos do jogo, isto é, a Organização Ofensiva, a Transição Defensiva, a Organização Defensiva e a Transição Defensiva, os treinadores analistas procuram analisar o adversário, identificando a sua forma de jogar e, depois depende um pouco de cada um, como também de cada treinador principal, como também de cada contexto, contudo, para todos é importante perceber essa forma de jogar do adversário, os seus padrões, procurando analisar os seus comportamentos táticos ofensivos, filtrando a informação mais importante.

Em relação aos resultados referentes à dimensão da relevância da análise estatística, os mesmos podem ser observados na tabela 19.

Tabela 19 - Resultados da Dimensão sobre a Relevância da análise estatística

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Relevância da análise estatística	É relevante	Depende daquilo que a equipa técnica quer	A1
		Bolas paradas são dados objetivos	A2
		- Completa a análise qualitativa	A7
		Bolas paradas e Fase de finalização	A9
		- Plataformas de estatística - Filtragem dos dados estatísticos	A10
	Não é relevante	Estatísticas são subjetivas	A2 A3
	Serve como complemento	Bolas paradas	A3
		Ajuda a identificar alguns aspetos	A4
		Aspetos muito acentuados que interessem	A5
		Confirmar a análise qualitativa	A6
		Suporta a análise qualitativa	A8

No que diz respeito, à dimensão relativa à relevância da análise estatística, todos os entrevistados consideram a análise estatística relevante ou que serve como complemento. No entanto, existem 2 entrevistados que as consideram subjetivas e poucos relevantes em determinados aspetos, como são os casos dos entrevistados A2 (“(...) eu confesso que não sou muito aficionado das estatísticas, ... Eu acho que as estatísticas têm um problema porque elas parecem ser extremamente objetivas e elas são extremamente subjetivas e isso para mim eu tenho alguma dificuldade em conseguir sentar-me com um treinador e basear no quer que seja numa análise estatística (...)”) e A3 (“(...) tenho um bocado de ceticismo em relação a isso. Não que os dados não devam ser trabalhados, devem ser trabalhados, mas depende de que tipo de dados. Por exemplo, uma coisa que eu me preocupo sempre, e que lá está, eu não faço isso através de uma análise estatística, mas uma coisa que eu preocupo pelo menos em perceber é que tipo de central é que é mais preponderante nas ligações digamos do primeiro terço para o segundo ou até para o último ... se eu for à estatística, tenho quase certeza de que ela vai comprovar isso, mas não é uma coisa que seja muito palpável (...”). Este aspeto vai ao encontro com alguns autores no que à literatura diz respeito. Segundo Hughes & Bartlett (2002), a apresentação de forma isolada de uma simples série de dados pode oferecer uma impressão distorcida da performance ao ignorar outras variáveis, mais ou menos importantes. De acordo com Borrie et al. (2002), a

performance desportiva consiste numa série complexa de inter-relações entre uma variedade de variáveis, por isso a simples frequência dos dados não é capaz de capturar a totalidade da complexidade da performance. Jonsson (2003) também corrobora com esta ideia, uma vez que defende que a análise da frequência de ações é inadequada pois a performance desportiva consiste numa complexa série de inter-relações de um vasto leque de variáveis e a simples quantificação dos dados, somente pode fornecer uma visão superficial do desempenho dos jogadores. Segundo Joyce (2002), a análise estatística é incapaz de indicar os momentos que definem o jogo (Teixeira, 2017).

Segundo O'Donoghue (2009), a análise da performance exclusivamente quantitativa nem sempre permite explicar os contextos, principalmente aqueles que, pela sua complexidade, podem conter um conjunto de justificações para os dados recolhidos. O mesmo autor entende que, os dados qualitativos são tipicamente complexos e padrões visuais, imagens de vídeo, palavras, sentimentos, pensamentos, emoções. Deste modo, a análise qualitativa tem ganho importância para as ciências do desporto, como forma de entender aspetos aparentemente não mensuráveis através de procedimentos quantitativos (Sarmiento, et al., 2014) (Teixeira, 2017).

Em relação aos outros entrevistados, o A1 considera análise estatística relevante, contudo depende daquilo que a equipa técnica quer (“(...) o adversário fazia muitas faltas muitas à entrada da grande área, tinha um número muito alto de faltas à entrada da grande área, demos importância a isso para nós e demos indicação aos jogadores sempre para entrelinhas dar sempre dois toques, porque sabíamos que matavam em falta e sabíamos que a probabilidade termos um livre perigoso é muito grande, ... essa estatística para nós faz sentido, agora tudo o resto é um bocadinho relativo (...”).

O entrevistado A2, considera a análise estatística relevante para aquilo que são as bolas paradas (“(...) valorizo por exemplo, muito na bola parada, que acho que é a altura em que nós podemos ter um bocado mais de dados ... se é uma equipa que bate cinquenta cantos, bate quarenta e cinco no primeiro poste, alguma coisa quer dizer, tu consegues tirar um dado objetivo dali ... ou como os penaltis, tu sabes pá eles vão bater, batem, o jogador muda depois de falhar, tu vês pelas estatísticas, tu vês dez penaltis e tu sabes que ele sempre que falhou mudou o lado, isto são coisas que tu consegues apalpar (...”).

O entrevistado A7, considera a análise estatística relevante, porque serve como complemento à análise qualitativa (“(...) depois da análise mais qualitativa, nós começamos a perceber esse tipo de dinâmica que a equipa opta ... começamos a perceber então que isso é mesmo algo recorrente e conseguimos também até ... ir a

mais longe daquilo que é o vídeo, porque pronto, já conseguimos ir buscar um outro tipo de dados muito mais atrás e conseguimos então perceber que isto é algo recorrente (...”).

O entrevistado A9, considera a análise estatística relevante, no que diz respeito às bolas paradas e à fase de finalização (“(...) as únicas coisas que acabo por observar mais é a parte de bolas paradas, esquemas táticos ofensivos e defensivos, verificar onde é que são colocadas as bolas, onde é que têm criado mais perigos aos adversários e a parte da finalização, de onde é que acabam por existir mais perigo relativamente aos momentos de finalização (...”).

Para o entrevistado A10, a análise estatística é relevante, tendo referido a importância que atribuem às plataformas de estatísticas e à filtragem dos dados estatísticos (“(...) neste momento, damos alguma importância à estatística, quer da nossa equipa, quer do adversário ... e o Wyscout e o instat são ferramentas poderosíssimas, no que diz respeito ao nível de dados estatísticos, é incrível e até mesmo ações individuais dos jogadores ... e esta plataforma faz-te isso tudo automaticamente. Tu clicas no jogador, queres ver os passes dele no jogo e tens isto tudo logo à mão ... e nós guiamos em algumas coisas por esses dados estatísticos ... Não são 100% relevantes e o treinador nunca vai mudar a 100% a sua metodologia de trabalho por causa disto, mas pode ou não ter em conta isto ... eu acho que a forma como é filtrada a parte estatística é importante. (...”).

Quanto ao entrevistado A3, este considera que a análise estatística funciona como um complemento para aquilo que são as bolas paradas (“(...) nas bolas paradas é importante perceber qual é a zona maioritária onde eles colocam a bola, mas eu também sei que hoje em dia há um estudo muito grande então normalmente as equipas não têm nenhuma forma de atacar. As equipas tentam ver para explorar, se é mais aberto, se é mais fechado, se é o primeiro, se é o segundo. As equipas procuram mais responder às fragilidades do adversário (...”).

Em relação ao entrevistado A4, a análise estatística é um complemento, uma vez que ajuda a identificar alguns aspetos do jogo (“(...) a análise estatística dá-nos dados interessantes, mas não pode ser só isso que nos vai dizer o que é que aconteceu no jogo ou o que é que deixou de acontecer, porque acho que não faz grande sentido. Agora, é um complemento interessante (...”).

Quanto ao entrevistado A5, a análise estatística é relevante para aspetos muito acentuados que interessem (“(...) posso-te dar um exemplo concreto também, às vezes vamos jogar contra um adversário que que percebemos a olho nú que tem muitas

perdas de bola, por exemplo no corredor esquerdo, então aquilo que nós fazemos é procurar ... se isto se verifica efetivamente ou não, procuramos os jogos em específico que nós vimos, que nós analisámos e vemos okay verifica-se sim. Caso se verifique, nós normalmente no relatório que mostramos ao treinador, adicionamos essa informação dessa parte estatística, para complementar àquilo que é a informação escrita (...”).

Em relação aos entrevistados A6 e A8, estes consideram que a análise estatística funciona como um complemento e suporte para a análise qualitativa (“(...) não posso dizer que não é importante, porque tudo é importante, mas para mim é sempre, primeiro a análise qualitativa e depois, sim, para confirmar alguma coisa que a gente viu ou que a gente analisou, aí sim usar os dados estatísticos (...”); (“(...) a análise estatística eu vejo sempre como um suporte àquilo que é a análise qualitativa, porque pode-nos ajudar a comprovar alguns dados. Nós fazemos uma recolha um pouco geral daquilo que é os dados estatísticos do adversário, ... Ou seja, esses dados também são importantes para depois fazermos a comparação se realmente daquilo que nós identificámos e analisámos está de acordo com esses dados que também recolhemos (...”).

Segundo Silva (2011), é possível perceber que a maioria dos treinadores considera ser útil a combinação de uma análise qualitativa (padrões de jogo) com uma análise quantitativa, mas uma análise qualitativa pode ser independente de uma análise quantitativa e ao contrário, não é possível (Teixeira, 2017).

Por fim, no que diz respeito à dimensão da Relevância da Análise Estatística, todos os entrevistados, independentemente do seu contexto atual, consideram-na relevante ou que serve como complemento. No entanto, importa realçar dois entrevistados, que são eles, o A2 e o A3, que consideram a análise estatística subjetiva e pouca relevante em determinados aspetos. Estes dois entrevistados trabalham no contexto da Liga Portugal Bwin. No entanto, como referi, todos os entrevistados, afirmaram que a análise estatística é relevante ou que serve como complemento, desde que sejam, principalmente dados objetivos, suportando a análise qualitativa, como é o momento das bolas paradas, por exemplo.

A tabela 20, apresenta os resultados obtidos acerca da dimensão da importância da análise da própria equipa.

Tabela 20 - Resultados da Dimensão sobre a Importância da análise da própria equipa

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Importância da análise da própria equipa	É importante	- Validação da estratégia do jogo passado; - Potenciar o modelo de jogo da equipa; - Demonstração da análise aos jogadores.	A1
		- Dois polos: A ideia de jogo e o plano estratégico; - Combinar a análise da própria equipa com a do adversário	A2
		- Foco na análise da própria equipa	A3
		- Análise da própria equipa é o mais importante	A4
		- Depende das equipas técnicas	A5 A6
		- Perceção daquilo que foi o jogo anterior; - Combinar a análise da própria equipa com a do adversário	A7
		- Validação do plano de jogo traçado	A8
		- Importante para o planeamento	A9
		- Perceção do contexto que o plantel vivencia	A10

Falando agora, relativamente à dimensão da importância da análise da própria equipa, todos os entrevistados responderam que é importante no contexto deles. Começamos pelo entrevistado A1, em que este considera que a análise da própria equipa é importante porque é uma validação da estratégia do jogo passado (“(...) Sim, a semana é sempre preparada com base em duas coisas, no próximo adversário e no jogo passado. No jogo passado mais para nós validarmos aquilo que foi a nossa estratégia para o jogo, perceber o que falhou e o que não falhou e perceber em que momento é que nós, a nossa equipa está (...)”) e consegue potenciar o modelo de jogo da equipa (“(...) é o momento mais importante e o momento de análise mais forte e mais detalhado para nós conseguirmos continuar a fazer a equipa crescer e para nós sentirmos também o que é que a equipa precisa naquela semana para corrigir aquilo que não teve tão bem e que não nos fez estar tão bem no jogo ou às vezes até para cimentar comportamentos e para continuar a trabalhar comportamentos que tão a sair bem e que nós temos que continuar a potenciar no nosso modelo é importante (...”). Isto vai ao encontro do autor (Vázquez, 2015), uma vez que, este refere que a análise da própria equipa procura “medir” até que ponto os jogadores cumpriram com o plano de jogo previamente definido e treinado.

Para o entrevistado A2, a análise da própria equipa é importante pois consegue combinar dois polos: a ideia de jogo e o plano estratégico (“(...) a análise da própria equipa tem que ser extremamente direta naquilo que tu queres, ou seja, tens depois emergem dois polos não é, ... o polo da ideia de jogo, ou seja, os nossos comportamentos que são de ideia de jogo base digamos assim e depois temos aqueles que são o plano estratégico da equipa e também importa tu perceberes se aquilo que tu montaste para o jogo foi correto ou não foi correto, se conseguiste encontrar os espaços que querias, se conseguiste bloquear a construção como querias (...”), ou seja, combinar a análise da própria equipa com a análise do adversário (“(...) em semanas muito curtas em que tu não tens muito tempo entre jogos, consegues pegar em aspetos que tu sabes que foram decisivos no último jogo ou que podem ser decisivos no próximo jogo e através das imagens tens o jogo anterior, tu consegues meter no vídeo do adversário (...”). Na preparação do treino deve ter-se em consideração as diferentes escalas de interação (coletiva, intersetorial, setorial, grupal e individual), de forma a criar interações ricas entre os jogadores e, para tal, na construção dos exercícios, o treinador deve ter em conta as suas ideias base, os problemas que têm que ser resolvidos e ir àquilo que é o jogo (estruturas e subestruturas da própria equipa e do adversário) para desenvolver contextos que manifestem a interação destes aspetos e, neste âmbito, o plano estratégico de jogo só se torna útil, a partir do momento em que as diferentes soluções são treinadas (Silva G. , 2016). Deve-se utilizar a informação obtida para construir o treino eficaz, procurando melhorar o desempenho dos jogadores e das equipas em competição (Duarte, 2017).

Segundo o entrevistado A3, é importante atribuir um foco na análise da própria equipa (“(...) isso, claro que a análise da própria equipa é fundamental ... Eu acho que o foco tem de ser sempre a tua equipa. O teu jogador, antes de conhecer o adversário tem de conhecer-se a si próprio ... acho que não podes estar constantemente a mudar tudo de semana para semana (...”). Em relação à análise da própria equipa, é fundamental que exista um conhecimento detalhado acerca do modelo de jogo da equipa, desde as ideias do treinador principal, relativamente ao modo como ambiciona que a equipa jogue, às características dos jogadores e do clube, entre outros fatores (Pimenta, 2019). Segundo Carling et al. (2007), no que diz respeito à análise da própria equipa, os principais objetivos passam pela identificação de aspetos positivos que possam ser potenciados e aspetos de melhoria que possam ser identificados para melhoria (Pereira C. , 2022). Através do processo de observação e interpretação da própria equipa, pretende-se identificar em competição/desempenho as forças e fraquezas que a nossa equipa apresenta, tendo sempre como referência o

jogo/desempenho anterior e o modelo de jogo do treinador/equipa técnica, para que, após a análise e interpretação da respetiva informação recolhida, se consiga planificar e desenvolver unidades de treino que ajudem a colmatar os pontos fracos e desenvolvam os pontos fortes da equipa (Lago, 2009).

Para o entrevistado A4, a análise da própria equipa é o mais importante (“(...) nós como trabalhamos num departamento e a experiência o que me diz é que as equipas técnicas gostam mais de trabalhar aquilo que é a própria equipa do que o adversário. Gostam mais de ser eles a focarem-se na própria equipa e nos erros da própria equipa ... eu acho que a análise da própria equipe é a coisa mais importante, tanto individual como coletiva, é a coisa mais importante que está na observação e análise no futebol (...).”). Como foi indicado no Enquadramento Teórico, a prioridade passa por preparar o meio que controlamos, sendo que esse meio passa pela nossa própria equipa, pelas nossas ideias, pelos nossos princípios, subprincípios e subprincípios de subprincípios (Pereira J. J., 2017). A análise de jogo da própria equipa deve ser um processo decorrente de toda a época desportiva e que à medida que o nível do jogo progride, existe uma maior importância que vai sendo atribuída à análise da equipa adversária, de forma a perceber os seus pontos fortes, assim como as suas fragilidades. Neste sentido, importa considerar aquando da priorização, a análise da própria equipa, sem descuidar a análise da equipa adversária, visto que, estes dois processos são fundamentais no desporto de Alto Rendimento (Pereira J. J., 2017). Segundo Silva (2011), é injustificável qualquer alteração ao modelo de jogo, no sentido de adaptar uma equipa ao adversário, mas afirma ser oportuno realizar alguns ajustes nas características dos exercícios de treino e, esses mesmos ajustes devem ser regulados pelo modelo de jogo e princípios da própria equipa (Teixeira, 2017).

Os entrevistados A5 e A6, a análise da própria equipa é importante, contudo, depende das equipas técnicas (“(...) este ano não estamos a dar tanta importância, fazemos na mesma essa análise pós jogo, mostramos na mesma aos jogadores a parte coletiva da análise pós jogo ... também outra questão é procurar dentro daquilo que tem sido a nossa época, que é com muitas vitórias, muitos resultados positivos seguidos, procurar sempre a mesma análise pós-jogo, dar um bocadinho de moral entre aspas aos jogadores, mas também puxá-los um bocadinho para baixo, em certos momentos, ... há coisas que não estão a ser bem feitas, há coisas a corrigir, há coisas sempre a melhorar. Tem sido muito assim ... é a minha opinião que é, deve-se efetivamente dar confiança aos jogadores, mas principalmente quando se ganha é importante continuar a corrigir para não deixar ganhar demasiada confiança (...).”) ; (“(...) nesta época, nós tivemos duas equipas técnicas ... um era muito mais orientado para a equipa, a própria

equipa, a análise. Preocupava-se muito mais com isso, com o nosso modelo de jogo, com a forma de jogar, etc. Com a segunda equipa técnica, a análise era muito mais orientada para o adversário era tudo à base do comportamento do adversário, a gente nem fazia análise da equipa no início da semana (...”).

Quanto ao entrevistado A7, a análise da própria equipa é importante, pois permite-nos ter uma perceção daquilo que foi o jogo anterior (“(...) aquilo que tem sido o padrão e que também tenho encontrado enquanto treinadores tem sido sempre, por exemplo, no primeiro treino, começando o microciclo, a apresentação daquilo que é a análise da equipa ao plantel. Aspetos que tenham corrido bem, aspetos que nós temos de melhorar ... Mas sim, concordo, porque a malta também chega, já passou o jogo, tem ali mais uma última visualização mental, digamos assim, daquilo que é o jogo anterior e começa também a perceber, nós também procuramos entender os porquês, o que é que andou a acontecer no jogo (...”) e combinar a análise da própria equipa com a análise do adversário (“(...) mas também, por exemplo, parte dessa análise que nós fazemos, tanto desse último jogo e também de outros jogos, e isso já me aconteceu com outros treinadores, pode ser utilizada também mesmo para a análise do próximo adversário (...”).

Em relação ao entrevistado A8, a análise da própria equipa é importante pois permite uma validação do plano de jogo traçado (“(...) nós fazemos sempre o vídeo de análise coletiva. Normalmente, nós treinamos no dia a seguir ao jogo, depois temos a folga e depois no primeiro treino da semana, já do jogo seguinte, apresentamos o vídeo, com as situações que estavam traçadas no plano de jogo, das situações que foram bem-sucedidas e daquilo que não fizemos tão bem e que temos de corrigir e trabalhar sobre isso durante esta semana, tendo em conta também o próximo jogo (...”).

No que diz respeito ao entrevistado A9, a análise de jogo da própria equipa é importante para o planeamento do microciclo (“(...) acabamos por filmar todos os jogos, e o treinador ou o treinador-adjunto acaba por visualizar esse mesmo jogo e depois dar algum tipo de feedback à própria equipa ... a informação que transmitimos à equipa não é algo muito objetivo, propriamente dito. Para nós, a nível do planeamento, acabamos de dar alguma importância para corrigir pequenos aspetos que foram mais relevantes e depois para tentarmos melhorar no próximo jogo, também tendo em conta aquilo que vamos encontrar, mas essa informação não é transmitida de forma objetiva aos próprios jogadores (...”). O planeamento do microciclo do treinador analista com vista ao jogo de Futebol, no contexto da observação e análise do jogo, correlacionam-se, principalmente no Futebol de alto rendimento, uma vez que, durante o microciclo semanal, prévio a

uma competição ao fim de semana, por exemplo, existe uma análise ao adversário que é realizada e apresentada ao pormenor, tanto à equipa técnica como aos jogadores (dependendo das ideias do treinadores em relação a tal) e, também existe no após o dia da competição, a análise do jogo da própria equipa, podendo ser realizada uma análise mais individual, mais setorial, ou inclusive, conjunta com o grupo todo. Segundo Oliveira Silva (2006), o treino está dependente de uma análise que permita melhorar o rendimento desportivo, para induzir mudanças comportamentais nos atletas. O mesmo autor defende que o primordial objetivo da observação e análise do jogo é obter informação detalhada e, de qualidade, referente à competição da sua equipa e dos adversários, de forma, a controlar e operacionalizar o processo de treino (Teixeira, 2017). Segundo (Carvalho, citado por Ventura, 2013), a construção regulada do modelo de jogo da própria equipa, o apoio na planificação e organização do processo de treino e a caracterização das equipas adversárias, são fatores que influenciam o conteúdo de treino semanal, assim como a preparação estratégico-tática face aos diferentes adversários (Teixeira, 2017). Neste sentido, análise da própria equipa permite desenvolver segundo (Pedreño, 2014), as seguintes tarefas: analisar os comportamentos táticos da equipa e a competição em que a mesma está inserida; avaliar e analisar o rendimento físico, técnico, tático coletivo e individual; analisar atitudes psicológicas quer individuais quer coletivas; analisar os treinos de forma a avaliar o rendimento durante o mesmo, tal como autoavaliar as tarefas da equipa técnica durante os treinos. Neste sentido, o planeamento do microciclo do treinador analista com vista ao jogo de Futebol, no contexto da observação e análise do jogo, correlacionam-se, principalmente no Futebol de alto rendimento, uma vez que, durante o microciclo semanal, prévio a uma competição ao fim de semana, por exemplo, existe uma análise ao adversário que é realizada e apresentada ao pormenor, tanto à equipa técnica como aos jogadores (dependendo das ideias do treinadores em relação a tal) e, também existe no após o dia da competição, a análise do jogo da própria equipa, podendo ser realizada uma análise mais individual, mais setorial, ou inclusive, conjunta com o grupo todo.

Por fim, para o entrevistado A10, a análise de jogo da própria equipa é importante, contudo é necessário ter em conta a perceção do contexto que o plantel vivencia (“(...) já fizemos que quando jogas bem fazemos e já fizemos que quando jogas mal não fazes, também já fizemos isso. Também já fizemos que quando ganhas, mas não ganhas a jogar bem, também não fazes. Ou então, também já fiz, ganhas, jogas mal, mas só metes as coisas boas. Portanto, isto aqui há uma variabilidade enorme de probabilidade ou não de haver ... agora, acho que é muito importante a análise da

própria equipa ... acho que vale sempre a pena, mas é importante também ter em conta este contexto ... daquilo que a equipa está a viver no momento e o que é que se pretende mostrar. Mas na minha opinião é sempre muito importante, sem dúvida (...)."

Em forma de conclusão, relativamente à dimensão da Importância da Análise da própria equipa, mais uma vez, todos os entrevistados, independentemente dos seus contextos atuais, consideraram importante e fundamental a presença de uma análise da própria equipa. Nomeadamente, abordaram a validação do plano de jogo traçado, ou seja, a validação da estratégia utilizada, procurando potenciar o modelo de jogo da própria equipa. No entanto, como é normal, embora todos considerem importante esta análise da própria equipa, isto tudo depende um pouco daquilo que são as ideias do treinador principal ou da equipa técnica, assim como aquilo que é o momento da equipa. Estes fatores foram referidos pelos entrevistados A5, A6 (estes últimos pertencentes ao contexto da Liga Portugal 2) e A10 (este pertencente ao contexto da Liga 3).

Outra dimensão importante para analisar diz respeito à relevância da análise individual ou setorial da própria equipa. Os resultados obtidos dessa mesma dimensão encontram-se na tabela 21.

Tabela 21 - Resultados da Dimensão sobre a Relevância da análise individual ou setorial da própria equipa

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Relevância da análise individual ou setorial da própria equipa	É importante	- Realização de vídeos individuais e setoriais; - Potenciar todos os jogadores	A2
		- Potenciar os jogadores	A3 A4
		- Vídeos individuais para os jogadores	A6 A7 A8
		- Contexto que os jogadores vivenciam	A10
	Menor importância	- Depende da equipa técnica e dos recursos humanos;	A5
		- Regularmente não acontece	A9

Agora, relativamente à dimensão da relevância da análise individual ou setorial da própria equipa, 8 entrevistados consideraram a análise individual e/ou setorial da própria equipa importante, enquanto 2 entrevistados atribuíram-na menor importância. Começando primeiro, por aqueles que consideram esta dimensão importante, para o entrevistado A2, a razão está presente na potenciação dos jogadores através da realização de vídeos individuais e sectoriais (“(...) nós ... tínhamos um problema muito grande, nunca conseguimos resolver, que era a nossa linha defensiva tinha tendência

a tirar profundidade, mesmo quando não havia necessidade de a tirar, baixava. Pá não há necessidade de tu estares a por vinte e não sei quantos jogadores do plantel sentados numa sala se vais só falar sobre a linha defensiva ou se te interessa só a linha defensiva. Pá vídeos individuais é muito frequente e eu fiz muitos, normalmente fazíamos ou a meio da semana, por exemplo se fossemos treinar uma situação muito individualizada ou então no dia de jogo (...)" (“(...) acho que é fundamental, tu teres o cuidado não só com os que jogam, mas com todos, porque se tu tiveres com todos também estás a ganhar jogadores, ou seja, tu estás a munir os jogadores todos de armas que tu vais precisar mais tarde ou mais cedo para a competição (...”).

Para o entrevistado A3, a razão para a importância dada à análise individual e setorial da própria equipa abarca também a potenciação dos próprios jogadores (“(...) isso nós já fazemos também, e até às vezes há jogadores que querem ser eles próprios, eles pedem as ações para serem eles a ver. Depois, claro, que tudo aquilo que é setorial, tudo aquilo que é individual ... em termos de jogo de futebol, há muita coisa individual que podes tirar, porque não há ninguém que faça jogos perfeitos, diria, e há sempre coisas que podes melhorar (...”). O mesmo acontece com o entrevistado A4, que também abordou o aspeto relativo à potenciação dos jogadores (“(...) nós aqui fazemos um trabalho coletivo, individual, de tudo o que se passou no jogo, com codificação individual de todos os jogadores ... são coisas positivas que fizeram bem, mediante aquilo que é o nosso modelo de jogo, as missões técnico-táticas, que nós procuramos que eles façam dentro de campo. E o que eles fizeram mal e que é preciso corrigir. E nós fazemos sempre isso. Eu acho que isso é que é o mais importante (...”).

Como foi indicado anteriormente, no Enquadramento Teórico, atualmente, o jogador deve ser dotado de determinados mecanismos percetivos, devendo este ser o mais eficaz eficiente possível na sua tomada de decisão, possuindo uma grande variabilidade no seu reportório de resoluções táticas, que permita resolver problemas provocados pelo jogo, tendo como suporte uma elevada capacidade técnica para dar resposta às soluções encontradas a esses mesmos problemas (Pereira J. J., 2017). O jogador deve procurar aumentar a sua assertividade ao processar informação face as variáveis do jogo, permitindo-o, tendo em conta, a elevada complexidade que o jogo exige, a adaptar a antecipar diferentes problemas consequentes da imprevisibilidade que o jogo proporciona e, neste sentido, a observação e análise de jogo é fundamental no dia a dia das equipas técnicas (Pereira J. J., 2017). A análise individual no jogo de futebol envolve o estudo detalhado do desempenho de um jogador, considerando diversos aspetos técnicos, táticos, físicos e psicológicos, sendo fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento dos atletas, permitindo identificar pontos fortes e

áreas que necessitam de melhorias. Segundo (Vázquez, 2015), a análise de jogo constitui-se como um meio imprescindível para a caracterização das exigências específicas que são impostas aos jogadores durante os jogos, sendo que, ao dispor deste tipo de informação, os treinadores podem ajustar o modelo de jogo, da forma mais conveniente. Segundo os autores José Gama et al., (2017), Garganta (2008) e Ventura (2013), através da identificação e codificação de ações individuais, grupais e coletivas da própria equipa, o treinador tem na análise e observação uma ferramenta importante para otimizar a performance individual e coletiva, atribuindo-lhe por isso muita relevância (Vaz, 2019)

Em relação aos entrevistados A6, A7 e A8, estes atribuem relevância à análise individual e setorial da própria equipa, tendo abordado principalmente a realização de vídeos individuais para os jogadores (“(...) tens a possibilidade de transmitir vídeos individuais, informações individuais aos jogadores. Nem sempre tem de ser um contexto formal de auditório, pode ser tão simples como ter um iPad e passar cliques individuais dos jogadores e apanhá-los antes do treino, ou no autocarro, ou num contexto informal, onde quer que seja, um clipe de um minuto, só para discutirem ali duas, três coisas, e deixá-los ir treinar (...)”) – A6; (“(...) temos também alguns cortes individuais ou mesmo coletivos que depois fazemos chegar aos jogadores através de outras vias ... ou seja, não fazendo chegar logo aos jogadores a seguir ao jogo, vamos juntando algumas situações com situações que já identificámos que está a ser um padrão naquele jogador. Seja de potenciação ou de uma correção. E depois chamamos, reunimos e falamos sobre aquilo que está a acontecer (...)”).

Para o entrevistado A10, este também considera a análise individual importante, assim como a análise setorial, no entanto, refere que é necessário ter atenção ao contexto que os jogadores vivenciam (“(...) acho que vale sempre a pena, mas é importante também ter em conta este contexto ... daquilo que a equipa está a viver no momento e o que é que se pretende mostrar (...”). O conhecimento melhora a operacionalização, desta forma, é importante colocar à disposição para os jogadores e treinadores, a melhor informação possível e tudo aquilo que possa constituir como apoio útil para a preparação da estratégia do jogo, permitindo assim reduzir ao mínimo os riscos devidos do carácter imprevisível das situações do jogo (Pereira J. J., 2017).

Agora, relativamente aos entrevistados que atribuem menor importância às análises individuais e setoriais da própria equipa, para o entrevistado A5, depende de cada equipa técnica e dos recursos humanos existentes (“(...) este ano não estamos a dar tanta importância, fazemos na mesma essa análise pós jogo, mostramos na mesma

aos jogadores a parte coletiva da análise pós jogo, mas não fazemos análise individual nem setorial (...). Segundo o entrevistado A9, este refere que regularmente não acontece no seu contexto (“(...) relativamente à nossa própria equipa, não ... acabamos por não os realizar. Já fiz uma ou duas vezes, a pedido do treinador, o que me pediu, de forma específica, fazer cortes de um jogador para lhe mostrarmos. Também já fiz uma vez ou duas que os próprios jogadores que me solicitaram, olha, eu queria ver aqui isto assim, mas de forma regular não acontece (...).”).

Agora, em forma de conclusão, no que diz respeito a esta dimensão da Relevância da Análise individual e setorial da própria equipa, somente existiram dois entrevistados que não atribuíram importância a esta análise individual ou setorial da própria equipa, que foram os entrevistados A5 e A9. O entrevistado A5, pertencente ao contexto da Liga Portugal 2, refere que este aspeto depende muito dos recursos humanos existentes e, que nesta última época não atribuíram tanta importância. O entrevistado A9, cujo contexto trata-se da Liga 3, também refere que geralmente, essa análise não acontece, uma vez que, depende um pouco daquilo que o treinador principal pedir, mas mais dos recursos humanos existentes. A importância desta dimensão pode ser maior quanto maior for o nível de profissionalização do contexto de trabalho/clube, uma vez que, é necessário recursos humanos para a realizarem, e principalmente tempo. Neste sentido, em contexto semiprofissionais, como é o exemplo da Liga 3, esta menor relevância dada pode acontecer.

Agora, relativamente à dimensão da relevância da análise individual dos adversários, os resultados obtidos da mesma encontram-se na tabela 22.

Tabela 22 - Resultados da Dimensão sobre a Relevância da análise individual dos adversários

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Relevância da análise individual dos adversários	É importante	- Documentos com os individuais dos adversários; - Ajustes coletivos através de ajustes individuais	A1
		- Vídeos de adversários diretos	A3 A7 A8
		- Conhecimento aprimorado do jogador adversário; - Preparação do nosso jogador	A4
		- Importância do modelo de jogo do adversário	A5
		- Aspeto circunstancial; - Depende dos recursos humanos	A6
		- Depende dos recursos humanos; - Vídeos dos jogadores ofensivos adversários	A7
		- Foco dos jogadores adversários na apresentação coletiva	A9
		- Não é constante, só para o GR - Depende dos recursos humanos	A10

No que diz respeito à dimensão da análise individual dos adversários, todos os entrevistados consideraram importante e referiram que realizam tal análise. Para o entrevistado A1, esta análise é importante pois, permite ajustes coletivos através de ajustes individuais (“(...) isso sempre e muitas das vezes dentro daquilo que é a apresentação coletiva à equipa também, quando sentimos que, olha por exemplo agora com o Arouca, o lateral recebe muitas vezes para dentro, então nós coletivamente também orientamos aquilo que era a estratégia de pressão em função daquilo que era esse pormenor individual (...) dentro daquilo que é a análise individual damos essa importância, todos os jogos eles recebem o documento com os individuais deles quando é necessário chamamos e falamos seja coletivamente seja individualmente sobre algum adversário para os conseguirmos parar (...”).

O entrevistado A3 abordou a importância da realização de vídeos relativos aos adversários diretos (“(...) no que toca ao adversário, ... nós também damos muito ênfase ao individual, porque, obviamente, quando vais jogar contra um ala que tem um tipo de ação mais padronizada, ou seja, é um ala, mas que procura muito o seu pé forte e remate e condução interior. Pronto nós fazemos isso, é evidente, não há segredos hoje em dia ... por isso, sim, há uma importância grande no que toca a ações setoriais, individuais, essas coisas todas, seja da própria equipa, seja do adversário (...”). O entrevistado A8, também revelou a importância que dá à realização de vídeos relativos aos adversários diretos (“(...) nós fazemos análise individual de todos os jogadores que estão disponíveis dentro do plantel, mesmo aqueles que são menos utilizados ... fazemos uma análise individual escrita para a equipa técnica e depois para os jogadores. Enviamos os vídeos de cada jogador, das suas principais características, com pontos fortes e pontos menos fortes dos jogadores, para que eles também tenham uma ideia daquilo que vão encontrar pela frente. Sendo que a visualização desses mesmos vídeos é de caráter opcional e não é obrigatório (...”).

Para o entrevistado A4, esta dimensão é importante, pois possibilita um conhecimento aprimorado relativamente ao jogador adversário, de forma a preparar o próprio jogador (“(...) eu acho que a análise individual é muito importante, é importante conhecer os jogadores adversários. E há jogadores adversários que é importante conhecer mesmo muito bem ... nós temos de perceber o que é o jogador e é isto. Mas o que é que o jogador dá ao jogo que é diferenciado daquilo que são os outros e aquilo que pode... que nós teremos de ter atenção quando formos pressionar, quando formos quando tentarmos passar por ele, quando o travarmos ao corredor, se ele deu

coberturas, etc ... é muito importante para nós prepararmos o nosso jogador para aquilo que vai acontecer dentro do jogo (...”).

Quanto ao entrevistado A5, a análise individual do adversário é importante, pois permite ter atenção ao modelo de jogo do próprio adversário (“(...) Isto porque, em vez de, por exemplo, estarmos a mostrar só ao nosso defesa esquerdo, o extremo direito, dependendo daquilo que fosse o modelo de jogo do adversário, nós mostrávamos o extremo-direito, o defesa-direito, possivelmente o extremo-direito suplente, ou o defesa direito suplente, e depois, caso fosse, por exemplo, um médio interior que aparecesse muito no corredor, que trocasse muitas vezes de posição com o extremo, mostrávamos também esse médio interior para o nosso lateral esquerdo estar por dentro dessa dinâmica (...”).

O entrevistado A9, considera importante focar os jogadores adversários na apresentação coletiva (“(...) aquilo que tento fazer relativamente às equipas adversárias, é quando estou a fazer esta análise sectorial e das equipas dos diversos momentos do jogo, focar ao longo da apresentação, determinados jogadores-chaves e que movimentos-chaves que eles acabam por fazer. E aí é feita essa... não de todos, mas de alguns elementos-chave que temos de ter em atenção em determinadas dinâmicas das equipas adversárias (...”).

Neste sentido, como já foi referido anteriormente, os recursos de um departamento de observação e análise, permitem ao jogador processar informação de forma mais eficiente, dada a maior capacidade em entender, analisar e decidir através desses recursos, dotando os jogadores de ferramentas que permitam antecipar cenários sempre numa perspetiva de preparação e melhoria de eventuais processos de jogo e de treino, com resposta aos cenários recorrentes do jogo (Pereira J. J., 2017).

Os restantes entrevistados, embora considerem importante a realização da análise individual do adversário, afirma que depende dos recursos humanos existentes, como são os casos dos entrevistados A6 (“(...) acho importante, não acho que sejam o mais fundamental...mas a análise individual também uma coisa circunstancial. Se vamos apanhar um ponto de lança que tem mesmo características, passa-se aos centrais alguns cliques dele, para ter atenção e para saberem defrontá-lo ... é uma coisa boa e é uma coisa que acrescenta, mas eu acho que, pronto, estando sozinho, tem de se pôr prioridades e não é uma das prioridades, mas circunstancialmente, sim, faz (...”), A7 (“(...) eu sempre procurei ter mais referenciais, ou seja, mais uma análise individual daquilo que eram os jogadores do setor ofensivo do adversário. Para dar aquilo que era o meu setor defensivo. Neste caso, mais a linha defensiva. Os defesas gostam, falando

assim mais especificamente, os jogadores gostam muito mais de ter esse tipo de informação e de perceber que tipo de jogador é que vão jogar contra ... Porque depois daquilo que é o jogador do setor ofensivo, já é um bocado mais a criatividade, ele se calhar naquele momento não estar tipo a pensar, olha este defesa, claro que há esses referenciais e nós damos esses referenciais. Mas muitos desses referenciais que nós damos já estão quase a ser dados naquilo que é o vídeo, ... da equipa em si (...)” e A10 (“(...) Do ponto de vista mais individual, eu acho que é fundamental. Mas neste momento, nós não temos pessoas suficientes para fazer isso. Eu concordo a 100% que é muito importante, mas acho que não é preciso exagerar muito nesse aspeto ... Mas neste momento, isso só está a ser feito para o guarda-redes. Para a própria equipa, não. Mas digo-te que já o fiz no passado, se achar mesmo muito importante. Agora constantemente não está a ser feito. Mas acho importante, sem dúvida alguma (...”).

Em suma, relativamente à dimensão da Relevância da Análise individual dos adversários, todos os entrevistados, independentemente dos seus contextos atuais, consideraram importante a presença dessa análise individual. Contudo, é interessante realçar que os entrevistados A6, A7, A9 e A10, referiram que esta análise depende muito daquilo que são os recursos humanos existentes no clube. O entrevistado A9, inclusive refere que, não realiza uma análise individual dos adversários através de vídeos individuais dos mesmos, mas sim analisa-os e atribui-lhes algum foco, no momento da análise coletiva do adversário, o que indica uma maneira de procurar fazer o máximo possível, tendo em conta os recursos existentes. Ou seja, como foi dito, relativamente à dimensão anterior, em contextos com menores recursos humanos, ou seja, em contextos inferiores aos da primeira liga, por exemplo, esta dimensão, apesar de se atribuir muita importância, tende a depender dos recursos humanos existentes.

Em relação à dimensão que diz respeito à importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise, os resultados obtidos encontram-se expostos na tabela 23.

Tabela 23 - Resultados da Dimensão sobre a Importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise	Atribuem maior importância à análise da própria equipa	- Foco neles próprios	A8 A10
	Atribuem maior importância à análise da equipa adversária	- Depende dos jogadores; - Tendencialmente preferem ver os adversários	A5
		- Preparação do jogador para o jogo	A9
	Atribuem importância semelhante à análise da própria equipa e da equipa adversária	- Grupo de jogadores que gostam de ver os vídeos	A1
		- Preferência na análise do próprio jogador e do adversário direto; - Depende dos jogadores	A2
		- Importância a ambos os momentos; - Depende do feedback do treinador	A3
		- Equilíbrio em ambos os momentos; - Depende do momento do jogador	A6
		- Cuidados dos jogadores em saber	A7
Sem resposta concreta	- Depende do foco do jogador; - Maior receptividade perante adversários mais fortes	A4	

Quanto a esta dimensão relativa à importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise, 2 entrevistados afirmam que os jogadores atribuem maior importância à análise da própria equipa, outros 2 entrevistados revelam que os jogadores consideram mais importante a análise da equipa adversária, 5 entrevistados referem que os jogadores atribuem uma importância semelhante à análise da própria equipa e da equipa adversária, e por fim, 1 entrevistado não referiu uma resposta concreta acerca do tema.

Primeiro, relativamente aos entrevistados que referiram que os jogadores atribuem maior importância à análise da própria equipa (A8 e A10), ambos defendem que os jogadores têm um maior foco neles próprios (“(...) a maior parte dos jogadores indicou-nos que o mais importante para eles é a análise à própria equipa, ou seja, o foco neles, no que eles têm de melhorar na nossa equipa, na nossa forma de jogar, mas também sempre atentos e preocupados com aquilo que é o adversário e também com os vídeos individuais (...)”) (“(...) mas eu acho que eles dão sempre mais foco à própria equipa quando eles se veem a jogar ... imagina que o Tiago jogou nesse jogo, na análise própria equipa, se ele estiver diretamente envolvido naquele lance, eu acho que ele aí se calhar vai dar mais importância. Ou se for um lance que ali pelo colocador esquerdo ou pelo corredor direito se for o adversário a atacar. Eu acho que eles aí estão mais

ligados quando é o adversário. E eu acho que a importância para eles da própria equipa acaba por ser um bocadinho maior. Mas não digo que a do adversário também não é importante ... diria que para aí 60-40. A própria equipa 60, o adversário 40 (...)” – A8 e A10 respetivamente.

Quanto aos entrevistados que revelaram que os jogadores atribuem maior importância à análise da equipa adversária, na opinião do A5, depende dos jogadores, contudo, tendencialmente preferem ver os adversários (“(...) depende muito da personalidade do jogador, mas de uma forma generalizada, eles gostam mais de saber do adversário do que deles próprios. É óbvio que há jogadores que gostam sempre de saber muito deles próprios para melhorar, mas aquilo que eu me tenho apercebido no pessoal profissional é que eles não gostam muito de se autorresponsabilizar, ou seja, às vezes uma pessoa aponta-lhes um erro, aponta isto, aponta aquilo, e eles, não é o levar a mal, mas notam-se que ficam mais reticentes e mais um bocadinho mais desconfiados (...)”). Para o entrevistado A9, eles ao atribuírem maior importância à análise do adversário, funciona como uma preparação do jogador para o jogo (“(...) Acho que cada vez mais o jogador percebe mais o jogo, percebe mais o futebol e preocupa-se mais em tentar perceber o que vai acontecer ... e ao perceber melhor o jogo também quer ter mais informação daquilo que vai encontrar, para tentarem adaptar as suas ações para aquilo que vão encontrar, e isso fica patente nas diversas que existem depois da apresentação. Tendo em conta isto, acho que eles cada vez dão mais ênfase ao conhecimento daquilo que vão tentar encontrar no momento do jogo para também conseguirem adequar as suas opções para aquilo que vão encontrar (...)”).

Agora relativamente aos 5 entrevistados que afirmaram que os jogadores atribuem uma importância semelhante à análise da própria equipa e da equipa adversária, o entrevistado A1 refere que o grupo de jogadores gosta de ver ambos os vídeos (“(...) o grupo que nós temos dá muita importância ao momento de vídeo, independentemente que seja do adversário ou da própria equipa, dá uma importância muito grande, é um grupo de jogadores que, muitos dos jogadores veem o adversário e veem vídeo, veem o jogo, depois do jogo, gostam de ver o jogo, gostam de ver o que é que correu bem, às vezes até duas vezes e gostam de falar sobre isso, e por isso eu sinto que eles dão muita importância a tudo independentemente seja adversário não seja (...)”). O entrevistado A2 afirma que existe uma preferência na análise do próprio jogador e do adversário direto, embora dependa um pouco do jogador, na sua opinião (“(...) vai depender também muito de jogador para jogador eu acho que, por natureza, o jogador se tu fores falar dele ou do adversário direto dele ele vai captar, depois pode não gostar da forma como tu abordas, alguns sabes que não podes ser muito crítico,

com outros podes ser mais crítico, ... mas geralmente eles preferem o vídeo individual, a questão micro minha e do adversário, do meu adversário direto do que a coletiva, mas eu acho que vai sempre também depender um bocadinho de jogador para jogador e da forma como tu fazes a reunião (...”).

Para o entrevistado A3, os jogadores atribuem uma importância semelhante a ambos os momentos e, depende também do feedback do treinador (“(...) eu acho que é meio-meio ... não posso falar com toda a certeza, mas acho que eles, a própria equipa, devem tomar um bocadinho mais de atenção, até porque são eles que estão ali a fazer as coisas é o processo deles eu acho que eles tomam essa maior atenção, mas depois quando é o adversário eles também tomam atenção aquilo que ... mas tudo depende de uma coisa que é importantíssimo que é o feedback do treinador, é a forma que ele comunica (...”).

O entrevistado A6, refere que existe um equilíbrio em ambos os momentos e, também depende do momento do jogador (“(...) eu sinto que eles têm equilíbrio nos dois vídeos, eles gostam ... temos uma plataforma que partilhamos os vídeos com eles, e eles pedem sempre, por exemplo, o vídeo do adversário, pedem sempre para lhes a mandar e eles também, para poderem ver na viagem, quando vamos para cima, ou ver num hotel, ou ver em casa antes do jogo. Portanto, eles dão a importância, eu acho que eles não diferenciam entre um e outro (...) vai dependendo também de semana para semana, se ganhaste o jogo, se calhar estão mais relaxados às vezes, não prestam tanta atenção à análise da equipa, pensam que pronto, o jogo foi ganho, não interessa tanto ... ou se perdemos o jogo, se calhar dão mais atenção para ver o que é que podem fazer para melhorar, os jogadores que não jogam, se calhar no vídeo da equipa prestam mais atenção para ver o que é que o treinador quer, para fazer as coisas que ele quer. Acho que é também muito individual, muito relativo, mas acho que a importância dos dois é mais ou menos igual (...”).

Quanto ao entrevistado A7, existem cuidados por parte dos jogadores em conhecer ambos os momentos (“(...) tendo em conta também os contextos, tenho vindo a passar, há sempre um cuidado em querer saber a opinião do jogo, do nosso jogo, o que é que correu bem, o que é que acharam, o nível individual, o que é que também acharam. Acharam, ou seja, nós a equipa técnica, para também transmitirmos aos jogadores. E depois também há um cuidado em equipa, também perceber o que é que o adversário faz e o que é que nós também podemos controlar e vir a explorar (...”).

Por fim, o entrevistado A4, não revelou uma resposta concreta, pois afirmou que depende foco do jogador e pode existir uma maior receptividade por parte dos jogadores

em saber as coisas, quando se trata de adversários mais fortes (“(...) depende sempre muito do foco do jogador, do interesse que ele tem, da personalidade ... Mas em relação ao adversário, acho que todos os jogadores gostam de conhecer o adversário e de perceberem com qual adversário ... não sou eu que... que faça esse tipo de trabalho. Isso acaba sempre por ser mais com a equipa técnica, porque são eles que realmente estão próximos dos treinos, dos jogadores...mas acho que eles têm sempre mais receptividade quando lhes são apresentadas equipas melhores do que eles. Quando têm de estar mais focado. Quando acham que o jogo vai ser mais difícil. Acho que eles aí têm mais receptividade (...”).

Em forma de conclusão, no que diz respeito à dimensão sobre a importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise, existiu alguma divergência nos resultados dos entrevistados. O único entrevistado que não apresentou uma resposta concreta, como já tínhamos visto, foi o entrevistado A4 (contexto Liga Portugal Bwin), uma vez que depende do foco do jogador na sua opinião. Dois entrevistados do contexto da Liga 3 (A8 e A10), referiram que os jogadores atribuem maior importância à análise da própria equipa, uma vez que, se focam mais neles próprios. Um entrevistado do contexto da Liga Portugal 2 e outro da Liga 3, afirmaram que os jogadores atribuem maior importância à análise da equipa adversária, tendendo a observarem aquele que vai ser o adversário direto. Três entrevistados da Liga Portugal Bwin e dois da Liga Portugal 2, afirmaram que os jogadores atribuem uma importância semelhante à análise da equipa adversária, comparativamente à análise da própria equipa. Neste sentido, sobre esta dimensão, devido à divergência de resultados, tendo em conta os contextos atuais de cada entrevistado, é possível perceber que depende muito do que cada jogador pretende, assim como também daquilo que é o feedback do treinador principal.

A tabela 24, apresenta os resultados relativos à dimensão relativa à Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo).

Tabela 24 - Resultados da Dimensão sobre a Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo)

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo)	Relevância da Análise de jogo na estrutura do Microciclo	Relação entre a área da análise e o conteúdo do treino	A1 A2 A4 A5 A6 A9
		Depende do contexto, do microciclo, do adversário	A3 A4 A7 A8 A10

Neste sentido, em relação a esta dimensão da estrutura do microciclo, tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo, todos os entrevistados atribuíram relevância à análise de jogo na estrutura do microciclo. 6 entrevistados defendem que deve existir uma relação entre a análise da análise e o conteúdo do treino (“(...) com 4 treinos que é o microciclo normal, ou seja, -4, -3, -2, -1, nós jogamos e depois do jogo nós vemos sempre o jogo em ângulo aberto, vemos todos definimos aquilo que é importante apresentar à equipa no dia seguinte... no -4 é sempre espaços mais reduzidos e temos espaço ali para um exercício dentro do nosso microciclo maior, esse exercício maior... depois o exercício grande, normalmente metemos sempre aí algo que nos tenha faltado do jogo passado ou que nós queremos melhorar do jogo passado, sempre nesse primeiro treino... no -3 damos continuidade a esse momento e damos continuidade àquilo que é o nosso jogo e a melhoria de aspetos que sejam do nosso jogo. A partir do -2, -2 para a frente por exemplo, eu disse-te que era processo ofensivo, é linha defensiva, último terço do adversário como é que nós vamos ferir, o bloco, a estratégia defensiva... Se nós tivermos o +1 por exemplo, ou seja, uma semana com cinco dias, nós nesse primeiro treino, por exemplo... vamos dar conteúdo nosso... se imagina se tivermos vídeo do jogo passado para apresentar é logo no +1 sim, -4 não há vídeo, no -3 há sempre, sobre o processo defensivo do adversário e no -2 também e no -1 é bola parada (...)” – entrevistado A1. (“(...) agora há uma ligação, eu vou mostrar a parte defensiva, vou treinar a parte defensiva, eu vou mostrar a parte ofensiva, eu vou treinar a parte ofensiva, eu vou mostrar as bolas paradas eu vou treinar as bolas paradas e havia uma ligação muito direta e isso é o que eu acredito que é o fundamental... tu ao longo da semana, racionais lá está começa no vídeo, o que é que eu quero do dia de hoje, hoje vou treinar mais aspetos defensivos, então eu vou mostrar, mostro no vídeo, explico o que é que quero, agora vamos treinar...na véspera de jogo podes fazer um refresh até com imagens de treino (...)” – entrevistado A2. (“(...) cada equipa técnica é

diferente de todas ... todas são diferentes na forma como apresentam o adversário e todas são diferentes no dia em que o fazem e na forma em que o fazem... o que eu acho é que é muito importante, quando tu vais trabalhar plano estratégico dentro do campo, eu acho que é muito importante o jogador verem-no antes. Ou seja, se tu vais trabalhar a tua organização ofensiva, tu deves ver a tua organização ofensiva que tu vais procurar no jogo, os jogadores para estarem preparados, deves mostrar aquilo que é a organização defensiva do adversário (...) pode haver adversários que é preciso apresentar mais um bocadinho, pode haver adversários que é preciso apresentar o mínimo e depois aí já geres da maneira que quiseres. É sempre no -1, no -2, eventualmente no -3, dependendo do tipo de adversário que é. Mas anda sempre um bocadinho por aí. E da própria equipa é sempre no primeiro treino, no primeiro treino da semana (...)" – entrevistado A4. ("(...) acho que é a forma ideal, que é, nós fazíamos, por exemplo, a análise do adversário, como é que organizávamos no microciclo. Imagina que na terça-feira, por exemplo, íamos trabalhar a organização defensiva e transição ofensiva. Nesse dia, víamos o vídeo para a organização ofensiva do adversário e a sua transição defensiva, porque era aquilo que íamos trabalhar nesse dia. No dia a seguir, ou dois dias depois, víamos onde fôssemos trabalhar a nossa organização ofensiva, a organização defensiva do adversário e a sua transição ofensiva. E organizámos assim, dessa forma, e fazíamos a mesma coisa para as bolas paradas, ... A análise pós jogo, normalmente víamos logo no +1 ou no +2, dependia também da hora que fosse o jogo (...) " – entrevistado A5. ("(...) partindo do princípio que depende de cada treinador e é sempre o treinador que define o plano ... tendo o jogo de domingo, depois temos segunda folga à partida, terça é o dia para já fazer a análise da equipa, ... quarta diria que não haveria sessão de vídeo, não ser uma coisa ainda relacionada com o nosso jogo, uma coisa se calhar mais individual ou setorial, mas não um vídeo coletivo de equipa. Passando para quinta, aí já começa a relação ao adversário, já a preparação para o jogo. E aí a gente pode fazer o momento ofensivo e defensivo, e o momento ofensivo de organização e transição defensiva do adversário, em vídeo. Para depois trabalhar a nossa organização defensiva e a transição ofensiva no campo ... sábado, acho que é o dia para fazer as bolas paradas, como fazem a maioria das equipas. Aqui já se minimiza a transmissão de informação o menos possível, para também não cansar muitos jogadores, limpar a cabeça, para estar tudo focado no jogo (...) – entrevistado A6. ("(...) ou na segunda ou na terça-feira, consoante também se a equipa adversária se jogou no domingo ou se jogou no sábado, tentamos fazer logo essa mesma apresentação para eles. Depois dessa apresentação deixo também o relatório escrito que dou para a equipa da técnica, acaba por afixar lá no balneário, para eles também poderem esclarecer alguma coisa. No processo de treino em si, acabamos por começar

a introduzir essas mesmas temáticas de uma forma mais sectorial nos dois primeiros treinos, tanto ao nível de dinâmicas ofensivas como defensivas, e, depois, na quinta-feira, tentamos recriar, ali numa parte do treino, o jogo que vamos encontrar e tentar explicar o que é que nós pretendemos deles para contrariar aquilo que a outra equipa faz e para potenciarmos os determinados aspetos que pretendemos (...)” – entrevistado A9.

Estas respostas corroboram com o que foi exposto no Enquadramento Teórico, onde segundo (Ventura, 2013), o principal objetivo da observação e análise de jogo passa por obter a informação pormenorizada e de qualidade, do funcionamento competitivo da sua equipa, dos seus jogadores e dos adversários, com a finalidade de controlar e operacionalizar o processo de treino, permitindo uma avaliação acerca do processo desenvolvido em conjunto com os jogadores a nível individual e coletivo. De acordo com Garganta (2008), o nível de concordância entre o processo de treino e competição está em parte dependente da informação obtida a partir do processo de observação e análise dos comportamentos coletivos e individuais, desenvolvidos em ambos os contextos, assim como da aplicação da informação obtida. Ainda segundo Ventura (2013), a análise de jogo está relacionada com a avaliação da própria equipa e dos adversários, como forma de, posteriormente à análise, adaptar o processo de treino para preparar a equipa. Segundo os autores Sarmiento, Pereira et al., (2014), os treinadores portugueses tendem a adaptar o seu processo de treino, com a alteração dos exercícios ou de variantes de exercícios, tendo em conta as características do adversário (Figueiredo, 2015). Segundo (Lopes, 2005; Sarmiento, Pereira et al. 2014), depois da observação devem analisar as forças e as fraquezas do adversário e interpretar essas características comportamentais com o modelo de jogo e jogadores da equipa. Esta interpretação corresponde a uma etapa fundamental em que se deve incorporar as conclusões do processo de observação e análise do adversário na planificação estratégico-tática e na programação do treino, transmitindo deste modo as informações mais relevantes aos jogadores (Teixeira, 2017). Neste sentido, a preparação para a performance (treino), a performance (jogo) e o controlo de qualidade da mesma (análise) são etapas com um elevado grau de dependência entre si e, fazem parte de um só processo (Teixeira, 2017). Os autores Carling et al. (2005) também defenderam este aspecto, em que após a competição/treino (desempenho) deverá realizar-se a observação e posterior análise do desempenho (em treino e/ou competição). Após a respetiva observação e a análise do jogo surge a interpretação (que deverá ser usada para feedback aos jogadores). A interpretação irá permitir que a equipa técnica organize, planeie e prepare as sessões de treino seguintes ao último jogo

ou a sessão de treino seguinte à anterior, tendo sempre como objetivo a melhoria do desempenho na competição/treino seguinte (Duarte, 2017). No fundo, aquilo que se pretende é que a informação disponibilizada ao treinador, após o respetivo processo de observação e recolha de informação, bem como após a interpretação da informação, tendo em consideração o desempenho anterior e o modelo de jogo, seja passível de ser utilizada no auxílio à planificação e desenvolvimento das sessões de treino e respetiva implementação das mesmas, durante o microciclo semanal (Duarte, 2017). De acordo com Vázquez (2012), quanto maior for o conhecimento do treinador/equipa técnica acerca das características do jogo da equipa adversária, através da identificação de regularidades, bem como de pontos fortes e fragilidades, mais eficaz será a preparação do microciclo semanal, por esse treinador/equipa técnica, diminuindo a probabilidade de serem surpreendidos, bem como organizam, preparam e planeiam, da melhor forma possível, o processo de treino (Duarte, 2017). Segundo Castelo (2014) é importante a elaboração de um modelo de análise que albergue os aspetos considerados pertinentes para a otimização da equipa e dos seus jogadores, através do treino e para o jogo e, neste sentido, a um modelo de jogo deverá corresponder, também, um modelo de observação e análise, existindo tantos modelos de análise quantas as conceções de jogo dos treinadores (Carneiro, 2016).

Os restantes entrevistados, defendem que esta dimensão depende do contexto, do microciclo e do adversário em si. (“(...) eu acho que muito vídeo, pá, não sei se ajuda. Já tive treinadores, por exemplo, que faziam o ofensivo num dia, o defensivo no outro e a bola parada no outro. Já tive um ou dois que faziam organização e transição num dia e bola parada noutra ... já tive treinadores que é tudo no mesmo dia, tudo, não a própria equipa, mas o adversário ... eu acho que em quatro treinos, duas vezes é o ideal. Se tiveres cinco, seis treinos, três vezes, provavelmente, poderia ser o ideal. Depende sempre do microciclo, mas num planeamento a quatro dias, diria que duas vezes, porque se fosse três vezes, eu acho que já é demasiado, a meu ver. E aí sim, faria logo a análise da própria equipa no primeiro dia, e depois faria no -2, provavelmente, ou seja, a faltar dois dias, mostraria o adversário no seu todo (...)” – entrevistado A3. (“(...) o analista tem de andar uma semana sempre à frente. Não há hipótese, porque assim que acaba o jogo, já vai ter de analisar o jogo, o jogo em si, que terminou, e depois, ao mesmo tempo, está a entregar a informação do próximo adversário ... depende sempre do treinador para treinador. Já tive treinadores em que queriam apresentar, em que dividiam os dias (...)” – entrevistado A7. (“(...) parece-me mais ajustado, o vídeo do último jogo, no primeiro treino da semana, para ficar um assunto fechado e depois também se poder trabalhar sobre isso. Depois a nossa forma de trabalhar e apresentar

as coisas é, dois dias antes, apresentamos a análise coletiva do adversário, dos quatro momentos do jogo e depois no dia anterior ao jogo apresentamos as bolas paradas. Também já trabalhamos com... Ou seja, no dia -2, vamos trabalhar a parte defensiva. Apresentamos o vídeo da organização ofensiva do adversário com a sua transição defensiva e a bola parada ofensiva. E depois vamos trabalhar sobre isso no treino e no dia a seguir o inverso. Já trabalhamos sobre essas duas formas, parece-me que a que fazemos atualmente, no dia -2, toda a análise coletiva e no dia antes do jogo, a bola parada, até ao momento, dentro das formas que já trabalhamos, parece-me a mais ajustada (...)" – entrevistado A8. ("(...) neste momento, o que fazemos é, no dia antes do jogo, tudo, quatro momentos e bola parada. E depois vamos para a bola parada. Eu acho, na minha opinião, eu acho que faz mais sentido tu apresentares os quatro momentos num dia e a bola parada no outro. Porquê? Porque normalmente, acho eu que a maior parte das equipas técnicas neste contexto, e talvez de segunda liga também, apresentam normalmente um dia antes do jogo. E muitas vezes esse dia é o dia da bola parada. Epá e o treino da bola parada não é que eles desliguem, mas o treino da bola parada já é um treino que, por si só, para muitas vezes, quebra muito (...)" – entrevistado A10.

Por fim, concluindo as ideias relativamente a esta dimensão sobre a Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise de jogo), todos os entrevistados, independentemente dos seus contextos atuais, atribuíram importância à análise de jogo na estrutura de um microciclo, afirmando que deve existir uma relação entre a área da análise de jogo e o conteúdo do treino, contudo, vai sempre depender do contexto, do microciclo, do adversário, do momento da equipa, entre outros fatores.

De seguida, encontra-se a dimensão que diz respeito à melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, cujos resultados podem ser evidenciados na tabela 25.

Tabela 25 - Resultados da Dimensão sobre a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo	Através de vídeos somente	- Apresentação de vídeos	A1
		- Informação rápida e concisa no vídeo	A5
		- Ferramenta imprescindível	A8
		- Melhor entendimento com imagens vídeo	A9
	Através de vídeo com complemento de relatório escrito	- Para os jogadores sempre vídeo; - Equipa técnica complementar com relatório escrito	A3
		- Mensagem passada através do relatório escrito; - Relatório objetivo e conciso	A4
	Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador analista / treinadores adjuntos	- Aquele que estuda o adversário deve apresentar	A1 A2 A9 A10
	Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador principal	- Comunicação do treinador principal	A5
	Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador analista / treinador adjunto		
	Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador principal	- Modelo do treinador	A1
		- Comunicação do treinador principal	A5
	É irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores	- Depende do treinador principal	A3 A4 A6 A7 A8

Esta dimensão relativa à melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, encontra-se dividida em dois parâmetros, um diz respeito à forma como o conteúdo é transmitido aos jogadores, e o outro é relacionado com a pessoa que transmite essa informação.

Analisando agora os resultados, 4 dos entrevistados consideram que deve ser o treinador analista ou os treinadores adjuntos que devem apresentar os vídeos relativos ao adversário, uma vez que defendem que, o elemento que estuda o adversário deve apresentá-lo. Estes entrevistados são:

- O A1 (“(...) eu acho que não deve ser o treinador, porque o treinador não tem o conhecimento tão grande nem deve ter um conhecimento tão grande daquilo que é o adversário e daquilo que é os momentos dinâmicos, os momentos de bola parada, o treinador....deve ter conhecimento, não deve conhecer tudo e a pessoa que trabalha o vídeo e que trabalha o adversário vai falar sempre com muito mais paixão e passar muito mais aquilo que é a ideia do adversário do que o treinador, por isso eu defendo que deve ser essa pessoa a fazer a apresentação (...)”) – Este entrevistado defende que a informação deve ser apresentada através de vídeos somente (“(...) sempre em vídeo, tudo em vídeo (...)”);

- O A2 (“(...) eu acho que dificilmente o treinador principal tem o mesmo conhecimento que o analista sobre o adversário, que o treinador que faz a bola parada em relação às bolas paradas, portanto eu acho que até por uma questão de desgaste do treinador, se ele não fizer as reuniões todas e aparecer mais nos momentos em que são fundamentais, acho que ele ganha (...)”);

- O A9 (“(...) Quem faz essa mesma apresentação sou eu, que sou o analista. Até porque naquele momento sou eu que tenho mais conhecimento, relativamente à equipa adversária, que é a que vamos encontrar e que consegue transmitir da melhor forma. Depois, no dia do jogo, o treinador acaba por ir buscar esses vídeos que eu tenho, ou recolher aquilo que acha mais pertinente..., mas, numa primeira análise, acho que é mais importante ser o próprio analista a fazer (...)”) – Este entrevistado defende que a informação deve ser apresentada somente através de vídeos, uma vez que, permite um melhor entendimento por parte dos jogadores (“(...) eu acho que para jogador em si, mais do que palavras, eles gostam e entendem mais com a visualização. E mesmo no próprio vídeo, eu tento destacar sempre com imagens, com esquemas, para tentar ser mais explícito e mais perceptível também, mesmo para eles ... algo mais objetivo, mais curto e com as imagens para ficar ali aquela imagem visual daquilo que está a ser transmitido (...)”);

- O A10 (“(...) eu acho que palestras do adversário, na minha opinião, se tu tiveres um analista capaz de falar ... e se tiveres uma pessoa capaz, acho que deve ser o analista, porque o analista foi ele que fez o trabalho. É injusto se não for o analista, na minha opinião (...”).

O entrevistado A5 afirmou que, na sua opinião, os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador principal, devido à sua forma de comunicação (“(...) quem deve mostrar e explicar as coisas da equipa deve ser o treinador principal. Principalmente se for um treinador com facilidade na comunicação. Acho que a única

exceção que se pode fazer nesse momento de explicação do vídeo, é nas bolas paradas, em que efetivamente pode ser um adjunto que seja responsável pelas bolas paradas, acho que faz todo sentido que seja ele a falar. Se não, e sendo um treinador o responsável máximo pelo processo de treino, acho que deve ser ele a explicar, até porque depois pode fazer logo interligação com a estratégia que se vai usar no pós jogo ou aquilo que se vai trabalhar no treino, portanto, acho que faz sentido que seja ele (...) acho que o ideal é ser o treinador, mesmo para os jogadores perceberem que o treinador, o líder máximo, está por dentro e sabe o que está a dizer, e depois sabe o que vai trabalhar (...)” – Este entrevistado também considera que a informação deve ser apresentada somente através de vídeo, pois transmite-se de forma mais rápida e concisa (“(...) para os jogadores acho que é mesmo o melhor é sempre ser vídeo ... quanto mais curta e objetiva a informação, quanto mais rápida for, melhor. E isso normalmente é em vídeo, que se consegue mostrar no vídeo. Também acho que o vídeo é mais importante porque permite-lhes ver (...)”)

O entrevistado A5, também considera que o treinador principal deve apresentar os vídeos relativos à análise da própria equipa (“(...) quem deve mostrar e explicar as coisas da equipa deve ser o treinador principal. Principalmente se for um treinador com facilidade na comunicação. Acho que a única exceção que se pode fazer nesse momento de explicação do vídeo, é nas bolas paradas, em que efetivamente pode ser um adjunto que seja responsável pelas bolas paradas (...)”). O entrevistado A1 também considera o mesmo quando se trata de apresentar a análise da própria equipa, uma vez que, se encontra relacionado com aquilo que é o modelo do treinador (“(...) tudo aquilo que é apresentação da nossa equipa, treinador sempre, porque é o modelo dele, é a ideia dele aí faz sentido que seja ele, a correção é ele que a tem de fazer, agora tudo aquilo que é adversário, acho que deve ser as pessoas da equipa técnica. Nós fazemos assim, treinador própria equipa, os adversários os adjuntos (...)”).

Os restantes 5 entrevistados afirmaram que, para eles, é irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores e que depende principalmente daquilo que o treinador principal pretende. Estes entrevistados são:

- O A3 (“(...) acho que isso depende um bocadinho muito do treinador. Agora, para mim, pode ser qualquer um e já tive, agora, na maioria ... é o treinador principal que fala, na grande maioria das vezes. Mas já tive que fosse treinador analista (...)”) – Este entrevistado defende que a informação para os jogadores deve ser apresentada em vídeo, contudo para a equipa técnica deve-se complementar com a existência de um relatório escrito (“(...) nós construímos um relatório também, para as equipas técnicas

... assim acho que é sempre através de vídeo, o jogador se for para ler não está tanto disponível aliás acho que nunca ninguém fez isso e por isso acho que o ideal é vídeo mostrar porque há jogadores que são muito visuais e depois no treino também focar naquilo que é importante (...”);

- O A4 (“(...), mas acho que não há uma maneira 100% verdade. Tens de conhecer aquilo que é a equipa técnica, aquilo que é o treinador e aqui a forma como ele delega as tarefas ali dentro, porque O jogador, quando for o treinador vai sempre ter mais atenção ... o jogador vai ter sempre um bocadinho mais de foco se for o treinador, mas acho que não é essencial ser o treinador a mostrar tudo. Às vezes o treinador até delega muito no treinador de adjunto analista ... depende, depende de cada um (...”) – Este entrevistado também a transmissão da informação através do vídeo com um complemento do relatório escrito, desde que este seja objetivo e conciso (“(...) se tu tens muita proximidade e há um aglomerar de ideias, pronto acho que não vale a pena estar a dizer, a fazer no vídeo aquilo que faz no relatório. E estar a mostrar coisas que estão no vídeo e depois estão no relatório, depois escrita, muita escrita e etc. Eu antes escrevia muito, mas agora o nosso relatório é muito mínimo. É uma coisa muito mínima, já não tem... Porque depois está no vídeo (...) às vezes é dessa forma que conseguimos passar um bocadinho melhor a mensagem do que só no vídeo. Porque só no vídeo, depois, cada um pode chegar ali e interpreta e pode faltar alguma coisa e no relatório escrito tu dizes mesmo aquilo que está a acontecer (...) acho que o relatório tem de vir lá aquilo que é eventualmente essencial, as estatísticas dos jogadores, os momentos de forma, algumas estatísticas caso sejam necessárias (...”);

- O A6 (“(...) no futebol tudo dá. Mas eu já passei pelas duas experiências do treinador apresentar tudo e pela experiência do treinador não apresentar nada, o adjunto está a apresentar e ele intervém quando acha que tem que intervir. As duas têm o seu lado bom e o seu lado mau, acho que quando o treinador apresenta tudo, acho que a mensagem passa melhor, acho que o jogador, quando é o treinador a falar, tem outra concentração e absorve a informação de forma diferente. Agora, também para o treinador ter de apresentar uma análise de vídeo, chega ao primeiro treino da semana, tem de apresentar o vídeo da equipa, ter já que planejar o treino, se calhar, é um desgaste (...”);

- O A7 (“(...) neste momento posso dizer que sou eu a apresentar aquilo que é o adversário. E depois também, nós vamos falar durante a semana, mas também naquele momento, okay, eu dou toques daquilo que é o adversário, ... e depois o treinador naquele momento até pode também, com a ajuda do quadro tático, falar daquilo que é

os posicionamentos da equipa e a ideia da equipa naquele momento (...) neste momento posso dizer que sou eu a apresentar aquilo que é o adversário. E depois também, nós vamos falar durante a semana, mas também naquele momento, okay, eu dou toques daquilo que é o adversário, ... e depois o treinador naquele momento até pode também, com a ajuda do quadro tático, falar daquilo que é os posicionamentos da equipa e a ideia da equipa naquele momento (...);

- O entrevistado A8 (“(...) acho que isso vai depender muito de cada equipa técnica e de cada treinador principal, eu acho que o mais importante é, desde que a informação seja passada com clareza, e de forma assertiva, penso que não vejo que por ser o treinador principal ou um treinador adjunto, vai influenciar aquilo que é a perspetiva dos jogadores (...)”) – Este entrevistado considera que a informação deve ser transmitida somente através de vídeo, uma vez que, se trata de uma ferramenta imprescindível (“(...) é uma ferramenta imprescindível que podem lhes passar essas informações, ou seja, o vídeo os jogadores estão a ver, nós podemos falar, mas eles ali estão a ver, eles identificam também, além do que depois é partilhado (...).”).

Segundo Ventura (2013) no futebol moderno, é cada vez mais visível a necessidade e a preocupação em observar não só a equipa adversária como também a nossa própria equipa, de forma a entender quais são os erros e se o trabalho desenvolvido, durante a semana, tem efeito visível durante o jogo e, para tal, a utilização do vídeo revela-se fundamental (Rios, 2018).

Em forma de conclusão, relativamente a esta dimensão sobre a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, as respostas dos entrevistados apresentaram algumas divergências. Os entrevistados A1, A2 (do contexto da 1ª Liga), o A9 e o A10 (do contexto da 3ª Liga), afirmaram que aquele que estuda o adversário é quem deve apresentá-lo. O A1 também considera que deve ser o treinador principal a apresentar o vídeo de análise da própria equipa, uma vez que, se trata do seu modelo de jogo. Para o entrevistado A5 (contexto da 2ª Liga), deve ser o treinador principal a apresentar tanto o vídeo de análise do adversário, como do adversário, uma vez que, a sua comunicação atinge o jogador de forma diferente. Os entrevistados A3, A4 (estes presentes no contexto da 1ª Liga), o A6, A7 (pertencentes ao contexto da 2ª Liga) e o A8 (contexto da 3ª Liga) entendem que é irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores. Além disso, a maioria dos entrevistados também afirmou que a transmissão da informação através do vídeo é muito importante e é a melhor forma. Com isto, é possível concluir que não existe uma relação direta entre os resultados obtidos e os contextos atuais dos entrevistados.

Em relação à última dimensão, ou seja, a importância de uma analista no processo de treino, é possível verificar os resultados obtidos na tabela 26.

Tabela 26 - Resultados da Dimensão sobre a Importância de um analista no processo de treino

Dimensão	Categorias	Subcategorias	Entrevistado
Importância de um analista no processo de treino	É importante	- Trabalho do adversário	A1 A2 A3 A5 A8 A9
		- Tarefas do treino	A5
		- Inserido no processo de treino; - Facilitador do trabalho do analista	A6
	Não é importante		
	Depende	- Depende da equipa técnica e das funções do treinador analista	A4
		- Rentabilização do trabalho do analista	A7
		- Depende das situações a trabalhar	A10

Em relação a esta dimensão, 7 entrevistados consideram importante a presença de um analista no processo de treino, e 3 entrevistados responderam que depende. Neste sentido, os entrevistados que responderam que é importante a presença de um treinador analista no processo de treino são:

- O A1 (“(...) eu não acredito na pessoa que trabalha o adversário e que não está no treino isso não me faz sentido, tudo aquilo que é feedback, tudo aquilo que é informação importante, tudo aquilo que é conhecimento do que vai acontecer no jogo em função daquilo que nós vamos querer fazer tá no analista não tá nos outros treinadores e não é menosprezo mas o treinador analista vê horas e horas de adversário para ver coisas e coisas que podem acontecer, vai ver várias coisas, vê vários comportamentos do adversário em função de problemas que vão aparecendo no jogo e esse feedback no treino, na minha opinião é muito importante (...);”);

- O A2 (“(...) eu acho que é fundamental, acho que é decisivo, acho que tem de se olhar para o treinador analista, para o analista da equipa técnica, como lhe quiseres chamar, como um treinador adjunto tem uma função específica e é fazer a ligação ou com o departamento ou fazer a análise, mas é um treinador e tem que estar tão preparado como os outros para estar no campo, para corrigir um exercício, para falar um exercício, para montar um exercício, acho que é fundamental, acho que é até para

credibilizar o trabalho de análise e para que eles saibam que aquilo também é importante (...”);

- O A3 (“(...) têm de estar numa simbiose muito grande todos, porque é importante ter um treinador analista que saiba aquilo que o treinador exatamente quer. Mas eu também sou da opinião que um treinador analista não pode ser só os olhos do treinador, ele também tem de ser mais, porque eu pelo menos sou da opinião que no futebol tens de tentar acrescentar algo mais, ou seja, que o treinador não vê e que tu tens de tentar ver, seja na tua equipa, seja no adversário. E depois, claro, se tens um treinador que dá muito ênfase ao adversário, então tens de ter um treinador analista que esteja ali nos treinos. Há treinadores que fazem treinos estratégicos e há outros que não fazem. Agora, quando há aqueles que fazem, então tens de ter alguém presente que conheça o adversário como ninguém, ... seja para simular comportamentos do adversário no treino (...”);

- O A5 (“(...) eu acho é que na organização do treino, no desenho do treino, entre aspas, o treinador analista tem, pelo menos, não digo muita, mas digo alguma influência porque há certos aspetos, seja setorial, seja individuais, seja coletivos, que só ele é que sabe, ou melhor, não é só ele, mas só ele, e o departamento de análise é que sabem (...) é importante que o treinador analista crie um exercício para trabalhar isso com aquele setor em específico. Acho que, dessa forma, o treinador analista pode ter muita importância, e acho que, cada vez mais, dividir melhor as tarefas no treino, dentro da equipa técnica, é importante porque vai permitir trabalhar mais coisas, vai permitir ter maior especificidade dentro do treino e acho que, acima de tudo, vai permitir à equipa estar mais preparada, tanto de uma forma coletiva, como setorial, como individual (...”);

- O A8 (“(...) é muito importante porque provavelmente é a pessoa que tem mais conhecimento sobre aquilo que é um adversário e fazendo um trabalho de estratégia mais específica, em que se colocarmos uma equipa claramente a fazer os comportamentos do adversário, na minha opinião, deve ser esse o treinador que deve ficar responsável por passar esses comportamentos a essa equipa (...”);

- O A9 (“(...) é que nós no nosso processo de treino, eu estou sempre presente nesse mesmo processo. Ou em alguns exercícios, ser eu próprio a dinamizar, quando temos algumas dinâmicas setoriais. E acho que é importante mesmo por isso, há determinadas situações que nós queremos replicar, que queremos trabalhar, que eu tenho mais conhecimento relativamente a isso e o nosso treinador acaba por dar essa mesma liberdade e autonomia também para poder intervir (...”);

- O A6 (“(...) isso eu acho fundamental, que ele esteja presente no treino, que esteja ativo ... acho que é muito importante ter alguém que está lá, que ouve os feedbacks, que ouve o que é que o treinador quer, e que vê a equipa, pode formular uma opinião, possa acrescentar à equipa técnica sobre qualquer questão que surja durante o treino, é fundamental. É conhecer a própria equipa, conhecer o seu próprio modelo de jogo e isso facilita depois o trabalho do treinador analista também para ver o adversário ou a própria equipa neste caso (...”).

Todos estes entrevistados, justificaram a sua opinião, afirmando que é o treinador analista que está mais por dentro do trabalho do adversário. Logo, ao abordar-se o adversário no processo de treino, a presença do treinador analista no treino e nas tarefas do mesmo é importante, até porque, também pode facilitar o trabalho do analista.

Os entrevistados que responderam que depende, são:

- O A4 (“(...) eu acho que os treinadores vão sempre preferir, se fosse possível para eles, terem um analista que seja só mesmo analista e terem dois treinadores juntos para os ajudar no campo. Agora, nem todas as equipas técnicas têm isso. Mas não vejo grande diferença entre estar no campo ou não estar no campo. Eu acho que quando o treinador adjunto analista, é mais treinador adjunto do que analista, ele tem de estar no campo. Porque ele é mais treinador adjunto do que analista. Quando o treinador adjunto analista, é mais analista do que treinador adjunto, ele não vai ter tanto à-vontade e não vai acrescentar nada no treino (...”) – Este entrevistado considera que depende da equipa técnica e das funções do treinador analista;

- O A7 (“(...) haver essa maior gestão dentro da estrutura de equipa técnica daquilo que é a rentabilização do tempo de uma pessoa e a rentabilização do trabalho (...”) – O entrevistado A7, defende que, a importância do treinador analista no processo de treino depende da rentabilização do próprio analista;

- O A10 (“(...) acho muito importante, em momentos que tu podes ser chamado ou que tu podes ser solicitado e acontece com alguma frequência o Leandro em situações em que trabalhamos um pouco em função do adversário ... agora não acho que seja importante, porque há muita gente no campo neste momento. Agora quando são aspetos em que tu realmente podes intervir ou dar o teu contributo, acho que aí é muito importante estar no campo (...”) – Este entrevistado considera que esta dimensão depende das situações a trabalhar.

Por fim, concluindo esta última dimensão, sobre a importância de um analista no processo de treino, como tínhamos analisado, sete entrevistados consideram

importante a presença do treinador analista no processo de treino. Os outros três entrevistados (um de cada contexto) afirmam que esta importância tende a depender daquilo que são as funções de cada treinador analista, depende das equipas técnicas, das situações a trabalhar durante a sessão de treino, entre outros fatores. Deste modo, através destes resultados obtidos, conseguimos perceber que também não existe uma relação direta entre esta dimensão e os contextos atuais dos treinadores analistas entrevistados.

2.5.1 Síntese de Resultados

Neste ponto, verificamos uma síntese dos resultados obtidos de cada entrevistado, para cada dimensão, tendo em conta as categorias definidas, assim como as respostas obtidas por cada contexto de envolvimento para cada dimensão. A tabela 27, ajuda a perceber esse aspeto.

Tabela 27 - Síntese dos Resultados

Dimensões	Categorias	Entrevistado
Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista	É importante	Todos
Importância da Análise do Adversário	É importante	Todos
	Menor importância	A1
Aspetos a ter em conta na análise do adversário	Comportamentos táticos ofensivos e defensivos	Todos
Relevância da análise estatística	É relevante / serve como complemento	Todos
	Não é relevante	A2, A3
Importância da análise da própria equipa	É importante	Todos
Relevância da análise individual ou setorial da própria equipa	É importante	A1, A2, A3, A4, A6, A7, A8, A10
	Menor importância	A5, A9
Relevância da análise individual dos adversários	É importante	Todos
Importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise	Atribuem maior importância à análise da própria equipa	A8, A10
	Atribuem maior importância à análise da equipa adversária	A5, A9
	Atribuem importância semelhante à análise da própria equipa e da equipa adversária	A1, A2, A3, A6, A7
	Sem resposta concreta	A4
Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise do jogo)	Relevância da Análise de jogo na estrutura do Microciclo	Todos
Melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo	Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador analista / treinadores adjuntos	A1, A2, A9, A10
	Os vídeos relativos ao adversário devem ser apresentados pelo treinador principal	A5
	Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador analista / treinador adjunto	
	Os vídeos relativos à própria equipa devem ser apresentados pelo treinador principal	A1, A5
	É irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores	A3, A4, A6, A7, A8

Importância de um analista no processo de treino	É importante	A1, A2, A3, A5, A6, A8, A9
	Não é importante	
	Depende	A4, A7, A10

Vamos começar primeiro pelo contexto da Liga Portugal Bwin, onde no que diz respeito à dimensão relativa à Importância do departamento de observação e análise e do treinador analista, todos referem que é importante este aspeto. O mesmo acontece com a dimensão relativa à Importância da análise do adversário, embora o Treinador Analista 1 considere que nas equipas de nível superior nesta liga, não se deva dar tanta importância ao adversário, uma vez que, essas equipas possuem melhores jogadores e existe sempre uma maior probabilidade de ganharem, defendendo uma maior relevância na análise da própria equipa. Quanto à dimensão sobre os aspetos a ter em conta na análise do adversário, no contexto da Liga Portugal Bwin, de uma forma geral, dá-se mais relevância aos comportamentos táticos ofensivos e defensivos. No que diz respeito à dimensão da Relevância da Análise Estatística, no contexto da primeira liga, esta análise é considerada relevante, servindo como complemento, embora existam dois treinadores analistas pertencentes a este contexto que a consideram subjetiva nalguns parâmetros. Em relação à dimensão da importância da análise da própria equipa, como seria de esperar e já foi evidenciado, no contexto da primeira liga, atribui-se muita importância a este tipo de análise. Quanto às dimensões sobre a relevância da análise individual ou setorial da própria equipa, assim como da análise individual dos adversários, no contexto da Liga Portugal Bwin, dá-se relevância a este trabalho. No que diz respeito à dimensão sobre a importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise, o treinador analista 4 não apresentou uma resposta concreta, uma vez que, depende de cada jogador na sua opinião, mas, no entanto, os outros três treinadores analistas pertencentes ao contexto da primeira liga afirmam que os jogadores tendem a atribuir uma importância semelhante à análise da própria equipa e da equipa adversária. Em relação à dimensão sobre a Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise de jogo), no contexto da primeira liga dá-se relevância à relação entre a área da análise e o conteúdo do treino. Quanto à dimensão sobre a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, no contexto da primeira liga, não se verifica uma receita certa em relação a esta dimensão, uma vez que, os treinadores analistas 1 e 2, consideram que no vídeo de análise do adversário, deve ser o treinador analista / adjunto a apresentar o mesmo, assim como, o vídeo de análise da própria equipa deva ser o treinador principal. No

entanto, para os treinadores analistas 3 e 4, é irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores. Por último, em relação à dimensão sobre a importância do treinador analista no processo de treino, no contexto da 1ª Liga, segundo os treinadores analistas 1, 2 e 3, a presença do treinador analista no processo de treino é importante. No entanto, para o treinador analista 4, essa importância depende daquilo que a equipa técnica pretender.

Agora, sobre o contexto da 2ª Liga, quanto às dimensões sobre a importância de um departamento de análise e observação e de um treinador analista e, sobre a importância da análise do adversário, os treinadores analistas que trabalham neste contexto, atribuem importância a estas dimensões. Em relação à dimensão sobre os aspetos a ter em conta na análise do adversário, de uma forma geral, neste contexto, também se dá importância aos comportamentos táticos ofensivos e defensivos do oponente. Nos que diz respeito às dimensões sobre a Relevância da Análise Estatística e sobre a importância da análise da própria equipa, no contexto da 2ª liga, atribui-se importância a este tipo de análises. Em relação à dimensão sobre a relevância da análise individual ou setorial da própria equipa, relativamente aos entrevistados do contexto da segunda liga, somente um deles considerou de menor importância este tipo de análises. No entanto, em relação à dimensão sobre a relevância da análise individual dos adversários, neste contexto de segunda liga dá-se muita importância, no entanto, os entrevistados relativos a este contexto referem que depende dos recursos humanos existentes. Quanto à dimensão sobre a importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise, e relativamente ao contexto da segunda liga não houve uma resposta unívoca, uma vez que, que o treinador analista 5 defende que os jogadores tendem a atribuir maior importância à análise do adversário, enquanto os treinadores analistas 6 e 7, consideram que os jogadores atribuem uma importância semelhante entre a análise da própria equipa e a análise do adversário. Em relação à dimensão sobre a Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise de jogo), também no contexto da 2ª Liga dá-se relevância à relação entre a área da análise e o conteúdo do treino. Quanto à dimensão sobre a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, no contexto da segunda liga, também não se verifica uma receita certa relativamente a esta dimensão, visto que, o treinador analista 5 defende que vídeos relativos à análise do adversário e da própria equipa devem ser apresentados pelo treinador principal, enquanto para os treinadores analistas 6 e 7, é irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores. Por último, no que diz respeito à dimensão acerca da importância do treinador analista no processo de treino, no contexto da 2ª Liga, segundo os treinadores analistas 5 e 6, a presença do treinador analista no

processo de treino é importante. Contudo, para o treinador analista 7, esta importância depende da rentabilização do próprio analista.

Por fim, abordando o contexto da 3ª Liga, relativamente às dimensões sobre a importância de um departamento de análise e observação e de um treinador analista e, a sobre a importância da análise do adversário, os treinadores analistas inerentes a este contexto, também atribuem importância a estas dimensões. Quanto à dimensão sobre os aspetos a ter em conta na análise do adversário, também de uma forma geral, neste contexto, dá-se importância aos comportamentos táticos ofensivos e defensivos do adversário. Nos que diz respeito às dimensões sobre a Relevância da Análise Estatística e sobre a importância da análise da própria equipa, no contexto da 3ª Liga, também se atribui importância a este tipo de análises. Em relação à dimensão sobre a relevância da análise individual ou setorial da própria equipa, relativamente aos entrevistados do contexto de 3ª Liga, somente um deles considerou de menor importância este tipo de análises. Contudo, quanto à dimensão sobre a relevância da análise individual dos adversários, neste contexto de 3ª Liga também se dá muita importância, no entanto, os entrevistados relativos a este contexto referem que também tende a depender dos recursos humanos existentes. No que diz respeito à dimensão sobre a importância que os jogadores atribuem à área da observação e análise, e relativamente ao contexto da segunda liga não houve uma resposta unívoca, visto que, o treinador analista 9 defende que os jogadores tendem a dar maior importância à análise do adversário, embora os treinadores analistas 8 e 10, considerem que os jogadores dão maior importância à análise da própria equipa. Em relação à dimensão sobre a Estrutura do Microciclo (tendo em conta as tarefas da observação e análise de jogo), também no contexto da 3ª Liga dá-se relevância à relação entre a área da análise e o conteúdo do treino. Quanto à dimensão sobre a melhor forma de transmitir a informação referente à análise de jogo, no contexto da 3ª Liga, também não se verifica uma receita certa acerca desta dimensão, uma vez que, os treinadores analistas 9 e 10, entendem que por exemplo que os vídeos relativos à análise do adversário devem ser apresentados pelos treinadores analistas ou adjuntos. No entanto, para o treinador analista 8, é irrelevante quem apresenta os vídeos aos jogadores. Por último, no que diz respeito à dimensão acerca da importância do treinador analista no processo de treino, no contexto da 3ª Liga, para os treinadores analistas 8, 9 e 10, a presença do treinador analista no processo de treino é importante. Contudo, para o treinador analista 10, essa importância depende das situações a trabalhar no campo.

2.6 Conclusão do estudo

Os resultados obtidos permitiram alcançar determinadas conclusões relativamente àquilo que é realizado nos contextos práticos profissionais e semiprofissionais, tendo em conta a área da observação e análise do jogo de futebol, assim como, que influência essa mesma área consegue ter no microciclo semanal de preparação de um jogo.

A análise dos resultados das entrevistas aos treinadores analistas permite-nos perceber que, atualmente, a presença de um departamento de observação e análise num clube, assim como, a presença de um treinador analista numa equipa técnica é fundamental, seja no contexto da 1ª Liga, da 2ª Liga ou da 3ª Liga. Atualmente, o especialista na área da observação e análise do jogo, isto é, o Treinador Analista, tem de estar envolvido numa equipa técnica, de forma a recolher informações sobre a sua equipa ou sobre as equipas adversárias. É inequívoco que o processo de recolha de informação da parte desse Treinador Analista, tenha inerente a informação precisa e pertinente relativamente à performance desportiva de uma equipa ou de um indivíduo, abarcando as dimensões técnicas, táticas, físicas e psicológicas, permitindo, desta forma, relacionar o rendimento coletivo e individual com as estratégias e táticas a utilizar. Desta forma, existe uma maior necessidade de criação de equipas técnicas multidisciplinares que englobem um Treinador Analista, com a finalidade de melhorar o rendimento da equipa, procurando conduzi-la ao sucesso, estando a par de um conhecimento detalhado da própria equipa e da equipa adversária. Neste sentido, tal como referiram os entrevistados, a análise do adversário e da própria equipa são muito importantes. Dentro da análise do adversário, como já seria de esperar, conseguimos concluir que se dá maior relevância aos comportamentos táticos ofensivos e defensivos aquando do trabalho de análise do mesmo. No fundo, através dos 4 momentos do jogo, isto é, a Organização Ofensiva, a Transição Defensiva, a Organização Defensiva e a Transição Defensiva, os treinadores analistas procuram analisar o adversário, identificando a sua forma de jogar e, depois depende um pouco de cada um, como também de cada treinador principal, como também de cada contexto, contudo, para todos é importante perceber essa forma de jogar do adversário, os seus padrões, procurando analisar os seus comportamentos táticos ofensivos, filtrando a informação mais importante.

Dentro destes 3 contextos, o trabalho mais secundário de análise individual da própria equipa ou dos adversários também assume uma grande importância. Contudo, em relação a estes trabalhos secundários, o contexto da 1ª Liga e alguns clubes da 2ª

Liga atribuem maior importância a este tipo de análises, uma vez que, alguns clubes da 2ª Liga e da 3ª Liga, não têm os recursos humanos necessários para abranger um maior número de tarefas relativas à área da observação e análise. Em relação à análise da própria equipa, os treinadores analistas entrevistados abordaram principalmente, a validação do plano de jogo traçado, ou seja, a validação da estratégia utilizada, procurando potenciar o modelo de jogo da própria equipa. Contudo, embora todos considerem importante esta análise da própria equipa, isto tudo depende um pouco daquilo que são as ideias do treinador principal ou da equipa técnica, assim como aquele que é o momento da equipa. Também foi possível concluir que a importância que cada jogador atribui a uma determinada análise do adversário ou da própria equipa, independentemente do seu contexto, depende muito do que cada jogador pretende, assim como também daquilo que é o feedback do treinador principal, não existindo um resultado certo. O mesmo acontece quando procuramos perceber qual a melhor forma para transmitir a informação relativa à área da análise, não existindo uniformidade nas opiniões recolhidas.

Nos contextos da 1ª Liga, da 2ª Liga e da 3ª Liga, todos os entrevistados, afirmaram que a análise estatística é relevante ou que serve como complemento, desde que sejam principalmente dados objetivos, suportando a análise qualitativa, como é o momento das bolas paradas, por exemplo.

Também se concluiu que, independentemente de ser a 1ª Liga, a 2ª Liga ou a 3ª Liga, dentro da estrutura do microciclo coletivo da equipa, existe uma relação entre a área da análise de jogo e aquilo que é o conteúdo do treino, influenciando assim o microciclo semanal de preparação de um jogo.

Neste sentido, em todas as dimensões abordadas ao longo do estudo, a área da observação e análise é vista como importante nestes três contextos, onde muitos agentes desportivos a consideram como uma ferramenta de trabalho imprescindível. No entanto, mesmo entrevistando poucos treinadores analistas de cada contexto (três de cada contexto), foi nos possível concluir que para alguns parâmetros, não existem procedimentos iguais, dependendo daquilo que se pretende para um determinado jogador, equipa, entre outros, e mesmo para alguns tipos de análises mais secundárias, embora se considerem importantes, a falta de recursos humanos em alguns clubes, levam a que determinadas análises dessas não sejam realizadas com tanta frequência, ou sejam, realizadas de uma forma mais geral e não tão aprofundada como se pretende.

Por último, importa ressaltar que, tendo em conta que este estudo foi realizado para somente três treinadores analistas de cada contexto das três primeiras ligas em

Portugal, seria interessante, numa perspetiva de estudos futuros, conseguir ir mais a fundo e chegar a todos os treinadores analistas presentes nestes três contextos. Posteriormente, também seria interessante conseguir chegar a contextos internacionais de primeiras ligas, por exemplo, comparando aquilo que se faz em Portugal, em termos de observação e análise, com o que é feito noutros países.

2.6.1 Limitações

Em relação às limitações que existiram na realização deste estudo, destacaram-se principalmente duas. Uma relativa ao elevado número de entrevistados, em que perante uma pergunta de resposta aberta, conduziu a um processo de tratamento de dados complexo. Isto foi uma limitação, tendo em conta, o processo de estágio ser numa entidade acolhedora que exigiu uma grande disponibilidade temporal, assim como um elevado grau de exigência.

3. Parte III – Balanço final do Processo de Estágio

3.1 Balanço Geral

Este relatório de estágio teve como intuito revelar aquilo que foi a experiência de estagiar nesta entidade acolhedora, presente num contexto de elite. À entrada para este processo de estágio, como era uma entidade acolhedora onde já havia trabalhado no ano anterior, existiu maior facilidade com determinados objetivos inicialmente propostos, no entanto, teve-se sempre como principal objetivo o desenvolvimento das capacidades e intervenções na área da observação e análise, aumentando a rede de contactos e estabelecendo novas relações profissionais, procurando alcançar o reconhecimento das competências por parte do clube. Todas as expectativas e objetivos inicialmente propostos foram superados, uma vez que, chega-se ao fim deste processo de estágio com o sentimento de que foi possível desenvolver e ultrapassar, principalmente as fraquezas (indicadas na Análise SWOT), nomeadamente técnicas e sociais, tendo sido dessa forma um contexto muito enriquecedor para todo este desenvolvimento de competências e fraquezas.

Este processo de estágio possibilitou muitos momentos de intervenção na área da observação e análise, assim como no planeamento das tarefas relativos à mesma, e ao trabalhar juntamente com o treinador analista principal, onde existiu sempre uma partilha de opiniões e discussões acerca de vários assuntos derivados de um determinado tema relacionado com a área da observação e análise, também permitiu aprimorar mais as responsabilidades enquanto treinador analista, conseguindo-se aprofundar o conhecimento pelo jogo, pelo “observar” o jogo, pelo trabalho de codificação de jogos, e principalmente pelo trabalho de análise coletiva e individual de um adversário, o que foi fundamental, estando inserido num contexto competitivo bastante exigente.

Toda a relação para com a equipa técnica e restante staff foi excepcional, onde foi possível promover uma relação de confiança, de entreajuda, de compromisso e amizade com todos os outros elementos dos outros departamentos ajudando também ao desenvolvimento das tarefas, uma vez que, trabalhar num ambiente saudável em que existe uma confiança depositada pelos restantes colegas no trabalho diário de cada um, torna o desenvolvimento desse mesmo trabalho mais “fácil”. E dessa forma, conseguiu-se auxiliar, a equipa técnica no processo de análise de jogo, seja do adversário (pré-jogo), ou da própria equipa (pós-jogo), assim como na realização de análises individuais dos adversários ou mesmo dos jogadores da própria equipa. Todos os momentos de partilha de conhecimento entre equipa técnica, de discussão

estratégica para aquilo que se queria nos jogos ou nos treinos foi extremamente rico para o desenvolvimento e, onde também existiu liberdade na intervenção nessas partilhas. Para além disto, também, se auxiliou, naquilo que foram as tarefas propostas pelo Departamento de Análise e Observação da entidade acolhedora, como por exemplo a caracterização geral dos adversários ou a análise individual dos jogadores de outras equipas, desenvolvendo também, as capacidades e competências nesta área da observação e análise de jogo. Quanto à relação com os jogadores, a possibilidade de lidar com atletas de elite, muitos deles a representarem seleções nacionais de sub-18, sub-19 e sub-20, e sendo também um treinador muito novo, permitiu a existência de uma relação próxima com os mesmos, com o intuito de auxiliá-los naquilo que fosse preciso, tanto na área da análise de jogo, como na análise de treino, uma vez que sempre existiu um respeito mútuo por ambas as partes.

Por fim, esta oportunidade de trabalhar num contexto de elite, com o nível competitivo a ser de exigência alta, permitiu o desenvolvimento das capacidades organizativas e de adaptação, uma vez que, como também haviam compromissos académicos fora da entidade acolhedora, principalmente relacionados com a realização deste relatório, houve necessidade de adaptação a essas circunstâncias, procurando-se sempre a realização das tarefas com a máxima eficiência e qualidade possível, tendo sido atribuída maior prioridade à realização dessas tarefas que eram impostas, desenvolvendo-se sempre um *briefing* das tarefas diárias realizadas e daquelas que tinham que ser realizadas no próximo dia, de modo a que existisse sempre noção de como gerir o tempo e, principalmente as tarefas relacionadas com as funções de treinador analista, abdicando-se por vezes, de determinadas coisas do ponto de vista pessoal.

Agora, no que diz respeito à parte relacionada com o estudo de investigação, este processo de estágio possibilitou entrevistar 10 treinadores analistas, presentes em contextos profissionais ou semiprofissionais, ou seja, presentes nos contextos da 1ª Liga, da 2ª Liga e da 3ª Liga, analisando os diferentes momentos/dimensões da observação e análise do jogo de Futebol (focando principalmente no momento do “antes”, ou seja, no planeamento do microciclo do treinador analista) e procurando perceber de que forma é que essa análise influencia o microciclo semanal de preparação de um jogo. Este estudo, primeiramente, permitiu aumentar a rede de contactos pessoais, através da realização das diversas entrevistas, tendo sido um aspeto importante, uma vez que, são contactos que estão inseridos no contexto da observação e análise de jogo, possibilitando uma grande partilha de ideias e de experiências que contribuíram para o desenvolvimento. Para além deste aspeto, com

este estudo também foi possível perceber que atualmente, a presença de um departamento de observação e análise num clube, assim como, a presença de um treinador analista numa equipa técnica é fundamental, seja no contexto da 1ª Liga, da 2ª Liga ou da 3ª Liga. O Treinador Analista, tem que estar envolvido numa equipa técnica, de forma a recolher informações sobre a sua equipa ou sobre as equipas adversárias e, é inequívoco que durante o seu processo de recolha de informação, tenha inerente a informação precisa e pertinente relativamente à performance desportiva de uma equipa ou de um indivíduo, abarcando as dimensões técnicas, táticas, físicas e psicológicas, permitindo, desta forma, relacionar o rendimento coletivo e individual com as estratégias e táticas a utilizar, com a finalidade de melhorar o rendimento da equipa, procurando conduzi-la ao sucesso, estando a par de um conhecimento detalhado da própria equipa e da equipa adversária.

Em forma de conclusão, este processo de estágio permitiu alcançar uma maior especialização, principalmente na área da observação e análise, mas também na área do treino. Existiu o desenvolvimento de diversas capacidades e competências relacionadas com a área da observação e análise e com as funções de treinador analista e existe a noção de que foi possível alcançar o reconhecimento destas capacidades desenvolvidas, assim como das competências que demonstradas ao longo da época, principalmente na área da observação e análise, mas também no auxílio do processo de treino, sendo, atualmente uma realidade a continuação no futuro, na instituição em causa, desempenhando a função de treinador analista.

3.2 Perspetivas Futuras

Este subtema serve para projetar o futuro, tendo em conta que, mais uma etapa do percurso académico está a ser concluída. Embora tenha sido um ano muito enriquecedor para o desenvolvimento de capacidades e competências na área da observação e análise e como treinador analista, pretende-se dar continuidade a esse desenvolvimento de capacidades e competências, procurando-se ainda mais ultrapassar as fragilidades e continuar a insistir nos pontos fortes. O facto de ter existido a oportunidade de se permanecer nesta entidade acolhedora num contexto de elite, vai permitir consolidar essas capacidades e competências e continuar o desenvolvimento na área da observação e análise enquanto treinador analista, num contexto competitivo com um nível alto de exigência. Este aspeto é muito importante, pois existe a ambição de conseguir alcançar patamares profissionais num futuro próximo (médio prazo), a desempenhar funções como treinador analista. E nesse sentido, num objetivo a curto prazo, está-se perante um meio e contexto ideal para continuar a desenvolver as capacidades e funções enquanto treinador analista.

Referências Bibliográficas

- Ancelotti, C. (2013). *Mi árbol de Navidad*. Esfera de los Libros.
- Anguera, M. T., & Mendo, A. (2013). La metodología observacional en el ámbito del deporte. *Revista de Ciencias del Deporte*.
- Barreira, D., Garganta, J., Prudente, J., & Anguera, M. T. (2012, janeiro). Desenvolvimento e validação de um sistema de observação aplicado à fase ofensiva em futebol: Soccer Eye. *Soccer Eye*, 32–57.
- Borges, P. M. (2021). *Relatório de estágio na equipa de futebol de sub-23* [Relatório de estágio, Universidade Lusófona].
- Braz, D. (2016). *Observação e análise das equipas adversárias: Complementar o jogo ao analisar* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Campos, S. (2019). *O impacto da observação e análise de jogo na componente tática e estratégica e a sua aplicação no processo de treino e de jogo* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Carling, C., Williams, M., & Reilly, T. (2005). *Handbook of soccer match analysis: A systematic approach to improving performance*. Routledge.
- Carneiro, J. (2016). *Modus operandi de um analista de jogo em contexto de seleção nacional de futebol* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Clemente, F. (2018). Performance outcomes and their associations with network. *International Journal of Performance Analysis in Sport*.
- Costa, C. (2019). *Observação e análise do jogo enquanto processo fundamental para o sucesso competitivo em futebol* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Costa, T. (2018). *Observação, análise e interpretação do jogo de futebol* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Costa. (2019). *Observação e análise da performance em futebol* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Duarte, N. (2017). *Contexto prático de um analista de jogo inserido no departamento de futebol profissional do Gil Vicente Futebol Clube* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Figueiredo, R. (2015). *A relação entre o modelo de jogo, modelo de treino e o modelo de análise do jogo* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Motricidade Humana].
- Lago, C. (2009). A influência do local da partida, qualidade da oposição e situação da partida nas estratégias de posse de bola no futebol profissional. *Journal of Sports Sciences*, 27(13), 1463–1469.

- Lopes, R. M. (2005). *O scouting em futebol: Importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação ao adversário* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física].
- Marques, D. (2019). *Observação e análise no futebol de alto rendimento: As tarefas de treinador adjunto/analista no futebol profissional* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Desporto de Rio Maior].
- Memmert, D., & Rein, R. (2018, março). Match analysis, big data and tactics. *Deutsche Zeitschrift für Sportmedizin*.
- Memmert, D., Lemmink, K., & Sampaio, J. (2016). Current approaches to tactical performance analyses in soccer. *Sports Medicine*.
- Paula, A. (2015). *Prática diária de um analista de jogo: Observação e análise* [Relatório de estágio, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa].
- Pedreño, J. M. (2014). *Scouting en fútbol: Del fútbol base al alto rendimiento*. Moreno y Conde Sports.
- Pereira, C. (2022). *Observação e análise de jogo e de treino no futebol* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Desporto de Rio Maior].
- Pereira, J. J. (2017). *Construção de um modelo de observação e análise do jogo de futebol baseado na visão de intervenientes profissionais em diferentes contextos de elite* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Pimenta, A. (2019). *A influência da problemática da complexidade na observação e interpretação do jogo de futebol* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Reis, F. (2017). *Observar e planejar para um melhor desempenho no jogo* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Ribeiro, P. (2008). *Do modelo e conceção de jogo à análise da performance no futebol: O treino enquanto indutor da operacionalização de um modo de jogar específico* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Rios, D. (2018). *Os momentos ofensivos do jogo de futebol: Análise e operacionalização nos sub-19 do União Nogueirense Futebol Clube* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].
- Sánchez, F. M. (2015). *¿Qué esconde tu rival?* Editorial Fútbol de Libro SL.
- Sarmiento, H., Clemente, F. M., Araújo, D., Davids, K., McRobert, A., & Figueiredo, A. (2017). What performance analysts need to know about research trends in association football (2012–2016): A systematic review. *Sports Medicine*, 47(4), 799–836.
- Sarmiento, H., Marcelino, R., Anguera, M., Campaniço, J., Matos, N., & Leitão, J. (2014). Match analysis in football: A systematic review. *Journal of Sports Science*, 32(20), 1831–1843.

Silva, G. (2016). *A influência no processo de treino da tríade: Treino, jogo e adversário* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].

Silva, P. (2017). *Observação, análise e interpretação do jogo de futebol: Relatório de estágio profissionalizante realizado nos sub-15 do Leixões Sport Club na época desportiva 2016/17* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].

Teixeira, G. (2017). *Relatório de centro de estágio profissionalizante: Observação e análise do adversário – Adaptabilidade estratégico-tática dos juniores B sub-17* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto].

Vaz, R. (2019). *Estágio profissionalizante realizado na equipa de futebol do escalão de sub-19 do Sport Lisboa e Benfica na época 2017/2018* [Relatório de estágio, Faculdade de Motricidade Humana].

Vázquez, A. V. (2015). *Fútbol: Del análisis del juego a la edición de informes técnicos*. Moreno y Conde Sports.

Ventura, N. (2013). *Observar para ganhar: O scouting como ferramenta do treinador*. Prime Books.

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de consentimento informado – Entrevista Semiestruturada

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

Título do estudo: “A Observação e Análise no Futebol: O planeamento do microciclo do treinador analista

Enquadramento: Relatório de Estágio de Mestrado em Treino Desportivo, com especialização em Futebol, da autoria de José Marques (mestrando da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém), sob a orientação do Professor Vitor Padinha (Professor da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – Instituto Politécnico de Santarém)

Explicação do estudo: O presente estudo tem como principal objetivo a análise dos diferentes momentos da observação e análise do jogo de Futebol (focando principalmente no momento do “antes”, ou seja, no planeamento do microciclo do treinador analista), tendo em conta, aquilo que é realizado nos contextos práticos profissionais e, perceber, de que forma é que essa análise influencia o microciclo semanal de preparação de um jogo.

Condições e Financiamento: O entrevistado aceita participar de livre vontade no estudo, sem qualquer contrapartida ou benefício direto ou indireto, compreendendo que a sua participação neste âmbito é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que a sua decisão se reflita em qualquer prejuízo para a sua pessoa

Confidencialidade e anonimato: Toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial, não sendo revelada a identidade dos participantes em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, caso seja solicitado pelo entrevistado.

A participação neste estudo manifesta uma colaboração relevante para o desenvolvimento da investigação na área da Observação e Análise no Futebol

Obrigado!

Mestrando: José Marques

Contacto Telefónico: 937849830

Endereço eletrónico: jose.augusto.marques99gmail.com

Orientador do Processo de estágio: Professor Vitor Padinha

Endereço eletrónico:

Declaro ter lido e compreendo este documento, assim como as informações que me foram fornecidas pelo investigador. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer momento, desistir de participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e autorizo a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que somente serão utilizados para esta investigação e, nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dados pelo investigador.

Nome:

Data:

Anexo 2 – Transcrição do Treinador Analista A1 – Contexto Liga Portugal Bwin

1 - Iniciando as perguntas, e algumas coisas até já falámos sobre isso, mas é mais sobre o contexto que estás agora, da 1ª Liga e também, primeiro era mais tu falares sobre aquilo que, na tua opinião, deve ser... que importância é que deve ser dada a um departamento de observação e análise e também ao treinador analista, num contexto de 1ª Liga?

Okay, aaaa... a importância do departamento de análise e do treinador analista, estamos a supor que... o treinador analista é aquele que faz a ponte com o departamento de análise e trabalha diretamente na equipa técnica... okay, pronto, eu falando do meu contexto, nós não temos propriamente um departamento de análise, nós temos uma pessoa aaaa responsável pelas filmagens dos treinos, pela filmagem dos jogos, mas tudo o que é a parte da análise é toda da equipa técnica, o Paços não tem uma estrutura que permita ter pessoas a trabalhar nesse sentido, ou seja, tudo aquilo que é a catalogação deeee de momentos, o corte dooo doooo dos jogos, aaaa tudo aquilo que é a edição do vídeo é tudo nosso, somos duas pessoas, aaaa mas aquilo que é a minha opinião sobre isso e contactando também com algumas pessoas que estão noutra tipo de contextos e que têm a sorte de poder contactar com um departamento de análise, isso é quase como se fosse um facilitador daquilo queee daquilo que tu também estás a fazer, ou seja, normalmente o treinador analista tá, quando tá ligado à equipa técnica, tá sempre muito tempo no campo também, tá faz parte da operacionalização, do planeamento, ou seja, o tempo que ser mesmo muito bem muito bem dividido para conseguires dar importância a tudo dentro daquilo que é as tuas funções as tuas funções, que neste caso são amplas. Quando tens um departamento aaaa é um bocadinho mais fácil porque tens pessoas logo que te adiantam algum trabalho, tu consegues fazer, consegues ver os jogos mas tens pessoas que fazem o... o trabalho duro digamos assim aaaa do cortar de organizar logo a informação em função daquilo que tu queres aaa isso acaba por ser um facilitador. Aaaa nós no caso aqui do que fazemos é a pessoa que está a trabalhar diretamente comigo, faz essa parte mais mais dura do trabalho, a parte do do do corte do vídeo, da organização daquilo que é o conteúdo e aquilo que eu faço é a parte é ver os jogos, vejo tento ver sempre o mesmo número de jogos que ele, às vezes não consigo, é impossível, mas garantimos pelo menos seis jogos vistos por mim, depois com ele vai seis, sete, oito, dependente daquilo que é a carga de trabalho aaaa e juntos fazemos aquilo que é aaa quase o planeamento o planeamento estratégico daquilo que nós vamos queres mostrar do adversário aaa a partir daí é sempre ele que organiza a

informação em compacto em vídeos muito grandes aaaa e depois sou eu que faço a filtragem para passar à equipa técnica, ou seja, há um compacto daquilo que é a análise, há filtrado para outro compacto para apresentação à equipa técnica e só depois aí é que nasce depois aquilo que é o plano de jogo e aquilo que é a organização aaaa do adversário, por isso na minha opinião ter um departamento de análise é facilitador, nós no caso nem no Moreirense nem no Paços Ferreira tivemos a sorte de ter isso aaa a pessoa que está ajuda bastante mas a carga de trabalho acaba por ser muito muito maior do que se tivéssemos esse departamento. Em relação à importância do treinador analista... eu acho importante eeee há pessoas que trabalham de maneira muito diferente, eu acho muito importante a importância do treinador analista que deve ter dentro daquilo que é o processo, primeiro porque aquilo que é o jogo e aquilo que éeee aquilo que é o planeamento do jogo depende sempre daquilo que é o adversário, isso é inerente, nós temos a nossa equipa, a nossa ideia, o nosso modelo, mas há sempre coisas a ajustar em função daquilo que é o adversário. Se a importância que nós damos ao treinador analista, ou àquilo que é o trabalho de análise de adversário for reduzida, nós num contexto como o meu, de Paços, de Moreirense, de aaaa clubes médios baixos da primeira liga... a percentagem de sucesso vai ser sempre muito muito mais muito muito reduzida em relação àquilo que é por exemplo um Porto ou um Benfica ou um Sporting, que têm sempre melhores jogadores que os outros e conseguem independentemente daquilo que é o adversário aaa criar contextos favoráveis a fazer golo e a ganhar jogos. Nós no nosso caso não temos isso, por isso eu acho que, no nível mais baixo é muito importante aquilo que tu é muito importante tu dares grande percentagem de importância do planeamento à análise do adversário, porque há sempre coisas a ajustar, há sempre pormenores a ter em conta e há sempre coisas queeeee vais ter de mudar de jogo para jogo, para conseguires aumentar a percentagem de sucesso aaa noutro tipo de contexto acredito que o treinador analista vai servir muito mais para aquilo que é a própria equipa para aquilo que é o próprio modelo, do que propriamente para o adversário, vai ser muito mais de dar a conhecer o adversário, okay eles fazem isso, nós temos de controlar isto, mas depois aquilo que é o jogo e o planeamento já é muito mais de acordo com aquilo que é a tua ideia, com aquilo que é aaaa os teus jogadores que são sempre muito melhores do que os outros, por isso tenho aqui duas respostas para ti, num contexto como o meu, muito importância, num contexto mais acima aaa num contexto de nível superior, acho que a importância já não é assim tão grande, na minha opinião.

2 e 2 a) - E repartindo agora um pouco para momentos mais específicos, estavas a falar que no teu contexto, dá-se mais uma maior importância a isso, à parte

estratégica e como anular o adversário, que que aspetos é que vocês têm mais em conta em relação ao adversário durante a semana?

Okay, nós primeiro dividimos sempre o adversário em dois momentos, sendo que o processo ofensivo com a transição defensiva e o processo defensivo com a transição ofensiva. No nosso -3, que é o treino com espaços maiores é sempre processo ofensivo nosso, defensivo do adversário, ou seja, o conteúdo vai sempre de acordo com isso e a apresentação do adversário também vai de acordo com isso. Aaaa aquilo que nós consideramos importante conhecer no adversário e também dependente daquilo que é a nossa forma de jogar, nós somos uma equipa que, e o treinador tem uma ideia de jogo positiva, de futebol apoiado, de querer dominar, ou seja, aaa no nosso processo defensivo é muito importante percebermos dentro do jogo posicional que nós temos, os espaços que podemos criar e os espaços que são melhores para nós conseguirmos aproveitar e aí depois eu digo-te: ah então mas dás mais importância ao adversário ou à tua equipa? É um misto, ou seja, no nosso jogo posicional vamos criar determinado espaço, este espaço...pode ser vantajoso para nós, mas se nós mudarmos aqui uma pecinha mais para baixo outra pecinha mais para dentro, nós conseguimos gerar este espaço que ainda pode ser mais vantajoso, okay nós ajustamos isso em função do adversário. É essa a importância que eu que eu te tava a falar à bocadinha aaaa mas é muito importante nós percebermos como é que nos vão pressionar, pressão alta, pressão em bloco médio aaaa, como é que é o comportamento em bloco em bloco baixo, isso é muito importante para nós e é de uma importância extrema perceber timings de pressão, indicadores de pressão aaaa, como é que determinados jogadores saltam na pressão, porque nós queremos uma equipa que quer construir desde trás, isso para nós é fundamental, depois aaaa, dividimos quase em três, é esse esse momento de de bloco de bloco alto, como é que eles pressionam, os timings de pressão e como é que eles saem na pressão, e isto mais individual, depois em bloco médio, os espaços que nós queremos gerar, como é que nós os podemos aproveitar da melhor maneira e esses ajustes que nós podemos fazer e, depois último terço perceber....com aquilo, isto é quase imaginar, com o espaço que nós vamos querer aproveitar e com a forma como nós vamos construir e com o nosso jogo posicional, que espaços é que nós vamos conseguir gerar no último terço, isto aqui não é linear, porque há equipas que aaa equipas que encontram espaços entrelinhas e aceleram muito rápido, muitas das vezes com médios que não têm capacidade para chegar geram espaço à entrada da área, mas isso não é um padrão da equipa não é um padrão do adversário, ou seja, nós muitas vezes quando entramos entrelinhas não temos a capacidade de acelerar logo, é um jogo mais pausado, já não vamos gerar esse espaço à entrada da grande área, que

espaço é que nós podemos gerar? É um bocadinho assim que nós dividimos o adversário e o conteúdo a nível defensivo deles. A nível ofensivo para nós também são, é 3 pontos: Como é que eles, como é que eles constroem, dinâmicas de construção, porque nós queremos ser uma equipa proativa e pressionante, queremos saber como é que eles constroem sempre. Depois características mais individuais aaa e dinâmicas ali padrão, dinâmica de corredor, que muitas vezes as equipas têm, trocam os extremos, trocam os laterais, se sentirmos que vão para espaços diferentes e que nos mudam um bocadinho as distâncias de pressão aaa orientamos para mostrar e para perceber como é que vamos anular e depois é muito a questão do último terço, como é que eles se comportam quando nós estamos em bloco baixo, é assim que dividimos o processo ofensivo aaa e o conteúdo é tudo direcionado nesses dois dias da semana, primeiro dia, o -3 sempre com conteúdo defensivo do adversário e momentos de transição ofensiva, ou seja, o nosso processo ofensivo já tem ali alguns toques de como é que nós vamos anular anular depois a transição ofensiva, e no dia seguinte que é o -2 já organizamos o conteúdo em função daquilo que é o processo ofensivo do adversário, mas só sempre com 3 pontos, nunca vamos para além disso para não massacrar com demasiada informação

2 b) – E dão, mas mais para vocês, dão alguma relevância àquilo que é a análise estatística?

Para nós sim se, tiver algum fundamento...prático sim, se for aaaa só aquela estatística, a equipa não ganha em casa à não sei quantos jogos, tem mais facilidade em ganhar fora do que em casa, isso...não éeee, para nós já não faz tanto sentido, agora tudo aquilo que é aaaa como é que te ei de dizer.... sei lá aaa já não sei com que adversário é que foi, o adversário fazia muitas faltas muitas muitas muitas à entrada da grande área, tinha um número muito alto de faltas à entrada da grande área, demos importância a isso para nós e demos indicação aos jogadores sempre para entrelinhas dar sempre dois toques, porque sabíamos que matavam em falta e sabíamos que a probabilidade termos um livre perigoso é muito grande, sempre dois toques. Isso, essa estatística para nós faz sentido, agora tudo o resto é um bocadinho...não ganham em casa à não sei quanto tempo, isso é relativo.

Depende sempre não é? Depende sempre qual é a estatística que vocês querem dar importância.

Sim é muito por aí, agora temos sempre, temos sempre essa parte, damos sempre um olho naquilo que é essa parte mais estatística do jogo mas não é não é algo que esteja muito presente.

5 – E dão importância àquilo que é a análise individual da equipa adversária?

Sim isso sim, não isso sempre sempre sempre aaaa e muitas das vezes dentro daquilo que é a apresentação coletiva à equipa também, quando sentimos que, olha por exemplo agora com o Arouca, o Quaresma o lateral recebe muitas vezes para dentro, então nós coletivamente também orientamos aquilo que era a estratégia de pressão em função daquilo que era esse pormenor individual, o David Simão por exemplo, o primeiro toque do David é um toque muito curto, fica-lhe sempre muito debaixo do corpo e ele precisa sempre de dois, do segundo toque para desviar e para conseguir acelerar o jogo, por isso aquilo que nós dissemos à equipa, isso é uma coisa individual mas passamos isso para o coletivo e demos esse esse ênfase e mesmo nos vídeos individuais demos esse ênfase, porque é um momento em que nós temos de mudar a velocidade de pressão e sentimos sempre que ele recebesse e não conseguisse orientar para a frente, nós tínhamos de conseguir acelerar porque ele ia sempre precisar do segundo toque para tirar e era um gap ali para nós podermos roubar, por isso dentro daquilo que éeee a análise individual damos essa importância, todos todos os jogos eles recebem o documento com o com os individuais deles aaa quando é necessário chamamos e falamos aaa seja coletivamente seja individualmente sobre algum adversário aaa para os conseguirmos parar, por exemplo o Casa Pia, o Godwin, nós tínhamos temos a nossa organização defensiva, temos as distâncias normais de um lateral para o central aaa mas com o Godwin, quando ele recebia aberto nós demos ordem ao nosso lateral para estar a uma distância maior, ou seja, abrimos mais o espaço entre central e lateral propositadamente, para termos o lateral mais perto quando ele recebesse, mais perto de saltar na pressão, isso são são coisas individuais que muitas das vezes são precisas para tu conseguires ajustar aqui ou ali coletivamente.

E o documento que passam é o documento em vídeo não é? Os individuais para os jogadores.

Sim sempre em vídeo, tudo em vídeo. Ah à bocado estavas a falar da parte estatística, dentro daquilo que é coletivo nós não damos assim tanta importância, mas por exemplo, individualmente damos, ou como é que eu te consigo passar isto, imagina aaa, o Fran Navarro faz aaa x remates e nesses x remates faz um golo, a cada quatro remates faz um golo. Nós por exemplo pegamos nessa estatística e mandamos ao nosso avançado, mostramos ao nosso avançado, tens de rematar pelo menos cinco vezes, este gajo tem quinze golos na primeira liga, tens de rematar pelo menos por jogo cinco vezes para conseguires fazes para conseguires fazer golo e lançamos-te este desafio, em cinco remates tens de fazer pelo menos um golo e ligamos logo ali o chip para o jogo e para

o treino, esse tipo de estatísticas para nós ajuda-nos, mesmo no treino e tudo, criamos esse tipo de desafios com esse com esse com esses dados.

3 – E portanto, estávamos a falar do adversário, mas agora passando para a parte da própria equipa, analisam com alguma importância essa parte, tendo em conta, o último jogo?

Sim, a semana é sempre preparada com base em duas coisas, no próximo adversário e no jogo no jogo passado. No jogo passado mais para, nós validarmos aquilo que foi a nossa estratégia para o jogo, mais nesse sentido, perceber o que falhou e o que não falhou e perceber em que momento é que nós, a nossa equipa está. Nós temos de andar sempre um passo à frente no planeamento, já chegou, temos a semana o início da semana planeado, depois em função do jogo alterarmos, ou porque a equipa com bola com bola coberta não encurtava não crescia e nós quisemos dar mais foco nisso, ou seja, aaa o próprio jogo é sempre de uma importância extrema talvez, ou seja, é o momento mais importante e o momento de análise mais forte e mais detalhado para nós conseguirmos continuar a fazer a equipa crescer e para nós sentirmos também o que é que a equipa precisa naquela semana para corrigir aquilo queeee aquilo que não teve tão bem e que e que não nos fez estar tão bem no jogo aaa ou às vezes até para cimentar comportamentos e para continuar a trabalhar comportamentos que tão a sair bem e que nós temos que continuar a potenciar no nosso modelo é importante, por isso essa essa análise é de uma máxima importância.

Mesmo nem que seja só para vocês também, só mesmo para o seio da equipa técnica

Sim para nós equipa técnica, mas nós quase sempre, há momentos em que não, há microciclos em que não, mas quase sempre mostramos à equipa o que correu bem e o que é não correu bem em vídeo, para eles perceberem e para eles sentirem o que é que, com vídeo, o que é que não correu tão bem, porque aaa o que é que nós achamos, muitas das vezes, se nós não mostrarmos, os jogadores vêem os jogos e ficam um bocadinho à mercê daquilo que que eles acham e que eles entendem do jogo ou o que é que não correu tão bem aa nós, a nossa ideia é sempre demonstrar, o que é que não correu bem foi isto, o que é que nós devíamos ter feito aqui foi isto e agora nós no treino vamos trabalhar isto, para eles sentirem que há um caminho e que há um guia dentro daquilo que é que é o processo, isso é isso para nós é fundamental.

6 e 6 a) – E passando agora, que estamos a falar do jogador, mais para o centro do jogador, na tua opinião, que importância é que achas que eles dão à parte da

análise da própria equipa comparando com parte, depois durante a semana, da análise do adversário?

Eu no eu no grupo, vou falar sempre obviamente do meu contexto, não consigo falar dos outros, do meu contexto, o grupo que nós temos dá muita importância ao momento de vídeo, independentemente que seja do adversário ou do do da própria equipa, dá uma importância muito grande, é um grupo de jogadores que, muitos muitos dos jogadores vêem o adversário e vêem vídeo, vêem o jogo, depois do jogo, gostam de ver o jogo, gostam de ver o que é que correu bem, às vezes até duas vezes e gostam de falar sobre isso, e por isso eu sinto que eles dão muito importância a tudo independentemente seja adversário não seja, porque não sei, o grupo também, o grupo do Moreirense era diferente já te faço uma ponte, mas este grupo do Paços mesmo o do ano passado e o deste ano vêem muito muito muito muito e dão muita importância a isso, gostam mesmo de falar do jogo e de falar do adversário, por isso não te consigo dar da essa diferença. No Moreirense, por exemplo, davam muito mais importância àquilo que era a análise da própria equipa, do adversário nem tanto, porque conheciam porqueee, se calhar também a nossa forma de apresentar o adversário já não era não era assim tão detalhada, já era muito grossa, nós agora como damos só três pontos de cada de cada momento do adversário aaa e focamos os jogadores naqueles três pontos ofensivos e três pontos defensivos se calhar isso também faz com que eles gostem mais do adversário, porque no fundo são apresentações sempre muito curtinhas é isto isto e isto em cada fase e nós temos de fazer isto isto e isto e, se calhar isso também os cativa mais um bocadinho. Mas no Moreirense davam muito mais importância aquilo que era a análise da própria equipa e gostavam muito mais dessa parte, desse momento, no Paços é um bocado indiferente, até na bola parada gostam gostam de ver o vídeo.

7 – Passando agora para a semana, na tua opinião, vamos supor que é um microciclo de domingo a domingo ou domingo a sábado por exemplo, e na tua opinião na parte da área da análise de jogo, ate já falamos um bocadinho, já disseste que no -3 era a parte ofensiva e no -2 era a parte defensiva aaa como é que tu achas que deve ser planeada e deve ser colocada os aspetos da análise de jogo, as tarefas da análise de jogo ao longo de uma semana para preparar o adversário?

Okay, nós aaaa como é que te ei de dizer isto, um microciclo normal de 4 treinos okay, dentro daquilo que é, porque nós fazemos de maneira diferente e depois já te digo porquê e como, com 5 treinos ou com 4 treinos. Com 4 treinos que é o microciclo normal, ou seja, -4, -3, -2, -1, como é que nós fazemos, nós jogamos e depois do jogo nós vemos

sempre o jogo o jogo em ângulo aberto, vemos todos aaa definimos aquilo que é importante apresentar à equipa no dia seguinte, apresentamos sempre no dia seguinte aaa vemos logo que conteúdo é que nós achamos queeee que falhou, às vezes mudamos outras vezes não mudamos o treino, porque já tá planeado aaa e aquilo que nós fazemos sempre, no -4 é sempre espaços mais reduzidos e temos espaço ali para um exercício dentro do nosso microciclo maior, esse exercício maior, ou seja, temos treino de força, normalmente a base do nosso jogo, reação à perda, jogos reduzidos, manutenções de posse de bola, bate sempre nisso o treino de força, com estímulos variados, mas é sempre, esse conteúdo tá sempre. Depois o exercício grande, normalmente metemos sempre aí algo que nos tenha faltado do jogo passado ou que nós queremos melhorar do jogo passado, sempre nesse primeiro treino, ou seja, os jogadores viram aquilo que é que é o jogo passado, têm o conteúdo até fisiológico que, tem o estímulo fisiológico que é necessário para o dia e o conteúdo que nós acreditamos ser importante para o nosso jogo, mas depois no exercício que nós temos maior, aí em vez de acabarmos o treino se calhar com um competitivo com um jogo de três equipas que eles gostam e para ser ali, não, acabamos com um exercício que seja fundamental para nós, por exemplo, demos muito espaço entrelinhas, vamos criar um exercício que contextualize o bloco mais compacto e obrigue as linhas a estar compactas para não os deixar entrar entrelinhas e depois obriga um deslocamento na profundidade, porque é o único espaço que nós temos de cobrir, metemos aí o exercício. No treino seguinte que seria o -3 e que nós já demos conteúdo daquilo que é o adversário, o adversário só está presente num exercício. Ou seja, nós temos sempre três exercício fundamentais nesse dia, no exercício do meio, normalmente é sempre o segundo está aí o adversário, e o adversário tá como, aparece com a estrutura defensiva do adversário, nós metemos uma das equipas com a estrutura defensiva do adversário, os caminhos que nós queremos dar para ferir aquela estrutura e para ferir o adversário e depois no primeiro e no último é o nosso jogo. Nós se sentirmos por exemplo que, nós no -4 demos aquele exercício que que temos com o conteúdo que nós tínhamos de melhorar do jogo passado, no -3 damos continuidade a esse a esse momento e damos continuidade àquilo que é o nosso jogo e a melhoria de de aspetos que sejam do nosso jogo. A partir do -2, -2 para a frente por exemplo, eu disse-te que era processo ofensivo do adversário, é linha defensiva, último terço do adversário como é que nós vamos ferir, o bloco, a estratégia defensiva, mas depois há sempre o último exercício que é o nosso jogo também, ou seja, dentro daquilo que é a semana, nós vamos metendo o adversário aqui e ali e vamos dando os caminhos e a forma como nós vamos querer parar o adversário, mas pelo meio também temos aquilo que é o nosso modelo e é a nossa forma a nossa forma de jogar e aquilo que nós temos de melhorar de um jogo para o

outro. Percebes, é assim que nós incorporamos. Se nós tivermos o +1 por exemplo, ou seja, uma semana com cinco dias, nós nesse primeiro treino, por exemplo, esta semana que vem vai ter cinco treinos, nós no primeiro treino da semana que é na segunda-feira vamos dar conteúdo nosso, até te posso dizer, vamos fazer um exercício de passe que é logo para entrarem no treino aaaa, para quebrar aqueles 3 dias de folga e tudo, depois vamos meter padronizado com as nossas dinâmicas ofensivas e depois vamos trabalhar o pontapé de baliza, já em função daquilo que é a pressão do Vitória, mas dentro daquilo que é a nossa saída padrão, o nosso posicionamento padrão, porque é um momento que nós também damos importância, ou seja, aproveitamos sempre se tivermos cinco dias, o primeiro treino para dar conteúdo nosso conteúdo nosso conteúdo nosso, neste por exemplo até é ofensivo, no último +1 foi defensivo, demos mais defensivo. Aaaa e depois no -4, sempre com um exercício com a nossa equipa sempre sempre sempre com o nosso jogo e com aquilo que nós temos de melhorar e no -3 aparece um exercício do adversário e o resto é nosso sempre nosso, é assim que nós organizamos a semana e é assim que eu acredito também, eu não, nós damos importância ao adversário mas sem dar, percebes?

Sim, está tudo meio subentendido, meio escondido.

Sim eles sabem que nós estamos a trabalhar o adversário, mas acabam o treino a trabalhar aquilo que é o nosso jogo, aquilo que é a nossa estrutura, aquilo que é o nosso comportamento, é sempre sempre sempre dessa forma

E aquilo que é a base dos vídeos, por exemplo, vocês podem ter um vídeo apresentado no +1, certo?

Não, nos +1 não apresentamos vídeo, se imagina se tivermos vídeo do jogo passado para apresentar é logo no +1 sim, -4 não há vídeo, no -3 há sempre, sobre o processo defensivo do adversário e no -2 também e no -1 é bola parada, fazemos sempre assim. -1 é sempre, é sempre, já não temos estratégia para dar porque metemos a estratégia ao longo da semana, é sempre velocidade de reação e bolas paradas

9 - E para ti, na tua opinião, há opiniões diferentes que também já fui recolhendo aaa na apresentação desses vídeos quem é que tu consideras que deve ser o apresentador?

Há há pessoas que defendem que deve ser o treinador, eu acho que não deve ser o treinador, porque o treinador não tem o conhecimento tão grande nem deve ter um conhecimento tão grande daquilo que é o adversário e daquilo que éee aaa os momentos dinâmicos, os momentos de bola parada, não deve ter esse conhecimento,

o treinador....deve ter conhecimento, não deve conhecer tudo e a pessoa que trabalha o vídeo e que trabalha o adversário vai falar sempre com muito mais paixão e passar muito mais aquilo que é a ideia do adversário do que o treinador, por isso eu defendo que deve ser essa pessoa a fazer a apresentação.

E até pode ir mais facilmente aos pormenores que muitas vezes o treinador não, pode não dar tanta importância.

Exatamente, tudo aquilo que é apresentação da nossa equipa, treinador sempre, porque é o modelo dele, é a ideia dele aí faz sentido que seja ele, a correção é ele que a tem de fazer, agora tudo aquilo que é adversário, acho que deve ser as pessoas da equipa técnica. Nós fazemos assim, treinador própria equipa, os adversários os adjuntos.

10 – Aaa e passando também para o treino, já falaste no início, mas na tua opinião, imaginando o treinador analista no seio de uma equipa técnica aaa e muitas vezes varia um bocadinho em alguns clubes e em algumas equipas técnicas, mas na tua opinião, a importância da presença dele no contexto do processo de treino, muitas vezes há equipas técnicas em que o treinador analista não está tão presente no processo de treino e pode estar a filmar, mas sobre ele estar no processo de treino ao longo do exercício qual é que é a tua opinião?

Eu não acredito nooooo na pessoa que trabalha o adversário e que não está no treino isso não faz a mim não me faz sentido aaa tudo aquilo que é feedback, tudo aquilo que é informação importante, tudo aquilo que é conhecimento do que vai acontecer no jogo em função daquilo que nós vamos querer fazer tá no analista não tá nos outros treinadores e não não é menosprezo mas o treinador analista vê horas e horas de adversário para ver coisas e coisas que podem acontecer, vai ver várias coisas, vê vários comportamentos do adversário em função de problemas que vão aparecendo no jogo e esse feedback no treino aaaa na minha opinião é muito importante, eu felizmente no meu contexto tenho essa oportunidade, sempre que é coisas do adversário sou eu que pego, ou seja, nesse tal por exemplo no -3 damos como é que o adversário pressiona, sou eu sempre que explico no campo, sou eu que dou as orientações de pressão, sou eu que explico, sou eu que manipulo a pressão do adversário em função daquilo que está a acontecer no campo para o comportamento que nós queremos acontecer mesmo, e se for outra pessoa aaa não estando familiarizada com tudo não vai ser de maneira igual, os timings não vão ser iguais, por isso eu considero fundamental a presença do treinador analista no processo de treino, no planeamento no planeamento no planeamento do conteúdo que é importante para a semana aaaa sei lá, precisamos para aquele jogo é extremamente importante que exista muita variação

do centro do jogo de determinada forma, é importante nós passarmos essa informação para aquilo que é o planeamento e nós se sentirmos que isso é importante para ganharmos o jogo e para estarmos mais perto de ganhar o jogo, esse conteúdo tem de aparecer na semana de treinos e tem de aparecer ou em formato mais reduzido, esse estímulo tem de lá estar e por isso eu acho muito importante o treinador analistas tar no planeamento e estar na operacionalização do treino, isso para mim é fundamental.

Um pouco parecido também com o que estávamos a falar sobre a parte da apresentação do vídeo.

Sim é, está tudo ligado e... por muito que o treinador, imagina o treinador principal apresenta tudo, dá o treino todo, tudo, o jogador vai perguntar ao treinador principal, mas o que é que acontece neste determinado momento e o treinador principal não sabe responder porque não está por dentro, porque não está e assim não, assim há divisão de tarefas, há dúvida okay há dúvida do adversário eles já sabem veem falar, por exemplo no meu caso veem falar comigo, o que é que acontece aqui, acontece isto, o que é que este faz, faz isto, o pé do qual é o pé dominante do central que é quarto central mas o terceiro central não está na ficha de jogo, está no banco, porque é que esse gajo não está na ficha de jogo, esse gajo vai jogar porque o segundo está lesionado, o treinador principal também não sabe, ou seja, isto é tudo coisas que é do treinador analista e acho que faz sentido ele estar sempre presente, estar presente no contexto, por isso não, não me faz sentido de outra maneira. Mas olha num contexto de Porto e de Benfica a importância para mim não é tão grande, porque não se dá uma importância tão grande àquilo que é o adversário... por isso o treinador analista apresenta o adversário okay, mete para lá os vídeos e tal, mas se calhar a importância é muito mais naquilo que é o processo da própria equipa, já não é tanto naquilo que é o adversário. Nós no nosso caso, no nosso caso e na maioria das equipas da primeira fora Braga, Porto, Benfica e Sporting... fora esses temos de dar uma importância muito grande, o treinador tem de dar uma importância muito grande e tem que conhecer ao pormenor porque isso é que aumenta as probabilidades de ganharmos, agora no benfica, no sporting, no porto, eles é sempre igual independentemente do adversário que vão encontrar.

Anexo 3 – Transcrição do Treinador Analista A2 – Contexto Liga Portugal Bwin

1 – Começando então, na tua opinião que importância deve ser atribuída a um departamento de análise e observação e também ao treinador analista dentro do contexto do futebol?

Eu como te posso imaginar, não te posso dizer que é pouca, há uma limitação já já da minha parte (risos), portanto eu acho que é....mas acho que depende sempre muito dos treinadores com quem com quem com quem te vais cruzar ao longo do teu percurso, porque obviamente, hoje é indispensável, toda a gente toda a gente tem um departamento, seja um departamento com quatro ou cinco pessoas ou seja de uma ou seja, como vimos no outro dia o Manchester com oito pessoas. É fundamental, depois tu podes criar barreiras ou não criar barreiras com o treinador principal e aí muitas vezes aparece o tal treinador analista, o adjunto do treinador que faz a ponte, mas é fundamental e decisivo porque porque tu hoje há uma quantidade de dados que tens de recolher e queeee inevitavelmente alguém tem que os tratar para chegar para chegar ao treinador o mais refinado e apurado possível porque, pronto quando me surgem questões como essas eu costumo dizer que vendo um contexto e olhando para um contexto ideal que é, tu tens um treinador que chega a um clube no meio da época e tu entras, olha eu já entrei duas vezes três vezes a meio da época e e sei que, por exemplo numa das vezes eu não tinha departamento de análise e curiosamente se calhar no clube que tu menos esperarias que era o Celta de Vigo, entrei e não tinha departamento de análise. Por acaso entrei, também foi o clube o único clube onde entrei com com paragem FIFA, todos os outros foram antes das paragens FIFA e foi sorte porque consegui, na paragem apanhar o comboio em andamento e consegui preparar as coisas, mas se tu tiveres um departamento de análise já tens a triagem macro feita, depois tu chegas lá e vais trabalhar a informação de encontro àquilo que o treinador quer, portanto acho fundamental o treinador ter um analista para fazer a ligação se tiver um departamento, vai-lhe poupar muito tempo para lhe ir direto àquilo que ele que ele quer e procura. O departamento acho que para o clube é decisivo, é decisivo para também para ser uma almofada de conforto num treinador, que qualquer que ele seja, porque há muitos dados e, imagina um treinador, hoje, vamos olhar para o contexto de uma equipa de top há tudo, mas entras num contexto de uma segunda liga, num campeonato até algumas equipas da primeira liga, se não tiveres pelo menos uma pessoa no departamento de análise, vai ser preciso filmar treinos, vai ser preciso filmar jogos, vai ser precisooooo trabalho de análise de bolas paradas, vai ser preciso trabalho de uma série de coisas que tu precisas que alguém o faça, porque tu não tens tempo

para tudo e porque às vezes com uma equipa técnica que também não é muito grande tens de estar no campo e é sempre eu acho que é decisivo tu tu teres é como teres um departamento de performance, todos os clubes têm um departamento de performance e um departamento de análise é um departamento de performance, não de performance dos jogadores mas da equipa.

E mesmo às vezes, dentro do departamento de análise mesmo só tendo uma ou duas pessoas encarregues até pode ser aaaa podem ser poucas para todo o trabalho que que pode existir porque o treinador pode querer.

Sem dúvida sem dúvida e depois tens que, pronto no fundo tens de tentar agilizar um bocadinho aquilo que tu tens, eu posso dar um exemplo, quando nós estávamos no Rio Ave, tínhamos duas pessoas, o Pedro e o Roberto que ainda lá está com o mister Luís Freire eeee a forma como nós dividíamos aquilo eu e o outro adjunto ou seja, o Tiago que era o responsável por pegar nas bolas paradas, no fundo nós olhámos para o departamento e dissemos okay com os meios que temos, o Pedro que era o que trabalhava mais diretamente comigo vai trabalhar eu vou analisar alguns jogos, ele vai analisar outros, ele vai fazer a análise individual dos adversários, passa-me a informação, eu monto tudo e passo ao treinador. O Roberto vai preparar aquela primeira, aquelas primeiras páginas do relatório que são mais densas que nós não temos muito tempo, onzes, plantel, essas questões e vai trabalhar a bola parada com o Tiago, ou seja, quando a bola parada chegava ao Tiago, dos últimos setenta cantos, ele tinha quinze, já era uns padrões muito refinados, todas as variantes que eles podiam ter e partir daí o Tiago fazia uma triagem, montava a bola parada, passava ao Miguel e as coisas iam nesse nesse caminho, portanto é fundamental, tens é que conseguir agilizar muito e usar aquilo que tu tens dentro de portas digamos assim para conseguir otimizar mesmo o trabalho.

2a) - E agora dentro mais da análise do próximo adversário, daquilo que é o adversário que vamos encontrar, que aspetos é que consideras mais importantes?

Pah depende, isso é sempre muito contextual aaa pah e eu por exemplo, eu trabalhei com dois treinadores, além de e agora estar no departamento de análise do Porto que é ligeiramente diferente, mas trabalhei com dois treinadores, um era extremamente exaustivo naquilo que queria aaaa mas ao mesmo tempo era exaustivo mas depois mostrávamos coisas, o vídeo total tinha 5 minutos, agora eu, nós tivemos reuniões a

tarde toda, preparar cinquenta vídeos, cinquenta coisas, os compactos, ele queria ver tudo e depois... era uma confusão, era extremamente exaustivo apesar de ele filtrar logo a informação. Com o outro o vídeo era maior, mais abrangente, mas depois em conversa nós íamos, ou seja, é um bocado por exemplo no Porto nós vemos tudo aaa para um adversário por exemplo, nós temos que ir ver tudo desde desde o jogo anterior, imagina de uma segunda volta, tu jogaste na primeira jornada e vais jogar na primeira jornada da segunda volta, tens que ir ver tudo para trás aaa não obviamente mudou treinador e isso não interessa, mas se for o mesmo treinador tens que ir ver tudo o que está para trás... e depois não há muito o filtro, por exemplo nós no Tondela jogávamos com três centrais, a mim importava-me muito pouco equipas que não jogavam com três centrais. Aqui é é tudo, porque não sabes não sabes o que é que vai na cabeça dele, tentas filtrar informação e dizer olha isto aconteceu com três centrais aconteceu assim assim, contra dois centrais aconteceu assim assim, pronto opah e tentámos lá está dependendo um bocadinho do contexto onde tu estás, ser o mais precisos mas ao mesmo tempo o mais abrangente possível também.

2b) E agora era mais em relação à análise estatística, mas também já falaste à bocado, que havia um responsável que fazia aquela parte mais densa, presumo que colocasse aí também a parte estatística certo?

Depende por exemplo, aaa naquele exemplo que eu te dei nós usávamos a estatística sobretudo para a bola parada, ou seja, ele quando selecionava a bola parada tinha uma tabela excell aaa em que ele quantificava as zonas e não sei quê. Por exemplo nós aqui, nós utilizamos o ... para o Porto, no Tondela utilizávamos o ... e aí o Ricardo que era a pessoa que trabalhava comigo no Tondela já filtrava uma série de estatísticas, metia no report e nós passávamos ao mister e ao Miguel ao adjunto, mas também eles gostavam muito das estatísticas, eu confesso que não sou muito aficionado das estatísticas, às vezes quando elas vêm nos relatórios agora, eu olho para aquilo e digo: vocês andam a ver as coisas erradas. Eu acho que as estatísticas têm um problema porque elas parecem ser extremamente objetivas e elas são extremamente subjetivas aaaa e isso para mim tenho eu tenho alguma dificuldade em em conseguir sentar-me com um treinador e basear no quer que seja numa análise estatística, porque eu creio que era o Valdano que dava este exemplo, que é um passe pode não ser um passe progressivo e um passe lateral ser um passe progressivo e aquilo é contabilizado como um passe para a frente progressivo eee depois obviamente depende das métricas, depende de onde tu vaus buscar, está tudo certo, mas tu nunca crias e nunca vais refinar aquilo para aquilo que tu procuras se não vais vais perder muito tempo a fazer isso e hoje no futebol tu não tens tempo para para perder, portanto desvalorizo muito essa parte, valorizo por

exemplo, muito na bola parada, que acho que é a altura em que nós podemos ter um bocado mais de dados quer dizer assim, se é uma equipa que bate cinquenta cantos, bate quarenta e cinco no primeiro poste, alguma coisa quer dizer, tu consegues tirar um dado objetivo dali, pá se tu tens por exemplo, pá vou dar um exemplo o Luka Modric que te bate os pontapés de canto mais no segundo poste, tu já sabes que isso tens aí uma referência, que se calhar se for bater o Toni Kroos vai bater de outra forma, aí é uma coisa mais... ou como os penaltis, tu sabes pá eles vão bater, batem, o jogador muda depois de falhar, tu vês pelas estatísticas, tu vês dez penaltis e tu sabes que ele sempre que falhou mudou o lado, isto são coisas que tu consegues apalpar mas agora tu dizes ah o central fez não sei quantos passes para o lateral, mas as equipas pressionam quase todas a fechar o espaço interior, não tem para ligar para mais ninguém sem ser o lateral, isso são dados pouco relevantes.

3 - E em relação àquilo que é mais a análise da própria equipa, muitos dizem que até é mais importante que o próximo adversário, muitos até igualam as duas, como é que tu vês a análise da própria equipa, tendo em conta aquilo que foi o jogo anterior ou jogos anteriores e aquilo que vai ser o próximo?

É igualmente importante, é igualmente importante aaa acho fundamental, acho que a análise tem de ser muito tal como a análise do adversário, a análise da própria equipa tem que ser extremamenteeee direta naquilo que tu queres, ou seja, tens depois emergem dois pólos não é, que tu tens pronto o pólo da ideia de jogo, ou seja, os nossos comportamentos que são de ideia de jogo base digamos assim e depois temos aqueles que são o plano estratégico da equipa e também importa tu perceberes se aquilo que tu montaste para o jogo foi correto ou não foi correto, se conseguiste encontrar os espaços que querias, se conseguiste bloquear a construção como querias, se não tentas perceber porquê, agora é fundamental, acho que é fundamental perceber aaa acho que nenhum nenhuma delas deve ser abdicada no contexto do futebol profissional, acho que por vezes em semanas e, posso-te dar este exemplo porque já fizemos também isso, já fiz isso algumas vezes com alguns treinadores que é, em semanas muito curtas em que tu não tens muito tempo entre jogos, consegues pegar em aspetos que tu sabes que foram decisivos no último jogo ou que podem ser decisivos no próximo jogo e através das imagens tens o jogo anterior, tu consegues meter no vídeo do adversário, pá vou-te dar um exemplo, pronto aleatório, ou seja, tu sabes que o adversário sofre muito com movimentos do avançado entre central e lateral, se tu tiveres imagens do jogo anterior em que fizeste isso estás a reforçar, pá sabes que o adversário é

muito forte por exemplo nos cruzamentos ao segundo poste e o adversário anterior, tu no jogo anterior tens sofrido um golo ao segundo poste, se calhar podes aproveitar para corrigir, mesmo não fazendo uma análise muito densa, tu podes, por exemplo, eu acho que nós chegamos a fazer isso muitas vezes na bola parada com o Miguel que era pegar, okay está aqui o vídeo, está aqui o vídeo do treino, o que é que nós queremos fazer, mas agora reparem que nós no jogo com o mesmo espaço, nós fizemos uma coisa diferente, atenção que eles fazem, lembro-me por exemplo, nem por acaso, na altura até era o mister Jorge Jesus que estava no Benfica e aaa o Benfica tinha um canto muito padronizado que era um jogador que vinha da área, depois o da bola e depois tinha um que fazia um movimento de trás para a frente e nós tínhamos sofrido sofrido um lance de perigo no jogo anterior e depois fomos buscar aquelas imagem e assim oh amigos tá aqui, nós fizemos mal isto e isto, pá se fizermos isto correto como vocês fizeram no treino, nós bloqueamos, pá acho que é fundamental, mesmo quando não consegues fazer, tens que a fazer, ou seja, tu e a equipa técnica, tu treinador tens de o fazer, depois podes ou não mostrar ou podes ou podes racionar em função daquilo que te é fundamental para o jogo seguinte, tu imagina, vais jogar com uma equipa que sai sempre a jogar longo, se calhar não te interessa muito estar ali a perder tempo a afinar a pressão curta, ah e no último jogo sofremos um bocadinho a pressionar alto, mas estes não saem curto, portanto porque é que eu vou estar aqui a perder tempo a isto, se calhar guardo para outro momento em que isso vá acontecer e acho que podemos gerir assim, mas elas são as duas fundamentais e podem ser combinadas.

4 - E mesmo, tanto podem ser também aspetos individuais ou setoriais, por exemplo, fazerem reuniões individuais com os jogadores sobre aspetos que aconteceram durante o jogo anterior e correções que vocês já tinham visto que eles precisavam de melhorar?

Sim sem dúvida aaa também podia ter ido por aí, acabas por me lembrar e bem, isso é fundamental, por exemplo, se tu sabes que há um problema na tua equipa, pá eu gosto de exemplos práticos, nós no Rio Ave tínhamos um problema muito grande, nunca conseguimos resolver, que era a nossa linha defensiva tinha tendência a tirar profundidade, mesmo quando não havia necessidade de a tirar, baixava. Pá não há necessidade de tu estares a por vinte e não sei quantos jogadores do plantel sentados numa sala se vais só falar sobre a linha defensiva ou se te interessa só a linha defensiva. Pá vídeos individuais é muito frequente e eu fiz muitos, aaa normalmente fazíamos ou a meio da semana, por exemplo se fossemos treinar uma situação muito individualizada ou então no dia de jogo, pá por exemplo, lembro-me das receções orientadas para ver muito aaa muitas muitas reuniões, os laterais fazia muitas reuniões de situações de um

contra um defensivo aaa porque também era algo que o Miguel estimulava muito no treino e eles tinham algumas lacunas nisso eee olha agora com o Costinha está está no Rio Ave a fazer uma grande época e fez já uma grande época no ano passado, fiz várias vezes vídeos individuais com ele a mostrar-lhe situações de um contra um e podes buscar depois exemplos, pá quando tu vais ao médio mostrar-lhe o que é que achas que é fundamental numa receção orientada, tu vais ao wyscout hoje, xavi, rodri, busquets, está ali não é, se os melhores do mundo fazem, tá aqui, se eles fazem é porque alguma coisa tens que ganhar com isto não é, portanto acho que também o visualizar um jogador de referência é importante e eu lembro-me que na altura fazíamos muito isso com eles, o Rúben Neves por exemplo também é um jogador que faz isso muito bem e acho que podes ir muito por aí, ou seja, o feedback, corrigir, depois mostrar como é que pode fazer, pá muito importante, acho que os vídeos individuais são muito importantes. Posso-te dar outro exemplo, enquanto isso, de vídeos individuais não é, até nem tanto setoriais, individuais com o Eduardo Quaresma aaa pela questão defensiva, ele ele tinha algumas questões defensivas, algumas lacunas defensivas, vá não são lacunas, são comportamentos que o Nuno não queria, ele saltava muito na referência, o Nuno não queria, queria que ele guardasse posição, fecha-se o corredor e ele saía muito na na pressão frontal ao movimento de apoio e nós fizemos muitos vídeos, lembro-me que na altura até com filmagens de drone e tudo o mais fizemos isso, para tentar corrigir e ele acabou a melhorar isso aaa mais no final da época, também só tivemos lá oito jogos na fase final portanto, mas acho que é fundamental, tu teres o cuidado não só com os que jogam mas com todos, porque se tu tiveres com todos também estás a ganhar jogadores, nesse sentido ou seja, tu estás munir os jogadores todos de de armas que tu vais precisar mais tarde ou mais cedo para a competição.

6 - E dependendo, lá está tendo em conta os contextos em que passaste, tu como é que vias o jogador recetivos nesse aspeto, tanto na análise individual como nas análises coletivas que vocês faziam, sentias que, acredito que alguns possam não dar muita importância, mas outro acredito que até possam pedir análises ou de uma equipa ou mesmo de um jogador que vão apanhar atribuírem mais importância a isso certo?

Certo aaa tu tu disseste uma coisa, vai depender também muito de de jogador para jogador aaa eu acho que, por natureza, o jogador se tu fores falar dele ou do adversário direto dele ele vai captar, depois pode não gostar da forma como tu abordas, alguns já sabes que não podes ser muito crítico, com outros podes ser mais crítico, mais crítico no sentido de dizer, tu não devias fazer isto devias fazer aquilo, mas geralmente eles preferem o vídeo individual, a questão micro minha e do adversário, do meu adversário

direto do que a coletiva, mas eu acho que vai sempre também depender um bocadinho de jogador para jogador e da forma como tu fazes a reunião, porque pá eu vou-te dar um exemplo mais uma vez, o iker que foi meu jogador no Tondela era um jogador com uma capacidade de de entendimento do jogo brutal e isso tudo nós sentíamos quando mostrávamos um vídeo de um adversário, que ele captava, ele olhava, abanava com a cabeça, percebia, tu percebias que eles estava a captar as coisas, agora também sabes que há jogadores que estão ali, desligam e entram em piloto automático e acordam no final do vídeo e ponto final e depois tu vais para o treino e percebes que eles estavam a dormir no vídeo porque não fazem aquilo que tu pediste, mas mas vai depender, agora individualmente eu acho que eles têm maior maior capacidade de perceber, também é aquela coisa que tu estás ali, estás a mostrar alguma coisa que é dele, que ele que ele sente que é importante porque tu estás ali a falar com ele, estás a dar-lhe um bocadinho de protagonismo ou estar ali a falar com ele, eles acabam por captar e por ter mais interesse no vídeo individual e na ação própria e na ação própria.

Eu também tive essa percepção esse ano, nós por exemplo, na altura em que tivemos na Youth League aaa nós fazíamos, até estava encarregue de fazer a análise individual sempre dos adversários com quem íamos defrontar, dos jogadores todos e, por exemplo, nós tínhamos jogadores que sabíamos que eles viam o vídeo que eu lhes partilhava e tudo mas, dou-te o exemplo, nós tínhamos um lateral direito que para ele ele não queria ver nada, preferia ir para o jogo sem saber o que é que ia apanhar e isso a mim faz-me um bocado confusão dele não querer, pá é o adversário direto e não quer pelo menos ter uma percepção do que é que pode vir do jogo e parece que vai ali um bocadinho às escuras mas às vezes pronto ter essa percepção do jogador se calhar até é bom.

Ah sim, isto é assim, no futebol não há receitas, não há receitas, é tu ires te adaptando e seres flexível ao ponto de te adaptares, eu faço, é a minha parte eu faço, está aqui a informação, agora tu geras a informação como tu quiseres, até porque os treinadores, nós temos uma limitação, eles podem estar ali, nós podemos estar uma hora a falar com eles, a olhar para eles olhos nos olhos, e eles estarem a pensar noutra coisa qualquer e nós estarmos ali a falar a falar a falar a falar a falar e eles estão a pensar noutra coisa qualquer, não ouvem nada daquilo e depois vão lá para dentro e fazem o que lhes apetece, nós temos que viver muito bem com isso, fazendo a nossa parte, que é está aqui os meios todos para tu te preparares e eu já apanhei por exemplo um jogador, não tem stress, o Wesley central que teve na Lázio, foi meu jogador no Celta, e o Wesley, eu uma vez, mandamos o vídeo, tava ali, apanhei-o no corredor no hotel, estava a falar com ele e ele disse: opah eu agradeço vocês mandam o vídeo, mas não preciso. Eu

fiquei assim a olhar para ele, ai não? E ele não que eu tenho a conta do wyscout do meu agente e eu automaticamente vejo os adversários todos, pá vou lá vejo os avançados todos, os alas, pá quero conhecer os adversários todos e eu disse: pronto okay, se não queres, nós continuamos a enviar, tu desde que tu estejas confortável está tudo bem, pá depende, vai depender, o Ivo Pinto, por exemplo gosta muito de receber os vídeos, estava sempre a pedir, o Costinha também, pedia muito o vídeo dele e do adversário, nós por exemplo, nós quando cortávamos o jogo, cortávamos e picávamos logo as ações e quando acabávamos o jogo exportávamos as ações todas deles e mandávamos diretamente, se jogas, se o Ivo, mandávamos na mesma para o Costinha porque ele pedia, se jogasse o Costinha, o Ivo não queria ver então não mandava, mas mandávamos sempre, pá acho que depende um bocado, acho que cada vez mais difícil vai ser um jogador que chega ao topo, que se mantenha no topo, sem ter essa preocupação também, não é só a preocupação com o treino, não é só a preocupação com o com o treino físico, com a nutrição e com o descanso, esta parte também vai começar e o casemiro é um exemplo, ainda ontem vinha um artigo no jornal público a falar disso a dar o exemplo que o casemiro estuda os adversários todos, acho que cada vez mais é fundamental que isso aconteça.

Sim e lá está pode ser um aspeto que o vai ajudar a ter muito sucesso, é aquele trabalho que não se vê não é

Claro, o Casemiro até vinha ontem no artigo que o Casemiro até o perfil dos árbitros estuda, o árbitro é muito de dar cartões amarelos, o que é que faz, de onde é que é, onde é que nasceu, porque ele pá porque sim, porque assim consegue criar uma ligação com o árbitro e se calhar é expulso menos vezes do que àquelas que deveria. Pá por isso é que se calhar nós olhamos e se calhar nós olhamos para o Casemiro a jogar num outro contexto qualquer sem ser o Real Madrid e não vai jogar no Real Madrid e ele chegou lá e foi titular e agora chegou ao Manchester United e é um jogador decisivo, porque os jogadores têm que se preparar e talentos únicos há aqueles que nós não é preciso fazer nada porque eles são bons na mesma, há meia dúzia no mundo e os outros têm que trabalhar.

7 - Agora passando mais para aquilo que é a semana de microciclo, imaginando vá de domingo a domingo ou de domingo a sexta ou sábado, com cinco ou quatro sessões de treino, na tua opinião como é que deve ser a parte da análise nesta preparação dos jogos?

Olha eu por experiência e vamos começar já já por aí, por experiência eu acho que os jogadores e o ser humano em geral, tem pouca capacidade de concentração, e isto

vamos na questão dos vídeos, portanto eu prefiro, e isto aaa eu ouvi muito quando estava em Espanha, o que o Luis Henrique fazia, porque tinha estado no Celta pouco tempo antes e eles faziam vídeo praticamente todos os dias, mas faziam vídeos vídeos de quatro minutos, o que dava uma reunião de vinte ou vinte e cinco minutos e captavam, pá agora há uma ligação, eu vou mostrar a parte defensiva, vou treinar a parte defensiva, eu vou mostrar a parte ofensiva, eu vou treinar a parte ofensiva, eu vou mostrar as bolas paradas eu vou treinar as bolas paradas e havia uma ligação muito direta e isso é o que eu acredito que é o fundamental, depois podemos entrar aqui noutras noutras questões mais da questão conceptual do treino, eu tenho algumas dificuldades em compreender alguns alguns treinos que os treinadores fazem nos últimos dias aaa estar com os jogadores uma hora no campo parados a pressionar bonecos, isso para mim faz uma confusão tremenda ou fazer dez contra zero faz-me uma confusão tremenda, porque eu nunca vi nenhuma jogada de playstation num jogo de futebol, pá e fico muito difícil como é que um treinador quer que os jogadores tomem decisões no campo e depois anda ali, joga para a direita, joga para a esquerda, joga no meio, faz assim.

Sim, às vezes dizem que é só para criar automatismos não é.

Mas é muito difícil porque depois aa dificilmente tu encontras uma imagem em que aquilo aconteça porque o adversário mexe-se e depois aquilo é uma confusão terrível lá dentro que eles dizem, mas isto no treino não estava assim, portanto eu aí vou um bocado mais na lógica do mister Vítor Pereira, acho que nós podemos começar a introduzir as nuance, estratégias desde o início da semana em em situação de problema, ou seja, eu eu sei que há determinados espaços que eu quero procurar e se há determinados espaços que eu quero procurar eu vou introduzir no exercício a variante desses espaços, por exemplo eu vou jogar com uma equipa de três centrais, mas que joga só joga com dois médios, tipo o Sporting e se calhar eu vou criar exercícios reduzidos em que isole um médio, e o que é que eu quero, que espaços é que automaticamente me vai abrir, vai me abrir os espaços ao lado dos médios e eu já estou, sem sem dizer a meter ali o espaços ao lado dos médios para os meus jogadores procurarem para acelerarem porque eles vão começar a ver o espaço ali e vão lá, comesas a ir ao subconsciente, dar-lhes as ferramentas ao longo da semana, obviamente se tiveres 6 dias para treinar melhor, se tiveres três é mais difícil, se calhar tens que ir um bocadinho mais pela pela questão cognitiva e mostrar no vídeo e depois ir ao campo e fazer o tal exercício dos bonecos que não interessa a ninguém mas tens que fazer para que eles possam compreender e ter as referências, mas acho que vai muito mais por aí, ou seja, tu modelares aquilo que tu queres, no exercício para levares,

eu eu acredito muito nós nós devemos treinar os problemas e não as soluções aaa porque se nós treinarmos os problemas e se lhes dermos os problemas eles vão ter que ser capazes no treino de resolver, porque se não começa o jogo e tu só voltas a falar com eles ao intervalo e eles estão quarenta e cinco minutos atirados à sorte deles e depois o adversário muda qualquer coisa e aquilo é uma confusão e tu no banco estás a desesperar que não consegues fazer nada, porque andas a treinar soluções e aquilo o jogo muda-te as perguntas e eles andam perdidos lá dentro e sobretudo, se tu entras num contexto a entras no meio da época, se vens de três épocas já há uma sustentabilidade naquilo que tu naquilo que os jogadores sabem que tu queres e que têm de fazer em determinadas situações, se tu chegas num contexto muito diferente e aquilo é totalmente diferente ao que tu treinaste eles vão andar perdidos, portanto eu acho que ao longo da semana. O lado estratégico tu podes ir metendo em pequenas coisas aaa tal como a correção, obviamente que há coisas que tu tens que isolar para treinar e tu sabes que tens que isolar para treinar, mas eu acredito que sempre que ti conseguires treinar e lhes dar as pequenas ferramentas em vez de automatizar, tornar trabalhar o lado perceptivo deles, perceptivo-cognitivo melhor, porque acho que através dessa modelação de tu crias os espaços de tu valorizares um determinados espaço de tu saberes que queres pressionar de uma determinada forma e aí okay explica-lhes eu quero pressionar assim, e depois quando crias um contexto para que eles pressionem assim, porque depois tu sabes que instala-se a fadiga e aquilo já deixa de ser igual e se aquilo não está neles e eles não fazem aquilo porque entendem, fazem porque lhes foi dito que é para fazer, vão começar a correr ao contrário, vão começar a correr mal, depois sabes que há outro aspeto fundamental que tens de trabalhar que tem a ver com a comunicação não verbal, é o é para ir eu também vou, não vai ele eu fico e depois há aqui um buraco e quem é que o vem fechar. Eu acho que vai muito por aí, ou seja, tu ao longo da semana, aaa racionais lá está começa no vídeo, o que é que eu quero do dia de hoje, hoje vou treinar mais aspetos defensivos, então eu vou mostrar, mostro no vídeo, explico o que é que quero, agora vamos treinar, montamos os exercícios, apelamos ao lado cognitivo deles, treinamos treinamos treinamos, pá no dia seguinte vamos ao ofensivo, treinamos e depois, pá na véspera de jogo podes fazer um refresh até com imagens de treino, sei que o ... fazia muito isso, captava as imagens e dizia-te olha reparem aqui, grande momento nós a saltarmos na pressão e tal e estás a ir buscar outra vez aquilo ou no dia de jogo e estás a ir buscar outra vez aquilo, pá acho que é muito por aí, acho que deves fechar o capítulo do jogo anterior no primeiro dia, não deves arrastar, se fores fazer um vídeo do jogo anterior no primeiro dia, matas logo ali o assunto e deixas jogo para trás para trás e não voltas lá e a partir daí tu sabes que tens que, com a estratégia e com aquilo que aconteceu no outro jogo, tentar criar

as situações ideias de treino para para colmatar o que correu mal e reforçar o que correu bem e o lado estratégico do jogo.

9 - E para ti, todas essas apresentações, de relatórios ou de vídeos tendo em conta à equipa adversária ou da própria equipa ou dentro de aspetos da equipa adversária ou ofensivo ou defensivo ou esquemas táticos, consideras importantes haver uma repartição de quem apresenta os vídeos?

Epá eu acho que dificilmente o treinador principal tem o mesmo conhecimento que o analista sobre o adversário, que o treinador que faz a bola parada em relação às bolas paradas, portanto eu acho que até por uma questão de desgaste do treinador, se ele não não fizer as reuniões todas e aparecer mais nos momentos em que são fundamentais, acho que ele ganha porque repara, tu estás a fazer três vídeos por semana por exemplo, o treinador está a falar, epá imagina meia hora por vídeo, fala mais de uma hora e meia, depois vai falar no dia de jogo, depois vai falar no balneário, ele já fala com os jogadores para aí seis ou sete horas, já ninguém o vai ouvir no dia de jogo e dizem assim: pronto lá vem ele outra vez, outra vez a mesma história, outra vez o mesmo assunto. Pá não, mais vale fala o adjunto, desgasta o adjunto, anda ali com a picareta atrás deles, pica-lhes os miolos e depois quando vai falar o treinador eles sabem, pronto agora vamos ouvir que é o que interessa. E ele chega lá sintetiza aquilo tal tal tal no dia de jogo e eles vão lá para dentro e entendem, porque repara, eles já vão falar no treino, é sempre a mesma voz, sempre o mesmo discurso, sempre as mesmas expressões, sempre o mesmo, eles vão desligar na parte fundamental e aí acho que ele deve racionar, até por isso, mas também porque provavelmente, os adjuntos têm mais conhecimento prático da coisa do que ele, o que não quer dizer que tu não estejas a apresentar e o treinador não fale, pare e olhem aqui atenção a isto, isso é outra coisa, agora estar ali uma hora a falar, o treinador a falar dos adversários, até porque fica exposto a cometer um erro e depois vão dizer não conheces o adversário, por falta de conhecimento. Isso aconteceu, era eu que apresentava com o Miguel, mas ele uma vez os jogadores começaram a gozar porque ele chamava Baiano ao Goiano do Braga e começaram a dizer: ahhh tu não viste o adversário, foram eles. Por acaso pronto ias a ganhar corria tudo bem, está tudo bem, se aquilo ia a correr mal, aquilo já sabes que vem cá para fora, nem conheces os adversários, troca o nome dos adversários, até por isso é uma forma de proteção do treinador.

E consideras importante o facto de o treinador analista estar sempre também dentro do processo de treino?

É fundamental, eu acho que é fundamental, acho que é decisivo, acho que tem de se olhar para o para o para o treinador analista, para o analista da equipa técnica, como lhe quiseres chamar, como um treinador adjunto aaa tem uma função específica e é fazer a ligação ou com o departamento ou fazer a análise, mas é um treinador e e tem que estar tão preparado como os outros para estar no campo, para corrigir um exercício, para falar um exercício, para montar um exercício, acho que é fundamental, acho que é até para credibilizar o trabalho de análise e para que eles saibam que aquilo também é importante, porque se não não é só o gajo que está lá fechado no gabinete que faz uns vídeos e tal que o treinador tem que os deixar fazer uns vídeos, se não não faz mais nada da vida. Acho que é fundamental isso, acho que é fundamental, porque é aquele mais uma vez que está por dentro do adversário e às vezes no treino a coisa não está a correr bem porque a tua própria equipa está a estragar o exercício e tu tens de ter a capacidade de dizer: olha isto não vai acontecer porque eles estão a fazer isto de outra forma ao contrário do nosso adversário aaa depois porque acho que, também essa visão e normalmente o analista tem a visão de um bocadinho mais de fora, é o que está na bancada, é o que está fora, acaba por ter uma visão mais mais global e acho que esse também pode ser o papel do analista que é estar no campo, mas se calhar não ter aquela tarefa de estar ali a corrigir a linha defensiva, a corrigir não sei que, estar de fora a ver, às vezes os treinadores não conseguem, estar de fora a ver o big picture e estar de fora e conseguir okay isto não está a acontecer por causa disto e ir ao treinador e dizer, olha isto não vai acontecer por causa disto. Isso é fundamental até para o treinador porque muitas vezes eles gostam de estar ali com o apito e pára para a direita e corrige e não sei que e estão ali tão focados numa coisa e alguém tem de estar focado noutra.

Anexo 4 – Transcrição do Treinador Analista A3 – Contexto Liga Portugal Bwin

1 - Então, começando, de uma forma mais geral, na tua opinião e também tendo em conta a tua experiência, qual é a importância que tu atribuis à existência de um departamento de observação e análise, e também à existência de um treinador analista que faça a ponte num contexto de primeira liga?

Ora bem, isto é assim, eu já estou há 5 anos na primeira liga e obviamente que os departamentos de análise e observação têm uma importância muito grande porque raro é o clube hoje em dia que já não tem um departamento de análise, mesmo se calhar na segunda liga há sempre alguém, pelo menos da equipa técnica, ligado à área mais da análise. Aquilo que nós fazemos essencialmente e a importância que temos é no fundo retirar muito desse trabalho às pessoas da equipa técnica, ou seja, nós fazemos o trabalho todo de análise do adversário e também da própria equipa quando assim nos é pedido, mas digamos que, dessa forma tiramos muito trabalho à equipa técnica, nesse sentido de analisar o adversário, de construir relatórios, vídeos e, depois de tudo aquilo que vamos falar mais para a frente também, de vídeos individuais, de estudo de coletivo individual dos restantes, a filmagem do treino também, apesar de que já alguns clubes têm câmaras fixas para filmarem os treinos, é evidente que nós também conseguimos assegurar isso. E essa é a grande importância do departamento de análise, é assegurar que tudo aquilo aquilo que é digital, se assim quisermos, a equipa técnica vê-se livre desse trabalho. E depois o trabalho também, a nossa importância, também é maior consoante as equipas técnicas querem que nós sejamos, porque nem todos nos dão a mesma importância, e isso também é uma coisa importante de referir. Já trabalhei com muitas e ao longo destes cinco anos já me passaram pelas mãos oito equipas técnicas e todas têm maneiras muito diferentes de trabalhar e maneiras muito muito próprias de dar a sua importância a cada um de nós. Agora, qual é a verdadeira importância? É imensa, porque a equipa técnica não tem o trabalho de estar a ver o adversário ou preocupada com a análise da sua própria equipa. Claro que eles também veem as coisas, mas essencialmente eles conseguem se focar mais no que é importante, que é realmente o planeamento e a organização do treino, quais os comportamentos que vão sair do próprio treino e focar naquilo que é o plantel, nos jogadores.

E quando veem já está tudo compactado, já veem uma coisa muito reduzida.

Exatamente, eles não vão ver os jogos todos. Há momentos que, por exemplo, cada vez mais se vê analistas a fazerem parte de equipas técnicas. Mas há poucos, ainda

assim não há muitos, mas eles, obviamente, que não vão ver os jogos todos, vão ver já uma coisa muito muito sucinta daquilo que são os principais comportamentos do adversário. Em relação à própria equipa, depende muito. Já tive treinadores que me dão liberdade para ser eu a fazer análise da própria equipa. Há outros que têm as coisas muito bem definidas e que também não querem muita coisa sobre isso. E também há outros que têm o seu próprio analista e, portanto, não há um trabalho, da nossa parte, muito minucioso nesse aspeto.

2 e 2.1 - E pegando agora aqui mais naquilo que é o mais específico, aquilo que é a análise do próximo adversário, já estavas a falar um bocadinho, que aspetos é que tu, na tua opinião, são mais importantes de ter em conta quando vais analisar um próximo adversário durante a semana?

Isto é assim, ao longo destes anos todos, eu já estou na análise há oito anos e os primeiros três foram diferentes porque trabalhava na área da formação e na formação tu tens de focar muito naquilo que é a tua equipa. E acho que isso é um bom ponto de partida, ou seja, tu começas na formação, porque tu estares na formação não te permite todos os fins de semana estar atento a tudo o que se passa em volta do mesmo escalão, mas das outras equipas, porque jogam todos à mesma hora, porque também não há essa cedência muito grande de passagem de vídeos e essas coisas. Nem esse é o nosso foco, porque o foco na formação tem que ser claramente melhorar os nossos jogadores, o nosso processo, para que eles cheguem à equipa A. E não há uma evidência tremenda naquilo que é o adversário. Então o foco é muito na tua própria equipa. Depois no futebol profissional, evidentemente que ao longo dos anos tu vês muitos jogos e eu não sei precisar, nunca fiz essas contas, mas por exemplo, por adversário, nós vemos cinco, seis, às vezes sete jogos, e muitas das vezes o ponto de partida, que é o sistema, tu já sabes mais ou menos o que é que vais encontrar dentro daquele sistema. Por exemplo, jogas contra equipas que constroem a três, tu já sabes mais ou menos o que é que vais esperar deles. A mesma coisa de quando jogas contra equipas... A quatro é diferente porque há mais sistemas a quatro. Apesar de a três também haver um 3-4-3, um 3-5-2, mas uma linha de 4 pode ser um 4-2-3-1, um 4-3-3, um 4-4-2 e também há muito mais dinâmicas, diria eu. Mas aquilo que eu procuro é, essencialmente, perceber que tipo de espaço é que o adversário permite, mas hoje em dia eu acho que o jogo já não é tanto de espaços, mas sim de comportamentos, ou seja, tu tens que ter um posicionamento, a meu ver, que tem que ser um posicionamento mais padrão, claro que não é o jogador ser estático, mas depois o jogo é muito fluido, porque as equipas já têm várias maneiras de pressionar dentro do próprio jogo, então, para mim, não é tanto de espaço, é mais de interpretação e eu procuro mostrar as dinâmicas

como é que as equipas procuram ou quebrar o adversário ou pressionar o mesmo. Porque há equipas, por exemplo, que quando pressionam em 3-4-3, mas se o adversário construir a três, eles batem quase homem com homem, não é? Referências muito individuais. Mas se o adversário, eventualmente, se colocar a quatro ou se for um médio de estrutura e já não for aquela linha três tão estável, digamos assim, as equipas têm uma maneira de se comportar diferente porque parece que o plano estratégico é o plano A e depois não sabem responder tão bem ao plano B. E é mais esses pontos que eu tento perceber. Ao início, procurava perceber mais que tipo de espaço é que podíamos aproveitar e essas coisas. Hoje em dia não, foco mais nos comportamentos, naquilo que são, normalmente as duas abordagens que eles têm nos jogos e de que forma é que nós podemos explorar quando acontecem essas duas formas de pressionar ou de construir, porque, hoje em dia, as equipas também são muito moldáveis na sua forma de construir.

Mas divides sempre mais ou menos os vídeos, por exemplo, entre a fase de pontapé de baliza, início de construção, construção mais alta?

Sim, normalmente as equipas não diferem muito do pontapé de baliza para a sua construção, quando estão pressionados, ou seja, eles quando estão pressionados normalmente é como no pontapé de baliza, mas quando já há uma, ou seja, quando a equipa adversária já se estabiliza mais em bloco médio, não é tão pressionante, então aí já entra outra forma de estar no jogo, outra forma de construir, outra forma de explorar o espaço. Então, o Pontapé de baliza, sim, é o primeiro, é a primeira referência, depois a organização ofensiva ou defensiva, mas vamos por partes. O pontapé de baliza defensivo, depois a organização defensiva, do adversário do adversário, depois transição ofensiva, Pontapé baliza ofensivo, organização ofensiva, transição defensivo e bolas paradas no fim. É muito essa a ordem, mas também para te dar um... Para também te dizer um bocadinho a minha experiência, um bocadinho isso. No início focava muito no espaço, porque as equipas tinham uma forma de estar. Hoje em dia já são muito mais modificáveis ao longo do jogo. Já procuro é perceber quais é que são as duas, uma ou duas formas de eles pressionarem e depois de construírem também. Porque depois também já sabes se aparecer uma linha mais alta o espaço está mais na profundidade e em determinado momento vai ter que ser por aí que vais ter que explorar. Quando as linhas estão mais baixas já procuras um determinado espaço para procurar um tipo de cruzamento de definição diferente ou um remate mais exterior ou alguma entrada no último terço através da rutura claro.

2.2 - Okay, e em relação à análise estatística, dás alguma relevância?

Ao longo do tempo, nós fomos... Aqui em Portugal não é uma coisa que se valoriza muito. Mas sei que lá fora é uma coisa que se valoriza muito, a análise estatística. E eu, para mim, tenho um bocado de ceticismo em relação a isso. Não que os dados sejam... que não devam ser trabalhados, devem ser trabalhados, mas depende de que tipo de dados. Por exemplo, uma coisa que eu me preocupo sempre, e que lá está, eu não faço isso através de uma análise estatística, mas uma coisa que eu preocupo pelo menos em perceber é que tipo de central é que é mais preponderante nas ligações digamos do primeiro terço para o segundo ou até para o último. Qual é o jogador que mais influencia? Isso não é uma coisa que, se eu for à estatística, tenho quase certeza que ela vai comprovar isso, mas não é uma coisa que seja muito palpável, percebes? Então, agora, há muitos softwares que te mostram isso, que tipo de jogador é mais preponderante, mas se tu vires, pá, da mesma maneira que eu vejo, e isto é, eu acho que é um bocadinho assim, quase toda a maioria das pessoas também verá. Agora, obviamente que há coisas que eu tenho que ver que os outros não podem ver, um cidadão normal. Mas aquele central que toda a gente na gíria diz, sai bem a jogar, pronto, normalmente isso toda a gente consegue ver e acaba por ser um jogador preponderante, não é? Não é difícil olhar para o Benfica, por exemplo, e ver que o Grimaldo tem muito mais preponderância no setor, digo num último de terço, do que propriamente o corredor contrário. Obviamente que quando as características dos jogadores também mudam, não é? Se tiver o Alexander Bah, ou se tiver o Gilberto, é diferente. Mas isso são coisas que lá está, que são palpáveis aos olhos. Por isso, respondendo diretamente à pergunta, não dou muita importância, mas também não deixo... Por exemplo, nas bolas paradas é importante perceber qual é a zona maioritária quando eles colocam a bola, mas eu também sei que hoje em dia há um estudo muito grande então normalmente as equipas não exploram...ou seja, não têm nenhuma forma de atacar. As equipas tentam ver para explorar, se é mais aberto, se é mais fechado, se é o primeiro, se é o segundo. As equipas procuram mais responder às fragilidades do adversário.

3 - E aqui mais agora à parte da análise da própria equipa. Tu já tocaste um bocadinho, que já passaste por oito equipas técnicas e que davam alguma importância à análise da própria equipa. Na tua opinião, neste contexto, que importância é que assume a análise da própria equipa naquele treino +1 ou +2?

Sim, isso, claro que a análise da própria equipa é fundamental. E já me fizeram muitas vezes essa pergunta, e eu também fui falar ao World Scouting Congress e perguntaram-me se a tua equipa estiver num momento difícil, achas mais benéfico falar do adversário ou da tua equipa? Eu acho que é importante voltarmos antigamente às vezes, a 2005,

2006, 2007, antes de 2010, sobretudo, e pensarmos quando não havia análise do adversário, qual é o foco? Eu acho que o foco tem de ser sempre a tua equipa. O teu jogador, antes de conhecer o adversário tem de conhecer-se a si próprio. Mas eu acho que isto é assim na vida. Opa, acho que quando... Acho que é a ordem natural das coisas. Acho que não podes estar constantemente a mudar tudo de semana para semana. Opa, sei que há treinadores que o procuram fazer, mas não acho que sejam o mais indicado. Se calhar há treinadores que têm muito sucesso dessa forma, mas eu acho que o mais indicado é teres o teu modelo. Como disse, ter coisas... Eu não quero confundir o conceito de padronizado com estático e com estagnado. Eu acho que há coisas que têm que ser, diria inegociáveis... Ou seja, há toda uma ocupação racional dos espaços mas acho que tu não podes ser tático. Percebes o que eu quero dizer? Mas acho que a análise da própria equipa é fundamental. E sim, se me perguntares, acho que deve ser mostrado no primeiro ou no segundo treino da semana, porque é quando as coisas ainda estão frescas. E a partir daí sim, começar depois a pensar naquilo que virá no fim de semana, que obviamente é o adversário. Agora, quando jogas, por exemplo, de três em três, por exemplo, nós jogamos com o Porto duas vezes para a Taça de Portugal, ou por exemplo, já jogámos, eu tive a felicidade de há quatro anos ter estado integrado na fase grupos da Liga Europa e jogas de quinze em quinze dias contra o mesmo adversário. Tu aí vais focar mais na análise da tua própria equipa, porque tu tens que focar naquilo que fizeste bem, naquilo que fizeste mal e seguir e olhar por aí. Porque não vais estar a ver, porque não há muito espaço para ver mais, porque o adversário não vai mudar nada em duas semanas, não é? Exato. Ou coisa vai mudar. Por isso, a análise da própria equipa é fundamental, até nesse contexto que eu estava a falar, que é... Jogas contra uma equipa que constrói a três. Joga num 3-4-3. O sistema. Okay, então... Se nós jogamos há pouco tempo uma equipa que... Que construía dessa forma e que tinha esse sistema, jogamos. Então vamos ver se fizemos alguma coisa bem para reforçar, ou alguma coisa que fizemos mal para corrigir e que esta equipa com quem vamos jogar provoca no jogo. É sempre este o caminho, a meu ver.

4 e 5 - Sim, sim. E, por exemplo, também concordas com aquela parte da partilha de certos cliques individuais, certos cliques também setoriais, daquilo que foi o jogo para os jogadores?

Sim, isso nós já fazemos também, e até às vezes há jogadores que querem ser eles próprios, eles pedem as ações para serem eles a ver. Depois, claro, que tudo aquilo que é setorial, tudo aquilo que é individual... O setorial já é mais do treino. Em termos de jogo de futebol, há muita coisa individual que podes tirar, porque não há ninguém que

faça jogos perfeitos, diria, e há sempre coisas que podes melhorar, mas isso depois depende do treinador. Por exemplo, no que toca ao adversário, esta também é uma das perguntas, nós também damos muito ênfase ao individual, porque, obviamente, quando vais jogar contra um ala que tem um tipo de ação mais padronizada, ou seja, é um ala, mas que procura muito o seu pé forte e remate e condução interior. Pronto nós fazemos isso, é evidente, não há segredos hoje em dia. É claro que fazemos isso, por isso, sim, há uma importância grande no que toca a ações setoriais, individuais, essas coisas todas, seja da própria equipa, seja do adversário.

6 - E o que é que tu achas que os jogadores, a importância que eles assumem quando, por exemplo, quando se fala de uma análise da própria equipa, ou de uma análise deles quando eles veem os clipes, achas que eles atribuem também maior importância à análise daquilo que vai ser o adversário, ou à análise daquilo que vai ser o adversário que eles vão apanhar? Ou é mais equilibrado?

Não, eu acho que é meio-meio. É assim, eu nunca tive muito presente nessas apresentações. Houve algumas equipas técnicas, lembro-me pelo menos duas à cabeça, três, que me permitiram estar lá. Não até por pedido meu, foram mesmo eles que me disseram para estar lá. Eu acho que os jogadores sabem ouvir muito bem e não há uma coisa que eles preferem ouvir. Eu acho que, sinceramente, acho que eles se calhar devem... Não tenho a certeza, não posso falar com toda a certeza, mas acho que eles, a própria equipa, devem tomar um bocadinho mais de atenção, até porque são eles que estão ali a fazer as coisas é o processo deles eu acho que eles tomam essa maior atenção mas depois quando é o adversário eles também tomam atenção aquilo que... mas tudo depende de uma coisa que é importantíssimo que é o feedback do treinador, é a forma que ele comunica e também sei que é uma pergunta, não precisa de ser o treinador já tive equipas técnicas que não era o treinador que apresentava, pelo menos tudo do vídeo, e ele passava algumas coisas ao treinador analista, ou adjunto, o que fosse. Mas acima de tudo é a forma como o treinador comunica, isso é muito de comunicação. Porque se fores para ali dizer coisas que não interessam, ou que toda a gente vê, ou que não sei quê, ou que não é tático, o jogador também, para ele estar e não estar é igual.

9 - Mas pegando já por aí o que estavas a falar, tu consideras que deve ter o treinador analista? Ou lá está, como estava a dizer, pode ser qualquer um destes que a comunicação se chegue àquilo que deve chegar ao jogador?

É, eu acho que no futebol tudo depende muito. Eu sei que eu li as perguntas e sei que isto no futebol depende muito. Eu acho que depende daquilo que o treinador... por

exemplo já tive um treinador que não queria ser ele porque ele quer se focar mais naquilo que é o comportamento da própria equipa, percebes? Há treinadores que olham para o adversário e dão muita importância. Há outros que só querem mostrar que é no sentido de pronto, vejam lá o que é que eles fazem um bocadinho, mas nós não nos vamos ajustar muito., em relação àquilo, nós vamos ser o que somos, mas vejam lá o que eles são. Eu acho que isso depende um bocadinho muito do treinador. Agora, para mim, pode ser qualquer um e já tive, agora, na maioria, para um estudo que queiras fazer, na maioria é o treinador principal que fala, na grande maioria das vezes. Mas já tive que fosse treinador analista.

Mas lá está, é aquela questão de que não há receitas certas. Há contextos em que o treinador apresenta e pode apresentar tudo e corre tudo bem. E há contextos em que se calhar até é o treinador adjunto ou o analista e corre tudo bem na mesma.

É como no treino. Há treinos que o treinador principal é que gosta de gerir gerir tudo, digamos, e em que os adjuntos estão calados, por exemplo, no exercício fundamental, digamos assim, no exercício mais importante do treino. Há outros treinadores que querem que os adjuntos estejam sempre ali ativos e a corrigir também e a verem coisas que o treinador principal não está a ver. Isso é, cada equipa técnica tem a sua maneira de estar e já vi já vi de muita coisa, e já tive sucesso com alguns e insucesso com outros. E se calhar alguns tiveram insucesso e achava que tinham uma forma de trabalhar que eu me identificava mais, mas o futebol é mesmo assim.

7 - Passando agora mais para a parte daquilo que é o microciclo normal de quatro treinos, de domingo a domingo ou de sábado a domingo, por exemplo, tendo em conta a tua experiência, o que é que tu achas que se deve dar importância ao longo da semana na preparação? Como é que tu elaboras essa semana?

Sim, olha, também já tive... Pronto, tu falaste num planeamento de 4 treinos. Por exemplo, vamos supor que jogamos ao domingo, segunda folga e depois começa na terça e voltas a jogar, por exemplo, no sábado. Também já tive muita forma de trabalhar. Eu acho que muito vídeo, pá, não sei se ajuda. Já tive treinadores, por exemplo, que fizeram, que faziam o ofensivo num dia, o defensivo no outro e a bola parada no outro. Já tive um ou dois que faziam organização e transição num dia e bola parada noutro. Obviamente sempre com a equipa também, isto é, com a análise da equipa. E já tive alguns, quando digo já tive, pode ser no atualmente, mas não quero estar.... a individualizar, mas já tive treinadores que é tudo no mesmo dia, tudo, não a própria equipa, mas o adversário. E por isso, aquilo que é a minha experiência, eu acho que em

quatro treinos, duas vezes é o ideal. Se tiveres cinco, seis treinos, três vezes, provavelmente, poderia ser o ideal. Depende sempre do microciclo, mas num planeamento a quatro dias, diria que duas vezes, porque se fosse três vezes, eu acho que já é demasiado, a meu ver. E aí sim, faria logo a análise da própria equipa no primeiro dia, e depois faria no -2, provavelmente, ou seja, a faltar dois dias, mostraria o adversário no seu todo.

8 - E essa forma de transmitir a informação? Sempre através de vídeo, como é óbvio. E nada de... Alguns relatórios pós-jogadores ou isso não?

Nós nós construímos um relatório também, para as equipas técnicas. Nós somos dois, já fomos três, mas eu depois achei que era melhor ser só dois. O trabalho também é fluído, não há problema. Usamos adversários e as coisas funcionaram sempre tranquilamente. Depois, conforme vais ganhando anos de experiência mais rápido fazes o trabalho e sabes mais o que procurar. Agora assim acho que é sempre através de vídeo, o jogador o jogador se for para ler não está tanto disponível aliás acho que nunca ninguém fez isso e por isso acho que o ideal é vídeo mostrar porque há jogadores que são muito visuais e depois no treino também focar naquilo que é importante.

10 - A parte de quem apresenta já falámos e agora chegamos à última questão daquilo que é, na tua opinião, a importância da presença de um treinador analista no processo de treino. Para além de não estar só na filmagem, ou no gabinete, estar também presente no processo de treino. Que importância é que se deve assumir?

Sim, é importante, claro, que é importante teres um treinador analista, que estejas... É assim, isto é tudo muito ambíguo, porque tem muito a ver também com como estás relacionado com a equipa técnica. Porque um treinador na lista, no fundo, nos treinos, tem que funcionar mais como um adjunto. Agora, têm de estar numa simbiose muito grande todos, porque é importante ter um treinador analista que saiba aquilo que o treinador exatamente quer. Mas eu também sou da opinião que um treinador analista não pode ser só ou seja, não pode ser só os olhos do treinador, ele também tem que ser mais, porque eu pelo menos sou da opinião que no futebol tens de tentar acrescentar algo mais, ou seja, que o treinador não vê e que tu tens de tentar ver, seja na tua equipa, seja no adversário. E depois, claro, se tens um treinador que dá muito ênfase ao adversário, então tens de ter um treinador analista que esteja ali nos treinos. Há treinadores que fazem treinos estratégicos e há outros que não fazem. Agora, quando há aqueles que fazem, então tens de ter alguém presente que conheça o adversário como ninguém, porque de certeza absoluta conheces melhor o adversária, seja para

simular comportamentos do adversário no treino, seja para dizer, não, mister, isso não vai acontecer, ou para haver algum comportamento que até está a acontecer e que provavelmente vai acontecer no jogo, mas que nós não nos estamos a adaptar no treino e que vai ser fundamental no jogo, levar levar algum comportamento a jogo, porque o adversário faz alguma coisa muito bem ou muito mal. Por isso, é fundamental a meu ver. O treinador analista, para mim, não pode ser só uma pessoa que tem que conhecer o treinador, tem que ser leal ao treinador, isso não é hipótese, mas mas também tem que ser alguém que ajude a dar o cunho ao treinador, que o treinador diga, não estamos a fazer bem isto, então vamos fazer, eu acho que precisarmos assim, e provar o porquê.

Ok. Obrigado. Esta era a última.

Anexo 5 – Transcrição do Treinador Analista A4 – Contexto Liga Portugal Bwin

1 - Então, iniciando, a primeira pergunta tinha a ver com aquilo que, na tua opinião, é a importância que deve ser atribuída no contexto de uma primeira liga, naturalmente, a presença de um departamento de análise e também a presença de um treinador analista em cada equipa técnica.

Eu acho que é uma importância muito grande porque nós fazemos muito trabalho que as equipas técnicas não têm tempo para as fazer, têm que se preocupar com outras coisas, e nós fazemos um trabalho de background que as pessoas não veem. Mas a maior parte do trabalho de análise acaba por vir entre aspas de nós, juntamente claro com o treinador adjunto que é analista e que faz a ponte connosco e eu acho que isso é sempre muito importante haver alguém numa equipa técnica, seja treinador analista, seja propriamente só analista, que faça a ponte com este tipo de clubes onde há um departamento. Porque acho que é essencial, mesmo no futebol agora, haver este tipo de departamentos e nas equipas técnicas, um treinador analista. Treinador analista, analista só, três juntos e um deles está ligado à análise, isto depois cada equipa técnica é equipa técnica. Eles é que se organizam entre eles. Mas para nós é importante haver sempre uma pessoa que faça esse tipo de ligação entre nós para depois não estar a querer vir um, depois vem outro, depois vem outro. Não, há uma pessoa que faz o contacto connosco e nós depois reportamos essa pessoa. Quem trabalha comigo reportam a mim, eu reporto à equipa técnica, e as coisas fluem muito bem assim.

2 e 2.1 - E, por exemplo, agora diversificando um bocadinho para aquilo que é a análise do adversário, para aquilo que é a análise da própria equipa, etc. Por exemplo, na análise do próximo adversário, que importância é que vocês dão e também que aspetos é que vocês têm sempre em conta quando estão a analisar o adversário?

A análise do adversário é sempre importante. Eu acho que não é o essencial, acho que não é o mais importante. Acho que o mais importante é a nossa equipa do que é o adversário, mas é muito importante nós conhecermos aquilo que é o adversário. E conhecemos de uma forma que poderemos retirar aquilo que é o bom deles no jogo e poderemos potenciar aquilo que é o mal deles. E é... Quando nós vemos um adversário, eu acho que isso o fulcral é mais do que estar a dizer tudo e mais alguma coisa, claro que nós temos que conhecer o adversário a fundo, mas tem que ter a capacidade de perceber aquilo que é importante e aquilo que não é importante. Aquilo que é importante é tirar vantagem a eles e dar vantagem a nós no jogo. Eu acho que isso é que o mais

importante de perceber um adversário. E independentemente de tudo o que rodeia um adversário e aquilo que ele é em campo, mas nunca se controla tudo e nós temos que, como analistas, perceber aquilo que poderemos conseguir controlar e poderemos tirar vantagens e aquilo que não podemos controlar e que não podemos tirar vantagem, mas acho que é concisos e passar sempre a quem é treinador e equipas técnicas, passar aquilo que é realmente relevante, porque aquilo que não é relevante, para quê é que vamos estar-lhes a dizer e eles vão estar a perder tempo com isso? Claro que há equipas técnicas que prosperem... Isto atenção, isto é só a minha opinião, é a maneira como eu vejo as coisas. Claro que há equipas técnicas que querem saber tudo, querem saber do minuto zero ao minuto 90 o que é que eles fizeram, o que é que eles não fizeram, mas eu acho que isso, depois durante o jogo, não te vai trazer vantagem nenhuma.

Mas, por exemplo, dividem do género de pontapé de baliza, depois de início de construção, uma construção mais alta...

Sim sim, Pontapé de baliza, construção, sim procuramos perceber aquilo que é a equipa no... nos diversos momentos do jogo, mas perceber, durante os vários momentos do jogo, aquilo que é... que eles são mais fortes e aquilo que não são tão fortes. Agora, claro que dividimos, Pontapé de Baliza, a primeira construção. Há equipas que não têm sequer construção muito alta, nem não há pressão. Nós pressionamos para que é que... E depois daquilo que tu disseste, é enquadrar aquilo que nós somos naquilo que estamos a ver. Porque não me interessa, se eu sou uma equipa pressionante, não me interessa ver a equipa adversária ou mostrar o treinador, a equipa adversária a atacar contra blocos baixos, se eu os vou pressionar, para quê que eu vou estar preocupado com este tipo de questões? E da forma que eu vou pressionar, tenho que perceber como é que eles tentam, como é que eles tentam quando jogam contra este tipo de equipas e este tipo de sistemas, a forma como eles posicionam-se e a forma como eles tentam sair da pressão. E é sempre enquadrado naquilo que nós somos. Eu parto sempre daquilo que nós somos para o adversário. Eu nunca parto do adversário para aquilo que nós somos. Acho que isso é que o mais importante. Primeiro temos de nos conhecer a nós, que depois podemos conhecer os outros. Senão não adianta estar a fazer trabalho. Se nós depois somos uma equipa que não tem nada a ver com aquilo que eu vou apresentar ao treinador.

5 - E continuando aqui no adversário, consideras importante a parte da análise individual? Tirando o coletivo, a parte da análise individual de cada adversário?

Sim, eu acho que a análise individual é muito importante. Porque é importante conhecer os jogadores adversários. E há jogadores adversários que é importante conhecer mesmo mesmo muito bem. Mas é importante conhecê-los mesmo muito bem, mas lá está. É como o coletivo. Porquê? Porque tu não vais conseguir passar a um jogador ou mostrar a um jogador tudo aquilo que o jogador faz dentro de campo, ou adversário. Porque aí se qualquer pessoa que está a ver a televisão percebe o que é... que tipo de jogador é o quê? Se o médio é de posse, se não é de posse, se faz passes longos, faz passes curtos., se baixa por aqui, se baixa por ali. Não, nós temos que perceber o que é o jogador e é isto. Mas o que é que o jogador dá ao jogo que é diferenciado daquilo que são os outros e aquilo que pode... que nós teremos que ter atenção quando formos pressionar, quando formos quando tentarmos passar por ele, quando o travarmos ao corredor, se ele deu coberturas, etc. Estou a falar dos médios, mas... perceber também aqueles jogadores que vão causar atritos no jogo pelas características individuais e aqueles jogadores que tu podes explorar e que de que forma podes explorar. Se o lateral, como é que ele coloca os apoios, se vai na simulação, se vai na simulação, se fecha bem dentro, se não fecha bem dentro, se fecha muito dentro, se podemos atacar a área nas costas dele, etc... lá está é isto, agora estar-lhe a dizer tudo, fazer um resumo daquilo que é o jogador, eu acho que também... não vejo grande grande grandes vantagens nisso porque acho que ele depois no jogo, o jogador têm é que... Primeiro os Jogadores também veem os jogos, também veem futebol, sabem praticamente que tipo de Jogadores vão apanhar, as características muito específicas de cada jogador, é que acho que são muito importantes. Que é aquilo que eles podem fazer a diferença. O Marcus, por exemplo, é um jogador que individualmente é incrível. E os nossos jogadores têm que perceber como é que ele sai do drible, como é que ele enquadra, para que lado é que ele enquadra, se ele, quando dribla, sai para o lado esquerdo, sai para o lado direito, se corta o lado esquerdo e depois sai para o lado direito. Isso é muito importante para nós prepararmos o nosso jogador para aquilo que vai acontecer dentro do jogo. Agora, se ele anda ali muito tempo ou faz um passe, ou outro passe, ou etc., acho que isso não interessa, agora o nosso jogador tem que estar preparado para aquilo que vai apanhar e tentar tirar a invisibilidade deste tipo de jogadores. São imprevisíveis e muitas vezes não dá para retirar porque são bons. Nós temos que estar preparados para o fazer, mas na minha visão das coisas, retirar aquilo que pode ser necessário no jogo, porque senão é perder tempo. E para o jogador também estar ali a ver aquilo para trás e para a frente só para conhecer acho que não faz grande sentido, mas respeito todo o tipo de opinião.

3 e 4 - Passando agora para aquilo que é a análise da própria equipa, que importância é que tu dás, se calhar, mais ou igual, à análise da própria equipa naquilo que vai ser um treino +1, ou um treino +2, a seguir ao jogo, tanto coletiva como também a análise da própria equipa individual?

É assim, nós como trabalhamos num departamento e a experiência o que me diz é que as equipas técnicas gostam mais de trabalhar aquilo que é a própria equipa do que o adversário. Gostam mais de ser eles a focarem-se na própria equipa e nos erros da própria equipa. Mas nós aqui fazemos um trabalho coletivo, individual, de tudo o que se passou no jogo, com codificação individual de todos os jogadores. Claro que não é lá está aquilo que eu disse, passou para o lado, passou para aqui. São coisas positivas que fizeram bem, mediante aquilo que é o nosso modelo de jogo, aquilo que nós, as missões técnico-táticas, que nós procuramos que eles façam dentro de campo. E o que eles fizeram mal e que é preciso corrigir. E nós fazemos sempre isso. Eu acho que isso é que é o mais importante. Se nós não corrigimos aquilo que são os nossos comportamentos e não formos uma equipa, a forma como treinamos, não for a forma como jogamos e se nós não corrigimos coisas que nós nos treinos procuramos, não vai ser a ver o adversário, que nós vamos conseguir colmatar todas as semanas aquilo que o adversário apresenta, porque mais cedo ou mais tarde o nosso jogador vai continuar a cometer erros e depois isso é efeito bola de neve. As coisas acontecem, acontecem duas, acontecem três, e eu acho que a análise da própria equipa é a coisa mais importante, tanto individual como coletiva, é a coisa mais importante que está na análise, na observação e análise no futebol. Porque sem isso estamos a andar sempre para trás e para a frente e não nos percebemos porque é que ganhámos, porque é que perdemos. E nesse tipo de jogo nós procuramos isto, será que fizemos da maneira correta. Se fizemos da maneira correta quando apanhámos o adversário com esse género de coisas, se tivermos já encontrado os problemas que tivemos contra o adversário, se calhar no próximo jogo que apanhamos uma equipa assim, já sabemos quais são os erros que cometemos e procuramos as mesmas coisas nesse jogo, já temos as coisas melhor ajustadas. Até podemos nem apresentar, mas fica aqui para nós. É essencial e nós fazemos muito isso em todos os jogos. De todos os jogos e de todos. Todos, e eventualmente também, e eventualmente não. Por vez de treinos, dependendo daquilo que é o tipo de treino, mas dos jogos temos tudo feito, tudo... todas as análises individuais, da forma mais qualitativa do que quantitativa.

6 - E em relação àquilo que é a recetividade dos jogadores perante uma análise do adversário, perante uma análise da própria equipa, individual, coletiva?

Eu não te posso responder muito a isso porque isso depois já não passa por mim. Porque não somos nós, aqui do departamento que vamos apresentar aos jogadores. Estás a perceber? Já estive numa equipa, há quatro ou cinco anos, que era eu que apresentava e mandava-lhes. A receptividade era boa, mas a equipa é diferente quando são este tipo de jogadores. Mas isto o me diz é que depende sempre muito daquilo que é o jogador. Depende sempre muito do foco do jogador, do interesse que ele tem, da personalidade. Mas como te digo, não sou eu que... que faça esse tipo de trabalho. Isso acaba sempre por ser mais com a equipa técnica, porque são eles que realmente estão próximos dos treinos, dos jogadores. Mas passa por isso. Mas em relação ao adversário, acho que todos todos os jogadores gostam de conhecer o adversário e de perceberem com qual adversário. Mas acho que eles têm sempre mais receptividade quando lhes são apresentadas equipas melhores do que eles. Quando têm que estar mais focado. Quando acham que o jogo vai ser mais difícil. Acho que eles aí têm mais receptividade, ou quando acreditam que a equipa que vão jogar é abaixo deles, etc. Mas quando eles vão jogar contra uma equipa melhor que nós, e é precisos estarmos concentrados, acho que a receptividade deles em relação aos vídeos, etc., é muito maior do que quando é outro tipo de coisa, é normal.

2.2 - Okay, e consideras agora, aqui, uma coisa à parte, consideras importante a parte da análise estatística dar relevância à análise estatística, em algumas partes?

Claro, eu, futebol, infelizmente ou felizmente, depende do ponto de vista, acho que caminha muito para lidar mais com a parte quantitativa do que qualitativa. E eu acho que a análise estatística diz-nos algumas coisas mas qualquer pessoa consegue olhar para aqueles números e perceber okay, olhar para aqueles números e perceber, ah, aconteceu isto, aconteceu aquilo, aconteceu aquilo. Mas depois que metemos o jogo à frente, as pessoas não vão conseguir perceber porque é que aquilo aconteceu. Não conseguem manipular o jogo, não conseguem entender o jogo. Okay, a análise estatística dá-nos dados interessantes, interessantíssimos, mas não pode ser só isso isso que nos vai dizer o que é que aconteceu no jogo ou o que é que deixou de acontecer, porque acho que não faz grande sentido. Agora, é um complemento interessante, é um complemento que, depois, é uma coisa, claro, custa dinheiro e etc. É uma coisa que é importante, eu não nego a importância nenhuma, mas acho que o mais importante é sempre conhecer o jogo, conhecer os jogadores, conhecer o que está a passar dentro do campo, porque senão qualquer pessoa é analista, se for olhar para um ficheiro, um pdf, que nos diga o xg, que nos diga as oportunidades, as ocasiões flagrantes, as vezes que nós tivemos no meio campo ofensivo, as vezes que entramos

na área, etc. Okay, pronto, isso aconteceu realmente, mas porque é que isso aconteceu? Porque é que aconteceu isto no jogo? Que posicionamentos é que causaram isto. Porque é que o adversário nos criou que nos impediu de fazer este tipo de coisas. Eu acho que isso é que a interpretação de nós vamos ter das coisas é que é o mais importante. Lá está, os números são números. Basicamente são números. São métricas interessantes. Algumas delas, outras acho que nem tanto. Mas diz-nos algumas coisas, mas lá está. Isto é... São dados, são estatísticas. Há interessantes... Se um lateral cruza muito, se não cruza muito. Claro que isso é uma coisa importante. Onde é que ele cruza, onde é que ele não cruza, o avançado. Onde é que ele ataca a bola, se vem muito em apoio, se não vem muito em apoio. Opa, esse tipo de coisas que nos dá o XG, se a equipe entra com muitas bolas dentro da área. Mas isso, se nós vamos ver, sabemos perfeitamente que o Porto, o Benfica, o Sporting e eventualmente o Braga que são as equipas que mais entram com a bola dentro da área não é. Não precisamos do XG para perceber as entradas dentro de área, mas lá está. São dados que nos ajudam a justificar, mas não acho que seja o ponto essencial.

Até às vezes mais situações de esquemas táticos, por exemplo, uma bola parada...

Sim, para perceber como é que a bola vai, quem é que a ataca aqui, quem é que a ataca ali, o que é que acontece. Okay mas também mesmo nos sistemas táticos é perceber... A bola vai para ali, okay, mas como é que a bola foi para ali? Que tipo de movimentos é que eles fizeram. Claro que é um ponto de partida, mas se tu também não souberes, se tens a... Eles colocam a bola no primeiro posto nos cantos, quando é aberto, e quando é fechado colocam ao segundo. Okay, pronto. Mas temos de estar preparados para a forma como eles o fazem. Porque não é só colocar lá a bola. Eles atacam a bola de uma determinada forma. E nós temos de estar preparados para essas coisas. Mas em estatística não nego importância, acho que não é o fulcral, mas tem algumas coisas interessantes e que poupam trabalho e nos dão métricas interessantes de comparação e etc. Mas continuo a considerar independentemente para onde ficou a caminhar, que não vai ser o essencial. E acho que em Portugal, Portugal tem grandes analistas e acho que tem analistas dos melhores que há, precisamente por causa de perceberem o jogo e não de perceberem só de números. Acho que é um bocado por aí, por isso é que nós somos tão bons na análise e porque percebemos o jogo, basicamente, e tentamos entender o jogo, não mais nada. Porque no resto, neste tipo de coisa estatística e etc., para aquilo tudo, a análise que caminha, Portugal está muito atrasado em relação a países muito inferiores a nós. E quando digo muito inferiores, é em termos de qualidade de treinadores, de jogadores, etc. Muito, muito abaixo, mas tem este tipo de condições que ligam muito a isso. Mas se calhar é por ligarem muito a isso, que depois não

conseguem passar para outros níveis. Não sei. Poderá ser uma justificação, ou poderá não ser. Eu não tenho nada contra a estatística. Sim, sim, sim. Contra o pior, aliás, eu muitas vezes vou ver os relatórios estatísticos e etc. E justificar algumas coisas, mas nunca acreditar que aquilo é que me vai resolver os problemas dentro de campo. Não é uma estatística que me diz que nós neste jogo tivemos 0.5 de XG, que me vai dizer que está tudo mal ou que está tudo bem. Eu tenho é que perceber porque é que só tivemos 0.5. Estás a perceber? E isso é que nem toda a gente percebe.

7 - Eu concordo com esses métodos. Passando agora para aquilo que é, por exemplo, um microciclo de treino, pode ser de sábado a domingo, ou de domingo a sábado, por exemplo, com 4 ou 5 sessões de treino. Qual é, na tua opinião, também tendo em conta à tua experiência, a melhor forma de inserir este tema da análise do jogo, que vai ter a análise da própria equipa, do adversário, etc. ao longo da semana, para a preparação do jogo, possivelmente será a um sábado ou num domingo?

É assim, em relação a isso, opá, eu... Pronto, como sabes, a minha experiência é do que vou bem, do que já tive em equipas técnicas, etc. Mas o que a experiência me diz é que cada equipa técnica é diferente de todas. Eu nunca estive aqui, e que todas trabalhassem da mesma forma. E já passaram aqui várias equipas técnicas e todas são diferentes na forma como apresentam o adversário e todas são diferentes no dia em que o fazem e todas são diferentes na forma em que o fazem. Estás a perceber? Eu acho que não há um dia exato, etc. Agora, o que eu acho é que é muito importante, quando tu vais trabalhar plano estratégico dentro do campo, eu acho que é muito importante o jogador o verem-no antes. Ou seja, se tu vais trabalhar a tua organização ofensiva, tu deves ver a tua organização ofensiva que tu vais procurar no jogo, tu deves ver os jogadores para estarem preparados, deves mostrar aquilo que é a organização defensiva do adversário. Porque aí eles já vão estar muito mais focados naquilo que vai acontecer dentro do campo. Já vão estar preparados para aquilo que o adversário vai fazer. E se calhar tu no treino, perdes tempo antes do treino, mas vais ganhar tempo no treino. Porque depois no treino não precisa estar a explicar o que é que ele tem que fazer ou tem que estar a fazer. E aí tu vais ganhar tempo. Eu acho que isso é uma coisa muito importante, da mesma forma como eu vejo as coisas. Agora, muita gente não faz e cada um faz da maneira que acha, porque não há uma fórmula exata. Há treinadores que apresentam tudo uma vez, há treinadores que apresentam um dia, mais outro dia, mais outro dia. Há treinadores que vão lá duas vezes, há treinadores que vão quatro. Lá está. Não acho que haja uma fórmula exata. E depois há uma coisa que nós não

podemos descurar como analistas. Porque nós temos o trabalho e queremos que seja apresentado, mas é importante tu perceberes o momento da tua equipa. É importante tu perceberes o momento do jogo que vem a seguir, o momento do jogo passado, aquilo que correu bem, aquilo que correu mal. Porque, muitas vezes, dependendo daquilo que vai ser o jogo ou aquilo que foi o jogo, a recetividade do jogador vai ser muito maior ou ser muito menor. Se o jogo foi de muita intensidade, se foi um jogo emocionalmente muito desgastante e depois as coisas correram mal, se nós fomos ao dia a seguir, no primeiro dia da semana, à equipa mostrar coisas e matá-los e etc, se calhar o jogador não vai ter recetividade. Se calhar tem outra coisa que vai poder abanar o grupo. E depois o treinador tem que gerir isto da maneira que ele é como treinador. Há treinadores que querem de uma maneira, há treinadores que querem outra. Mas nós temos que perceber muito bem aquilo que é o grupo, aquilo que é o jogo que vem a seguir. E depois, o que eu sinto é que nem todos os adversários são iguais, ou seja, há adversários que pode fazer sentido mostrar-lhes um bocado antes. Há adversários que pode fazer sentido mostrar-lhes muito perto do jogo. Mas isso também depende da forma como tu treinas durante a semana. Se tu treinas muito virado para o adversário, vai ser que tu mostrar o mais para trás possível. Se és um treinador que, okay, o que lhe interessa é o modelo de jogo, a forma como nós trabalhamos, e depois o adversário vão fazer um ajuste aqui mínimo ou outro, já podes ir mais tarde ao auditório. Agora, isto são dinâmicas de equipa técnica. Eu continuo a achar que para mim é importante ir mostrar o adversário. E essa questão de mostrar, se eu for trabalhar o plano estratégica, mostrar sempre antes aquilo que vai acontecer depois no treino. Acho que ganho este tempo. Agora, não é não é uma verdade absoluta, é a maneira como eu vejo as coisas.

Sim, e a malta que também tenho estado a entrevistar tem dito o mesmo. Há treinadores que preferem apresentar só uma vez, ou por exemplo, no -1, no -2, tudo. Outros que vão apresentando durante a semana e também três, quatro dias de vídeos.

Há outros que apresentam antes no dia de jogo. Não é estanque, é a tua dinâmica de equipa técnica e sobretudo aquilo que é o treinador. Se o treinador não gostar muito da parte da análise, não gostar muito de ir ao auditório ou etc., ele vai lá tentar ir lá o mínimo de vezes possível. Se eu for um treinador que esteja um bocadinho ligado à análise e gostar muito daquilo, ele vai querer ir lá muito mais vezes. Mas isso é. A minha experiência acaba por sempre ser aquilo que o treinador é, aquilo que ele sente. E depois ele molda um pouco isso lá, aquilo que é a semana de treinos. E depois, claro, cada adversário é cada adversária. Pode haver adversários que é preciso apresentar mais um bocadinho, pode haver adversários que é preciso apresentar o mínimo e depois

aí já geres da maneira que quiseres. É sempre no -1, no -2, eventualmente no -3, dependendo do tipo de adversário que é. Mas anda sempre um bocadinho por aí. E da própria equipa é sempre no primeiro treino, no primeiro treino da semana. Se eventualmente houver alguma coisa, ir lá.

8 - Também vai um bocadinho ao contrário da próxima pergunta, que é a melhor forma de transmitir alguma informação em relação à análise de jogo? Por exemplo, é sempre através de vídeos, que na minha opinião também é a melhor forma. Mas, por exemplo, há equipas técnicas que às vezes preferem também, para além do vídeo, um relatório escrito.

É assim, eu já tive aqui relatórios escritos que pareciam livros. Já tive outros relatórios escritos que eu acho que... Lá está. Agora penso de maneira diferente do que eu pensava há cinco anos atrás, quando cheguei aqui à equipa há cinco, quatro anos. Lá está, com a proximidade que há entre as equipas técnicas e os analistas, etc. E se tu tens muita proximidade e há um aglomerar de ideias, pronto acho que não vale a pena estar a dizer, a fazer no vídeo aquilo que faz no relatório. E estar a mostrar coisas que estão no vídeo e depois estão no relatório, depois escrita, muita escrita e etc. Eu antes escrevia muito, mas agora o nosso relatório é muito mínima. É uma coisa muito mínima, já não tem... Porque depois está no vídeo. Porque depois acaba por ser maçudo e vai contra aquilo que eu digo. É importante conhecer a equipa toda, mas é importante que quem vá ver, perceba aquilo que realmente interessa. Tem que ir lá um bocadinho a tudo, mas tem que ir aquilo que realmente interessa. E acho que os treinadores agora já não, pela experiência que eu tenho, já não estão muito propensos a esse tipo de relatórios mais extensos que eram muito característicos há vários anos atrás. Agora, no todo, não tenho nada contra, se for preciso nós fazemos. E tem coisas interessantes. Às vezes é dessa forma que conseguimos passar um bocadinho melhor a mensagem do que só no vídeo. Porque só no vídeo, depois, cada um pode chegar ali e interpreta e pode faltar alguma coisa e no relatório escrito tu dizes mesmo aquilo que está a acontecer. Estás a perceber? E aí, poderá ser uma forma, tu tentares passar um bocadinho mais aquilo que é o tipo de mensagem, mas acho que o relatório tem vir lá aquilo que é eventualmente essencial, as estatísticas dos jogadores, os momentos de forma, algumas estatísticas caso sejam necessárias. É isso, é perceber todo o tipo de jogadores que a equipa adversária tem, quem é que pode jogar, quem é que não pode jogar, quem é que teve castigado, quem é que não esteve, as estruturas, como é que eles se apresentaram, quem é que esteve fora, quem é que não esteve fora, como é que eles começaram, como é que eles acabaram? Quando estão a perder, o que é que eles fazem? Os confrontos diretos, como é que eles são naqueles estádios, esse tipo

de coisa. E depois a parte qualitativa, vir mais no vídeo. Não é que não se possa meter sempre alguma coisa de escrita, algumas imagens no relatório, no relatório escrito, mas nada de muito massudo. Mas depois, lá está, acaba por vir... Se não é muito massudo, tudo o que tu lá meteres é o que está no vídeo. Porque tu não vais ter muito tempo de vídeo para andares a tirar outro tipo de imagens e estares a escrever outro tipo de coisas. Estás a perceber? Depois lá há muito filtro, acabas por filtrar e é assim.

Sim, porque quando já... Quando pedem também esses relatórios, eu já tenho até o vídeo feito para depois me ajudar a fazer o relatório,

Sim, depende do vídeo, porque o vídeo pode ir em bruto, ou seja, sem edição, que podes pegar lá no vídeo e tirar os prints e depois tens que editar tudo no relatório. Agora, se já estiver editado, é só tirares um sítio para meteres do outro, acho que isso não faz grande sentido. Mas normalmente nós trabalhamos sempre o vídeo um bocadinho maior e depois o filtro é feito pelo treinador adjunto analista, pela equipa técnica.

Sim, era o Bruto que me estava a referir

Nós aí podemos tirar mais um bocadinho, mas depois nós somos sujeitos, àquilo que nós metemos no relatório de um vídeo de 20 minutos, o treinador adjunto quando foi filtrar, tirou tudo isso e meteu outras coisas. Estamos sujeitos sempre a isso, mas é o que é. Agora nós, como analistas e com o departamento, temos que estar a preparar para todo o tipo de coisas que as equipas técnicas nos peçam. Mas acho que poucas vão voltar a pedir isso.

9 - E por exemplo, agora passando para o treinador analista, aquilo que, na apresentação do vídeo do próximo adversário, ou dos esquemas estáticos, ou mesmo da própria equipa, mas na tua opinião quem é que consideras que deve ser o apresentador? Se é o treinador principal, se é o treinador analista, se é o adjunto, ou lá no estado depende também das equipas técnicas e como os jogadores assumem?

Depende sempre das equipas técnicas. Depende do perfil do treinador, depende do perfil do analista, depende daquilo que é a dinâmica da equipa técnica. Já tive equipas técnicas onde era o treinador que fazia tudo, já tive equipas técnicas onde era o treinador que fazia nada. Era só o treinador adjunto analista. Isso depende sempre. Tens que conhecer aquilo que é o treinador e aquilo que é as pessoas que trabalham contigo. Porque às vezes há treinadores que não têm tanta à-vontade para estar ali a exemplificar e etc. E às vezes o treinador está mais ligado à própria equipa e gosta mais de apresentar a própria equipa e deixa o adversário para o outro tipo de pessoa. Mas

há treinadores que querem controlar tudo e serem eles a fazer tudo. Mas acho que não há uma maneira 100% verdade. Tens de conhecer aquilo que é a equipa técnica, aquilo que é o treinador e aqui a forma como ele delega as tarefas ali dentro, porque O jogador, quando for o treinador vai sempre ter mais atenção. Se o treinador tiver a dar um exercício, dois meinhos, o treinador tiver num campo, e o treinador adjunto tiver no outro, os gajos onde estão o treinador vão dar sempre mais. E é a mesma coisa quando estás a apresentar o adversário. O jogador vai ter sempre um bocadinho mais de foco se for o treinador, mas acho que não é essencial ser o treinador a mostrar tudo. Às vezes o treinador até delega muito no treinador de adjunto analista e ele está muito mais por dentro daquilo que é... e tem que estar muito mais por dentro daquilo que é o adversário ou a própria equipa já não tanto tanto, mas aí eu acho que... é como eu te digo, depende, depende de cada um.

10 - Por exemplo, a presença do... Esta é já a última pergunta. A presença do treinador na lista naquilo que é o processo de treino, estar sempre no terreno e não no gabinete, por exemplo, ou não só na filmagem, por exemplo, em alguns contextos?

Eu acho que é importante é o treinador estar sempre dentro de tudo aquilo que o leva a conhecer a própria equipa. Agora, há equipas técnicas que têm um analista completamente dedicado e há outras equipas técnicas que têm um treinador adjunto que também é analista. O Mauro, quando estava aqui, era treinador adjunto analista. A última equipa técnica que esteve aqui tinha só um analista propriamente dito. E eu acho que os treinadores vão sempre preferir, se fosse possível para eles, terem um analista que seja só mesmo analista e terem dois treinadores juntos para os ajudar no campo. Agora, nem todas as equipas técnicas têm isso. Mas não vejo grande grande grande diferença entre estar no campo ou não estar no campo. Eu acho que quando o treinador adjunto analista, é mais treinador adjunto do que analista, ele tem que estar no campo. Porque ele é mais treinador adjunto do que analista. Quando o treinador adjunto analista, é mais analista do que treinador adjunto, ele não vai ter tanto à-vontade e não vai acrescentar nada no treino. Está a perceber? E é isso que as equipas técnicas têm que perceber quando se formam e quando levam as tarefas e quando preparam aquilo que é a sua forma de trabalhar. Tentar perceber esse tipo de coisas, porque se forem poucos, se forem cinco, um treinador adjunto, um treinador principal, dois adjuntos e mais um analista, o analista tem que estar no campo, porque provavelmente não vão ter pessoas suficientes para estar lá. Agora se forem quase três treinadores adjuntos e depois outro analista, estás a perceber? Depende do perfil do treinador analista que têm, do perfil da treinador adjunto que têm, se o treinador adjunto analista é muito

importante nos exercícios, na forma como planeia o microciclo, etc., tem que estar no treino. É essencial. Agora, quando tens um departamento, é muito mais fácil. Agora, quando não tens um departamento e o treinador adjunto analista tem que estar no campo, tem que ir fazer tudo a seguir, não é fácil para ele. Agora, praticamente só trabalhas, não fazes mais nada. Depende sempre do clube onde estás. Depende daquilo que é a dinâmica, as pessoas que possam levar. Acho que o futuro, o caminho é por ter sempre um treinador adjunto que seja mais analista do que treinador adjunto, porque depois vais ter dois treinadores adjuntos que esteja mais ligados ao campo e aquela pessoa está mais ligada à análise. Já em Portugal já têm surgido várias equipas técnicas dessa forma. Mas há muitos poucos treinadores adjuntos analistas em Portugal que não gostam do campo. Por isso, a maior parte deles vão andar sempre no campo porque eles gostam mais do campo do que gostar do que não estar no campo. Está a perceber? É isto.

Okay. Esta era a última. Não tenho mais nenhuma pergunta. Se quiseres também dizer mais alguma coisa.

Não, acho que foi uma boa conversa. As perguntas eram boas. Acho que respondi da maneira mais rápida possível. Não há muito mais a dizer em relação àquilo que perguntaste. Perguntaste coisas essenciais, que acho que vai ser necessário para a forma como estás a organizar isto.

Obrigado. Obrigado. Um abraço. Um abraço.

Anexo 6 – Transcrição do Treinador Analista A5 – Contexto Liga Portugal 2

1 – Primeiro, que importância deve ser atribuída a um departamento de observação e análise de jogo ou ao treinador analista?

Neste momento, honestamente aaa tem a mesma se não mais importância que o departamento médico ou que o departamento de performance aaa portanto é um bocadinho por aí. Quanto ao treinador analista dentro da da equipa técnica, aquilo que me parece, não é a minha função neste momento mas já trabalhei com alguns e aquilo que me parece nesse aspeto da importância deles dentro da daquilo que a dinâmica das equipas técnicas é que... eram muito importantes para fazer a ponte entre nós os analistas e o treinador, ou seja, o filtrar a informação, dar a informação de forma a que, porque eles normalmente são aqueles que melhor conhecem o treinador e são aqueles que melhor sabem aquilo que ele quer saber e aquilo que não quer saber aaa e depois não só isso, também é importante que percebam aquilo que é importante mostrar aos jogadores, aquilo que realmente interessa, aquilo que se calhar é desnecessário, acho que é essa é principal importância dele. Depois também aaa perceber que... a ajuda que pode dar ao processo de treino é como tem um maior conhecimento daquilo que é a análise do adversário, à partida será esse treinador analista que terá esse melhor conhecimento, daquilo que é o adversário aaa o input que deve ter sobre o processo de treino também deve ser significativo porque, há certos aspetos dentro de do exercício, dentro do feedback que é dado aa em que ele tem de tem de intervir, é ele que tem esse maior conhecimento, parece-me ser ser essa a importância do treinador analista.

2 e 2.1 – E já que estavas a entrar também nesta parte do adversário, na tua opinião que importância assume a análise do próximo adversário e que aspetos é que tu consideras mais importantes teres em conta quando estás a analisar o adversário?

Aaaa aquilo que me parece mais importante quando se analisa um adversário é como é que nós, dentro do nosso modelo de jogo aaa podemos, não só agredir o adversário mas também como é que podemos evitar que eles nos agridam a nós, sabendo que que é impossível evitar tudo aaa é obvio que, depois há adaptações dentro do modelo de jogo àquilo que o adversário faz, mas acho que o papel do analista tem que ser cada vez mais, quando analisa, de adaptação, de perceber como é que, okay eu estou a analisar esta equipa aaa mas se calhar, como é que eu posso dentro daquilo que é a minha equipa adaptar a minha análise a isso, ou seja, posso dar um exemplo concreto, nós o próximo jogo ou daqui a dois jogos vamos jogar contra o Estrela de Amadora, que

é uma equipa que joga com uma linha de cinco tem dinâmicas diferentes da nossa equipa, dinâmicas diferentes daquilo que estamos habituados a jogar na segunda liga, se calhar não me interessa ver o Estrela de Amadora a jogar contra outra equipa com linha de cinco, interessa-me ver o Estrela de Amadora a jogar contra uma equipa com linha de quatro e depois também perceber que, quando estamos a analisar uma equipa, mais do que okay olha eu estou a ver espaço ali, falando por mim, eu sinto que nós analistas temos sempre esta tendência de, realmente há ali espaço mas okay há ali espaço e como é que nós podemos chegar a esse espaço, como é que nós podemos provocar esse espaço e depois mais do que perceber isso é mostrar como é que podemos fazer isso, procurar imagens de adversários a fazerem isso, mesmo que às vezes com pouco sucesso perceber que se fizermos uma ligação por dentro por exemplo, a bola pode entrar depois logo por fora e vai haver espaço, pronto acho que esse tipo esse tipo de questões são mais importantes na minha opinião do que a própria análise mais generalizada. Ah a estrutura é esta, a forma como defendem é esta, a forma como atacam é esta, isso é importante, mas depois acho que é importante, é mais importante ainda sermos específicos, dentro daquilo que é o nosso modelo de jogo, dentro daquilo que nós podemos fazer contra esse adversário em específico.

Mas divides sempre, por exemplo, parte ofensiva deles, o pontapé de baliza, o início de construção, construção mais a meio-campo e depois mais no último terço?

Sim fazemos dessa forma sim, utilizamos os momentos de jogo dessa forma, com o pontapé de baliza, o início de construção, depois criação/finalização, e depois, normalmente o que fazemos é, mesmo a estrutura do vídeo que mostramos, já é com essa estrutura e dentro da organização ofensiva, colocamos também a transição defensiva, que são dois momentos que estão interligados e a mesma coisa para a organização defensiva e para a transição ofensiva. Fazemos a organização dessa forma e as bolas paradas também, do género primeiro todas as ofensivas e depois todas as defensivas, é assim que organizamos normalmente os dias.

2.2 – E dás alguma relevância àquilo que é a análise estatística?

Sim sim, por exemplo, se for uma coisa muito acentuada, posso-te dar um exemplo concreto também, às vezes vamos jogar contra um adversário que percebemos a olho nú que tem muitas perdas de bola, por exemplo no corredor esquerdo, então aquilo que nós fazemos é procurar, não sei se sabes, no Wyscout tem essa informação, pronto vamos por exemplo ao Wyscout e vemos okay, deixar ver se isto se verifica efetivamente ou não, procuramos os jogos em específico que nós vimos, que nós analisámos e vemos

okay verifica-se sim. Caso se verifique, nós normalmente no relatório que mostramos ao treinador, adicionamos esse informação dessa parte estatística, para complementar àquilo que é a informação escrita, se não, e porque nós também honestamente, a não ser que seja uma coisa muito acentuada, não valorizamos muito a parte estatística, se não, podemos colocar por exemplo, os jogadores que tiram mais cruzamentos, o jogador que mais aparece em zona de remate, informações assim desse género, mas coisas muito específicas não não colocamos muito.

5 - E em relação, por exemplo, à análise individual dos adversários? Por exemplo, para a criação de clips, curtinhos para os jogadores, para eles perceberem o que é o adversário direto.

Nós este ano não estamos a fazer isso, no ano passado, fazíamos isso, também tínhamos mais pessoas, éramos 3 e este ano sou só eu, portanto, não há muito muito tempo. Mas, sim, é uma coisa que que nós, principalmente no ano passado, dávamos muita importância, fazíamos. E a forma como a organizamos, na minha opinião, é a ideal. Isto porque, em vez de, por exemplo, estarmos a mostrar só ao nosso defesa esquerdo, o extremo direito, dependendo daquilo que fosse o modelo de jogo do adversário, nós mostrávamos o extremo-direito, o defesa-direito, possivelmente o extremo-direito suplente, ou o defesa direito suplente, e depois, caso fosse, por exemplo, um médio interior que aparecesse muito no corredor, que trocasse muitas vezes de posição com o extremo, mostrávamos também esse médio interior para o nosso lateral esquerdo estar por dentro dessa dinâmica.

Aaa este ano não, não o fazemos, infelizmente, eu acho que é uma coisa, honestamente importante, mesmo para os jogadores. Eles de vez em quando até me vêm perguntar a mim, porque sabem que sou o que está mais por dentro, mesmo da parte individual, olha como é que este joga mais? Se procura mais zonas interiores? Se é mais um jogador de corredor? O tipo de receção? Esse tipo de aspetos eles às vezes perguntam e gostam de saber, por isso é que eu acho que é um aspeto importante também da análise.

3 e 4 - E para ti, agora passando mais para aquilo que é a análise da própria equipa, por exemplo, aquilo que foi o jogo anterior e terminar logo com aquele dia mais um ou mais dois, dependendo da análise da própria equipa. Que importância é que vocês dão ou que tu dás neste contexto, tanto também coletivamente como também a análise individual que possa existir, ou setorial, dependendo do que aconteceu no jogo.

Nós, este ano, não estamos a dar tanta importância à análise pós jogo, porque prontos, cada equipa técnica, cada treinador tem a sua ideia, e nós temos de respeitar e aceitar. Prontos este ano não estamos a dar tanta importância, fazemos na mesma essa análise pós jogo, mostramos na mesma aos jogadores a parte coletiva da análise pós jogo, mas não não fazemos análise individual nem setorial. No entanto, os principais aspetos que nós procuramos na análise coletiva é okay, o que é que fizemos bem e que devemos continuar e o que é que se pode passar já para o próximo jogo. E o que é que fizemos mal e depois, se calhar, mais do que é que fizemos mal é que o que é que fizemos mal e também mudar já para o próximo jogo. Principalmente se for uma equipa que jogue com um modelo idêntico àquilo que vamos jogar, ou a equipa contra quem jogámos, procuramos ver muito isso. Depois também outra questão é procurar dentro daquilo que tem sido a nossa época, que é com muitas vitórias, muitos resultados positivos seguidos, procurar sempre a mesma análise pós-jogo, dar um bocadinho de moral entre aspas aos jogadores, mas também puxá-los um bocadinho para baixo, em certos momentos, mostrar que okay, mesmo mesmo vencendo, há coisas que não estão a ser bem feitas, há coisas a corrigir, há coisas sempre a melhorar. Tem sido muito assim, nas análises pós-jogo. Principalmente, a meio, ou melhor, após o primeiro terço da época, quando percebemos, okay nós efetivamente vamos ganhar muitas vezes. A análise pós-jogo tem de ser mais direcionada para mostrar o que é que fizemos mal, o que é que se pode melhorar. E aquilo que eu acho mesmo, e também é a minha opinião que é, deve-se efetivamente dar confiança aos jogadores, mas principalmente quando se ganha é importante continuar a corrigir para não deixar ganhar demasiada confiança.

6 - E comparando a análise do adversário e a análise da própria equipa, como é que tu vês, tendo a experiência que já tiveste, a receptividade dos jogadores? Já são muitos jogadores muito experientes e como é que tu vês a receptividade? Eles recebem melhor, por exemplo, uma análise do adversário, do adversário direto? Ou recebem melhor quando é uma análise da própria equipa em que se vêem eles a jogar? Ou é igual?

Olha, aquilo aquilo que me parece, ao longo destes 3 anos que estou a trabalhar na análise no Moreirense, é que depende muito da personalidade do jogador, mas de uma forma generalizada, eles gostam mais de saber do adversário do que deles próprios. É óbvio que há jogadores que gostam sempre de saber muito deles próprios para melhorar, mas aquilo que eu tenho-me apercebido no pessoal profissional é que eles não gostam muito de se autorresponsabilizar, ou seja, às vezes uma pessoa aponta-lhes um erro, aponta isto, aponta aquilo, eeee e eles, não é o levar a mal, mas notam-se que ficam mais reticentes e mais um bocadinho mais desconfiados, porque e eu acho

muito isto, que é, a não ser que seja alguém com muita experiência também de jogo, como eles, e que lhes diga, não, tu aqui devia ter feito isto, podias ter feito aquilo, eles dificilmente vão levar o conselho muito a sério, porque vão sempre apontar ahh mas aqui eu tinha pressão era mais complicado, ou a linha estava fechada, ou não podes fechar tão rápido, não dá, é muito complicado. E a não ser que seja alguém que tenha também essa experiência de jogo e que lhes possa dizer, não mas olha eu fiz e eu consegui, e eu conseguia, portanto, também tens de conseguir, eles nunca vão levar o conselho com muita leveza, por assim dizer. Portanto, a abordagem com que se faz essas correções, essa análise pós-jogo, tem de ser muito cuidada, porque, e isto é uma coisa que eu já me apercebi, o jogador de futebol, não é só o jogador de futebol, mas as pessoas no geral, têm um bocadinho de dificuldade em autoresponsabilizarem-se.

7 - Tendo em conta a importância que considera existir na análise de jogo, qual a melhor forma de inserir esse tema ao longo do microciclo, por exemplo, digamos num microciclo semanal de domingo a domingo ou domingo a sábado, conforme, assim com quatro ou cinco sessões de treino, na tua opinião, como é que tu vês que é a melhor forma de inserir a análise do jogo? Ou seja, vamos supor que a seguir ao jogo aquela análise pós jogo, depois começa a análise do adversário, se calhar nos treinos, a apresentação de alguns vídeos, essa semana toda, como é que tu achas que é a melhor forma de englobar todo esse aspeto?

Olha, aquilo que nós fazíamos no ano passado, no início da época passada, com o mister João Henriques, eu pessoalmente gostei muito de trabalhar dessa forma e acho que é a forma ideal, que é, nós fazíamos, por exemplo, a análise do adversário, como é que organizávamos no microciclo. Imagina que na terça-feira, por exemplo, íamos trabalhar a organização defensiva e tradição ofensiva. Nesse dia, víamos o vídeo para a organização ofensiva do adversário e a sua transição defensiva, porque era aquilo que íamos trabalhar nesse dia. No dia a seguir, ou dois dias depois, víamos onde fôssemos trabalhar a nossa organização ofensiva, a organização defensiva do adversário e a sua transição ofensiva. E organizámos assim, dessa forma, e fazíamos a mesma coisa para as bolas paradas, se fossemos trabalhar as bolas paradas, víamos as bolas paradas. A análise pós jogo, normalmente víamos logo no +1 ou no +2, dependia também da hora que fosse o jogo, se havia foco ou não, dependia um bocadinho disso. Eu pessoalmente gostei muito de organizar o microciclo dessa forma. Acho que a forma como fazemos agora, que é mostrar tudo no mesmo dia, normalmente no -1 ou no -2,

também é aceitável e acho que os jogadores não veem muita diferença nisso. Mas eu pessoalmente gostava porque havia essa lógica no microciclo, acho que mesmo que os jogadores estava mais presente na cabeça nesse próprio treino, tinham acabado de ver, tinham acabado de ter informação. E acho que era mais fácil para eles depois treinarem com essa informação na cabeça. Mas... Mas este ano o fazemos de forma diferente e acho que também se ajusta bem. Não é algo que seja muito relevante.

Exato. E mais ou menos quantos minutos é que tu tentas sempre ali pôr nos vídeos? Claramente que é curto para não maçar muitos os jogadores, mas ali à volta de quantos é que tu tentas sempre?

Olha, o pós-jogo, a análise do pós-jogo, normalmente entre 7 a 8 minutos. E isto é uma coisa que eu já percebi há algum tempo, que é cada treinador tem uma ideia diferente, há uns que gostam de vídeos, especialmente o pós-jogo, querem um bocadinho mais longo, porque pode haver mais aspetos a corrigir, gostam de parar mais vezes o vídeo para explicar, e às vezes o vídeo fica um bocadinho mais longo. O Mister Paulo Alves não gosta de maçar muito os jogadores, quer os vídeos mais curtos, são 7 ou 8 minutos e nunca é muito mais do que isso, no pós jogo. O adversário, normalmente, no compacto geral, com as organizações e transições, fica entre 8 a 9 minutos, também, e depois os esquemas estáticos, entre 3 a 4 minutos, nunca é mais do que isso. Depois, onde o vídeo tem um bocadinho mais de duração e pára mais um bocadinho, é na parte inicial do vídeo, quando mostramos o onze provável, as alternativas, etc. E, efetivamente, pára aí um bocadinho para explicar, para falar das características individuais, das alternativas, essas coisas. Aí pára mais um bocadinho. Mas, de resto, é sempre 8, 9 minutos, bolas paradas, 3, 4. Pós jogo também 7, 8, nunca mais do que isso.

8 - E tu concordas que, por exemplo, a melhor forma de transmitir sempre alguma coisa em relação à análise de jogo aos jogadores é sempre através do vídeo e nunca ter algum complemento de algum relatório escrito?

Eu acho que é em vídeo. Para os jogadores acho que é mesmo o melhor é sempre ser vídeo. E eu acho que, infelizmente, parece-me isto, que esta geração mais jovem de jogadores não dá tanta importância, ou melhor, não é que não dá tanta importância, mas fica mais massada se tiver para ver 8, 9, 10 minutos ou o quer que seja. Então, quanto mais curta e objetiva a informação, quanto mais rápida for, melhor. E isso normalmente é em vídeo, que se consegue mostrar no vídeo. Também acho que o vídeo é mais importante porque permite-lhes ver. Eles estão a ver, estão a perceber, depois qualquer coisa que eles queiram saber, normalmente eles também acabam por

perguntar. Se quiserem saber alguma informação extra, eles perguntam. Seja à equipa técnica, seja a mim. Portanto, acho que é mesmo o vídeo melhor. O relatório, eu sei que... Principalmente no ano passado, chegaram-me a dizer, já não sei se foi o Mister Sá Pinto que me disse, acho que foi o Mister Sá Pinto que me disse na altura que no Sporting chegou a fazer esses relatórios, alguns relatórios escritos para os jogadores, e que eles viam e que liam, mas que havia sempre alguns que...Prontos, que se calhar não liam e olhavam para aquilo e olhavam só assim de cima a baixo e nem prestavam muita atenção, por isso é que eu acho que não faz muito sentido, apesar de perceber que alguns jogadores possam gostar.

9 - E aí, tocando nisso, na parte da apresentação dos vídeos, e eu tenho falado disto também com alguns analistas que tenho entrevistado, e tenho recebido algumas respostas diferentes. Na tua opinião, quem é que deve ser aquele que apresenta tanto o vídeo da organização ofensiva do adversário como defensiva do adversário dentro da equipa técnica? Deve ser o treinador principal, deve ser o treinador analista que está mais dentro do processo ou deve ser o treinador adjunto, na tua opinião.

Eu pessoalmente, aquilo que eu acho é que a não ser que depois quem vai liderar o processo do treino seja também o adjunto, quem deve mostrar e explicar as coisas da equipa deve ser o treinador principal. Principalmente se for um treinador com facilidade na comunicação. Acho que a única exceção que se faz, que se pode fazer nesse momento de explicação do vídeo, é nas bolas paradas, em que efetivamente pode ser um adjunto que seja responsável pelas bolas paradas, acho que faz todo sentido que seja ele a falar. Se não, e sendo um treinador o responsável máximo pelo processo de treino, acho que deve ser ele a explicar, até porque depois pode fazer logo interligação com a estratégia que se vai usar no pós jogo ou aquilo que se vai trabalhar no treino, portanto, acho que faz sentido que seja ele. No entanto, e por exemplo, posso dar um exemplo, no ano passado houve períodos em que fomos nós, os analistas a falar no vídeo. E eu acho que, e este feedback também foi dado pelos jogadores, que há certa informação que os analistas sabem, que os treinadores não sabem, depois às vezes pode ser útil com os Jogadores, outras vezes, se calhar, pode ser informação a mais. Então, os jogadores também.... Houve alguns momentos em que fomos nós e aquilo que os jogadores nos foram dizendo foi que às vezes era informação importante, outras vezes, epá, disseste aquilo e se calhar não é tão preciso, não faz tão sentido. Pronto, e esse tipo de alteração, acho que também pode ser bom para eles, às vezes, ter um bocadinho mais de informação. E se for bem gerida, acho que o analista também, ou o treinador analista, também o pode dar. Mas acho que o ideal é ser o treinador, mesmo

para os jogadores perceberem que o treinador, o líder máximo, está por dentro e sabe o que está a dizer, e depois sabe o que vai trabalhar. Acho que mesmo para eles é uma boa mensagem que se passa, a ser o líder máximo a falar.

Porque até alguns analistas que eu entrevistei diziam que na opinião deles devia ser o treinador analista porque também para não maçar tanto o treinador principal como também os jogadores a ouvirem o treinador principal porque já vão a ouvi-lo durante o processo de treino todo, ouvem-no durante a semana toda e ter ali uma voz diferente.

Eu posso dar um exemplo, que é o analista que estava comigo no ano passado aqui em Moreira. Tinha sido treinador adjunto do Mário Silva, do Rio Ave. Ou melhor, treinador analista do Mário Silva no Rio Ave. E chegou-me a confidenciar que era ele quem falava nos vídeos, que era ele quem apresentava, e que sentiu sempre, e ele apesar de fazer um bom trabalho a apresentar, apesar de passar a informação correta, etc, sentiu sempre que a equipa precisava que fosse ele, e que se calhar uma das razões para as coisas não terem corrido tão bem também foi essa, foi que a equipa se calhar não sentia que ele estava tão por dentro como devia estar. Eu acho que mesmo para os jogadores, é importante que saibam que o líder está por dentro. Acho que é um bocadinho por aí.

10 - Okay, Okay, e esta já é a última pergunta e tu também tocaste aqui nesta pergunta no início até. Na tua opinião, qual é que é a importância que deve existir para um treinador analista a eficiência dele no processo de treino? Ou seja, há contextos em que o treinador analista não está dentro do processo de treino em si, está por exemplo, na filmagem ou numa forma mais exterior e outros que estão dentro do exercício.

Aquilo que eu acho é que na organização do treino, no desenho do treino, entre aspas, o treinador analista tem, pelo menos, não digo muita, mas digo alguma influência porque há certos aspetos, seja setoriais, seja individuais, seja coletivos, que só ele é que sabe, ou melhor, não é só ele, mas só ele, e o departamento de análise é que sabem. E posso-te dar um exemplo concreto também. Digamos que o treinador está a trabalhar, o treinador principal está a trabalhar uma questão mais coletiva, com 11 elementos, por exemplo, acho que faz todo o sentido, o treinador analista pegar por exemplo, nos quatro médios ou nos quatro defesas, ou o que seja, ou quatro avançados, e trabalhar questões setoriais que se vão adaptar àquele jogo em específico. Olha neste jogo vai ser preciso que os extremos pressionem de fora para dentro e fechem as linhas. É importante que o treinador analista crie um exercício para trabalhar isso com aquele setor em específico. Acho que, dessa forma, o treinador analista pode ter muita importância, e

acho que, cada vez mais, dividir melhor as tarefas no treino, dentro da equipa técnica, é importante porque vai permitir trabalhar mais coisas, vai permitir ter maior especificidade dentro do treino e acho que, acima de tudo, vai permitir à equipa estar mais preparada, tanto de uma forma coletiva, como setorial, como individual. Portanto, eu acho que se o treinador principal conseguir dar essa independência e essa autonomia ao treinador analista e aos treinadores de adjuntos, acho que vai ganhar muito, vai sempre ganhar muito, desde que obviamente haja competência do outro lado.

Podendo sempre prescindir daquilo que é a filmagem, às vezes é importante alguns treinos outros não.

Sim, eu sou-te sincero. Por exemplo, eu sou o que filmo os treinos. E aquilo que eu acho, é óbvio que é importante filmar os treinos, se não for mais, às vezes, porque há um comportamento menos bom de um jogador, e é importante mostrar. Mas, às vezes, a diferença entre ter uma pessoa a filmar, ou ter mais uma pessoa lá dentro a ajudar, é muito muito relevante porque é mais uma pessoa que pode estar a dar feedback, pode estar a trabalhar alguma coisa em específico e depois às vezes está-se a filmar e ou não se vê a filmagem ou então fica guardado mas depois, não é utilizada, e eu acho, a não ser que seja uma coisa que o treinador dê mesmo muita importância para filmar, acho que não faz sentido, principalmente em equipas técnicas mais pequenas, em departamentos mais eficientes, não faz sentido estar a perder constantemente uma pessoa para a filmagem. Por exemplo, aquilo que nós chegámos a fazer no ano passado com o Lito Vidigal, foi numa fase inicial, quando ele chegou, que ainda não tinham equipa técnica completa. E aí eu e o outro analista é que íamos ajudar muitas vezes no campo, eu pus a câmara num sítio em que apanhasse o campo por inteiro, pus o treino a filmar e fui lá para dentro ajudar no treino, acho que isso pode ser uma coisa cada vez mais usada. E se os clubes conseguirem ter a estrutura, quando normalmente se filma num sítio que permita apanhar o campo inteiro, ou pelo menos o exercício por inteiro, acho que faz todo sentido deixar a câmara a filmar, okay, está a apanhar o exercício inteiro, agora deixa a câmara a filmar e anda para baixo. Anda a ajudar, anda a fazer isto, anda fazer aquilo, anda dar este feedback, anda estar atento a isto, estar atento a aquilo. Acho que faz todo sentido que o analista esteja envolvido no treino.

Anexo 7 – Transcrição do Treinador Analista A6 – Contexto Liga Portugal 2

1 - Primeiramente, de uma forma mais geral, e tendo em conta agora o contexto que tu tiveste da Liga 2, na tua opinião, que importância é que deve ser atribuída a cada clube a presença de um departamento de análise, nesse mesmo clube, e também a presença de um treinador analista?

Eu acho que é importantíssimo ter ambos, tanto o departamento como o treinador analista. Agora, sendo Liga 2, e acredito que até na primeira Liga, nem todos os clubes têm a possibilidade de ter... Um analista já todos têm, mas um departamento bem estruturado, nem todos os clubes têm essa possibilidade de ter. E se calhar nem têm o interesse, nem nunca ninguém lhes mostrou a importância, ninguém lhes mostrou como é que funciona efetivamente um departamento de análise. Sim, é importantíssimo, agora depende muito dos recursos financeiros também, tanto para um como para o outro, mas a análise é sempre feita mesmo não tendo analista, o treinador está sempre a fazer a análise, vê o adversário, vê a sua equipa na primeira parte, dá o seu feedback ao intervalo, faz a sua análise pós jogo, portanto, é uma coisa que está sempre presente, mesmo não estando lá um analista. Acho que estamos já numa era no futebol em que já passou dessa fase do porquê ter análise, ou se é importante ou não, acho que está já presente, independentemente de ter alguém mesmo com essa especificidade.

2 e 2.1 - E de uma forma mais específica, passando primeiro para aquilo que é o próximo adversário, que aspetos é que tu consideras mais importante de ter em conta quando estás a analisar um próximo adversário, quando estás a preparar um próximo jogo durante a semana, que aspetos é que tu consideras mais ter em conta para terem atenção ao próximo adversário?

Eu acho que está tudo interligado, tens a nossa análise, a análise do adversário. Eu acho que tens uma equipa tem de se conhecer muito bem a si própria, e o treinador também, para poder fazer uma análise ao adversário e preparar o jogo consoante o adversário. Portanto eu acho que ou o analista, ou alguém que está a analisar o jogo para dar informação ao treinador, tem que usar os olhos do treinador. Tem que ser como se tivesse o treinador a ver o jogo. Ou seja, se eu tenho a minha opinião, o adjunto pode ter a opinião dele, o treinador tem outra. Talvez se pudermos dez analistas juntos, vão ter todas opiniões diferentes, mas o importante quando estás inserido no contexto de equipa profissional, de competição, acho que o mais importante é tentar perceber o que é que o treinador quer e tentar ver os jogos com os olhos dele. Só aí é que vai fazer sentido o nosso trabalho.

Por exemplo, também tens em conta a fase de Pontapé de baliza, início de construção, construção mais alta, dá importância a isso também, a fase de finalização e depois a parte defensiva também divides por esses momentos, certo?

Sim, eu divido pelos quatro momentos. Organização ofensiva e transição ofensiva. Organização defensiva e transição defensiva. Depois, dentro desses momentos, tenho subcategorias, procuro o que posso ter em todos os jogos. Não necessariamente, não vai aparecer necessariamente tudo em todos os jogos. Cada jogo é uma história diferente. Por exemplo, há jogos em que, se calhar nem mostramos aos jogadores a transição defensiva, porque não houve nada de importante para salientar, ou a ofensiva. Nós dividimos aqui, primeira fase, fase intermédia e segunda fase. Na organização ofensiva, ou seja, primeira fase de construção, faz ali... Que é o pontapé de baliza, pode ser primeira fase com o guarda-redes, começar o guarda-redes em bola corrida, se constroem a dois, a três, a quatro, se têm os laterais baixos. Se procuram muito a bola longa do guarda-redes para o ponta de lança. Se procuram muito variar o jogo na primeira fase. Como é a construção sob pressão, se têm dificuldades, qual é a defesa mais frágil na construção para orientarmos a pressão para lá, se os centrais conduzem a bola, se têm esse hábito de, com o espaço de conduzir, tentar atrair. Depois, fase intermédia, temos aqui umas subcategorias, tenho aqui, por exemplo, a dinâmica dos médios, há muitas equipas que podem jogar com três médios, um mais dois, mas que dentro do jogo, vão trocando, baixa o segundo médio para vir buscar o jogo, o terceiro mete-se tipo dez entre linhas, ou roturas entre lateral e central, essas dinâmicas. A projeção dos laterais, a altura dos laterais, outra vez pode bater com o que nós queremos fazer com os nossos laterais e alas, com as marcações, se o lateral deles estiver muito alto, o nosso lateral que pega, se estiver baixo, se calhar pega o ala, dependendo da altura. Se há diferenças entre o lado esquerdo e o lado direito, há muitas equipas que constroem de uma forma o lado direito e de outra o lado esquerdo. Podem ter um ala mais de linha de um lado e um mais interior do outro, portanto, vai variando essa dinâmica. Jogo interior, tudo o que é ali, jogo entre linhas, em apoio, quem é que procuram mais, como é que desenvolvem as jogadas. E depois a segunda fase, que é já a fase de finalização, quantos jogadores é que metem na área, de onde é que cruzam mais vezes, pode ser um cruzamento junto da linha, pode ser um mais atrasado, que é para as costas da Linha defensiva. As zonas de finalização também, se procuram o primeiro poste, ou procuram finalizar em muita média distância, remates longos. Isso é um bocado as subcategorias em que organizo a fase ofensiva. Agora, por exemplo, segunda fase, muitas vezes não chegamos a mostrar nada aos Jogadores, quando não

há nada de importante. Muitas vezes há equipas que jogam com três centrais e o laterais alas, chegam muitas vezes à área. Aí, se calhar, é importante darmos esse detalhe, porque o nosso lateral nas costas vai ter sempre alguém a chegar na área que, se calhar, com outro sistema não ia ter. Portanto, é muito circunstancial também, dependendo do jogo, da equipe que vamos defrontar, o que é que a gente usa.

5 - Aquilo que eu também ia perguntar agora é, por exemplo, imagina, continuando isto com o adversário, se vocês também considerem importante a presença de cliques individuais dos adversários para os vossos jogadores, irem a distribuindo alguns cliques durante a semana, aquilo que vai ser o adversário que eles vão apanhar, ou, de uma forma mais geral, se também consideras importante, nesse contexto, haver isso?

Sim, acho importante, não acho que sejam o mais fundamental, eu também só um, portanto, é um bocado difícil fazer tudo e fazer bem. Fazer tudo até se faz, mas depois perde-se qualidade em muitas coisas. Mas a análise individual também uma coisa que fomos fazendo circunstancialmente. Se vamos apanhar um ponto de lança que tem coisas mesmo características, passa-se aos centrais alguns cliques dele, para ter atenção e para saberem defrontá-lo. Mas eu sei que vocês no Benfica fazem o onze todo, todas as Semanas, é uma coisa boa e é uma coisa que acrescenta, mas eu acho que, pronto, estando sozinho, tem que se pôr prioridades e não é uma das prioridades, mas circunstancialmente, sim, faz.

Nós até mais na Equipe B fazem isso. Nós até no Sub-23 é mais complicado porque muitas vezes, mais na primeira fase, não sabemos bem que adversários é que vamos apanhar dos jogadores. Porque às vezes eles variam um bocadinho a equipa, porque na Equipa Sub-23 pode vir a malta da Equipa Sénior, da Equipa A, que pode baixar alguns jogadores jovens que têm estado a jogar, e às vezes estar a passar alguns cliques aos jogadores dos adversários que depois não jogam e depois não passaste de outros Jogadores adversários que vêm a jogar, às vezes é um bocado estranho. Mas aí dividimos mais pelo que cada jogador quer, sim. Mas na equipa B eles fazem, semanalmente, sempre o onze e alguns, aqueles três, quatro jogadores que podem entrar.

É bom, mas como te digo, há prioridade, na análise, se quiseres fazer quinhentas coisas, há sempre coisas para fazer, para acrescentar. Mas pronto, dependendo dos recursos, das pessoas, tem que se pôr as prioridades e ver o que é que é mais importante no momento.

3 - E, por exemplo, aquilo que é a parte da própria equipa, da análise da própria

equipa, que importância vocês dão, naquele +1 ou +2, dependendo da folga, á análise do jogo anterior, vocês dão importância a isso? Dão mais importância a isso do que à análise do adversário durante a semana? Como é que vocês fazem isso?

É assim, nesta época, nós tivemos duas equipas técnicas. Tivemos primeiro o Vasco Faísca e depois o José Mota. Com o, Vasco era muito mais orientado para a equipa, a própria equipa, a análise. Preocupava-se muito mais com isso, com o nosso modelo de jogo, com a forma de jogar, etc. Com a segunda equipa técnica, a análise era muito mais orientada para o adversário era tudo à base do comportamento do adversário, a gente nem fazia análise da equipa no início da semana. Fazíamos, discutíamos muitas vezes entre nós, mas para os jogadores não se passava nada do nosso jogo. E passava-se só depois, no dia -2 os momentos, -1 as bolas paradas, e no dia de jogo o plano de jogo. Eram esses os momentos da análise.

2.2 - Okay. e por exemplo, agora, isto é um pormenor que eu também tenho perguntado à malta, para ti, que importância é que a análise estatística assume? Tem alguma relevância, deve ter alguma relevância?

Sim, para mim não tem grande importância. Não posso dizer que não é importante, porque tudo é importante, mas para mim é sempre, primeiro a análise qualitativa e depois, sim, para confirmar alguma coisa que a gente viu ou que a gente analisou, aí sim usar os dados estatísticos. Mas partir primeiro da estatística para julgar um jogo, julgar uma performance, aí não. Nós em termos estatísticos, o que fazemos é... Eu estou a cortar o jogo, durante o jogo, ao vivo, e pronto, vou tendo uma estatística ali que se atualiza por ela própria, caso seja preciso transmitir alguma informação ao interval, e principalmente depois do jogo, onde o mister vai para a flash, ele gosta sempre de ver uns dados para não ir lá dizer ahh fomos a equipa com mais oportunidades, e depois a estatística diz outra coisa. E é muito por aí também. Para mim é para confirmar o que vimos e não partir da estatística para depois ver.

6 - Okay, e por exemplo, agora mais para os Jogadores, tendo em conta a experiência que tens estado a ter também, como é que tu sentes aquilo que é a receção dos jogadores aos vídeos, seja da análise da própria equipa ou seja do adversário, sentes que eles dão mais importância a uma coisa ou dão mais importância a outra? Sentes que eles têm ali um equilíbrio? Como é que sentes que a receção dos jogadores é, tendo em conta a parte da análise de jogo?

Eu sinto que eles têm equilíbrio nos dois vídeos, eles gostam. Eles, como te disse, nesta época tiveram duas equipas técnicas, de filosofias diferentes. Mas eles tanto com um como com outro, tiveram sempre atentos nas palestras, nos vídeos. A gente tem uma plataforma que partilhamos os vídeos com eles, e eles pedem sempre, por exemplo, o vídeo do adversário, pedem sempre para lhes a mandar e eles também, para poderem ver na viagem, quando vamos para cima, ou ver num hotel, ou ver em casa antes do jogo. Portanto, eles dão a importância, eu acho que eles não diferenciam entre um e outro. Se calhar o do adversário é um bocado mais interessante para eles, porque já é o dia mais perto do jogo, já estão a entrar em modo jogo, a concentração já está maior, os que vão jogar, se calhar já sabem, já tiveram indicações durante a semana que vão jogar, já estão com um estado mais alerta. Isso vai dependendo também de semana para semana, se ganhaste o jogo, se calhar estão mais relaxados às vezes, não prestam tanta atenção à análise da equipa, pensam que pronto, o jogo foi ganho, não interessa tanto. Ao contrário do que nós pensamos, não é? Ou se perdemos o jogo, se calhar dão mais atenção para ver o que é que podem fazer para melhorar, os jogadores que não jogam, se calhar no vídeo da equipa prestam mais atenção para ver o que é que o treinador quer, para fazer as coisas que ele quer. Acho que é também muito individual, muito relativo, mas acho que a importância dos dois é mais ou menos igual.

7 - Okay, e agora, tendo em conta aquilo que é o microciclo da análise, por exemplo, vamos pensar, imaginando, num jogo de uma semana de domingo a sábado, em que tivemos um jogo de domingo e vamos ter outro jogo no sábado, na tua opinião, e tendo em conta também à tua experiência, como é que tu consideras que deve ser elaborado esse microciclo naquilo que é, diz respeito à análise, com a análise da própria equipa, a análise do adversário, quando é que sentes que devem ser os melhores dias para apresentar os vídeos, claramente não há umas receitas certas, mas aquilo que já viveste, quais é que são os melhores dias para apresentar os vídeos?

Eu diria, pronto, isto também, partindo do princípio que depende de cada treinador e é sempre o treinador que define o plano. Mas diria, tendo o jogo de domingo, depois temos segunda folga à partida, terça acredito que é o dia para já fazer a análise da equipa, como é normal na maioria das equipas. Pronto. Terça... Quarta, com jogo sábado já iria ter um momento de vídeo. Mas vamos dizer que é domingo o jogo. Portanto, quarta diria que não haveria sessão de vídeo, não ser uma coisa ainda relacionada com o nosso jogo, uma coisa se calhar mais individual ou setorial, mas não um vídeo coletivo de equipa. Passando para quinta, aí já começa a relação ao adversário, já a preparação para o jogo. E aí a gente pode fazer o momento ofensivo e defensivo, e o momento

ofensivo de organização e transição defensiva do adversário, em vídeo. Para depois trabalhar a nossa organização defensiva e a transição ofensiva no campo. Ainda assim, eu acho que nesses dias, quarta, quinta e sexta, ainda tens a possibilidade de transmitir vídeos individuais, informações individuais aos jogadores. Nem sempre tem que ser um contexto formal de auditório, pode ser tão simples como ter um iPad e passar cliques individuais dos jogadores e apanhá-los antes do treino, ou no autocarro, ou num contexto informal, onde quer que seja, um clipe de um minuto, só para discutirem ali duas, três coisas, e deixá-los ir treinar. Portanto, quarta, quinta e sexta, acho que ainda há possibilidade para isso. Sexta, já podemos fazer o vídeo em verso, organização defensiva, mais transição ofensiva do adversário, e trabalhar, o respetivamente momento, no nosso treino. E depois, sábado, acho que é o dia para fazer as bolas paradas, como fazem a maioria das equipas. Aqui já se minimiza a transmissão de informação o menos possível, para também não cansar muitos jogadores, limpar a cabeça, para estar tudo focado no jogo. Mesmo os vídeos de bola parada, o que nós fazemos, costuma ser um minuto, se calhar um minuto e meio. coisas muito específicas para depois trabalhar em campo e depois libertar e preparar-se para o jogo.

9 - Okay, e lá está, também depende de cada treinador, mas na tua opinião, sentes que há importância de quem apresenta esses vídeos, seja a análise da própria equipa, seja do adversário, seja das bolas paradas, que não deve ser o treinador principal, porque há muita malta que diz que ser o treinador principal também a apresentar adversário e tudo o que é adversário pode cansar os jogadores. Mas também... Já ouvi falar o inverso. Lá está, depende. Mas na tua opinião, quem é que achas que deve ser o apresentador?

Isto no futebol tudo dá. Mas eu já passei pelas duas experiências do treinador apresentar tudo. E também já passei pela experiência do treinador não apresentar nada, o adjunto está a apresentar e ele intervém quando acha que tem que intervir. As duas têm o seu lado bom e o seu lado mau, acho que quando o treinador apresenta tudo, acho que a mensagem passa melhor, acho que o jogador, quando é o treinador a falar, tem outra atenção, tem outra concentração e absorve a informação de forma diferente. Agora, também para o treinador ter que apresentar uma análise de vídeo, chega ao primeiro treino da semana, tem que apresentar o vídeo da equipa, ter já que planejar o treino, se calhar, é um desgaste. Se for este microciclo que falamos há bocado, segunda, vídeo, terça, se calhar não, quarta, quinta, sexta vídeo, é um desgaste imenso para o treinador principal, estar à frente dos jogadores sempre a apresentar, a passar informação, depois de mais informação no treino. Acho que é desgastante tanto para os jogadores como para o treinador. Quando são os adjuntos, quer seja uma adjunta ou

um analista a apresentar, tem o lado bom, que não desgasta o treinador. Depois são vozes diferentes a dar esse estímulo à equipa, que também é bom muitas vezes não ser sempre uma só voz a ser ouvida, o que pode tornar o processo um bocado monótono. Mas como lado negativo, tem essa questão de... a informação se calhar nem sempre passa com tanta eficácia, como se fosse o treinador principal a falar. Mas como te digo, acho que no futebol tudo dá e cada um tem a sua forma. E depois é o que vale muito é os resultados.

10 - Okay, e para aquilo que é o processo de treino, consideras importante a presença do treinador analista também no processo de treino dentro do campo. Por exemplo, aqui no Benfica está sempre presente no processo de treino e tu já estiveste aqui, mas acredito que há contextos em que ou está mais só na filmagem ou está mais só no gabinete. Consideras importante que ele também esteja dentro daquilo que é o treino?

Sim, isso eu acho fundamental, que ele esteja presente no treino, que esteja ativo. Acho fundamental para todos, para o próprio treinador analista, para o treinador principal, acho que é muito importante ter alguém que está lá, que ouve os feedbacks, que ouve o que é que o treinador quer, e que vê a equipa, pode formular uma opinião, possa acrescentar à equipa técnica sobre qualquer questão que surja durante o treino, é fundamental. É conhecer a própria equipa, conhecer o seu próprio modelo de jogo e isso facilita depois o trabalho do treinador analista também para para ver o adversário ou a própria equipa neste caso.

Anexo 8 – Transcrição do Treinador Analista A7 – Contexto Liga Portugal 2

1 - Primeiro, qual, na tua opinião, a importância que deve ser atribuída a um departamento de observação e análise e ao treinador analista?

Em relação à posição de Analista, neste contexto, em primeiro lugar, eu acho que não deve ser fechado só ao contexto, seja ele Liga 2, seja Primeira Liga, acho que tem de ser uma posição que, neste momento, cada vez mais, tem vindo a ganhar o seu espaço, o seu valor. Portanto, neste momento, acho que em ligas profissionais, acho que, principalmente falando mais naqueles que, no caso específico do futebol português, acho que é uma posição que tem que estar naquilo que é o funcionamento, tanto de uma equipa técnica, mas também no funcionamento de um clube. Havendo um departamento nem que seja, por exemplo, de uma ou duas pessoas, a realizar esse tipo de trabalho, isto neste caso mais propriamente dentro da estrutura, eu acho que é algo bastante importante. Porquê? Porque permite-se, assim, a filmagem de treinos, a codificação de treinos, a catalogação, tendo em conta os exercícios, tendo em conta também aquilo que é o desenvolvimento de um jogador, tanto a nível, neste caso, o modelo de jogo, e falar mais especificamente a nível ofensivo, ou defensivo, o que quer que seja. A criação de bases de dados dentro daquilo que é a catalogação de exercícios. Depois, a partir daí, também, a parte mais... Entrando na parte mais estratégica daquilo que vai ser o próximo jogo. Depois, claro, obviamente, dando feedbacks naquilo que é o nível do jogo. E depois também, fazendo sempre a ponte de ligação com aquilo que é o departamento de Scouting, ou seja, também a parte do diretor desportivo, ou diretor geral, o que quer que seja, dentro do clube, dentro da organização do clube, de modo também a responder tanto a determinadas coisas, tanto a nível de jogador, daquilo que temos na equipa, mas também daquilo que poderão ser alvos apetecíveis para o mercado de transferências próximo. Mas também é naquilo que é o desenvolvimento da equipa, de modo dentro, ou seja, tendo em conta que temos um departamento dentro da estrutura do clube, esse departamento, na minha ótica, e cada vez mais tenho vindo a pensar nisso, tem que ter elo de ligação com aquilo que é a parte diretiva do clube. Naquilo que é o rumo da equipa ao longo da época. Porque também a parte diretiva, sabendo essa ligação, e havendo esse à-vontade, eu acho que a posição analista ganha cada vez mais força e valor nesse âmbito geral. Tendo em conta a posição de treinador analista, e neste caso, falando mais propriamente, tendo em conta um treinador que traz a sua equipa técnica e tem essa pessoa a fazer ligação, seja ele um treinador analista ou um treinador, ou em mais noutros casos, um treinador adjunto o que quer que seja, acho que também é importante, havendo claramente, a parte da estrutura do clube, neste

caso, o departamento de análise de jogo. De análise de jogo porquê, porque aí permite, então, uma maior gestão de trabalho, uma maior gestão, divisão do trabalho. Permite também a certas pessoas chegarem a outras áreas, áreas ou jogos neste caso, porque aí permite, por exemplo, haver mais pessoas, permite chegar a mais jogos, permite chegar se calhar a um conjunto de dados que nós não tínhamos, sendo só um ou duas pessoas, ou seja, podemos entrar em várias áreas, tanto a nível da área qualitativa e da área quantitativa. A partir daí, havendo sempre pessoas, não só para a análise, mas também para outras áreas, dá sempre para chegar a mais coisas, independentemente da estrutura do clube e daquilo que o clube é capaz de dar às pessoas que estão ali a trabalhar.

2 e 2.1 - E ainda um bocadinho mais específico à parte da análise, mas à parte da análise do adversário. Que aspetos é que tu consideras importantes, quando estás a analisar o adversário, teres em conta? Normalmente, a parte ofensiva, defensiva, as transições, sim, a bolas paradas. Mas que aspetos é que consideras que terem de importante em atenção?

Sim, claro. Por exemplo, obviamente, tendo em conta aquilo que é a análise do adversário, há essa divisão, tendo em conta os momentos do jogo, dentro de cada momento do jogo, aquilo que é o padrão com bola, o que é que é o padrão sem bola, tendo em conta também muitas vezes aquilo que é a estrutura do adversário, e que está a jogar contra esse, nosso próximo adversário. O que é muito importante nos vídeos de hoje ver, tentarmos aproximar aquilo que é o adversário do nosso próximo adversário, porque há jogos e jogos, há adversários e adversários, há também que utilizam determinados sistemas táticos que não nos interessam muito, tendo em conta a nossa forma de jogar, claro que dentro desses sistemas táticos poderá haver variantes dentro dos nossos sistemas táticos que se podem aproximar a esse mesmo sistema tático. Ou seja, uma equipa pode estar a jogar em 4-3-3, mas na sua construção pode criar uma variante num 3-4-3. Se calhar, por exemplo, mesmo olhando para sistemas táticos, claro que posso estar aqui a ser um bocado contraditório, mas há coisas e coisas que nós podemos retirar. Olhando também muitas vezes para aquilo que é o momento do ano, por exemplo, as equipas que estão mais abaixo da tabela, abordam o jogo de maneira diferente, principalmente quando se colocam a ganhar. Agora, claro, aquilo que é a base, digamos assim, é, por exemplo, dividir o jogo pelos momentos, a organização ofensiva, defensiva e as transições ofensiva e defensiva. Dentro de cada momento há sempre divisões que podemos considerar para ajudar a nossa análise. Divisões do campo, como é que por exemplo a equipa constrói em zonas mais baixas, em zonas médias, ou em zonas mais avançadas, neste caso já entrando mais naquilo que é o

campo ofensivo, o seu Pontapé de baliza, de que forma é que fazem, se é curto, se é mais longo, por que central é que fazem, qual é a intenção, se é para sair pela esquerda para atrair para abrir para a direita, e por aí adiante, que tipo de pressão, se eu adoto uma pressão mais alta ou um bloco mais médio, pronto, também. Tendo em conta também, por exemplo, também há timings do jogo, em que nota-se que as equipas, por exemplo, começam muito mais agressivas, isto se calhar falando um pouco mais generalizado, os minutos iniciais, e optam por um tipo de pressão mais alta. Muitas vezes, em outros casos, por exemplo, numa segunda parte, quando estão a perder, optam por arriscar mais um pouco. Mas é dentro disso, mais também os esquemas táticos. E depois também, é aquilo que são os pontos fortes e fracos. O que é que eles fazem? O que é que nós temos de controlar e o que nós temos que, por exemplo, explorar.

E, por exemplo, no teu contexto, vocês procuram analisar quantos jogos antes? Terem em base quantos jogos?

É assim, eu tenho o mínimo para mim definido, quase, como entre três quatro no mínimo e o máximo, poderá ter em conta também a literatura, seis para analisar aquilo que é uma performance de uma equipa. E acho que aí podemos retirar muito muita coisa. Claro que depois lá está, vai depender da logística que existe, dos recursos que existem, neste caso os recursos humanos que existem, que possam vir a realizar este tipo de trabalho. Claro que... Isto depois é tudo feito a uma gestão, também tendo em conta o líder, para... para melhor definição daquilo que é o trabalho e daquilo que ele quer. Obviamente.

E também como tu estava a dizer, depois, por exemplo, desses que tu disseste, 3 ou 4 jogos, podem não ser os 4 últimos, certo? Por exemplo, se calhar há 2 jogos atrás a equipa jogou com uma equipa que não se assemelha tanto aquilo que tu queres.

Sim, por exemplo, já vi, tendo em conta, por exemplo, vamos supor, que temos uma equipa que denota-se que muda muito, por exemplo, daquilo que é o seu... Vamos supor que uma equipa, quando joga em casa, joga em 2-1 no meio-campo, ou seja, 4-2-3-1. E, por exemplo, nos jogos fora, joga em 1-2 no meio-campo. Se calhar aí, eu aí começo a ver que existem determinados padrões, e se calhar aí o meu filtro vai ser um bocado mais focado, por exemplo, se calhar para os jogos fora. Isto é um exemplo mais prático, mais elucidativo. Podia haver aqui outros exemplos, como por exemplo, o jogo contra uma equipa, por exemplo, já aconteceu no passado, jogar contra uma equipa grande, e que ao longo do início da temporada tinha vindo a jogar num 3-4-3. Isto também é até

porque tinha jogos para as competições europeias em que o adversário tinha uma capacidade, uma qualidade, digamos, média alta e alta. E a equipa estava sempre a jogar em 3-4-3. E nos Jogos da Liga mudava para um 4-4-2 claro. Isso aí, depois, claro, cabe-nos a nós fazer essa leitura, perceber claramente as intenções, também meter-nos naquilo que é a realidade da nossa equipa, do meio onde estamos e tentarmos perceber isso. Porque depois, essa gestão é sempre feita ao dia.

5 - Okay, e passando para a parte da análise individual dos adversários? Consideras importante, no teu contexto, no contexto já profissional, haver essa análise individual por parte dos adversários, entregarem aos vossos jogadores? E vocês também fazem no vosso contexto?

Sim, neste contexto fazemos até... Até porque pronto neste momento também há outra pessoa a fazer este tipo de trabalho. Ele, mais especificamente, faz este tipo de trabalho e já consegue chegar a um número bastante elevado de jogadores a nível individual, ou seja, mais do que o onze base, digamos assim, tendo em conta aos onze jogadores, mas alguns jogadores alternativos possam surgir, tendo em conta que o decorrer do jogo ou até mesmo soluções mesmo antes do nosso jogo e assim nós já estamos até preparados para essas eventualidades. E isto porque também, pronto, neste caso há outra pessoa a fazer também este tipo de trabalho e aí então permite então haver uma maior gestão e chegar a este número considerável. Tendo em conta aquilo que é a minha experiência e daquilo que eu tenho vindo a passar em determinados tipos de contexto e feedback também dos Jogadores, que também é importante muitas vezes perceber os feedbacks dos jogadores e muitas vezes em conversas vai-se apanhando determinadas coisas e percebendo aquilo que eles querem e o que é que mais gostam. Por exemplo, daquilo que é a minha experiência, eu sempre procurei ter mais referenciais, ou seja, mais uma análise individual daquilo que eram os jogadores do setor ofensivo do adversário. Para dar aquilo que era o meu setor defensivo. Neste caso, mais a linha defensiva. Os defesas gostam, falando assim mais especificamente, os jogadores gostam muito mais de ter esse tipo de informação e de perceber que tipo de jogador é que vão jogar contra. Se é um jogador mais velocista, que gosta mais de colocar a bola no espaço. Se é um jogador mais de drible, que gosta de ter a bola do pé. Procurar mais espaço interior para tabelar ou até mesmo finalizar. Se é um ponta de lança que, por exemplo, joga bem de costas para a baliza, ou se é um ponta de lança, que procura mais movimentos em rutura e não tanto bola no pé para servir de apoio frontal e sentir o contacto de defesa.

Por acaso, este ano, no contexto onde eu estou, nos sub23, são mais os defesas, aliás, são só as defesas que nos pedem cortes individuais dos adversários do que dos atacantes.

Sim. Mas é normal. Eu acho que aí, por exemplo, há uma facilidade muito maior. Não é facilidade, eu acho que há mais um cuidado muito maior. Porque depois daquilo que é o jogador do setor ofensivo, já é um bocado mais a criatividade, ele se calhar naquele momento não está tipo a pensar, olha esta defesa, claro que há esses referenciais e nós damos esses referenciais. Mas muitos desses referenciais que nós damos já estão quase a ser dados naquilo que é o vídeo, ou seja, naquilo que é análise da equipa em si. Tendo em conta a análise mais que é apresentada aos jogadores. Por exemplo, olha, este jogador aqui na linha defensiva tem mais dificuldades neste sentido, se calhar aquele lateral esquerdo tem muito mais dificuldades, no controlo da profundidade, aquele central é muito mais lento, apesar do posicionamento alto que esta equipa opta, tem muito mais dificuldades tendo em conta o seu posicionamento e aí já estamos a dar informação, porque, por exemplo, isto aí já o jogador começa a ter essa perceção, os avançados até gostam de ter de olhar para ver o espaço, para ver a linha defensiva e não tanto aspectos de o central a conduzir ou a construir, porque isso já vai estar a ser dito naquilo que é o vídeo de organização, o vídeo que é apresentado aos jogadores. Portanto, a nível ofensivo e defensivo, nós vamos sempre bater. Agora, eu sinto que há mais um cuidado na parte da linha defensiva em querer esses mesmo vídeos mais específicos. Porque, claro, se calhar conseguem ver esse tipo de ação uma vez naquele vídeo que apresentaram os jogadores, de um modo mais global, geral, em equipa. Mas, especificamente, já vão ver que essa ação, aquela finta, por exemplo, do Arjen Robben por exemplo, que a gente sabia que ia para dentro e finalizava, por exemplo, mas eles gostam muito mais disso e de ver o detalhe.

2.2 - E consideras também a presença de uma análise estatística importante? Ou consideras mais que é mais um suporte que ajuda a análise?

Sim, claro. Obviamente. E também, tendo em conta aquilo que é a minha formação académica, e aquilo que eu também tenho vindo a fazer, eu procuro sempre ver, procuro ver também aquilo que são, qual é o tipo de relacionamento entre os jogadores, aquilo que é o espaço em networks, ou as relações entre o passe entre os jogadores, para confirmar aquilo que eu também estive a ver a nível mais qualitativo. E gosto de olhar para esses números e para esses referenciais posicionais, para perceber, ou seja, para tirar as minhas conclusões. Okay eu andei a ver isto, tenho esta conclusão da equipa, depois começo a ver esse tipo de dados e okay, então confirma-se se calhar eles saem

mais por este central e este central procura mais o passe interior para aquele médio. E depois daquele médio há mais ligações e aí consigo perceber os referenciais. Por exemplo, vamos supor, neste caso estás no Benfica. Por exemplo, há uns anos atrás, tendo em conta o Jonas, não sei se te recordas, por exemplo, era uma característica muito típica do Benfica na finalização, aquilo que era o cruzamento atrasado para o Jonas na posição número 10 aparecer para finalizar. Depois também, depois da análise mais qualitativa, nós começamos a perceber esse tipo de dinâmica que a equipa opta. Depois, por exemplo, com aquilo que é e os cruzamentos da equipa, começamos a perceber então que isso é mesmo algo recorrente e conseguimos também até trazer mais, ir a mais longe daquilo que é o vídeo, porque pronto, já conseguimos ir buscar um outro tipo de dados muito mais atrás e conseguimos então perceber que isto é algo recorrente, que é uma trademark, digamos assim, uma imagem de marca dessa mesma equipa ao realizar esse tipo de movimento, neste caso.

3 - E passando agora, dando o exemplo de um microciclo de domingo a domingo, por exemplo, mais agora para a parte da análise da própria equipa, aquele primeiro treino após a semana, consideras importante haver aí uma ligação ao jogo anterior, uma análise para com os jogadores do jogo anterior?

Sim, sim. Aquilo que tem sido o padrão e aquilo que também tenho encontrado enquanto treinadores tem sido sempre quase, por exemplo, no primeiro treino, começando o microciclo, a apresentação daquilo que é a análise da equipa ao plantel. Aspectos que tenham corrido bem, aspectos que nós temos de melhorar. Claro que também há uma análise já pronta, vídeos prontos, daquilo que é uma análise mais individual e mais especificamente. Há a coisa. Mas sim, concordo, porque a malta também chega, já passou o jogo, tem ali mais uma última visualização mental, digamos assim, daquilo que é o jogo anterior e começa também a perceber, nós também procuramos entender os porquês, o que é que andou a acontecer no jogo, ou seja, também na linha tempo do jogo, ou seja, andou a acontecer isto, também aconteceu aquilo. Fizemos isto bem, se calhar aqui podíamos ter corrigido. Tendo em conta aquilo também, o nosso modelo de jogo, aqui explorámos muito bem aquilo que somos fortes. Se calhar não explorámos tão bem determinada coisa a nível defensivo. Se calhar era mais a parte da coordenação da linha defensiva, no controlo da profundidade, isto por exemplo. Se calhar a primeira pressão também não correu muito bem, se calhar por determinada coisa, se calhar por exemplo também ao intervalo foi ajustado e nós também podemos apresentar aí exemplos. E depois também, claro, obviamente, sempre a análise também individual, como já referenciamos, mas também, por exemplo, parte dessa análise que nós fazemos, tanto essa desse último jogo e também de outros jogos, e isso já me aconteceu

com outros treinadores, pode ser utilizada também mesmo para a análise do próximo adversário. Ser colocada também mesmo nesse mesmo próprio vídeo e mostrar okay o adversário faz isto e faz, se calhar, certa coisa que nós no nosso último jogo, esse último adversário que nós jogámos anteriormente, também faz certos condicionamentos e certas coisas que esse nosso próximo adversário vai fazer. Nós, por exemplo, podemos colocar um vídeo, um exemplo que tenha corrido bem, daquilo que nós pretendemos que seja a nossa pressão do jogo, tendo em conta aquilo que é o jogo anterior, e servir esse mesmo de exemplo, para nós também transmitirmos a mensagem de como queremos vir a pressionar. Isto é um exemplo muito, muito prático. Assim como, por exemplo, também daquilo que pode ser a análise do próximo adversário, por exemplo, isto entrando em partes mais típicas do microciclo do treino semanal, partes do treino servirem também desse mesmo exemplo para a análise do próximo adversário.

6 - E como é que tu sentes que costuma ser a retenção dos jogadores? Ou seja, imagina, se pudesses pôr em contrabalança uma análise da própria equipa ou uma análise do próximo adversário, sentes que eles dão mais importância a uma certa coisa ou a outra ou sentes que não existe essa importância?

Há sempre cuidado em querer saber. Eu tenho vindo a...Tendo em conta também as contextos, tenho vindo a passar, há sempre um cuidado em querer saber a opinião do jogo, do nosso jogo, o que é que correu bem, o que é que acharam, o nível individual, o que é que também acharam. Acharam, ou seja, nós a equipa técnica, para também transmitirmos aos jogadores. E depois também há um cuidado em equipa, também perceber o que é que o adversário faz e o que é que nós também podemos controlar e vir a explorar. Por exemplo, um exemplo prático, sei lá, por exemplo, eles gostam de saber quem é que sai mais em construção. Se calhar... Mas depois disso aí já entramos em sensações daquilo que são o treino e aquilo que é a análise do treino. Porque, por exemplo, aí já a parte da equipa perceber okay, o adversário está a construir a 3, como é que nós vamos pressionar se o adversário está a 3? Como é que o adversário se calhar está, só com 2 mais 2? Ou como é que o adversário está a 4, o que é que nós vamos fazer. E isso aí já se começa a dar referenciais, não só naquilo que é a análise da nossa equipa, mas depois também passa-se para o treino e depois do treino também faz-se a adaptação naquilo que vai ser a análise do nosso próximo adversário.

7 - E tu já estavas aí a tocar algumas questões do microciclo, até pegando agora nessa parte do microciclo, por exemplo, como eu disse há pouco, a domingo a domingo, ou 4 ou 5 sessões de treino, tendo em conta os contextos que já evidenciaste, na tua opinião, qual é que é a melhor forma de inserir o microciclo

da parte da análise, ou seja, em que tu tens primeiro a análise do jogo anterior e depois vais falando da análise do adversário ao longo da semana. Como é que tu achas que é a melhor forma de inserir isso ao longo do microciclo?

Em primeiro lugar, é perceber uma coisa. Isto é no futebol profissional. Aquilo que é o trabalho do analista, o analista tem que andar uma semana sempre à frente. Tem que andar sempre uma semana à frente. Não há hipótese, porque assim que acaba o jogo, já vai ter que analisar o jogo, o jogo em si, que terminou, e depois, ao mesmo tempo, está a entregar a informação do próximo adversário. Portanto, um analista, quem quer vir a ter essas funções, tem que andar uma semana à frente daquilo que é o trabalho, daquilo que é a semana em si. Ou seja, quando acabar o jogo da equipa A, já estou a dar a informação da equipa B, e quando estou a entrar na semana da equipa B, estou a orientar o trabalho da equipa C, e assim sucessivamente, até acabarem as letras todas do abecedário por assim dizer, ou seja, neste caso, até acabarem as jornadas. Porque tem mesmo que ser assim, porque tem mesmo que ser assim, porque há horários a cumprir, e é muito importante a organização de uma pessoa que esteja a fazer esse tipo de trabalho, fazer esse tipo de trabalho. Tendo em conta a semana, okay, sempre no final do jogo dar a informação daquilo que foi o nosso jogo, também já estão a ser feitos cortes ou análise em vídeo, para poder ver logo já a informação daquilo que...alguma informação daquilo, de algum momento daquilo que aconteceu durante o jogo. É preparado também o vídeo, é preparado depois também o vídeo, ou seja, é feita uma análise mais em bruto, depois também é feito um filtro, digamos assim, que vai, por exemplo, para os jogadores, daquilo que nós pretendemos. Depois aí, é dentro da semana, é trabalhar aquilo que vai ser o nosso próximo adversário, neste caso, estamos a entrar na semana da equipa B, estamos a analisar aquilo que é a equipa C, enquanto também adiantando alguns aspectos daquilo que possam ser o jogo da equipa B, nomeadamente a análise de treino, algumas atualizações daquilo que possa vir a ser o vídeo final do adversário da equipa B, alguns individuais, por exemplo essa informação, já pode ser entregue mais, esses individuais, já pode ser entregue mais quase um ou dois dias antes do jogo, por exemplo. Porque a informação em bruto, digamos assim, já tem que ser entregue logo no primeiro momento após o jogo acabar. Depois aí pode-se é vir a ser trabalhado, tendo em conta aquilo que vai ser o vídeo final daquilo que vai ser apresentado aos jogadores, dentro dos quatro momentos, mais as bolas paradas, como for assim a organização. Mas é assim que se vai trabalhando. Depois aí também depende daquilo que é a análise do treino, depende aí sempre das condições do clube, aquilo que também o treinador pretende e ir por aí.

E, por exemplo, a parte da análise do adversário, dos vídeos, da apresentação, costuma ser no -2, -3, -1, ou pode ser diferenciada nos dias, tendo em conta a fase ofensiva ou a fase defensiva?

Eu já tive essa experiência de várias... Depende sempre do treinador para treinador. Já tive treinadores em que queriam apresentar, em que dividiam os dias. Por exemplo, no ano passado, na última parte, com o Francisco, foi quem me passou o contacto, Francisco Costa. Por exemplo, já se dividiu o vídeo. Ou seja, num dia apresentava-se esses dois momentos, num outro dia, os outros dois momentos. Ou poderíamos apresentar os quatro momentos logo naquele dia e depois se calhar já deixávamos as bolas paradas para depois. Dependia, às vezes, sempre. Por exemplo, já tive treinadores que queriam logo tudo no momento, e ali um vídeo a bater quase nos seis, sete ou oito minutos no máximo dos máximos, em que era muito espremido o vídeo. Mas isso aí depende, aí vai depender sempre. Vai depender sempre. Ultimamente, temos vindo a fazer dois momentos de vídeo daquilo que é o adversário, em que é um momento em que apresentamos os quatro momentos, e depois, por exemplo, se calhar no -3 ou no -2, o que quer que seja, e depois se calhar no -1 já apresentamos aquilo que são as bolas paradas.

Mas tens alguma preferência em relação a essas apresentações ou é sempre depende do que o treinador quiser?

Sim, aí vai sempre depende do que o treinador quiser. Aquilo que tem sido ultimamente, também tendo em conta a exigência na altura e assim... Porque o espremer o vídeo ao máximo dos máximos, e por exemplo o Guardiola até fala isso, no livro dele, de ter ali sete a oito minutos para apresentar o adversário. Os sete a oito minutos de apresentar os quatro momentos do adversário vai ser uma exaustão muito grande digamos assim, por parte de quem está a fazer o último filtro. Porque tem que ir ao detalhe do detalhe, de tentar apresentar o mais objetivo possível aquilo que é o próximo adversário. E aí uma pessoa é capaz de, se calhar, vamos supor que naquele vídeo bruto temos quinze cortes de organização defensiva, ele desse quinze cortes de organização defensiva é capaz de, se calhar, só apresentar três ou quatro. Se calhar um pontapé baliza de forma curta, o outro de forma longa, e ter que espremer aquilo ao máximo dos máximos, chega a ser um bocado exaustivo. Mas sinto que nos dias de hoje, acho que o jogador também, e isso já é falado muito pelos treinadores, de um nível tão topo, e isto é a geração atual, a geração do TikTok, que querem coisas quase curtas, mesmo curtas e objetivas. E isso é o... Nos dias de hoje é quase isso. Curta e objetiva. nos dias de hoje é quase isso. É curto o objetivo. Porque o jogador é capaz de, de um momento para o outro, estar a

distrair-se. Depois também é que há outras questões, depende se o vídeo está animado ou não, com telestração, digamos assim. Sabemos que às vezes o jogador está a olhar, mas não está a ver. E pronto, isso serve mesmo também para ajudar.

9 - E na tua opinião, obviamente depende dos contextos, mas quem achas que deve ser aquele que apresenta o adversário?

Isso aí depende, isso aí depende sempre do que o treinador pretende. Já tive o treinador a apresentar tudo, ou seja, análise de equipa, bola parada, adversária, já tive o treinador a apresentar se calhar aquilo que é os momentos e depois se calhar a bola parada a ser o adjunto, porque tinha mais responsabilidade na bola parada Já tive, por exemplo, o treinador a ficar mais ao lado e a dizer okay, e o adjunto, por exemplo, começar a apresentar o adversário, o treinador estar ao lado e depois dizer aos jogadores nós vamos fazer isto, isto e isto. Depois, se calhar, haver outra pessoa que esteja mais a falar daquilo que é a bola parada. Mas pronto, isto aí já são gostos e já é ajustado dentro da equipa técnica. Daquilo que se pretende. E se calhar nos dias de hoje aquilo que tem mais incidido é o treinador ou o analista, mesmo assim, dentro daquela pessoa, que tem mais responsabilidade dentro da equipa técnica fazer esse tipo de trabalho. O treinador, pronto, já toca, já tem mais liberdade e já tem mais a cabeça fresca, digamos assim, para tocar noutras coisas naquilo que é a abordagem mais estratégica para o jogo, tendo em conta a mensagem para os jogadores estando ali no momento.

Sim, até nesse aspeto. Aquilo que eu penso é que, por exemplo, o analista é sempre aquele que vai mais à exaustão daquilo que é a análise do adversário, e é aquele que pode chegar a mais pormenores na apresentação do que o treinador principal.

Mas isso depois lá está. É aquilo que é a gestão da equipa técnica, por exemplo, já apanhei treinadores, em que queriam ser eles a fazer tudo. Por exemplo, neste momento posso dizer que sou eu a apresentar aquilo que é o adversário. E depois também, nós vamos falar durante a semana, mas também naquele momento, okay, eu dou toques daquilo que é o adversário, toques por assim dizer, daquilo que é o adversário e depois treinador naquele momento até pode também, com a ajuda do quadro tático, falar daquilo que é os posicionamentos da equipa e a ideia da equipa naquele momento.

10 - E passando para o processo de treino, consideras importante a presença desse treinador analista sempre no processo de treino?

Eu tenho cada vez mais uma opinião em relação a isso, isto neste caso daquilo que é a filmagem dos treinos e da presença desse elemento naquilo que é o treino. Se vem da equipa técnica, por exemplo, neste caso ela é tendo em conta não é um treinador analista, podemos assim chamar, mas no fundo no fundo é um treinador adjunto com funções de analista. Ou mas, por exemplo, eu cada vez mais penso na questão da filmagem nos treinos. Eu percebo aquilo que é a ótica do treinador, se acontece alguma coisa, se acontece alguma lesão, para estar registado e assim. O ideal é que todos os clubes terem sistemas de câmaras automáticas nos campos de treino, mas nem todos podem ter essa facilidade de investir. Mas agora, por exemplo, vamos supor uma estrutura, uma equipa técnica, em que tem poucos elementos, ou mesmo uma estrutura de um clube, em que tem poucos elementos, que, se calhar, só tem um analista a fazer esse tipo de trabalho, é assim, senão nós não vamos filmar todos os treinos, não vamos utilizar grande parte das filmagens nos treinos. Eu acho que aí já tem que haver uma maior organização e tentarmos ver onde é que nós podemos, então, tirar o máximo de rendimento daquilo que é essa pessoa. Porque muitas vezes o que acontece, por exemplo, a pessoa que está a fazer esse tipo de trabalho, está a filmar o treino e se calhar aquilo que ele está a fazer, está a ser, peço desculpa o termo mas uma perda de tempo, porque se calhar esse treino não vai ser utilizado. Ou porque se calhar esse treino é o primeiro treino da semana e que se calhar quase conteúdo tático nenhum. Porque quem está esse treino e se calhar não vai ter conteúdo, sumo nenhum, porque está nesse treino é quem não jogou mais de 60 minutos, quem não foi convocado e assim. E estamos a tirar tempo de trabalho a uma pessoa que podia estar se calhar a ver mais um jogo, acabar se calhar uma análise, ou o que quer que seja, a poder chegar a mais coisas. É aí por isso que eu falo, tem que haver uma gestão, porque por exemplo, eu já tive treinadores a pedirem-me se calhar, naquele dia filma-me só este exercício. Eu só ia, fazia ali as contas do tempo do treino e se calhar só ia para aquele exercício e depois ia embora. Ou se calhar, por exemplo, se queremos mais tendo em conta aquilo que é o padrão, okay há dois dias da semana, dentro do microciclo padrão, dois, três dias da semana, que se calhar igualam mais a parte mais de organização, que é o -2, ou o -3, que o -1 já ali tocas nas bolas paradas, então já não vais alterar grande coisa porque

é um dia antes do jogo. Por isso é que eu falo nessa, haver essa maior gestão dentro da estrutura de equipa técnica daquilo que é a rentabilização do tempo de uma pessoa e a rentabilização do trabalho.

Anexo 9 – Transcrição do Treinador Analista A8 – Contexto Liga 3

1 - Aqui a primeira, de uma forma mais geral, tem a ver, na tua opinião, a importância que deve ser atribuída a um departamento de análise e ao treinador analista, num contexto que atualmente estás inserindo, que é no contexto da Liga 3. Que importância é que, na tua opinião, deve ser atribuída a esse departamento?

Okay, então, com a informação que atualmente já está disponível para trabalhar nestes contextos, acho que é bastante importante, até porque as equipas, muitas equipas vão apresentando várias variantes com o decorrer dos jogos, dos adversários, mesmo dos próprios campos, ou seja, quando vão jogar fora ou em casa, mesmo há campos com diferentes dimensões, isso tudo influencia o que pode ser a forma de jogar do adversário, algumas variantes que queiram pôr no seu jogo. As equipas também não são muitas as que têm um onze padrão definido e, portanto, é muito importante fazer a análise dos jogadores, conhecer os jogadores, quais as suas características, o que é que eles podem aportar à equipa e que, consoante as suas características, o que é que eles podem aportar à equipa e consoantes as suas características, qual é que é a forma que a equipa vai se apresentar perante essa conjugação das características de certos jogadores. Portanto é, uma importância muito grande a parte da análise, da análise ao adversário, também da análise individual. E basicamente é isso.

Consideras importante a presença de um departamento dentro do clube ligado a isso?

Sim, considero, ou seja, quanto mais pessoas ou o foco seja maior nesse trabalho para ter mais e para recolher o máximo de informação possível sobre o adversário, melhor, apesar de no meu contexto isso não existir.

Sim, até não existem muitos contextos em que tenham muito esses departamentos, acredito.

Exatamente. Basicamente o que existe é ou existe o analista, ou existem dois analistas, um do clube e depois o que está na equipa técnica, ou então um ou dois que já estão englobados na equipa técnica.

2 e 2.1 - E de forma mais específica, na tua opinião, passando para a análise daquilo que vai ser o próximo adversário, que aspetos é que tu consideras importante ter em conta sempre?

Okay, então, é muito importante identificar tendências e equações naquilo que é a forma de jogar do adversário em todos os momentos do jogo, incluindo as bolas paradas. Tentar caracterizar, com o máximo, pormenor, essa forma de jogar. Aquilo que eu também falava há pouco, das diferentes variantes que podem ter em função das características dos jogadores e depois também, para além disso, é muito importante ter um conhecimento muito grande da nossa forma de jogar, também das características dos nossos jogadores para que se possa fazer um match e na identificação que fazemos das debilidades do adversário e das suas forças, encontrar formas de poder contrariar ou explorar essas situações, porque não faz sentido identificarmos no adversário o espaço na profundidade, quando depois na nossa equipa não temos ninguém para explorar esse espaço na profundidade. Portanto, é muito importante andar aqui na identificação da forma de jogar do adversário, mas olhando sempre para aquilo que é a nossa equipa.

5 - E dão importância também, falando do teu contexto, àquilo que é os cortes individuais dos adversários, ou seja, darem aos vossos jogadores alguma informação sobre aquele adversário que eles poderão apanhar no próximo jogo, algumas informações em vídeo ou em relatório, funcionam com isso ou não dão tanta importância?

Sim, nós fazemos análise individual de todos os jogadores que estão disponíveis dentro do plantel, mesmo aqueles que são menos utilizados. Há jogadores que não temos informação, não temos forma de ter informação, mas os que temos, o que fazemos é uma análise individual escrita para a equipa técnica e depois para os jogadores. Enviamos os vídeos de cada jogador, das suas principais características, com pontos fortes e pontos menos fortes dos jogadores, para que eles também tenham uma ideia daquilo que vão encontrar pela frente. Sendo que a visualização desses mesmos vídeos é de carácter opcional e não é obrigatório.

3 - E passando agora para a parte da própria equipa, imaginando um microciclo de domingo a domingo, ou domingo a sábado, no primeiro treino a seguir ao jogo, vocês consideram importante apresentarem um vídeo de uma análise do jogo que passou, ou mesmo só para a equipa técnica, terem alguma informação sobre isso?

Sim, nós fazemos sempre o vídeo de análise coletiva. Normalmente, nós treinamos ao dia a seguir ao jogo, depois temos a folga e depois no primeiro treino da semana, já do jogo seguinte, apresentamos o vídeo, daquilo que... Com as situações que estavam traçadas no plano de jogo, das situações que foram bem-sucedidas e daquilo que não

fizemos tão bem e que... E que temos que corrigir e trabalhar sobre isso durante esta semana. Tendo em conta também o próximo jogo. Para além dessa análise coletiva que é feita em conjunto, temos também alguns cortes individuais ou mesmo coletivos que depois fazemos chegar aos jogadores através de outras vias.

4 - Pois é, era essa também a minha outra pergunta, se também ia fazer alguma coisa individual ou sectorial.

Por vezes, também vamos aproveitando, ou seja, não fazendo chegar logo aos jogadores a seguir ao jogo, vamos juntando algumas algumas situações com situações que já identificámos que está a ser um padrão naquele jogador. Seja de potenciação ou de uma correção. E depois chamamos, reunimos e falamos sobre aquilo que está a acontecer.

2.2 - E tanto da própria equipa como também do adversário, consideras que a presença de alguma análise estatística é relevante?

Sim, eu acho que sim. A análise estatística eu vejo sempre como um suporte àquilo que é a análise qualitativa, porque pode-nos ajudar a comprovar alguns dados. Nós fazemos uma recolha um pouco geral daquilo que é os dados estatísticos do adversário, tendo em conta também aquilo que é a nossa capacidade de trabalho, cingirmos só aos dados que conseguimos recolher, tratar e apresentar. Ou seja, esses dados também são importantes para depois fazermos a comparação se realmente daquilo que nós identificámos e analisámos está de acordo com esses dados que também recolhemos.

6 - Passando para o jogador em si, e falavas há bocado, vocês apresentam alguns cortes individuais, sectoriais, na tua opinião, que importância é que eles atribuem no teu contexto, tanto à análise da própria equipa ou à análise do adversário? Sentes que dão primazia a alguma análise? Por exemplo, dão primazia à análise quando é da própria equipa em que se veem eles a jogar ou que também dão mais primazia quando veem o adversário que vão apanhar.

Nós, por acaso, cerca de meio da época, ali em Janeiro, lançámos um inquérito aos nossos jogadores para recolher algumas informações sobre essa opinião deles, sobre também os vídeos que eles vão tendo, e a maior parte dos jogadores indicou-nos que o mais importante para eles é a análise à própria equipa, ou seja, o foco neles, no que eles têm que melhorar na nossa equipa, na nossa forma de jogar, mas também sempre atentos e preocupados com aquilo que é o adversário e também com os vídeos individuais. Não tenho agora aqui os dados de core na cabeça, mas por exemplo cerca de 85% a 90% dos jogadores vê os vídeos individuais e vê os vídeos coletivos.

Passando agora aqui mais para aquilo que é a semana, e mais da experiência que tu tens tido deste contexto e também de outros contextos anteriores. Na tua opinião, como é que... Claro que isto depende, não há receitas certas, mas qual é a melhor forma de inserir este tema da análise? Ao longo de um microciclo, por exemplo, quatro sessões de treino, como estávamos a falar há bocado, de domingo a domingo, com a folga ali a seguir ao jogo e agora vamos preparando, fazendo a análise do nosso jogo anterior, e preparando o próximo adversário, como é que deve ser inserida, ao longo desta semana, a parte da análise do jogo anterior, do próximo adversário, quantos dias é que utilizam para apresentar o próximo adversário aos Jogadores? Okay, então, como eu disse há pouco, normalmente, na minha ótica, parece-me mais ajustado, o vídeo do último jogo, no primeiro treino da semana, para ficar um assunto fechado e depois também se poder trabalhar trabalhar sobre isso. Depois a nossa forma de trabalhar e apresentar as coisas é, dois dias antes, apresentamos a análise coletiva do adversário, dos quatro momentos do jogo e depois no dia anterior ao jogo apresentamos as bolas paradas. Também já trabalhámos com... Ou seja, no dia -2, vamos trabalhar a parte defensiva. Apresentamos o vídeo da organização ofensiva do adversário com a sua transição defensiva e a bola parada ofensiva. E depois vamos trabalhar sobre isso no treino e no dia a seguir o inverso. Já trabalhamos sobre essas duas formas, parece-me que a que fazemos atualmente, no dia -2, toda a análise coletiva e no dia antes do jogo, a bola parada, até ao momento, dentro das formas que já trabalhámos, parece-me a mais ajustada.

8 - Okay, é na tua opinião, qual é que é a melhor forma de se transmitir isso aos jogadores é sempre através do vídeo?

Não sei se é a melhor forma, mas é uma ferramenta imprescindível que podem lhes passar essas informações, ou seja, o vídeo os jogadores estão a ver, nós podemos falar, mas eles ali estão a ver, são eles que estão a ver, eles identificam também, além do que depois é partilhado para depois também nos auxiliar depois naquilo que é o trabalho de campo.

9 - Em relação à apresentação dos vídeos, na tua opinião, na tua perspetiva, quem é que deve ser o responsável por apresentar o vídeo? Consideras que deve ser o treinador principal ou deve ser quem está mais dentro do adversário, da análise, por exemplo, um treinador adjunto ou o treinador analista neste caso?

Eu acho que isso vai depender muito de cada equipa técnica e de cada treinador principal, eu acho que o mais importante é, desde que a informação seja passada com clareza, e de forma assertiva, penso que não vejo que por ser o treinador principal ou

um treinador adjunto, vai influenciar aquilo que é a perspetiva dos jogadores. Porque mesmo sendo um treinador adjunto que está um mais abaixo na hierarquia, como treinador principal, e isso até pode criar alguma dúvida, entre aspas, alguma incerteza dos jogadores. Mas depois se essa informação for partilhada ou a comunicação for feita de forma natural, assertiva e com clareza, acho que não é por aí. Nós, no meu contexto, o treinador principal passa a análise do coletivo do adversário, o treinador adjunto é o responsável pela bola parada, faz a apresentação do vídeo da bola parada. A informação passa, as coisas ficam claras. Depois, por exemplo, vamos para o campo. Depois quando é para pegar, se quisermos fazer trabalho estratégico com uma das equipas, a fazer mais de adversário, eu estou mais responsável por essa área, chego junto deles, peço-lhes as tarefas que eles têm de fazer e eles respondem. E isso é que é o mais importante.

10 - E também aí já tocaste um bocadinho da próxima pergunta, que até é a última pergunta. Na tua opinião, qual é que é a importância que deve ser atribuída ao facto do treinador analista estar presente no treino? Porque existem contextos em que o treinador analista está só lá em cima a filmar o treino e outros contextos em que sentem que é importante ele também estar dentro do campo, no exercício, nesse caso mais no estratégico, ele estar lá dentro a orientar algumas situações?

Para mim é muito importante porque, não diria fundamental, mas é muito importante porque provavelmente é a pessoa que tem mais conhecimento sobre aquilo que é um adversário e fazendo um trabalho de estratégia mais específica, em que se colocarmos uma equipa claramente a fazer os comportamentos do adversário, na minha opinião, deve ser esse o treinador que deve ficar responsável por passar esses comportamentos a essa equipa. ou seja, estou a olhar para aqui como um dez contra dez, mesmo não sendo um dez contra dez, sendo um comportamento de uma linha defensiva, ou de uma primeira linha de pressão com uma linha média, deve ser essa a pessoa que tem o maior conhecimento, às vezes, ali de um comportamento que é um pormenor, mas é o que depois vai fazer toda a diferença, para encontrar um espaço ou para fechar um espaço. E penso que por aí é muito importante. Para além de conseguir dar o auxílio ao treinador principal de olha, o espaço é mais aquele ou o espaço é mais o outro, está a acontecer aquele comportamento e não o outro e o espaço muda. Depois pode ajudá-lo e auxiliá-lo nesse sentido. Perante aquilo que também é o plano de jogo de traçado. e o que está perspetivado para explorar ou fechar sobre o adversário.

Okay, era esta a última. Até foi rápido, obrigado pela opinião.

Anexo 10 – Transcrição do Treinador Analista A9 – Contexto Liga 3

1 - Primeiro passa por perceber na tua opinião, neste contexto da Liga 3, podes também falar de outros contextos, mas neste contexto da Liga 3, que importância é que achas que deve ser atribuída à presença de um departamento de análise na estrutura do clube e também ao treinador analista?

Sim, eu acho que é de extrema importância. No ano passado ainda era jogador, consegui este ano estar a trabalhar para a parte da equipa técnica, e tanto de um lado como do outro, vejo muita importância para o trabalho que é feito de análise das equipas adversárias e também da análise da nossa própria equipa. Isto para preparar o jogador para o contexto que vai aparecer e vai encontrar no fim de semana. Para estar mais preparado para as diversas variantes que vai encontrar. Relativamente, ao um processo de treino, é totalmente diferente. Nós realizamos o nosso planeamento no nosso microciclo com nenhuma informação daquilo que é as equipas adversários ou tendo esse mesmo conhecimento daquilo que possamos encontrar dentro depois de alguns fatores que possam ser alterados para preparar a equipa, tanto das dinâmicas ofensivas como defensivas, para aquilo que vamos encontrar.

2 e 2.1 - Partindo de forma mais específica, para aquilo que é a importância que vocês assumem à análise do próximo adversário, que aspetos vocês consideram importantes a ter em conta e como é que vocês fazem essa análise, tendo em conta os meios e as ferramentas que têm?

Aquilo que nós tentamos e eu tento fazer é analisar três jogos das equipas adversárias, que nós vamos encontrar. Esses três jogos podem ser os três últimos ou não, consoante também as equipas que eles próprios estão a defrontar e a forma como as equipas se organizam se têm mais semelhanças ou não com a nossa. Faço um pequeno relatório escrito daquilo que observo. Esse relatório é dado à equipa técnica para preparar a parte do microciclo. E depois, acabo por organizar um pequeno excerto de vídeo com os diversos cortes para ser apresentado à própria equipa, entre segunda a terça-feira, no início da semana, para que depois, quando é realizado o processo de treino, eles também já perceberem o porquê de estar a ser feito uma determinada coisa, o porquê de estar a ser pedido um determinado comportamento para depois estarem logo enquadrados com aquilo que vão encontrar depois no fim de semana. Que aspectos é que eu tento ter mais em consideração quando estou a observar? Nós dividimos a análise da equipa adversária em dois grandes blocos, a parte da organização ofensiva e a parte da organização defensiva. Na parte da organização defensiva, acabo por focar

principalmente no bloco alto, bloco médio e bloco baixo. No bloco alto, a referência principal à pressão na saída de bola do Pontapé de Baliza e aos momentos de pressão da própria equipa e da forma como se organizam naquele primeiro trecho ofensivo. No bloco médio, igualmente como é que eles acabam por tentar fechar determinadas linhas de passo e onde é que definem os momentos de pressão e que espaços é que podem deixar livres quando saem nesses mesmos momentos de pressão. E no bloco baixo, tentar perceber quais são os principais espaços que podemos explorar. se acabam por deixar espaço, por exemplo, nas costas dos laterais, se deixam algum espaço entre linhas, se deixam algum espaço entre centrais e onde é que nós podemos explorar para conseguirmos criar mais algum perigo. No processo ofensivo, tento principalmente também da parte da construção, criação e finalização. Dividimos nestas três fases. Na parte da construção, a saída de bola, o pontapé de baliza, verificar quais são as principais tendências que acabam por realizar. Construção, verificar como é que acabam por fazer a primeira fase de construção, se envolvem muita gente naquela primeira fase, se envolvem pouca. Posição dos laterais ou alas, se estão mais projetados, se estão mais baixos. Vai influenciar também depois se nós saltamos logo os nossos alas ou não. E passando depois, ainda na parte da construção, se há ligação pelos médios, muito pela ligação pelos médios, ou se tentam ligar logo um bocadinho mais à frente e isto já faz depois a parte da passagem para a criação. Quais é que são os espaços que eles tentam explorar, da parte da construção para a parte da criação. Por onde é que gostam mais de sair? Se gostam mais de sair pelas linhas laterais, se gostam de sair em apoio pelos médios centros ou se tentam jogar mais profundo nos apoios frontais na linha avançada? Na parte da criação, quais é que são as principais dinâmicas que se repetem naqueles últimos 3 jogos e que é observável. Se metem mais as aulas por dentro, se mais por fora, os movimentos dos extremos mais interiores ou mais de profundidade, assim como nos avançados. E na parte da finalização, quais são as zonas que acabam por ocupar, tanto em momentos de cruzamento, como em alguns movimentos mais específicos, dos pontas de lança que possam ter. Depois, aqui nesta parte da finalização, acabo por também vai tentar fazer ali um pequeno excerto para passar para o treinador de guarda-redes, de o que é que eles podem tentar encontrar e adaptar também ao longo do treino. Se têm que fazer mais o controle da profundidade, se têm que dar mais atenção aos remates exteriores ou mais cruzamentos para determinadas zonas do terreno, para eles também organizarem o microciclo deles.

2.2 - Okay, e dão alguma importância àquilo que é a análise estatística do adversário?

Relativamente à análise estatística, as únicas coisas que acabo por observar mais é a parte de bolas paradas, esquemas táticos ofensivos e defensivos, verificar onde é que são colocadas as bolas, onde é que têm criado mais perigos aos adversários e a parte da finalização, de onde é que acabam por existir mais perigo relativamente aos momentos de finalização. Nas restantes análises estatísticas, eu não tenho tempo para me debruçar tanto sobre isso e daí dou mais relevância a essa mesma parte.

3 - Okay, uma pergunta em relação à análise da própria equipa, só para perceber. Tu disseste que não tinhas muito tempo para estar a fazer a análise, a seguir ao jogo, fazer um vídeo, algo do género. Mas vocês dão alguma importância dentro da equipa técnica? Têm elementos que fazem essa análise dentro da vossa equipa técnica?

O que acabamos por fazer é... Eu em todos os jogos, e outro colega que está lá a estagiar, acabamos por filmar todos os jogos, nossos jogos, e o treinador ou o treinador adjunto acaba por visualizar esse mesmo jogo e depois dar algum tipo de feedback à própria equipa. Mas não é algo muito...A informação que transmitimos à equipa não é algo muito objetivo, propriamente dito. Para nós, a nível do planeamento, acabamos de dar alguma importância para corrigir pequenos aspectos que foram mais relevantes e depois para tentarmos melhorar no próximo jogo, também tendo em conta aquilo que vamos encontrar, mas essa informação não é transmitida de forma objetiva aos próprios jogadores. Vamos introduzindo na parte do microciclo, mas não de forma assim objetiva e estamos ali a mostrar, olha, fizeste isto mal, temos que melhorar aqui, melhorar ali, é algo que nós damos alguma importância numa observação mais empírica, de eles estarem simplesmente ouvir a ideia do jogo e de tirarem algumas dúvidas da perceção que ficaram no próprio jogo, mas não há um trabalho tão extensivo como da análise das equipas adversárias.

4 e 5 - Okay, e mais em relação à análise individual, vocês realizam alguma análise individual daquilo que são os jogadores adversários que vão apanhar ou mesmo depois de uma análise individual do vosso jogo, para os vossos jogadores também, realizar alguns cortes que eles depois verem, tendo em conta esses dois aspectos?

Eu, aquilo que tento fazer relativamente às equipas adversárias, é quando estou a fazer esta análise sectorial e das equipas dos diversos momentos do jogo, focar ao longo da apresentação, determinados jogadores-chaves e que movimentos-chaves que eles acabam por fazer. E aí é feita essa... não de todos, mas de alguns elementos-chave que temos que ter em atenção em determinadas dinâmicas das equipas adversárias.

Relativamente à nossa própria equipa, não... Foi como te disse, acabamos por não os realizar. Já fiz uma ou duas vezes, a pedido do treinador, o que me pediu, de forma específica, fazer cortes de um jogador para lhe mostrarmos. Também já fiz uma vez ou duas que os próprios jogadores que me solicitaram, olha, eu queria ver aqui isto assim assim., mas de forma regular não acontece.

Mas individualmente dos adversários é mais, como tu disseste, só daqueles... apresentar aqueles dois jogadores-chave, não é?

De forma individual não, eu faço uma apresentação que é cerca de dez minutos, mais coisa menos coisa da equipa adversária e ao longo da apresentação foco dois ou três jogadores que são importantes, temos em consideração, dentro da dinâmica coletiva. E claro que depois pode haver um ou outro que seja importante a nível individual e que também faça ali algum pequeno destaque. Agora, fazer os cortes e enviar para os jogadores, acabamos por não o realizar.

6 - Okay, eu também tenho feito esta pergunta a todos os analistas que tenho feito as entrevistas, que importância é que tu achas, na tua opinião, os jogadores atribuem ao processo da análise do jogo do adversário?

É assim, aquilo que eu perguntei no ano passado e também de conversas informais que acabei por já ter este ano, também para ter algum feedback daquilo que estou a fazer. Acho que cada vez mais o jogador percebe mais o jogo, percebe mais o futebol e preocupa-se mais em tentar perceber o que vai acontecer. Se há uns anos, quando eu comecei a jogar, nós queríamos era preocupar-nos connosco e jogar, cada vez mais o jogador percebe melhor o jogo e ao perceber melhor o jogo também quer ter mais informação daquilo que vai encontrar, para tentarem adaptar as suas ações para aquilo que vão encontrar, e isso fica patente nas diversas que existem depois da apresentação. Tendo em conta isto, acho que eles cada vez dão mais ênfase ao conhecimento daquilo que vão tentar encontrar no momento do jogo para também conseguirem adequar as suas opções para aquilo que vão encontrar. Isto fica patente quando, depois da nossa análise e quando eles estão no processo de treino, quando não conseguem perceber algo daquilo que está a pedir no processo de treino, tendo em conta aquilo que viram, acabam por procurar esclarecer as suas dúvidas.

7 - Okay, e aqui, passando para aquilo que é um microciclo mais relacionado com a análise, ou seja, um jogo de domingo a domingo, qual é que é, para ti, a experiência que tens tido, a melhor forma de inserir este tema da análise ao longo do microciclo para a preparação de um jogo?

Sim, aquilo que nós tentamos fazer é, por exemplo, logo daquela semana, ou na segunda ou na terça-feira, consoante também se a equipa adversária se jogou no domingo ou se jogou no sábado, tentamos fazer logo essa mesma apresentação para eles. Depois dessa apresentação deixo também o relatório escrito que dou para a equipa da técnica, acaba por afixar lá no balneário, para eles também poderem esclarecer alguma coisa. No processo de treino em si, acabamos por começar a introduzir essas mesmas temáticas de uma forma mais sectorial nos dois primeiros treinos, tanto ao nível de dinâmicas ofensivas como defensivas, e, depois, na quinta-feira, tentamos recriar, ali numa parte do treino, o jogo que vamos encontrar e tentar explicar o que é que nós pretendemos deles para contrariar aquilo que a outra equipa faz e para potenciarmos os determinados aspetos que pretendemos. Para na quinta-feira juntar aquilo que fizemos nos outros dois treinos antes a nível sectorial. Na sexta-feira, quando ainda é necessário, podemos ainda fazer ali algum treino mais tático. Em que chamamos algum determinado setor para aferir determinadas situações que não ficaram bem explícitas ou que queremos ainda alterar ali, afinar ali ainda alguma coisa, relativamente àquilo também observamos na quinta-feira. Por vezes o treino de quinta-feira, nessa parte mais geral, acaba por também ser filmado para que o treinador acabe por ter uma ideia de se está a ser cumprido ou não o que é pretendido.

No final da semana também realizam algum vídeo de análise das bolas paradas do adversário?

Vídeo de análise das bolas paradas, incutimos logo nos primeiros dias. As bolas paradas, acabamos por trabalhá-las na sexta-feira, de forma mais mais analítica, ou fazemos depois uma parte no final, só dessas mesmas bolas paradas. Mas a apresentação aos jogadores é feita também juntamente com a minha análise. Ok.

E quando tu dizes nos primeiros dias, é aquilo que é o -4, -5, depende, certo?

Exatamente, exatamente, sim sim sim.

8 - E para ti, qual é que é a melhor forma de transmitir esta informação da análise do jogo do adversário ou da própria equipa, aos jogadores e à equipa, sempre através do vídeo, a melhor forma?

Sim, eu acho que para jogador em si, mais do que palavras, eles gostam e entendem mais com a visualização. E mesmo no próprio vídeo, eu tento destacar sempre com imagens, com esquemas, para tentar ser mais explícito e mais perceptível também, mesmo para eles. Não um vídeo muito longo, sou da opinião, de que tudo que for ali

mais de 10 minutos, eles acabam de começar a dispersar. Algo mais objetivo, mais curto e com as imagens para ficar ali aquela imagem visual daquilo que está a ser transmitido.

9 - Okay, não sei como é que é no teu contexto, mas na tua opinião, quem é que achas que consideras que deve ser o apresentador do vídeo?

Quem faz essa mesma apresentação sou eu, que sou o analista. Até porque naquele momento sou eu que tenho mais conhecimento, relativamente à equipa adversária, que é a que vamos encontrar e que consegue transmitir da melhor forma. Depois, no dia do jogo, o treinador acaba por ir buscar esses vídeos que eu tenho, ou recolher aquilo que acha mais pertinente, para lembrar e para fazer essa mesma palestra para o jogo. Mas, numa primeira análise, acho que é mais importante ser o próprio analista a fazer.

Pois é que isto tem sido um bocadinho divergente algumas entrevistas, alguns são os treinadores principais, mas aquilo que é mais comum eles dizerem que, na opinião deles, deve ser o treinador analista, como tu disseste, porque é o que está mais dentro daquilo que é o adversário, mesmo aqueles pormenores, está mais dentro do que mesmo o próprio treinador principal.

10 - Uma última pergunta. Que importância é que tu consideras na presença do treinador analista no processo de treino?

Aquilo que acontece é que nós no nosso processo de treino, eu estou sempre presente nesse mesmo processo. Ou em alguns exercícios, ser eu próprio a dinamizar, quando temos algumas dinâmicas setoriais. E acho que é importante mesmo por isso, há determinadas situações que nós queremos replicar, que queremos trabalhar, que eu tenho mais conhecimento relativamente a isso e o nosso treinador acaba por dar essa mesma liberdade e autonomia também para poder intervir. Numa dinâmica de treino conjunto, acabo por também ter uma grande intervenção, principalmente na equipa, que está a tentar recriar algumas dinâmicas para potenciar alguns comportamentos na equipa adversária ou mesmo durante o próprio treino, vou de forma individual falando com determinados jogadores para os alterar de determinadas situações que possam ocorrer no jogo.

Anexo 11 – Transcrição do Treinador Analista A10 – Contexto Liga 3

1 - Portanto, primeiramente, é mais sobre a importância que tu consideras que deve ser dada a um departamento de análise, da observação e análise do jogo e também ao analista no teu contexto? Neste caso, no contexto em que estás agora, no contexto da Liga de 3.

Okay, acho que hoje em dia, escusado será a dizer, a importância que a análise tem não é. Também puxando aqui um bocadinho a cacete atrás, eu já estou ali num contexto de sénior. Eu entrei ali na SAD já há 3 anos, eu estava na formação, tive a tirar o nível 2 do Estoril, na formação e tu aqui queres associar tudo mais ao contexto profissional, exato?

Sim, sim, sim. Sim, sim, profissional, sim.

Pronto, não tem nada a ver o contexto de formação com o profissional, neste caso eu considero que nós temos uma estrutura muito profissional e tu estiveste lá e sabes mais ou menos. Eu acho que hoje em dia, a escusado será dizer a importância que tem um departamento, ou no meu caso, neste momento sou eu sozinho, ali no trabalho da análise. Eu acho que é completamente fundamental e hoje em dia acho que não há nenhuma equipa minimamente profissional ou com uma estrutura que queira realmente atingir grandes objetivos que não tenha uma estrutura com um departamento ou com pessoas a trabalhar ao nível da análise. Mas respondendo concretamente à tua pergunta, é muito importante haver uma pessoa por trás desse processo de análise, porque nós sabemos e cada vez mais que o nível fica mais exigente, cada vez mais são as pessoas que existem, mas essas pessoas também têm as suas posições bem vincadas. O adjunto no planeamento, o principal no planeamento, o preparador físico mais na parte física e no contexto mais amador é fazer um pouquinho de tudo. E quando chegamos aqui mais a um contexto em que as posições e as tarefas estão bem definidas, eu acho que o analista tem que ter esse papel e é fundamental. Respondendo, acho que dá para perceber.

2 e 2.1 - Sim, dá para perceber perfeitamente. E agora pegando mais especificamente na parte da análise, passando primeiro para a parte da análise do próximo adversário, daquilo que vamos encontrar na semana a seguir, que

aspectos é que tu... Primeiro, que importância é que tu assumes a isso e que aspectos é que tu consideras mais importantes ter em conta ao longo dessa análise.

Então, só para te dar aqui também uma ideia de como é que nós estamos a trabalhar aqui neste momento. Eu já apanhei vários treinadores completamente diferentes. Não sei se já ouviste falar ou se conheces o Tony Pereira, aquele homem mais da velha guarda, Campeonato de Portugal. Típico campeonato de Portugal em que tu mostras ali uma análise com edição e ele diz-te nos comentários, porra, está aí muito desenho, pá, o que é que é isso? Enquanto apanhei o Alexandre Santos a pedir uma edição a torto e a direito e depois, epá, tens que encontrar aqui um balanço, às vezes, também, daquilo que é a pessoa que lidera e acho que vai ser sempre a pessoa que lidera que nós temos que nos adaptar. Em relação ao adversário, neste momento, eu com o Leandro, que é o treinador atual, estou só focado no adversário. Mas já aconteceu, por exemplo, estar também focado na própria equipa e no adversário e aí eu nem tinha tempo, se calhar, às vezes para dormir, como deves calcular. E agora neste momento no adversário, principais aspectos que eu acho relevantes ou que eu considero. Normalmente, quando consigo ter uma semana tipo domingo a domingo, que é o melhor, ou sábado e depois domingo, ganho um dia, e parecendo que não faz muita diferença, aspectos relevantes, epá tendo em conta, eu considero normalmente sempre 3 a 5 jogos. 3 no mínimo eu vejo sempre. Imagina que vamos jogar, por exemplo, com o Sporting B. Equipa de miúdos, com muita qualidade. Imagina que os últimos três jogos do Sporting foram com as três últimas equipas da tabela. Se calhar aí vejo os dois últimos e depois tento ver ali se calhar um Sporting Belenenses, um Sporting Leiria. Se um adversário ao nosso nível, mas se entre Belenenses e Leiria, se eu vir que o Leiria, se calhar aproxima-se mais do nosso modelo de jogo procure ver mais se calhar o Leiria. Ou seja, tenho um bocado em consideração esses aspectos. Respondendo mais concretamente à tua pergunta. Depois é aquilo que todos nós sabemos e tu estás no meio também já muito bom. Os 4 momentos de jogo. Os 4 momentos de jogo. Esquemas táticos. E isso se faz sempre com o Nelson. Não sei se sabes quem é o Nelson. É uma figura que já está a muito tempo no Alverca. O Nelson, neste momento, é o responsável das bolas paradas da própria equipa. E normalmente, nós vemos sempre, também, depois já da minha análise dos momentos de jogo feita, vemos sempre também ali as bolas paradas os dois, porque ele tem já aquilo que são os comportamentos padrões da nossa equipa, quer ofensivos, quer defensivos. e depois tentamos ali os dois conjugar aquilo que são as fraquezas. Imagina, sei lá, Sporting B tem o gajo mais baixo ao segundo posto ou não deixam ninguém à entrada da área. Depois a partir daí, se calhar tentamos adaptar ou criar ali

algun contexto que possa proporcionar, explorar isso. Agora, é aquilo, os quatro momentos de jogo, partindo depois aquilo que é início sempre, posicionamento inicial no pontapé de baliza. É um ponto de partida sempre. E depois é de trás para a frente. Primeira fase, primeira mais segunda, chegada à criação. E zonas de finalização ou chegada à finalização. E o que é que eu procuro? Já tive treinadores que me pediam 12 minutos de vídeo. Já tive treinadores que me pediam 3 minutos de vídeo com tudo. Com tudo. Já tive treinadores que faz à vontade, é como tu quiseres. E neste momento o Leandro gosta da repetição. Ele gosta da repetição, ou seja, vídeos que mostra uma vez isto, mas outro jogo, ok, isso aconteceu no outro jogo, mete também. Ou seja, ele gosta que os jogadores vejam muitas vezes aquilo a acontecer. Portanto, imagina, a primeira fase de construção do Leiria, saem a 3, em alguns momentos, baixa o médio, epá se eu conseguir encontrar isso nos últimos três jogos, ele quer à partida que eu meta, três momentos desses nos últimos três jogos, tipo, para os jogadores ficarem com essa ideia bem vincada. Mas pronto, organização ofensiva, são esses aspetos, de trás para a frente. Depois, obviamente, que é o número de jogadores na construção, se envolvem mais por dentro, se envolvem mais por fora, zonas de cruzamento, zonas de finalização, depois o próprio equilíbrio deles, mas aí já entramos mais na transição. Transição defensiva, no momento da transição, que perdem a bola. Se perdem a bola, meio campo ofensivo ou meio campo defensivo. O tipo de reação. Se reagem rapidamente à perda ou se procurem uma transição mais indireta e procuram reagrupar e depois pode ser um ou dois ali ao portador da bola. Organização defensiva, é precisamente o contrário da ofensiva. É desde a pressão alta até um bloco mais médio-baixo, defesa da baliza ou defesa do cruzamento, várias nomenclaturas que podemos dizer. Pois aí é, é tentar identificar as zonas de pressão, os espaços que eles possam deixar. Se bem que os espaços, eu sou muito... não direi crítico, mas não sei se concordas comigo. Pedir também aqui a tua opinião, porque pode ser interessante, que é... Nós muitas vezes identificamos os espaços nas outras equipas. Mas esses espaços muitas vezes não têm os jogadores das outras equipas. E então, okay, são espaços mortos. Se eu pedir a um jogador, se calhar aquele espaço está morto. Tu, se tiveres a iniciativa, vais pensar sempre mais rápido com o adversário e podes chegar lá primeiro. Mas muitas vezes esses espaços estão mortos porque não há jogadores adversários. E isto é uma discussão que eu tenho vindo a ter ao longo do tempo. E para mim um espaço considerado mesmo livre é, imagina, a linha defensiva parte de central e lateral, há aí um gajo que entra sozinho em rutura. Isso para mim é realmente um espaço livre e que, okay, temos que identificar mesmo esse espaço porque nenhum homem acompanha. Agora, o espaço livre, se, okay, existe esse espaço, mas se nenhum homem está lá a ocupar, para mim é um bocado 50-50. Não sei se estás a perceber

assim. Eu penso muito desta forma. Porque eu vejo muita malta, ali um espaço entre linhas e tal. Mas ele não tem lá homem, quem é que vai receber aquela bola lá? É uma discussão que eu tenho tido há algum tempo, alguns concordam, outros não. Mas olha, um bocado é a minha ideia.

No fundo, pode fazer mais sentido, no fundo, okay, é um espaço entre linhas, mas tu vais analisar, estás a analisar defensivamente essa equipa e tu vês que um adversário qualquer explorou esse espaço entre linhas, sempre com apoio, ou um avançado, ou um segundo avançado, sempre a procurar esse espaço. E aí sim o espaço estava sempre a ser criado.

Exato. Imagina que tens um extremo ali entre linhas, que descola do central ou ali do lateral e que vem procurar mais espaço interior. Ninguém acompanhou. Isso para mim é espaço livre. Agora, o central ter a bola, o teu extremo está colado na linha defensiva. Okay, realmente esse espaço pode existir, mas eu tenho a certeza que se ele sair e o adversário acompanhar, já não se trata de um espaço mesmo livre. Eu vejo um bocado desta forma. Mas defensivamente é um bocado isso, de uma forma muito básica, partimos desde aquilo que é pressão ao pontapé de baliza até a um bloco mais médio, baixo, defesa da baliza também. No que diz respeito à transição ofensiva, principalmente aquilo que é a intenção deles, eu guio-me muito por aquilo que é a intenção. Se eles procuram uma saída mais rápida, se procuram uma manutenção da posse de bola, jogadores-chave em transição, por exemplo, se jogarmos agora contra o Belenenses, não sei se tu acompanhas muito a Liga 3 ou não, eles têm um avançado que é o Clé, que é muito bom jogador e é dos principais jogadores do Belenenses. E a transição ofensiva deles, 99% das bolas é ataque à profundidade do Clé. Então, é tentar identificar Jogadores-chave, intenções da própria equipa. E depois é muito também... Eu sou-te sincero, eu não tenho uma grelha, porque há malta que usa uma grelha do tipo, transição ofensiva, faz isto? Sim? Não? Sim? Não? Eu prefiro ter uma ideia aberta daquilo que é o jogo e ser eu constantemente a retirar aquilo que são os comportamentos da equipa. Porque gosto de me guiar por aquilo que são as minhas ideias e aquilo também que eu acredito que sei. Porque de certa forma facilita-te. Senão tu às vezes tens que andar ali a procurar coisas para completar uma grelha. E se tu não as encontras, já fica a grelha incompleta. Mas de certa forma é isso. Depois do esquema estáticos, pontapés de saída, como é óbvio, pontapés de saída, perceber se tem algo não estudado, se não... Bolas paradas, cantos, livres laterais, livres frontais, número de jogadores que envolvem, se têm sinais, mais lançamentos de linha lateral também. Epá todos os aspetos que nós tentamos considerar ao máximo. Ou seja, tudo é importante. Pois é a forma como tu tentas esmiuçar as coisas. E pegando um bocadinho aquilo que

eu estava a dizer no tempo de vídeo... Se eu estiver a alongar muito, diz. O tempo do vídeo é também uma guerra, uma discussão, muitas vezes, porque ele gosta de repetição. Eu, por acaso, acho que 8 minutos, os 4 momentos, é mais do que suficiente. Ou se calhar nem tanto. 8, 7 minutos para mim, acho que chegava perfeitamente. E o papel mais difícil, na minha opinião, na seleção de vídeos, é eu conseguir encontrar um vídeo que dê construção, primeira, segunda fase, criação, finalização, zonas de finalização. Mas se eu conseguir encontrar um vídeo com isso tudo, para mim é top, porque mato logo esses momentos todos, num lance. Eu gosto muito desse tipo de trabalho, mas neste momento o Leandro gosta mais de repetição, repetição, repetição, e o nosso papel também é adaptar-nos. Mas se eu conseguir num clip, ou dois, três clips, esmiuçar ao máximo aquilo que é ideia ou padrão, pá, top! Ao fim e ao cabo é arranjar padrões, tentar encontrar os padrões do adversário.

5 - Agora, foi mais coletivo. A minha dúvida agora também é, vai-me também para outra pergunta, é mais como é que vocês também fazem de forma individual? Ou seja, se fazem alguma análise individual a determinados jogadores, e apresentam aos vossos jogadores, por exemplo, os alas, os laterais, coisas assim?

Outra coisa que até há bem pouco tempo, que eu fazia, mas que deleguei isso para o Bruno, que o Bruno agora está aqui e também tem que trabalhar um bocadinho. Ah, ia-te dizer. Eu trabalhei aqui com um treinador de guarda-redes, mas que tem para adjunto, na altura, do Faísca, que teve no Farense, que era o Márcio. O Márcio esteve num contexto muito bom, no Braga B, e eles lá trabalham muito semelhante ao que tu deves trabalhar aí. E eles davam também muita importância ao guarda-redes, não só da própria equipa, mas também ao adversário. E eles tinham um plano do guarda-redes. Eu assumi isso na altura e continuei a fazer. Entretanto, eles saíram e continuei a fazer. E agora deleguei para o Bruno, que vai um bocadinho ao encontro com a tua pergunta, mas isto mais específico ao guarda-redes. O gajo que o identificasse, tivesse uma meia distância, a qualquer momento podiam dar na baliza ou livres frontais. Imagina, essas situações não vamos pôr nos 4 momentos ou nos 5 ou 6 momentos da equipa. Portanto, essa observação mais individual em que pudesse ter influência direta naquilo que é o guarda-redes, eu também faria. E entretanto, agora é o Bruno que faz. Do ponto de vista do tipo, opá, mais individual, eu acho que é fundamental. Mas neste momento, nós não temos pessoas suficientes para fazer isso. Eu concordo a 100% que é muito importante mas acho que não é preciso exagerar muito nesse aspeto. Na minha opinião, se tiveres, sei lá, um gajo mesmo muito forte, sei lá, no um contra um, em que tem tendência para constantemente. Imagina, ia jogar contra um Robben. Apesar de tu saberes que ele ia jogar para dentro. Mas acho que, ok, se calhar é importante mostrar-se ao central,

lateral. Mas neste momento, isso só está a ser feito para o guarda-redes. Para a própria equipa, não. Mas digo-te que já o fiz no passado, se achar mesmo muito importante. Agora constantemente não está a ser feito. Mas acho importante, sem dúvida alguma.

Pois também pode depender da vontade do jogador, não é? Há jogadores que dão alguma importância a isso, de ter os cortes ou outros nem tanto.

Imagina. Tu estás no sub 23, não é? Eu tinha aí um colega meu há dois anos, que era o Gonçalo Marques. Não sei se já te falaram dele aí ou não. E o Gonçalo, na altura, fazia isso aí. Ele disse-me que na altura ele fazia o corte. Não, não era no sub 23, desculpa. Ele estava na equipa B com o Maia. Estava na equipa B com o Maia. E ele, na altura, eu sei que ele fazia os cortes. Eu acho, como te digo, acho muito importante mas também acho importante perceber o contexto se eu vou meter se calhar um gajo que não é titular, que está um bocado nervoso, está um bocado receoso vai apanhar se calhar um gajo fodido pela frente, opa eu não sei se vou mandar um minuto de um gajo super fodido num 1x1, em que tem sempre ações de sucesso eu ia se calhar vou pensar, se calhar não, se calhar vou tentar dar-lhe um toque, olha atenção a tendência dele é de ir sempre para dentro, ele puxa quase sempre para o pé direito, fica ligado, fica atento, tenta orientá-lo para o pé esquerdo ou tento orientá-lo para fora. Isso aí sim. Agora, acho que depende um bocado do contexto. Depende um bocado do contexto

3 - Tu tinhas dito que agora estás mais relacionado só com o adversário. A minha pergunta, agora vai, para a importância tu consideras que podes ter uma análise da própria equipa, tendo em conta o ultimo jogo, aquela análise pós-jogo?

Já fizemos sempre, já fizemos sempre, e eu estou-te aqui a falar de vários treinadores porque acho que pode ser mais rico para ti perceber-te as várias visões. Já fizemos sempre. Já fizemos que quando jogas bem fazemos e já fizemos que quando jogas mal não fazes, também já fizemos isso. Também já fizemos que quando ganhas, mas não ganhas a jogar bem, também não fazes. Ou então, também já fiz, ganhas, jogas mal, mas só metes as coisas boas. Portanto, isto aqui há uma variabilidade enorme de probabilidade ou não de haver. Posso-te dizer que nós qualificámos agora para a fase final, antes da última jornada contra o Belenenses. Nós tivemos aí um período de 3 jogos que não ganhámos, não estávamos a jogar bem. E não fizemos nenhuma análise. Coletiva, da própria equipa, não fizemos. Não é não fizemos, é não mostrarmos. Sim, não mostrámos. Porque eu acho que depende também um bocadinho daquilo que é o plantel. E o nosso plantel aqui, e vou-me abrir aqui um bocadinho contigo, porque o nosso plantel é um plantel que carece um bocado de liderança. E nós sentimos que eles podem reagir um bocado mal à diversidade e quando são expostos constantemente a

situações negativas. E nós, dessa forma, e principalmente o Leandro, optou por não mostrar. Agora, acho que é muito importante, acho que é muito importante a análise da própria equipa. Já o fizemos de forma temporal, já o fizemos por momentos de jogo e já o fizemos por aspetos positivos e aspetos negativos. Na minha opinião, acho que qualquer uma delas é válida, se tu acreditares naquilo que queres transmitir. Porque a forma como tu queres transmitir e o que tu queres transmitir, para mim, é o mais importante. Porque a gente pode estar lá a mostrar vários lances do jogo, mas a gente está ali a transmitir as coisas e a mensagem não está ser realmente passada com fluidez e com a assertividade exata, acho que pouco vale a pena. Na minha opinião, acho que vale sempre a pena, mas é importante também ter em conta este contexto do que estava a dizer, daquilo que a equipa está a viver no momento e o que é que se pretende mostrar. Mas na minha opinião é sempre muito importante, sem dúvida.

6 - E agora em relação aos jogadores, consideras que eles atribuem uma maior importância a essa análise da própria equipa ou à análise do próximo adversário? Comparando as duas. Ou eles atribuem uma importância semelhante? Como é que achas que é a reação deles?

Então, olha... Eu às vezes... Conheces o Tiago Gomes? Seleção Nacional, Primeira Liga e não sei o quê. Às vezes estamos... Ah, só a própria equipa. Não sei se vais perguntar isso mais à frente ou não. A própria equipa é o Leandro, que neste momento apresenta, e o adversário sou sempre eu.

Sim, eu ia perguntar isso mais à frente.

Mas para pegar um bocadinho aí, às vezes tenho, para mostrar, eu tenho tipo um Tiago Gomes assim, oh João vá despacha lá isso, despacha lá isso, que eu não quero estar aqui muito tempo, porque já tenho alguma confiança com ele, mas pensas, um gajo destes, devia apanhar secas na seleção, devia apanhar secas em Braga com um gajo teórico, e tens ali um gajo a dizer-te isso, tipo, oay, está-se bem. Mas eu acho que eles dão sempre mais foco à própria equipa quando eles se veem a jogar. Quando eles se veem a jogar. Imagina que o Tiago jogou nesse jogo, na análise própria equipa, se ele estiver diretamente envolvido naquele lance, eu acho que ele aí se calhar vai dar mais importância. Ou se for um lance que ali pelo colocador esquerdo ou pelo corredor direito se for o adversário a atacar. Eu acho que eles aí estão mais ligados quando é o adversário. E eu acho que a importância para eles da própria equipa acaba por ser um bocadinho maior. Mas não digo que a do adversário também não é importante. Eu muitas vezes, na brincadeira, quando acabam as palestras, a gente fica lá mais ou menos 20 minutos, 20 minutos, 20, 25 minutos. Se o Leandro falar, acaba por estender

um bocado mais. E eu depois meto-me assim na brincadeira. Tipo, ó Zé, então a Soneca estava boa e não sei o quê? E eu, ah, não, não, estava... Eu ouvi, não sei o quê. Ouviste, então, o que é que fazia o Clé? E depois, tipo, eu aí tento testá-los um bocadinho, estás a ver? Tipo, estamos a subir para o túnel, meto-me com outro. Então, oh Eurico, então, o que é que achaste ali do não sei o quê? E eu aí tento também senti-los um bocadinho. Eles ouvem, eles ouvem. Mas chega ali um determinado momento que tu sentes que eles desligam um bocado. E tu aí... Eu já pensei em, por exemplo, questioná-los durante a apresentação, mas depois penso, isto não é um teste, não vou estar aqui a perguntar aos jogadores olha, o ala faz o que afinal? O que eu tento fazer às vezes é, por exemplo, agora vou dar o exemplo do espaço de entrelinhas, se realmente houver esse espaço em que um homem está lá e ninguém o preenche. Eu digo, por exemplo, extremos, Pina, Ney, Walter, estão a ver aqui, não sei o que, porque eles ouvem o nome e eu acredito que eles um outro momento, tipo, oi, levantam a cabeça, ah, okay, estou a ver, estou a ver. E acho que aí também a importância da edição é fundamental. Às vezes podem não ouvir, mas podem estar a ver, eu acho que é muito importante. Mas para responder concretamente à pergunta, eu acho que eles consideram um bocadinho mais a própria equipa. Diria que para aí 60-40. A própria equipa 60, o adversário 40.

7 - Okay, agora, mais para aquilo que é a semana, na tua opinião, ao longo do microciclo, qual é que é a melhor forma de tu inserires todos estes aspetos de análise do próximo adversário ou da própria equipa se existir, mas ao longo da própria semana?

Também já apanhei apresentar no dia do jogo com o Tony, com o Tony Pereira era assim. E ele, só para tu veres, tivemos 15 jogos, ganhou 10, empatou 5, não perdemos nenhum. E tu dizes-me, este gajo apresentou no dia do jogo e não fala do adversário. Isto não existe hoje em dia. Eu tive essa experiência e ainda hoje me questiono. Já apresentei, à meio da semana, os quatro momentos que o Vasco Faísca, apresentava os quatro momentos, e depois trabalhávamos um bocadinho ali em função do adversário. Principalmente a organização defensiva. Como é que ias pressionaram, como é que ias ter o bloco, do ponto de vista inicial, também tendo em conta à construção. E neste momento, estou a apanhar no dia antes do jogo. Neste momento, o que fazemos é, no dia antes do jogo, tudo, quatro momentos e bola parada. E depois vamos para a bola parada. Eu acho, na minha opinião, eu acho que faz mais sentido tu apresentares os quatro momentos num dia e a bola parada no outro. Porquê? Porque normalmente, acho eu que a maior parte das equipas técnicas neste contexto, e talvez de segunda liga também, apresentam normalmente um dia antes do jogo. E muitas vezes esse dia é o dia da bola parada. Epá e o treino da bola parada não é que eles

desliguem, mas o treino da bola parada já é um treino que, por si só, para muitas vezes, quebra muito. Ele já sai ali da sala de imprensa com 20, 30 minutos. É de manhã. E eu acho que é muito tempo, às vezes, tendo em conta o treino que vai haver a seguir. Portanto, eu acho que na minha opinião, o ideal seria, por exemplo, o jogo de domingo. Sábado, apresentavas as bolas paradas, trabalhavas a bola parada. E na sexta-feira os momentos de jogo. Ao longo da semana, nós neste momento, o que é que acontece? Também para falar aqui do que é um bocadinho o meu microciclo. Eu tento sempre, imagina, o jogo com o Belenenses agora no domingo. Imagina agora a semana que vem. Jogar com o Belenenses. Normalmente, ali à quarta-feira, eu já tenho um vídeo, um compacto dos momentos. Compacto dos momentos. Segunda e terça, os cortes estão sempre feitos à partida e enviados à equipa técnica. Os cortes, ou seja, não dos jogos completos, porque eu não corto jogos completos, mas corto uma grande parte do que eu acho que eu acho que pode ser pertinente e depois à quarta-feira esse compacto, já tenho um filtro do que eu acho que realmente é importante ou não. Mas se quiserem ver mais, têm sempre ali mais, se quiserem ver mais alguma coisa.

Que apresentas à equipa técnica, certo?

Eu envio neste momento, temos um grupo, e deixo malta está aqui, o vídeo dos Momentos, não sei o que. À quarta-feira está sempre. E normalmente, à quinta-feira, isto falando jogo ao domingo, à quinta-feira é quando fazemos algo mais estratégico, ou seja, o vídeo é passado aos jogadores depois de fazermos algo estratégico. Mas normalmente, por exemplo, na quinta-feira, o homem já fala um bocadinho de como é que eles atacam, como é que eles defendem. E depois, normalmente, é aí que se pode trabalhar um bocadinho mais em função do adversário. Depois a bola parada... Quarta-feira, a entrega do compacto, com os momentos. E depois, à tarde de quarta-feira, eu já estou a fazer a edição. E depois, quinta-feira reúno-me com o Néilson para fazer bolas paradas e depois das bolas paradas começo já pensaram no outro adversário porque é para chegar ali a segunda terça e já consegui ter a informação de cortes para ficar disponível já para o outro adversário, até até há bem pouco tempo eu fazia um relatório também escrito, mas vou-te ser sincero. Se tu tiveres, ou se tu fores uma pessoa que consegues tocar nos pontos de chave e realmente passar aquilo que é pertinente e depois completares isso com o vídeo, eu acho que o relatório não tem assim tanta importância. Relatório? O que é que eu digo do relatório. Epá descrição da equipa, como é que eles atacam, como é que defendem, a transição defensiva. Se tu conseguires ires falando disso ao longo da semana e principalmente com um treinador que pergunta, olha, oi João, o que é que eles fazem? Eu acho que tu conseguiste fazer isso, é menos trabalho que tens. E, na verdade, o vídeo, como se costuma dizer, uma imagem às

vezes vale mais do que mil palavras. Eu sou muito por aí. Óbvio que se tivesse, se calhar, aqui mais uma pessoa, podíamos fazer esse trabalho, ficava mais completo. Mas não sinto assim tanta necessidade de um relatório escrito. Mas respondendo à tua pergunta, na minha opinião, o melhor seria sexta-feira momentos, sábado bola parada, jogo domingo.

9 - Agora sim, aquela que tu há bocado estavas a falar, na tua opinião, quem é que deve apresentar a parte do adversário aos jogadores dentro da equipa técnica?

Eu só não apresentei o adversário, este o Leandro é o sexto treinador que eu apanho se não estou em erro, e só não o apresentei na altura com o Vasco. E como é que acontecia? Eu fazia à mesma o trabalho, como estou aqui a dizer. Os timings, imagina, o meu trabalho tem sido sempre constante ao longo do tempo. O que varia são os timings. Há uns que querem mais cedo, outros querem mais tarde. E aí, pronto, é o nosso poder da adaptação que tem que estar à prova. Só não aconteceu apresentar eu uma vez o adversário. E não concordava, mas... Não o dizia diretamente, mas não concordava que era. Eu fazia todo o trabalho, explicava tudo ao adjunto, e era o adjunto que apresentava. Opa, e muitas vezes haviam pormenores que eu identificava e eu lhe dizia, mas pormenores às vezes relevantes, entende? Que ele depois não os dizia. E eu depois no final dizia, oh coiso, faltou ali. E eu ali, opa, então eu fiz este trabalho, eu sei o que é que fiz, o que é que vi, e este gajo agora diz isto. Eu acho que palestras do adversário, na minha opinião, se tu tiveres um analista capaz de falar porque muitas vezes a gente sabe que o analista é aquele gajo gordinho, de óculos, fica atrás do PC. É verdade! Fica atrás do PC e está o dia todo no PC. Mas há muitos que não são assim e eu não me insiro nesse lote porque sinto que tenho muita à-vontade a falar com os jogadores e se tiveres uma pessoa capaz, acho que deve ser o analista, porque o analista foi ele que fez o trabalho. É injusto se não for o analista, na minha opinião.

E sempre está mais dentro. E não é mais uma vez o treinador principal a estar a falar com eles. Já fala quase a semana toda, é sempre uma voz diferente. É uma voz que eles às vezes levam mais na desportiva. É sempre aquele que tem uma boa relação com eles.

Sem dúvida, concordo. Tocaste, nesse ponto, que não falei, mas concordo perfeitamente. Às vezes os jogadores estão tão saturados de treinador, treinador, treinador, treinador, isto, treinador, aquilo. E às vezes ali uma ou outra voz pode ser boa e sem dúvida alguma concordo.

2.2 - Só uma coisa que ficou para trás, que era mais uma curiosidade que eu tinha. Dás importância à parte da análise estatística?

Okay. Neste momento, damos alguma importância à estatística, quer da nossa equipa, quer do adversário. Não sei se já tiveste oportunidade de, alguma vez, já deves ter tido oportunidade de ver algum relatório do instat ou do wyscout. Vou-te mostrar aqui. Vou-te Estatística do adversário... Nós utilizamos muito... Eu guio-me muito, agora o Leandro é um treinador que tem alguma curiosidade e dá alguma importância à estatística. E o Wyscout e o instat são ferramentas poderosíssimas, no que diz respeito ao nível de dados estatísticos, é incrível e até mesmo ações individuais dos Jogadores e sei que vocês aí fazem as tags individuais dos jogadores, epá e esta plataforma faz-te isso tudo automaticamente. Tu clicas no jogador, queres ver os passes dele no jogo e tens isto tudo logo à mão. Ou seja, são ferramentas muito poderosas. E nós guiamos em algumas coisas por esses dados estatísticos. Por exemplo, este jogo, o relatório de jogo, Caldas-Belenenses. O que é que nós costumamos ter aqui em conta? Principalmente a tendência em que eles procuram sair a jogar. E naturalmente que isto é sempre tendo em conta aquilo que nós vemos. Porque isto às vezes também não bate 100%. Mas a maior parte das vezes isto bate. Normalmente isto bate certo. Consideramos muito isto, os flancos e nível de perigo do adversário. Consideramos muito isto, ligações, quem são os jogadores que mais participam. À partida quando estás a ver o jogo consegues logo ter uma ideia, mas tu aqui tens mesmo números. Quem são os jogadores que saltam mais na vista? Por exemplo, aqui, o jogador que mais combinações e mais influência teve aqui. Fazemos uma comparação daquilo que são os nossos valores nos últimos 5 jogos com o adversário, quer nos passes, quer na probabilidade de golo, quer nas disputas, quero nos dribles, nos desarmes, os ataques, consideramos tudo isto. Agora, vais planear o exercício 100% só com base nisto? Não. Não vais planear o exercício só com base nisto? Agora, podes ter uma ideia. E depois o que tu estavas a falar da bola parada. Exato. Fazemos uma recolha, normalmente nos últimos 4 jogos, daquilo que é queda da bola, tipo do canto, e muitas vezes, por acaso, eles não tiveram nenhum curto, mas quando há um curto, quem é o jogador recebe normalmente, se é o segundo ou o terceiro homem, e qual é a queda da bola depois do curto. Fazemos isso também. Respondendo à tua pergunta, ah ainda temos aqui uma matriz do instat que muitas vezes também bate certo com aquilo que são os jogadores que mais chances criam, mais passes-chave tendem a fazer... Do ponto de vista estatístico, é muito isso. Ainda fazemos aqui um documento... Em que damos uma pequena introdução daquilo que é o adversário. Em que fazemos isto. Forma recente... e aqui bateu precisamente certo o Belenenses nós temos identificado isso cruzavam muito mais do lado direito apesar de

terem mais passes-chave do lado esquerdo mas a maior parte destes passes-chave eram do jogador do Gonçalo Maria e ele não jogou contra nós daí a tendência do lado direito. Isto também consideramos. Fazemos os valores médios dos últimos 5 jogos. Por exemplo, tendo em conta, os últimos 5 jogos, consideramos algumas métricas. Posse de bola. Depois fazemos aqui um aspeto positivo ou negativo. Golos em média. Finalizações. Finalizações na baliza. Golos esperados. Percentagem de golo por finalização. Chances de golo. Cruzamentos. Olhe aqui, por exemplo, o Belenenses cruza muito pouco, tendo em conta oponentes. Isto são dados que nós gostamos de saber. Não são 100% relevantes e o treinador nunca vai mudar a 100% a sua metodologia de trabalho por causa disto, mas pode ou não ter em conta isto. Fazemos isto também... Tipologia dos golos, como é que eles marcam, por onde marcam e à mesma os sofridos. Isto é principalmente do ponto de vista estatístico o que nós consideramos da equipa deles adversário. Depois da própria equipa, temos os relatórios do Instat, que são muito complexos. O instat dá-nos dois relatórios, um coletivo e um individual. E normalmente, nós o individual que tem as ações dos jogadores, partilhamos aos jogadores a percentagem dos passes, das disputas, duelos aéreos, duelos rasteiros, eles falam que são duelos rasteiros, e isso nós gostamos de partilhar porque é importante eles também saberem o que é que fazem. E muitas vezes, se os jogadores nos pedirem, porque acontece, por vezes, nós costumamos também partilhar os momentos deles no jogo. Só os lances deles. Por exemplo, aqui contra o Belenenses. Pronto. Olha aqui. Nós olhamos muito para isto. Isto é o do jogo. Finalização ao longo do tempo. A nossa primeira parte com o Belenenses foi horrível. Agora no último jogo. Repara aqui a diferença. Sofremos 17 finalizações, fizemos duas. Na segunda parte crescemos muito mais e acabamos por fazer o golo. Consideramos muito isto. Consideramos muito as disputas e posso-te dizer que nos últimos nossos jogos que ganhamos, a nossa percentagem de disputas é sempre superior. E nos que perdemos ou empatamos, é sempre inferior. E isto é um dado muito interessante.

Nós tentamos passar por isso, que é a questão de... Isto é um campeonato muito competitivo, muito competitivo, porque as equipas são muito equilibradas. E a competitividade nesta competição é fundamental. Se tu não tiveres jogadores competitivos, é muito difícil. Consideramos muito isto. Ataques, como eu te estava a dizer. Aqui também consideramos. Posse de bola. Normalmente, nós somos uma equipa que somos muito pacientes na primeira fase, gostamos muito de atrair. E muitas vezes temos este valor muito alto, aqui nem acontece. Depois dá mais dados, são muito completos. São relatórios muito completos, dá muita coisa. Aqui também as ligações. E respondendo à tua pergunta eu acho que a forma como é filtrada a parte estatística é

importante. E eu acho que tu tens tanta estatística hoje em dia que se tu te concentrares, só em alguns aspetos-chave, como no nosso caso, como te mostrei aqui, acho que consegues encontrar algumas coisas que podem ser boas. Acho que é importante, acho que não é determinante, mas acho que é importante.

10 - Okay, uma última pergunta, mas é mais agora na tua opinião. Se consideras importante a presença do analista, da equipa, estar sempre presente no processo de treino?

Então, nós fazemos a filmagem de todos os treinos. Eu já tentei meter aí câmaras fixas, mas a malta ah ainda é da segunda liga e tal, que se tem um investimento e tal, já tentei meter aí a Spideo, que é tipo uma câmara que fica fixa no estádio, no topo do estádio, e tu com um tablet a qualquer momento consegues ligar, pôr a gravar, escolheres a zona do campo que queres apanhar e isso iria dar liberdade para estar no campo. Eu gosto muito de estar no campo, já tive, só neste momento é que não estou no campo. Porque antigamente havia vezes que filmávamos os treinos, outras vezes que não. Eu acho que os treinos devem ser sempre filmados, mas se me perguntares se preferes estar no campo ou preferes estar lá em cima, epá mil meses no campo, porque considero que também consigo ajudar. Agora neste momento não temos ninguém para filmar, só existo eu e estou a filmar. Respondendo à tua pergunta, acho muito importante, em momentos que tu podes ser chamado ou que tu podes ser solicitado e acontece com alguma frequência o Leandro em situações em que trabalhamos um pouco em função do adversário, ele diz, olha João, deixa aí a câmara João, Por exemplo, ele pergunta-me, olha, diz-me só como era ali o posicionamento do pontapé de baliza deles, para a gente ajustar aqui a pressão. Olha como é que eles faziam aqui na construção. Opa, estou-te a dar exemplos, mas nesses momentos ele tende chamar-me. Mas acho que é importante nesses momentos estar no campo. Sempre, neste caso, agora não acho que seja importante, porque há muita gente no campo neste momento. Agora quando são aspetos em que tu realmente podes intervir ou dar o teu contributo, acho que aí é muito importante estar no campo. Agora, preferia que houvesse alguém a filmar lá em cima e eu estivesse no campo. Isso preferia. Não tenho dúvidas.